



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Educação

Lázaro Santos

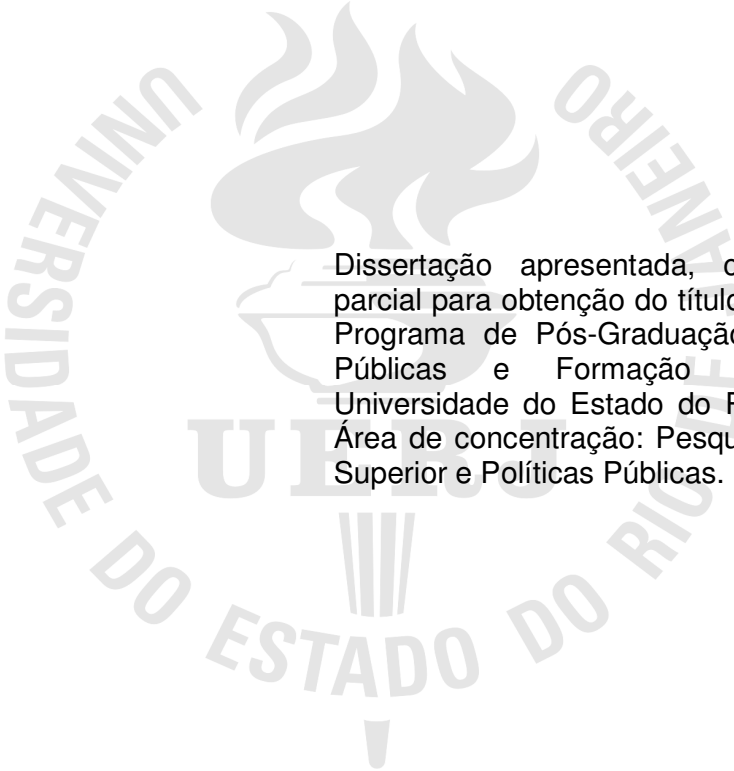
**Implicações de um curso a distância à formação humana de  
professores: um estudo sobre egressos da graduação em  
Pedagogia da UERJ**

Rio de Janeiro

2009

Lázaro Santos

**Implicações de um curso a distância à formação humana de professores: um estudo sobre egressos da graduação em Pedagogia da UERJ**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Pesquisa, Magistério Superior e Políticas Públicas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Eloiza da Silva Gomes de Oliveira

Rio de Janeiro

2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S237 Santos, Lázaro.  
Implicações de um curso a distância à formação humana de professores : um estudo sobre egressos da graduação em Pedagogia da UERJ / Lázaro Santos. - 2009.  
279 f.

Orientadora: Eloiza da Silva Gomes de Oliveira.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Ensino a distância – Teses. 2. Professores - Formação – Teses. 3. Educação e Estado – Teses. I. Oliveira, Eloiza da Silva Gomes de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

dc

CDU 37.018.43

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Lázaro Santos

**Implicações de um curso a distância à formação humana de professores: um estudo sobre egressos da graduação em Pedagogia da UERJ**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Pesquisa, Magistério Superior e Políticas Públicas.

Aprovada em 23 de novembro de 2009.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eloiza da Silva Gomes de Oliveira(Orientadora)  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof. Dr. Zacarias Jaegger Gama  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Regina Goulart Vilarinho  
Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESA.

Rio de Janeiro

2009

## DEDICATÓRIA

Como não poderia faltar a música, “Brindo à casa, Brindo à vida  
Meus amores, Minha família”...

## AGRADECIMENTOS

À Eloiza, orientadora, companheira e parceira. Obrigado por este trabalho, pelos que já fizemos e aqueles tantos que ainda faremos.

À Fernanda, esposa, crítica, paciente e impaciente com quem trocar idéias acadêmicas se torna uma tarefa tão prazerosa quanto eram nossas conversas nos bancos da UERJ. Obrigado por tudo, inclusive nosso Acordo.

À Patrícia, que outrora foi minha professora na Graduação e nos encontramos no Mestrado para que mais uma vez pudesse aprender muito com esta pessoa excelente. Obrigado.

Aos professores Zacarias e Gaudêncio Frigotto. Obrigado pelas discussões, troca de idéias e generosidade.

Às grandes professoras que foram entrevistadas e colaboraram com esta pesquisa. Não seria possível sem a experiência de vocês.

À minha família, escoteiros, irmão do EJC, amigos, companheiros do *Campus* e tantos outros para os quais estive ausente nesse período. Obrigado, esse trabalho é nosso.

Aquilo que me move para frente:

A você, Seu Nenê, Junho de 1986,  
Manhã fria, há brumas pairando no ar,  
Hoje enquanto fico mais velho penso no seu futuro,  
Sei que o caminho é árduo para você que é jovem  
Ah...quanto é belo ser jovem  
A beleza da juventude deve ser aproveitada com estudo,  
Estudar o presente é ter glória no futuro,  
Isto é, estudar para ser alguém na vida,  
Sei que o caminho é árduo, cheio de espinhos  
Desânimo, nunca Seu Nenê,  
Seja homem, não desista, enfrente as adversidades da vida,  
Se houver obstáculo em sua vida, pule-o, procure chegar sempre primeiro.  
Quando você estiver sem ânimo para estudar,  
Ponha esta fita, escute-a, tome ânimo,  
Porque neste momento estarei ao seu lado,

*Do meu avô, Heraldo Santos.*

## RESUMO

SANTOS, Lázaro. **Implicações de um curso a distância à formação humana de professores:** um estudo sobre egressos da graduação em Pedagogia da UERJ. 2009. 279 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

A pesquisa desenvolvida teve como objetivo investigar como o curso de Pedagogia a Distância da UERJ implicou a prática docente de egressos do curso. Partimos da discussão da concepção de formação do homem através de três categorias: trabalho, conhecimento e tecnologia e debatemos como a Educação a Distância e as tecnologias podem contribuir para a formação humana em nossa sociedade. Dando continuidade focamos o caso da graduação em Pedagogia a Distância da UERJ e discutimos quais são as contribuições e contradições existentes neste curso oferecido através do Consórcio CEDERJ. Realizamos o confronto entre os nossos referenciais teóricos e a prática das professoras entrevistadas a fim de nos aproximarmos de sua realidade e percebermos que implicações o curso teve à prática das mesmas. Para chegar a este resultado fizemos uso de entrevistas semi-estruturas que foram analisadas através da metodologia de análise do conteúdo. Nosso trabalho é pautado no materialismo histórico, portanto nos interessa como a teoria e a prática se relacionam no caso de nossas entrevistadas. O resultado da análise indicou de que maneira o curso colaborou para tornar essa prática reflexiva e crítica.

Palavras-chave: Trabalho. Conhecimento. Tecnologia. Prática Docente. Emancipação. Reprodução. Alienação.

## **ABSTRACT**

The research undertaken aimed to investigate how the Pedagogy Course at Distance Learning of Rio de Janeiro State University (UERJ) involved the teaching practice of graduates of the course. We started discussing the concept of human formation through three categories: work, knowledge and technology and focuses on how the distance education and the technology can contribute to human development in our society. Continuing focus the Course of UERJ and discuss what are the contributions and contradictions in this course offered through the CEDERJ Consortium. We performed a comparison between theoretical and practice of the teachers interviewed in order to approach to their reality and realize that the course had implications for the practice of them. To achieve this result we use semi-structured interviews that were analyzed using the methodology of content analysis. Our work is guided by the historical materialism, so interested in how the theory and practice are related in the case of our respondents. The result of the analysis indicated how the course helped to make this critical and reflective practice.

Key-words: Labor. Knowledge. Technology. Educational Practice. Emancipation. Reproduction. Alienation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Evolução do Homem .....	20
Imagem 2 – Inclusão Digital .....	46

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Gerações da EAD .....	77
Tabela 2 – Pólos do Consórcio CEDERJ.....	81

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1</b>	<b>SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E O HOMEM – O TRABALHO E O CONHECIMENTO.....</b>	<b>20</b>
1.1	Trabalho e o conceito de Homem.....	21
1.2	O conhecimento como mediador entre a natureza, o trabalho e o homem.....	29
1.3	A sociedade da informação e comunicação: novas formas de sociabilidade?.....	32
1.4	Conclusão: o trabalho e o conhecimento na sociedade da informação e comunicação.....	39
<b>2</b>	<b>EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E FORMAÇÃO HUMANA EM UMA PERSPECTIVA DEMOCRÁTICA.....</b>	<b>47</b>
2.1	Para além das aparências.....	47
2.2	TIC: alguns pontos sobre as contribuições e contradições à formação humana.....	49
2.3	Na caverna, a sombra e a luz.....	52
2.4	Inclusão excludente ou exclusão inclusiva?.....	54
2.5	TIC e EAD: possibilidades de democratização da educação ou exclusão educacional institucionalizada?.....	58
2.6	EAD para democratizar?.....	65
<b>3</b>	<b>O CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA DA UERJ EM FOCO: UM ESTUDO DE CASO.....</b>	<b>72</b>
3.1	O papel do CEDERJ no contexto atual da EAD.....	74
3.2	Uma breve síntese das cinco gerações da EAD.....	77
3.3	O consórcio CEDERJ: uma análise mais aprofundada.....	79
3.4	CEDERJ e a Formação Humana: possibilidades de contribuições do projeto e os seus desafios.....	94

<b>4</b>	<b>IMPLICAÇÕES DA GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA DA UERJ SOBRE A PRÁTICA DOCENTE - ANÁLISE A PARTIR DOS EGRESSOS DO CURSO.....</b>	<b>97</b>
4.1	<b>O Campo de pesquisa.....</b>	<b>98</b>
4.2	<b>Metodologia.....</b>	<b>99</b>
4.3	<b>Coleta de dados.....</b>	<b>101</b>
4.4	<b>Análise dos dados obtidos.....</b>	<b>104</b>
4.5	<b>Um curso sócio-interacionista?.....</b>	<b>123</b>
4.6	<b>O curso é aplicável?.....</b>	<b>128</b>
4.7	<b>O curso influenciou a sua prática?.....</b>	<b>133</b>
4.8	<b>As TIC implicaram a sua prática?.....</b>	<b>139</b>
4.9	<b>O curso implicou a sua vida?.....</b>	<b>142</b>
4.10	<b>Algumas lições aprendidas.....</b>	<b>150</b>
	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>156</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>171</b>
	<b>APÊNDICE A - Transcrição consolidada das Entrevistas.....</b>	<b>173</b>
	<b>APÊNDICE B - Matriz de Análise das Entrevistas.....</b>	<b>231</b>
	<b>ANEXO A - DECRETO Nº 6.303, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2007.....</b>	<b>268</b>
	<b>ANEXO B - Roteiro para Entrevista / Eixos Avaliativos.....</b>	<b>275</b>
	<b>ANEXO C - LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.....</b>	<b>277</b>

## INTRODUÇÃO

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também , e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las por assim dizer; transformá-las portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato “filosófico” bem mais importante e “original” do que a descoberta, por parte de um “gênio filosófico”, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais (GRAMSCI, 1966, p. 13-14)

### **Vocês não verão o novo. Terão a totalidade!**

Há cinco anos atrás me deparei com a chamada para o preenchimento de uma Bolsa de Iniciação Científica, na Faculdade de Educação da UERJ e como já estava pensando em me dedicar à pesquisa na Universidade, resolvi ver do que se tratava.

Naquela chamada havia a oportunidade para atuar em um projeto de pesquisa de avaliação institucional de um curso de formação de professores na modalidade a distância oferecido pelo Consórcio CEDERJ. À época, o curso tinha em torno de um ano desde o oferecimento das primeiras vagas e a pesquisa tinha praticamente o mesmo tempo.

Decidi então fazer uma ligação para uma colega de curso, Fernanda Santos (o sobrenome comum não é coincidência, hoje somos casados, mas naquela época ainda não éramos), para ver achava a ideia de me candidatar boa ou não. Felizmente ela disse que sim.

Eu não conhecia bem o projeto, mal sabia da existência de cursos de Pedagogia a distância e muito menos havia ouvido falar do CEDERJ, portanto foi tudo muito novo.

Na seleção disse que aquele momento seria importante para este momento atual: finalizar o mestrado e futuramente ingressar no doutorado, li com mais profundidade o projeto de pesquisa, e duas coisas em particular me chamaram a atenção:

1º - O projeto falava do pioneirismo do curso e do Consórcio CEDERJ. Afirmava que era uma iniciativa inovadora e que precisava de um estudo sistemático que o acompanhasse, e daí vem o segundo aspecto;

2º - No projeto havia a proposta de gerar material teórico que colaborasse com o campo, uma vez que era um horizonte novo que se descortinava e pesquisá-lo era necessário. A promessa de uma vasta produção científica para a área e fazer parte disto me deu um bom ânimo.

Daquele momento até o final do ano de 2006, quando deixei a pesquisa, posso afirmar que ambos os pontos foram atingidos. Tanto pudemos contribuir para a área, com diversos artigos e trabalhos científicos, como colaboramos com a construção e reflexão sobre o curso que estudávamos.

Em 2007 ingressamos no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da UERJ, eu como orientando e a Professora Eloiza Oliveira como Orientadora. Em parte o Curso de Pedagogia a Distância da UERJ ia conosco, já que ele acompanhou esta caminhada.

Cabia-nos, no entanto, uma abordagem diferente do tema que tratamos ao longo dos dois anos anteriores e, por influência ocasião de uma iniciativa do CNPQ, através do Prêmio Jovem Cientista, nos dedicamos a discutir o problema da inclusão, ou melhor, do curso a distância da UERJ como possibilidade de inclusão.

Vários ajustes foram feitos e então decidimos trabalhar a temática atual. Como diriam Gilberto Dimenstein e Rubens Alves no seu livro “Fomos Maus Alunos”<sup>1</sup>, parece que não há uma só pesquisa que tenha dado errado, afinal os erros não aparecem em nenhuma delas. Aqui nos reservamos o direito de dizer que erramos sim, mas os acertos foram maiores, fato este que nos possibilitou chegar à conclusão deste trabalho.

Como você verá mais adiante, enfrentamos algumas dificuldades, mas a principal foi como fazer uma pesquisa sobre um curso a distância, se a maioria da bibliografia relacionada ao tema trata de cursos presenciais?

Onde estão os trabalhos sobre metodologia de pesquisa sobre cursos *on line*? Como se faz trabalho de campo com alunos de cursos a distância? Enfim, esses foram alguns de nossos problemas.

---

<sup>1</sup> ALVES, Rubem; DIMEINSTEIN, Gilberto. *Fomos maus alunos*. 2 ed. São Paulo: Papirus, 2003.

Ultrapassados esses contratempos, que nos obrigaram a um cuidado especial com a metodologia, nos dedicamos à pesquisa em si e o que vocês terão em mãos nas próximas páginas são discussões teóricas e reflexões sobre a prática de professores que finalizaram o curso de Pedagogia a Distância da UERJ oferecido pelo Consórcio CEDERJ.

A epígrafe de Gramsci nos chama a atenção e é crítica na compreensão do que é inovação. Nesse sentido acreditamos que este trabalho pode colaborar com o campo de estudos da formação de professores; educação e trabalho; e tecnologias.

Em função disto nos dedicamos à tarefa de ser mediadores entre os saberes científicos já consolidados, de grandes autores, teorias já alicerçadas e as práticas das participantes de nossa pesquisa, para que vocês tivessem à disposição não algo inédito, extraordinário, mas sim a realidade dessas entrevistadas, ou seja, “Vocês não verão o novo. Terão a totalidade das pessoas e teorias com as quais dialogamos...”.

### **Tema**

A temática principal deste projeto de pesquisa são as implicações que um curso de formação continuada a distância tem para a prática docente de sujeitos que concluíram o curso.

Com isso esperamos analisar as possibilidades que um curso desses tem tanto no que diz respeito às implicações à formação humana dos indivíduos que já o concluíram, quanto às políticas públicas de formação de professores.

### **Problema**

Quais são as implicações do curso de Pedagogia a distância da UERJ para a prática docente e à própria formação humana de sujeitos que já concluíram sua graduação nessa modalidade?

### **Justificativa**

Esse trabalho se faz necessário na medida em que cada vez mais temos cursos de formação na modalidade a distância e é preciso que investiguemos quais são as implicações desses cursos às práticas docentes.

Essa questão tem como pano de fundo a necessidade de sabermos até que ponto estudantes do curso realmente aplicam no seu cotidiano saberes adquiridos na graduação ou se, pelo contrário, só tinham interesse em uma titulação, de forma que o curso não foi transformador em suas práticas.

Para investigar esta realidade partimos de um curso em particular não com o objetivo de generalizar as conclusões alcançadas, mas de contribuir para estudos semelhantes e gerar conhecimentos para o campo.

### **Objetivo Geral**

Investigar se o curso de Pedagogia, na modalidade a distância, oferecido pela UERJ, teve implicações à prática docente de sujeitos que se formaram, possibilitando assim um outro entendimento de suas práticas docentes.

### **Objetivos Específicos**

- Avaliar se um curso que se propõe a ser sócio-interacionista realmente, nas suas práticas, consegue atingir esse objetivo.
- Investigar se os professores e professoras que se formaram pelo curso aplicam em sala de aula os conhecimentos que obtiveram nessa graduação.
- Investigar se o curso teve alguma influência na didática de seus concluintes.
- Perceber se, por ser um curso a distância mediado por tecnologias digitais, houve maior implementação desses recursos no cotidiano desses docentes.

### **Breve Abordagem Teórico-Metodológica**

No que diz respeito à metodologia utilizada, trata-se de um estudo de caso em que pretendíamos investigar o curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no período que compreende desde o momento da concepção do curso até a sua reformulação curricular em 2007, quando o curso deixa de ter o

caráter de formação continuada para professores e professoras e passa a ter o caráter de formação inicial.

Esse recorte se deve ao fato de que nessa investigação é importante perceber de que forma o curso contribuiu para professores e professoras que já tinham ou têm vivência em sala de aula.

Como fontes de dados para este trabalho utilizamos:

- entrevistas com estudantes que concluíram o curso recentemente (e em certos casos de alguns que estão finalizando o curso), para saber quais foram as implicações dessa graduação em suas práticas docentes.

Contamos com a colaboração das seguintes professoras, a quem agradecemos:

- Ana Keila Sardou Cantisani
  - Debora Aparecida Gomes Muzy
  - Dilene Soares de Assis Arrais
  - Andrea Duarte da Cunha
  - Claucia Maria Matos
  - Sandra Aparecida da Silva Sousa Rosa
  - Bianca da Silva Affonso
  - Maria Izabel Moura de Melo
  - Marcia Bandeira Dias
  - Maria Luiza Vieira Fernandes
  - Dalva Aparecida da Mata Kloh
  - Tatiana Rneipp Prendim
  - Veronica de Oliveira
  - Marcia Mendes Araujo
  - Marcia Bandeira Dias
- 
- análise documental para que, a partir de documentos como o currículo, Projeto Político Pedagógico (PPP), normas legais da EAD, pudéssemos fazer um resgate da concepção na qual o curso se baseava e comparar com as questões levantadas pelos entrevistados.

Para a análise dos resultados lançamos mão da “Análise do Conteúdo”, afinal tínhamos uma grande quantidade de informações e deveríamos sistematizá-las de maneira a atribuir uma organicidade aos dados obtidos.

Permeando todo o trabalho temos três categorias filosóficas que estruturam não somente as reflexões teóricas, como também a leitura que fazemos da prática de nossas entrevistadas: **Trabalho, Conhecimento e Tecnologia**.

Como pode-se perceber, estas três categorias são retiradas das análises marxistas da realidade e buscamos, tanto nos fundamentos teóricos do trabalho como na leitura dos resultados obtidos, ter uma coerência com esta fundamentação teórica.

Alguns conceitos serão importantes para o nosso trabalho. Entre eles podemos destacar:

- A relação entre o Homem e o Trabalho, na sua dimensão ontocriativa;
- A importância do Trabalho como a prática do Homem sobre o mundo material;
- O papel da Tecnologia como mediadora da relação do Homem com a Natureza;

Com base nesses conceitos, buscamos investigar como a prática docente (trabalho) de sujeitos que se formaram no curso de Pedagogia da UERJ (conhecimento) a distância (tecnologia) é implicada pelos saberes constituídos ao longo da graduação.

Para chegar a este ponto tomamos como referencial o movimento da dialética tratando os mundos material e real de nossas entrevistadas e fazendo-os dialogar com as reflexões teóricas que trazemos.

Decidimos organizar a nossa pesquisa de forma que, a cada capítulo, fôssemos nos aproximando do problema que abordamos.

Para tanto, no primeiro capítulo trabalhamos as categorias filosóficas da pesquisa: o trabalho, o conhecimento e a tecnologia. Se pretendemos chegar à prática de docentes é necessário discutir antes quais são as bases que formam os sujeitos. Uma vez que professores são formadores de indivíduos, é necessário questionar como se forma não somente o professor, mas o homem em si.

Por outro lado, a formação do homem vem de um processo histórico no qual entendemos que essas três categorias sempre estiveram presentes, embora de forma diferentes do que se apresentam hoje. Só foi possível chegar ao estágio atual porque, seguindo um processo histórico, tivemos diversas mediação entre o homem, o trabalho, o conhecimento e as tecnologias.

No segundo capítulo nos debruçamos sobre a forma como trabalho, conhecimento e tecnologia se configuram na contemporaneidade. Neste momento trazemos a discussão sobre a Sociedade da Informação e Comunicação que é hoje tratada como a maneira predominante de se abordar a tecnologia.

Uma vez que está inserida em um contexto capitalista, nesta sociedade tanto o trabalho como os conhecimento ganham outros contornos, que em grande parte são contraditórios com aqueles que abordamos no primeiro capítulo.

É de se questionar se não há nenhum projeto que contribua para a superação desse quadro, e neste sentido dialogamos com o caso do curso de Pedagogia a Distância da UERJ, para saber se se trata de um projeto que visa à emancipação do homem, à sua alienação ou à reprodução do modelo societário predominante.

Há nesta iniciativa do curso as três categorias filosóficas que destacamos: o trabalho, afinal trata-se de um curso de educação continuada; o conhecimento, pois é um curso de graduação e tem os seus objetivos bem delineados; e a tecnologia, afinal é mediado principalmente pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Ao analisarmos este curso, a discussão não se esgota no terceiro capítulo. No quarto capítulo buscamos as experiências vindas da realidade para saber quais foram as implicações que este curso teve à prática de seus alunos.

Não nos bastava uma discussão teórica sobre o assunto, era necessário ter os pés na realidade para então chegarmos às nossas conclusões, ou seja, se o curso trazia ou não implicações à prática de seus egressos.

Através dos relatos obtidos pudemos ver de que maneira o curso implicou ou não as suas práticas docentes e então foi necessário mais um esforço, no sentido de qualificar o curso segundo a questão que levantamos no terceiro capítulo: o curso está voltado para que viés, o da emancipação humana, da reprodução da lógica do capital ou o da alienação sobre a profissão docente?

Chegamos a esta resposta, embora com certeza provisória, na conclusão da pesquisa. Abordamos brevemente a forma como se deu a construção deste trabalho,

as implicações à prática das entrevistadas e também as implicações que a mesma teve em seu autor.

Por fim, destacamos as possíveis contribuições deste trabalho e os desdobramentos que pode tomar na sua continuidade, ou seja, no Doutorado.

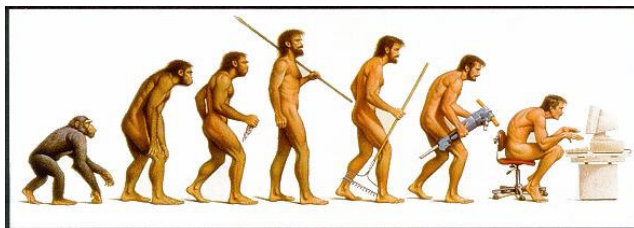
Mas como isto é um assunto para depois da leitura desta pesquisa, convidamos para o debate de ideias junto àqueles que trouxemos para dialogar, seja através das experiências teóricas, seja através de seus saberes/fazeres práticos.

Tal como Gramsci espero que os debates aqui assumidos não se restrinjam a um pequeno público, pois se assim for não terá sentido a sua elaboração. Mas se, pelo contrário, for possível dar eco às reflexões que trazemos, nosso objetivo em parte terá sido alcançado.

Para iniciar os trabalhos, acreditamos tal como Gramsci que

Deve-se destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia seja algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos (Gramsci, 1966, p.11).

## 1 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E O HOMEM – O TRABALHO E O CONHECIMENTO



**Imagem 1 – Evolução do Homem**

Que homem é esse? Um homem animal, um homem em evolução, um homem em transformação? Um homem do trabalho? E as ferramentas de trabalho, quais são? O que há de semelhante entre o primeiro e o último estágio que vemos nesta imagem?

Percebemos que desde que o homem passou a se configurar como tal, faz uso de instrumentos de trabalho, que aos poucos foram modificando e sendo modificados pela sua relação com o mundo.

Contudo, vimos que após o ápice postural, esse homem retorna a um processo que no último estágio o faz parecer com aquele animal inicial.

Então por que será que na medida em que as ferramentas possibilitariam uma diminuição no esforço do homem e uma maior facilidade em seu trabalho, ocorre o contrário, de tal forma que o homem de hoje, pela imagem se parece com o animal que lhe deu origem?

Essas são algumas questões que direta ou indiretamente discutiremos neste capítulo, cujo conteúdo se relaciona exatamente com o trabalho e o conhecimento na formação do homem que, neste início de século XXI vive sob o que se denomina de Sociedade em Rede.

Antes, devemos deixar claro que o problema que norteia esta pesquisa são as implicações do curso de Graduação em Pedagogia a Distância da UERJ na prática docente de sujeitos que já concluíram esta graduação.

Acreditamos, no entanto, que antes de discutir a formação continuada dos egressos em questão, outros temas são necessários.

---

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.eca.usp.br/njr/voxscientiae/img/gisele\\_38\\_1.jpg](http://www.eca.usp.br/njr/voxscientiae/img/gisele_38_1.jpg) Acesso em 05/08/09.

Neste capítulo buscamos entender de que maneira uma determinada concepção de trabalho (que utilizaremos durante toda pesquisa) implica no modo de conhecer e como estas relações se dão na chamada Sociedade da Informação e Comunicação ou Sociedade em Rede (Castells, 1999).

Para mapear a escrita deste trabalho procuraremos, primeiramente, fazer uma abordagem teórica sobre o trabalho como agente formador do homem.

Em seguida discutimos de que maneira o conhecimento implica a formação humana para, logo depois, debater como a sociedade da informação e comunicação vem impactando sobre os processos formativos do homem.

Tendo abordado esses três blocos teóricos, na conclusão tentamos pensar como o trabalho e o conhecimento determinam a formação de um sujeito na sociedade da informação e comunicação, fazendo assim uma inter-relação entre os blocos apresentados antes da conclusão.

Ao final deste trabalho esperamos ter apresentado um quadro teórico que sirva de lente para entender o homem em um contexto complexo como o atual, onde o conhecimento e o trabalho mantêm o seu caráter formativo, mas certamente muito diferente de em outros espaços-tempos históricos.

Admitindo-se que o homem de hoje não é o mesmo de outros contextos histórico-sociais pretendemos, a partir de um referencial mais crítico, analisar o panorama sócio-tecnológico que nos forma e como este cenário afeta nossas atitudes.

## **1.1 Trabalho e o conceito de Homem**

Para iniciar nossa discussão sobre a importância do trabalho na formação do homem, recorreremos à ontologia de Lukács, quando citando Marx, nos diz que:

O trabalho, como formador de valores de uso, como trabalho útil, é uma condição de existência do homem, independente de quaisquer formas de sociedade, é uma necessidade natural eterna que tem a função de mediar o intercâmbio entre o homem e a natureza, isto é, a vida dos homens (Lukács, 1979, p.15).

Sabemos, portanto, que o trabalho é condição básica para que o “animal homem” possa ser entendido como o ser social “homem”.

Antes de questionar como o conceito de trabalho impacta na formação do homem, é necessário discutir como estamos tratando essa passagem do “animal” para o ser social. Para isso recorreremos ao conceito de homem em uma perspectiva marxista, em um trabalho elaborado por Schaff (1982).

Nosso ponto de partida, assim como o de Schaff, para a formação do sujeito, é o entendimento da centralidade do homem para o socialismo, bem como de seus problemas. Contudo, temos que perceber que *“não é mais o homem abstrato, não é mais o homem em geral, e sim a pessoa humana concreta”* e o autor completa afirmando que *“é impossível compreender o sentido real do socialismo, é impossível compreender seus princípios teóricos e sua prática senão se aferra esta verdade”* (Schaff, 1982, p.75).

Dadas essas afirmações, fica claro que a abordagem de homem enunciada neste trabalho é marxista, portanto o esforço será no sentido de discutir as implicações destes princípios teóricos na formação do homem, para em seguida, debater a importância do trabalho e do conhecimento nessa gênese humana, ainda sob este enfoque teórico.

Começamos esta seção afirmando que há um homem que é um “animal” e há um homem que é um ser social. Será que podemos usar essa dicotomização? Segundo a teoria em que nos apoiamos de certa maneira essa separação não é tão falsa assim, afinal há esses dois aspectos no homem: o natural e o social.

O problema dessa formulação é o cartesianismo ou, em outras palavras, ora tratar o homem como um ser natural, ora tratá-lo como um ser social.

Se no marxismo devemos procurar o entendimento das conexões internas e externas e a relação destas com o mundo sócio-histórico, não faz sentido tratar essas duas facetas em separado. Schaff nos explica como esse processo se dá na concepção marxista, ao afirmar primeiramente que:

(...) O indivíduo constitui uma parte da natureza enquanto exemplar da espécie homo sapiens. Todavia, mesmo que nos satisfaça apenas esta constatação para definir o status ontológico do indivíduo (...) chegar-se-á, inevitavelmente, a reconduzir o problema à existência de cada indivíduo de um certo conjunto de caracteres genéticos elevados ao nível da “essência” do homem. (Schaff, 1982, p.78)

Este mesmo homem, segundo o autor:

(...) no entanto, é não apenas fruto da evolução biológica da espécie mas é, também, - na forma em que existe como consequência desta evolução – um produto histórico e social que muda sob certos pontos de vista, em função da sociedade e do grau de evolução alcançado, ou em função das diversas classes ou camadas de uma mesma sociedade. (Schaff, 1982, p.79).

É possível afirmar, com toda a certeza, que há em um mesmo homem o aspecto biológico, afinal somos parte da natureza e não um ente à parte dela e também um produto social ou, em outras palavras, um gênese das relações sociais em um dado espaço e tempo.

É correto afirmar também que:

(...) as conclusões que derivam das duas verdades enunciadas acima sobre a concepção da pessoa humana consistem não só em indicar, de modo geral, que o homem é tanto um elemento da natureza quanto um membro da sociedade, mas, também, em concretizar a concepção da natureza sociopsicológica do ser humano. (Schaff, 1982, p.80)

Com isso, ao tratar do conceito e principalmente do homem real neste trabalho, teremos um ser complexo, tanto no que diz respeito aos seus aspectos biológicos, quanto à sua formação social, sendo assim um ser que não pode ser entendido unilateralmente, sob o risco de reduzi-lo a um aspecto específico, deixando de lado outra face importante da sua formação.

Desta maneira, chegamos a um acordo em relação ao que compõe o homem, mas ainda é necessário discutir o que fez com que houvesse a passagem do que tenho chamado de “animal homem” para o ser social “homem”, pois em ambos há o aspecto natural e o aspecto social. Em que momento se deu este salto qualitativo?

Em Schaff vemos que, para Marx, havia uma necessidade de afirmar o homem como um ser natural e também social. Como nos diz este autor, “*não basta ver no indivíduo um produto da sociedade, era necessário também explicar o que isto significava*”. (Schaff, 1982, p.80) E assim “*Marx não apenas afirma que o homem está ligado ao mundo e à sociedade como, também, que o homem é constituído, criado, por este mundo*”. (Schaff, 1982, p.81)

Este movimento de criação é essencial para o entendimento do homem como ser social e Schaff afirma que, “*a essência do homem se equivale ao conjunto das relações sociais*”. (Schaff, 1982, p.81).

Com isso Schaff, baseado em Marx, reconhece que o homem é sujeito de um determinado espaço e tempo concebido a partir das relações sociais presentes e

amplamente implicado com as relações sociais de um período da sociedade. Nas palavras do próprio autor:

(...) O indivíduo é, num sentido particular, função das relações sociais. É o produto de uma sociedade existente numa forma concreta. Se as relações sociais são relações de classe, fato que é determinado pelo modo de produção, o indivíduo, em tal caso, será produto dessas últimas relações, será determinado por pertencer a esta ou àquela classe. (Schaff, 1982, p.84)

Quanto a esta última passagem de Schaff, cabe um debate que não pretendemos alongar, mas acreditamos que seja coerente com o que estamos discutindo. Em Marx não vamos encontrar essencialmente uma teoria da subjetividade embora, como sabemos, o socialismo tem como problema principal o sujeito. (Schaff, 1982, p.84)

A questão que norteia o materialismo histórico, a teoria marxista e os estudos de seus seguidores são as macro-relações sociais, daí o condicionante do homem a uma determinada sociedade.

Por outro lado, temos na Fenomenologia, como o próprio termo o sugere, um estudo dos fenômenos no qual encontramos, como uma das vertentes, as questões diretamente relacionadas à subjetividade do homem. Neste caso, o que importa é o sujeito particular, aquele indivíduo único, suas histórias, seu cotidiano etc...

Quando não se apega a um homem ou mulher, em particular, temos um determinado grupo sendo focado, o que de certa forma expandiu os estudos na área de ciências humanas e sociais para além da discussão de classes ou macro-estruturas.

Isso fez com que tenhamos um embate entre as macro-estruturas e os acontecimentos cotidianos, os fatos únicos, subversivos, que de certa maneira escapam à teia das teorias totalizantes.

Não que haja uma dicotomia entre estar de um lado ou estar de outro, mas é fato que, se um teórico do cotidiano se sentasse para discutir com Schaff, diria que o homem é sim condicionado pelas relações sociais, mas que, na sua vida, cria maneiras de “driblar” essa vigilância ou essas condições predispostas.

Em contrapartida, de maneira geral, há marxistas que diriam que ainda que haja um desvio, este se dá dentro de uma estrutura existente, sem a qual um único sujeito não conseguiria mudar. Há, portanto, a necessidade de uma ação de classe

para que ocorra uma mudança significativa. Já Mészáros (2007) dirá que tal mudança não pode ser formal, deve ser radical.

Essa discussão nos leva, então, às diferentes maneiras de conceber um indivíduo. Estamos entre aqueles que pensam a sociedade como uma macro-estrutura, uma teia de relações sociais na qual somente com um entendimento coletivo alguma mudança será possível.

Voltando à questão da formação do homem na perspectiva marxista, Schaff pergunta: “como nasceu o homem social e que evolução seguiu ele?” (Schaff, 1982, p.85).

Na resposta a esta pergunta encontramos um elemento essencial à formação do homem: o trabalho.

Para Schaff:

(...) Marx procura no trabalho humano, na prática humana, compreendida como processo de transformação, por parte do homem, da realidade objetiva, no curso da qual o homem se transforma a si próprio. A autocriação, eis a resposta de Marx à pergunta feita acima, resposta sem a qual não seria possível apreender os caracteres essenciais da sua concepção de pessoa humana. (Schaff, 1982, p. 85)

Nesta perspectiva também podemos inferir que, desde que o homem é homem e se relaciona com a natureza, ele a transforma por meio do trabalho, de uma ação criativa.

O trabalho então faz parte da ontologia do homem ou, em outras palavras, do que há de essencial na existência desse ser, sendo assim impensável não relacionar o homem ao trabalho.

No trabalho há também um traço teleológico do homem, afinal não há sentido no trabalho se não houver uma finalidade para o mesmo ou, no dizer de Lukacs (2004, p.09), “natureza e trabalho, meio e fim chegam, deste modo, a algo que é em si homogêneo: o processo de trabalho e, no fim, o produto do trabalho”.

Quando trabalhamos, o fazemos para uma finalidade que, em último caso, podemos chamar de produto. No entanto, sabendo que o trabalho é constituído de um aspecto social e histórico de acumulação de saberes, ele é também constituinte do homem como sujeito histórico.

Neste sentido, como veremos mais adiante, a relação entre trabalho e conhecimento é também um aspecto importante na formação humana.

É um equívoco pensar o movimento de formação do homem sem que este esteja diretamente relacionado ao trabalho, pois como nos lembra Tonet (2005, p. 140), o trabalho é um elemento recriador do homem ou, nas palavras do próprio autor, “*é elemento essencial positivo na autoconstrução humana*” e completa afirmando que “*não há homem sem trabalho*”.

Portanto, quando trabalhamos estamos transformando a natureza, mas, ao mesmo tempo em que a transformamos, ela também nos modifica e nos recria, daí o fato do trabalho ter esse aspecto de recriação do homem.

Em outras palavras, “os seres humanos, embora seres da natureza, criam e recriam, pela ação consciente do trabalho, sua própria existência” (Frigotto, 2006, p. 246).

Isto quer dizer que...

(...) do ponto de vista do homem, o processo humano de criação é um processo de autocriação. Assim, graças ao trabalho, a espécie homo sapiens nasceu, evoluiu e continua a transformar-se. (Schaff, 1982, p.86).

Para Gaudêncio Frigotto o trabalho tem um forte traço educativo entendendo, assim como Lucaks, a importância formativa dessa atividade na formação do homem.

É necessário deixar bem claro que este trabalho do qual estamos tratando não é o mesmo trabalho de caráter explorador e alienante, com vistas à mais-valia, tão criticado por aqueles que fazem uso da teoria marxista, mas sim o trabalho como atividade humana de transformação da natureza.

Em seus trabalhos Frigotto critica a postura daqueles que entendem o trabalho como algo menor, como se a contemplação do mundo e a vida para o “trabalho intelectual” fosse diferenciada dos méritos daqueles que trabalham cotidianamente.

Frigotto é bem claro ao discutir a importância que o trabalho pode ter na formação das pessoas visto o seu caráter educativo, afirmando inclusive que o processo é reverso, ou seja, o não-trabalho seria sim um elemento deturpador da formação do caráter de um sujeito.

Para este autor há no trabalho um “princípio formativo” (Frigotto, 2006) e, apoiado na expressão de Gramsci, sem o trabalho, mas vivendo daqueles que são

explorados por essa atividade, há uma verdadeira constituição de “mamíferos de luxo”.

Sabemos que para muitas pessoas a entrada no mundo do trabalho é cada vez mais retardada para que esses sujeitos tenham como estudar e se preparar para o mundo do trabalho em uma posição “mais qualificada”.

Neste ponto, contudo, há uma das contradições de nossos tempos. Frigotto (2006, p. 266) discute esta questão apontando que...

As políticas de educação escolar e de formação técnica-profissional que se consolidaram na hegemonia neoliberal buscaram, não sem contradições, a produção das qualificações necessárias ao funcionamento da economia nos setores restritos que exigem trabalho complexo, o alargamento da formação para o trabalho simples e a formação de quadros para a elaboração e a disseminação da pedagogia da hegemonia.

Já outros tantos jovens, ao contrário, perdem a opção da formação profissional e partem direto para o mercado de trabalho, contudo em posições de “menor valor”.

Que problema decorre em virtude disso? Acreditamos que seja tornar a crença de que o trabalho menos qualificado é para os menos preparados ou para as forças de trabalho mais primárias e que o trabalho mais valorizado deve ser aquele derivado a partir de saberes acadêmicos.

Em Frigotto e Lucaks não vemos esta distinção, mas temos, principalmente no primeiro autor, uma severa crítica relativa à exploração do homem por meio do trabalho, que tem o seu auge na atual sociedade capitalista neoliberal - que alguns autores chamam de pós-industrial ou, no que se refere ao conhecimento, de sociedade da informação e comunicação como Castells (1999) e Pierre Lévy (1999), principalmente.

Se antes dessa fase do capitalismo o homem tinha controle sobre o trabalho, o que Frigotto (2006) nos diz é que hoje o neoliberalismo rompeu essa barreira e tornou possível a vingança do trabalho sobre o homem e, neste caso, poderíamos dizer com mais propriedade que é o domínio do capital sobre a vida humana.

Para Mészáros (2007) é necessária uma ruptura radical com este modelo de relações sócio-econômicas, pois no capitalismo não nos é dada a opção de reformá-lo. Por isso, Mészáros nos diz que “as soluções não podem ser apenas **formais**; elas devem ser **essenciais**” (p. 202) (grifo nosso).

Portanto, se atualmente temos uma configuração de relações humana necessariamente mediada pela ideologia capitalista, mais propriamente neoliberal, somente uma transposição desse modelo será capaz de modificar as mediações que temos com o trabalho, com os outros homens, com a natureza e o conhecimento.

Toda essa dificuldade ocorre devido ao caráter sócio-metabólico do capitalismo que, totalizador, não permite outras vozes e engloba tudo aquilo que está nos seus limites.

Daí a impossibilidade de pensar o trabalho humano como aspecto formador do homem nesta sociedade neoliberal, a menos que haja uma transição da mesma para outro *status*, que Marx e outros autores que nele se baseiam chamam de emancipação humana, como diz Tonet (2005), ou comunismo. Nas palavras do autor:

(...) Emancipação humana, para Marx, nada mais é do que um outro nome para comunismo, embora a primeira enfatize a questão da liberdade e o segundo de uma nova forma de sociabilidade (p.127).

Diante do caminho percorrido até o presente momento há alguns pontos a serem lembrados.

Primeiramente, a importância do trabalho para a formação humana, tanto no caráter recriador, quanto no caráter educativo.

A questão da crítica ao trabalho deve ser subordinada à discussão do aspecto norteador deste trabalho, ou seja, há sim no trabalho um aspecto formativo / recriador, mas por outro lado, em nossa sociedade, existe também um forte traço de exploração do homem, que no neoliberalismo se sobrepõe ao caráter educativo.

E, por fim, sem que haja uma transição desta sociedade neoliberal para uma outra, emancipada, torna-se bastante difícil pensar no trabalho em seu aspecto formativo. Afinal, devido ao aspecto sócio-metabólico do capitalismo, o trabalho transforma-se em mais um agente desagregador e expropriador.

Entretanto, como ressaltamos algumas vezes, há um elemento nessa mediação entre o homem e a natureza, decorrente do trabalho que, a nosso ver, é o conhecimento. A seguir discutiremos um pouco mais como entendemos essa mediação.

## 1.2 O conhecimento como mediador entre a natureza, o trabalho e o homem

Conforme afirmamos anteriormente, o homem se constitui como tal através da sua mediação entre trabalho e natureza, sendo este caminho consolidado com base nas relações sociais, que também são constituintes do homem.

Neste momento discutiremos o conhecimento também como uma mediação na formação humana e como aspecto fundamental na sua mediação entre natureza e trabalho.

Para ilustrar essa questão faremos uso de uma afirmativa de Frigotto (2006, p.242), quando este nos diz que:

O pressuposto básico é de que o trabalho é a categoria “ontocriativa” da vida humana, e o conhecimento, a ciência, a técnica e a tecnologia e a própria cultura são mediações produzidas pelo trabalho na relação entre os seres humanos e os meios de vida.

Portanto, sabemos a importância do trabalho para a formação humana e entendemos que o conhecimento, assim como a técnica, a ciência e a tecnologia são elementos fundamentais na constituição do homem.

É importante percebermos também que o conhecimento e as demais mediações citadas pertencem necessariamente a um projeto de sociedade, podendo ser utilizado para a manutenção de uma ordem estabelecida ou para a superação desta mesma ordem.

O desafio que está posto nesta seção da dissertação é o de procurar entender como essas forças antagônicas têm se tensionado em torno do conhecimento a fim de manter seu *status quo* ou para superá-lo.

Como nos alerta Mészáros (2006, p. 263), “nenhuma sociedade pode perdurar sem seu sistema próprio de educação”. Portanto, se é da essência do homem o trabalho, o conhecimento é um mediador privilegiado nessa relação.

Não há prática social sem que haja difusão do conhecimento, a questão a ser analisada é que tipo de práticas, sob que projeto estão sendo geridas e de que conhecimento estamos falando.

Se Frigotto fala de conhecimento, tecnologia e técnica como elementos fundamentais na constituição do homem, devemos estar atentos ao fato dessa

construção se dar em um dado tempo e espaço, que é por sua vez orientado por um projeto de sociedade.

Daí o fato de defender neste trabalho a idéia de que o conhecimento na atual sociedade não está voltado para a emancipação humana, mas, pelo contrário, para a reprodução acelerada do capital. Por outro lado, como vimos nos resultados da pesquisa, há possibilidades de mudanças nesse quadro hegemônico.

Com esse pressuposto tento debater as maneiras como o conhecimento toma a faceta de reprodução do capital, estando apoiado no estudo em teóricos da área.

Corroborando com a idéia de um projeto de alienação, do qual o conhecimento faz parte ou é cooptado a alienar, Frigotto (1998, p.45) questiona:

Uma vez mais afirma-se que a inserção e o ajuste dos países 'não desenvolvidos' ou 'em desenvolvimento' ao processo de globalização e reestruturação produtiva, sob uma nova base científica e tecnológica, dependem da educação básica, de formação profissional, qualificação e requalificação. Todavia, não é de qualquer educação e formação. Que educação e formação são essas, então?

Ora, esse questionamento nos instiga a outros, mas principalmente a perguntar: efetivamente que conhecimento é esse, necessário ao desenvolvimento nos dias atuais?

Não seria arriscado dizer que certamente não se trata de um conhecimento voltado para a emancipação humana. Afinal, se o fosse, não viveríamos nas bases sócio-econômicas em que vivemos. Sem dúvida haveria mais contestações.

Deixo claro que isso não é uma visão profética ou algo semelhante. Afinal, como diz Frigotto (2006, p.274), "uma lição da história, sintetizada por Lênin, é de que sem teoria revolucionária não há possibilidade de projeto revolucionário".

Podemos questionar se a esquerda revolucionária está ciente disso, mas a direita conservadora não deve ter se esquecido dessa lição, daí a centralidade da preocupação quanto à formação científica da população.

Esta centralidade se deve à importância da interiorização de valores em uma determinada sociedade, ou como nos diz Mészáros (2006, p.263), "o complexo educacional da sociedade é também responsável pela produção e reprodução da estrutura de valores no interior da qual os indivíduos definem seus objetivos e fins específicos".

Essa interiorização é importante por um conjunto de motivos, entre os quais:

(...) as relações sociais de produção reificadas sob o capitalismo não se perpetuam automaticamente. Elas só o fazem porque os indivíduos particulares interiorizam as pressões externas: eles adotam as perspectivas gerias da sociedade de mercadorias como limites inquestionáveis de suas próprias aspirações. (Meszáros, 2006, p. 263-264)

Uma vez que, como indica o próprio Meszáros, há uma crise no capital e conseqüentemente em seu sistema de interiorização, o conhecimento como mecanismo de alienação passa a ter uma grande importância nessa arena de disputas.

Como indica Frigotto (1998, p.45) quanto à sua questão levantada anteriormente, sobre que educação e formação são necessárias ao processo de globalização, o autor nos diz que:

(...) trata-se de uma educação e formação que desenvolvam habilidades básicas no plano do conhecimento, das atitudes e dos valores, produzindo competências e, conseqüentemente, para a 'empregabilidade'.

Assim, vemos que a difusão do conhecimento tem tido uma finalidade, que é a de colaborar na reprodução do capital. Não devemos falar da questão de conhecimento, de falta de educação para a população, mas sim, como nos indicou Frigotto, de questionar que conhecimento é esse.

Não é interessante ao capital uma população desqualificada, ou sem uma base de educação, mas é sim preciso que esta educação esteja devidamente alinhada aos seus interesses.

Na contemporaneidade é uma palavra de ordem a figura do trabalhador qualificado, flexível, polivalente, que saiba resolver problemas e, até, que seja autônomo. Mas serão mesmo esses os requisitos para a entrada no mundo do trabalho?

Mais uma vez Frigotto (2007, p. 98) nos indica uma resposta a esses questionamentos, quando nos diz que "a integração, a qualidade e flexibilidade, os conhecimentos gerais e capacidade de abstração rápida constituem-se nos elementos chaves para dar saltos de produtividade e competitividade".

Ora, esse trabalhador pode até ter mais acesso ao conhecimento, mas a questão chave envolvida não é a "quantidade", mas sim, a "qualidade", ou a quem atende essa maior qualificação do trabalhador.

O caminho percorrido até este momento nos serviu para trabalhar algumas idéias, tais como:

- conhecimento não necessariamente significa emancipação humana: dentro de um determinado sistema político-econômico-social muitos são os projetos possíveis e caso o projeto vigente não esteja voltado para a superação do capital, mas, pelo contrário, privilegie a manutenção e reprodução do capital, o conhecimento não servirá como base à formação humana emancipada.

- não é verdade dizer que ao capital pouco interessa que haja sujeitos qualificados: pelo contrário, à manutenção do capital é essencial que haja um número grande de sujeitos prontos para ocuparem bem seus postos de trabalho qualificados. É interessante, inclusive, que haja um “superávit” de trabalhadores qualificados, pois assim os sujeitos perdem seu poder de negociação.

- conhecimento e trabalho são essenciais à formação humana, mas tanto um quanto o outro têm que ser tomados como uma bandeira revolucionária, se esta for efetivamente uma luta dos trabalhadores.

Tanto a discussão sobre trabalho, como a discussão sobre conhecimento nos foram essenciais para que, de agora em diante, possamos abordar criticamente neste texto a sociedade da informação e da comunicação. Tanto o trabalho como o conhecimento são bases para esta nova sociabilidade, como também o são o redimensionamento do tempo e do espaço.

Ora, se o trabalho e o conhecimento estão na centralidade da formação humana, é necessário discuti-los em quaisquer espaços e tempos, e é isso que faremos em relação à sociedade da informação e comunicação.

Antes de chegarmos à conclusão deste trabalho, faremos uma explanação dessa forma de sociabilidade diferenciada, discutindo à luz de Manuel Castells seus principais pressupostos, no que diz respeito ao seu trabalho sobre a Sociedade em Rede.

### **1.3 A sociedade da informação e comunicação: novas formas de sociabilidade?**

Trabalhamos como forma de lidar e transformar a natureza, o homem, enfim, todos esses aspectos discutidos têm em comum um ponto: a sociabilidade.

Como tratamos anteriormente, o trabalho implica o homem em uma relação social, assim como o conhecimento também. Ambos, sendo mediadores de nossa relação com a natureza e conseqüentemente das transformações que causamos à mesma, também determinam e são determinadas por certos aspectos sócio-históricos.

Como nos diz Tonet (2005, p. 132) (a nossa relação com o trabalho é hoje completamente diferente de em outras épocas), afinal, “a forma concreta do trabalho constitui, a cada momento da História, a matriz de uma determinada forma de sociabilidade”. Daí, de fato os meios como lidamos com a natureza também são transformados por fatores temporais e espaciais e é nesse aspecto que nos deteremos neste ponto.

Vivemos atualmente no que se chama de sociedade pós-industrial, sociedade da informação e comunicação ou ainda, sociedade pós-moderna. Todas essas denominações se referem ao modo contemporâneo de vida, no qual alguns fatores se destacam.

Segundo Castells (1999, p. 68), vivenciamos uma revolução, que se refere “às tecnologias de informação, processamento e comunicação”. Ainda segundo esse mesmo autor,

(...) A tecnologia da informação é para esta revolução o que as novas fontes de energia foram para as revoluções industriais sucessivas, do motor a vapor à eletricidade, aos combustíveis fósseis e até mesmo à energia nuclear, visto que a geração e distribuição de energia foi o elemento principal na base da sociedade industrial (Castells, 1999, p. 68).

A nossa discussão se volta para questionar se realmente houve uma passagem para esta nova sociedade, ou se o que acompanhamos é fundamentalmente um aprofundamento agressivo e ainda mais expropriador do capitalismo, no qual até mesmo a informação, que é tida como a mola mestra da sociedade da informação e comunicação é ultra-explorada, passando a ter um valor de troca como nunca antes visto.

Como exercício de escrita, preferimos deixar claro que a posição assumida neste trabalho é de tratar esta sociedade não como uma transição ou como algo novo, mas sim como uma modalidade mascarada de nova, ou como algo que já conhecemos bem, embora não saibamos ao certo quais são os seus caminhos futuros e suas conseqüências.

Esse entendimento será fundamental para a leitura deste texto, afinal primeiro trabalhamos com autores que acreditam, estudam e escrevem sobre essa revolução, para em seguida dialogar com essas idéias, no sentido de perceber se houve ou não uma transição para uma outra sociabilidade: a sociedade em rede.

Uma primeira característica dessa sociedade em rede são seus fluxos, ou seja, é uma sociedade baseada em fluxos de informações e dados, que podem ser facilmente transmutados e transportados de um lugar para o outro.

Afinal, um dos traços marcantes da sociedade da informação e comunicação é a ruptura do espaço e do tempo, possível graças às tecnologias digitais.

Para Castells (1999, p. 467), “tanto o espaço quanto o tempo estão sendo transformados sob efeito combinado do paradigma da tecnologia da informação e das formas e processos sociais induzidos pelo processo atual de transformação histórica”.

Em seu esforço intelectual, Castells (1999) põe em oposição *espaço dos fluxos* e *espaço dos lugares*, sendo o primeiro a lógica contemporânea no qual o tempo e o espaço são superados, devido aos fluxos de informações e à velocidade com que transitam por qualquer lugar, a qualquer velocidade. O segundo seria o lugar como tradicionalmente conhecemos, preso a uma determinada estrutura física e a um tempo bem determinado.

Um fenômeno que inclusive nomeia esta nova sociabilidade é a formação de redes, nas quais se encontra o que o autor chama de “cidade global” (Castells, 1999, p.470). Para Castells não se trata de um novo modelo de divisão internacional do trabalho, nem de um processo que privilegie determinados núcleos urbanos, mas:

(...) é um processo que conecta serviços avançados, centro produtores e mercados em uma rede global com intensidade diferente e em diferente escala, dependendo da relativa importância das atividades localizadas em cada área vis-à-vis a rede global. (...) A arquitetura de formação de redes reproduz-se em centros locais e regionais, de forma que o sistema todo fique interconectado em âmbito global. (Castells, 1999, p. 471)

Portanto, o que vemos nas palavras do autor é uma dissolução da idéia de centros econômicos e financeiros somente em seu aspecto físico, para que em seu lugar passem a existir “nós” de uma rede que a princípio conecta centros locais e regionais que venham a ter importância nessa rede global.

Nesse espaço de fluxos podemos ter grandes centros urbanos, que antes eram considerados também centros comerciais, econômicos e financeiros e que

agora, devido às redes, não fazem mais parte necessariamente do caminho percorrido pelo capital e pelas informações.

Isso porque temos os fluxos financeiros, os fluxos ligados às informações econômicas privilegiadas, os fluxos ligados à área da indústria, ou ainda aqueles ligados à tecnologia da informação e comunicação, que não exatamente passam pelos mesmos nós, constituindo assim suas próprias redes.

Apesar disso tudo, ou seja, da virtualidade desses nós, ainda permanecem fisicamente alguns pontos de concentração de investimentos e negócios. Castells (1999) nos aponta possíveis motivos para que isto aconteça:

(...) uma vez realizados, grandes investimentos empresariais em imóveis valiosos explicam a relutância em mudar-se porque tal iniciativa desvalorizaria seus ativos fixos. (p.475)

Também porque:

(...) contatos pessoais para decisões cruciais continuam sendo necessários na era da escuta generalizada, visto que, conforme confissão de um gerente em entrevista à Saskia Sassen, algumas vezes há necessidade de os acordos comerciais serem marginalmente ilegais. (p.475)

E por fim...

(...) os principais centros metropolitanos continuam a oferecer as maiores oportunidades de aperfeiçoamento pessoal, status social e auto-satisfação aos imprescindíveis profissionais liberais de nível superior – de boas escolas para seus filhos a uma adesão simbólica ao grande consumo, inclusive de arte e entretenimento. (p.475)

O que percebemos, conforme dito anteriormente, é que, embora haja uma sociedade em rede que se dá nos espaços de fluxo, permanece ainda a necessidade de um espaço físico ou o “espaço do lugar”.

Sabemos que para que haja a virtualidade desses negócios, é preciso que haja uma materialidade que a subsidie, ou, em outras palavras, os fluxos financeiros podem até ser controlados pelas bolsas de valores mundo afora, contudo os controladores são pessoas que ocupam um lugar físico e que possuem uma materialidade que não está completamente dentro do espaço de fluxos.

Essa é uma das dicotomias que há na sociedade em rede. Afinal, por mais que os espaços sejam redimensionados, ainda assim é necessário que haja uma interferência do mundo físico e esse mundo, conforme controlado atualmente,

obedece a interesses particulares que, de uma maneira ou de outra, controlam os fluxos.

Neste sentido (e será feita uma crítica mais profunda sobre isto ainda nesta seção), a sociedade em rede enunciada por Castells nos parece ter um alcance limitado, por diversos fatores.

Um outro aspecto importante nesta sociabilidade contemporânea entendida como “sociedade em rede” é o fator tempo. Um tempo que assim como o espaço é redimensionado, adequando-se ou sendo fator de mudança para a reestruturação social que se dá a partir de uma configuração coletiva que utiliza em massa as tecnologias de informação e comunicação.

Para Castells (1999, p. 523),

(...) de fato, a transformação do tempo sob o paradigma da tecnologia da informação, delineado pelas práticas sociais, é um dos fundamentos de nossa nova sociedade, irremediavelmente ligada ao surgimento do espaço de fluxos.

Destacamos neste trecho dois aspectos, sendo o primeiro o fato de que para o autor tanto tempo quanto espaço são categorias intimamente ligadas e que tomam outros ares com o “paradigma da tecnologia da informação e comunicação”.

Outro ponto a ressaltado nessa fala do autor é a idéia incontestável do novo. Para Castells, é impensável tratar da sociedade contemporânea sem qualificá-la como novidade, como ruptura em relação ao que havia, ou seja, sem tratá-la objetivamente como um tempo-espaço novo.

No momento da crítica ao autor buscaremos, fundamentado em pensadores que refletem sobre o pós-modernismo, como Frigotto (1998), Mézaros (2007), Tonet (2005), entre outros, debater essa fixação pelo novo. Contudo, no momento nos interessa saber que, embora não concorde com o prenúncio da novidade desta sociedade, para fins da elaboração do texto a tomaremos como um fato, temporariamente, para em seguida tentar desconstruir essa idéia.

Voltando à idéia do tempo na sociedade em rede, vemos que há diversas implicações causadas por esse redimensionamento. A primeira implicação é o que Castells chama de “tempo intemporal”, que segundo o autor é:

(...) a mistura de tempos para criar um universo eterno que não se expande sozinho, mas que se mantém por si só, não cíclico, mas aleatório, não recursivo, mas incursor: tempo intemporal, utilizando a tecnologia para fugir dos contextos de sua

existência e para apropriar, de maneira seletiva, qualquer valor que cada contexto possa oferecer ao presente eterno. (1999, p. 526)

Ainda segundo esse tempo intemporal, vemos a categoria “compressão temporal”, que significa “comprimir o tempo até o limite” o que equivale a “fazer com que a seqüência temporal, e, por conseguinte, o tempo, desapareça” (Castells, 1999, p. 526).

Daí uma das marcas da sociedade em rede ser, de certa maneira, a perda da temporalidade, embora pra o autor isso seja somente um redimensionamento. Mas é necessário perguntar: em que esse redimensionamento afeta, na prática, nossas vidas?

Para além do tempo cronológico, de 24h, há um tempo praticado e é justamente neste tempo que há a compressão temporal, ou a intemporalidade. Manuel Castells nos dá alguns apontamentos de onde vemos isso acontecer em nossas vidas, começando pela jornada de trabalho.

Se, como já afirmamos, essa nova sociabilidade é a sociedade em rede, nada mais justo que tenhamos também o surgimento das “empresas em rede”. Segundo Castells (1999, 529), suas principais características são:

(...) formas flexíveis de gerenciamento, utilização contínua de capital fixo, desempenho intensificado de trabalhadores, alianças estratégicas e conexões interorganizacionais, tudo isso promove a compressão do tempo de cada operação e a aceleração da movimentação de recursos.

Se relacionarmos esses pressupostos da empresa em rede à questão do trabalho, que já debatemos anteriormente, veremos que, ao implantar esse modelo flexível, que segundo o próprio autor gera um “desempenho intensificado de trabalhadores”, deixamos de lado a questão da formação humana para termos em cena, como protagonista, a reprodução acelerada do capital.

A perda da linearidade do tempo, a sua compressão e o seu redimensionamento fazem com que qualquer um de nós possa ser produtivo a qualquer momento (cronológico) sem que isso se reverta necessariamente em benefícios às pessoas.

Embora Castells, no seu capítulo sobre Tempo, no livro *Sociedade em Rede*, afirme que há uma redução possível no tempo de trabalho, gerando “encolhimento” e alteração do tempo de serviço, sabemos que em nossa realidade brasileira de

início do século XXI, isso não é uma verdade. Caso seja, demonstra mais uma vez o que estamos chamando de limite da rede.

Nosso sistema previdenciário tem acompanhado o aumento da expectativa de vida de forma que, na medida em que homens e mulheres vivem mais, também contribuem por mais tempo com a previdência social, estendendo o período de força de trabalho e levando mais tempo para a aposentadoria.

Ainda sobre este ponto, é necessário lembrar que, uma vez que as tecnologias se reconfiguraram, houve também um aumento da produção ou, em outras palavras, trabalhamos mais, por mais tempo e geramos ainda mais produtos finais.

A respeito disso, Castells (1999, p.538) admite que “o desafio real da nova relação entre trabalho e tecnologia não diz respeito ao desemprego em massa, (...) mas à diminuição geral do tempo de serviço para uma proporção substancial da população”.

Um outro aspecto que nos interessa, sobre a questão do tempo na sociedade em rede, é o que o autor chama de “tempo virtual”, cujos principais aspectos são a “simultaneidade” e a “intemporalidade” (Castells, 1999, p. 553).

Essas duas categorias nos explicam um fenômeno que diz respeito ao espaço também, que é a capacidade com que uma informação corre o mundo em uma velocidade sem precedentes e consegue atingir praticamente qualquer local do globo.

No que diz respeito ao mercado de ações, qualquer crise local deixa de ser local, para que em instantes tome proporções globais, afetando qualquer lugar do globo, obviamente desde que este esteja conectado à rede.

Por mais que pareça irônico, não ser afetado rapidamente pelas crises globais significa não fazer parte da rede sendo, nos dias de hoje, ao mesmo tempo aquilo que salva e que pune. Ora, quem não está conectado à rede? E mais, o que significa não estar conectado à rede?

Alguns dirão que isso implica diretamente estar excluído da sociedade em rede, logo do espaço onde as decisões são tomadas. Outros dirão que aqueles que não estão na rede, mais cedo ou mais tarde terão que se conectar se quiserem sobreviver. Em Castells encontramos um apontamento do que o autor acredita que acontecerá.

No tom imperativo dessa “nova ordem”, Castells (2003) nos chama atenção para caso alguém não queira seguir nesse fluxo, dizendo:

(...) imagino que alguém poderia dizer: ‘Por que você não me deixa em paz? Não quero ter nada a ver com sua internet, sua civilização tecnológica ou sua sociedade de rede! Só quero viver minha vida!’. Bem, se esta é sua posição, tenho más notícias para você. Se você não se importa com as redes, as redes se importarão com você, de todo modo. Pois, enquanto quiser viver em sociedade, neste tempo e neste lugar, você terá de estar às voltas com a sociedade em rede. Porque vivemos na Galáxia da Internet. (Castells, 2003, p. 230)

Essas são afirmações contundentes sobre o que estamos questionando, se é ou não uma “nova forma de sociabilidade”. Esperamos na conclusão discutir mais a fundo esse ar incontestável e sem retorno que paira em torno da sociedade em rede.

Ao final deste capítulo pretendemos também analisar estas duas categorias, espaço e tempo, que são aspectos fundamentais para o entendimento dessa nova forma de sociabilidade, como a entende Castells.

Para finalizar esta seção, chamaremos mais uma vez Castells (1999) ao debate, para mais adiante discuti-lo à luz do referencial sobre trabalho e conhecimento, que abordamos anteriormente.

Sobre a questão do tempo e do espaço, o autor apresenta na conclusão de sua obra *“Sociedade em Rede: A Era da Informação. Economia, sociedade e cultura”*, o seguinte pensamento:

(...) em nível mais profundo, as bases significativas da sociedade, espaço e tempo estão sendo transformadas, organizadas em torno do espaço de fluxos e do tempo intemporal. Além do valor metafórico dessas expressões (...) há uma hipótese importante: as funções dominantes são organizadas em redes próprias de um espaço de fluxos que as liga em todo o mundo, ao mesmo tempo em que fragmenta funções subordinadas e pessoas no espaço de lugares múltiplos, feito de locais cada vez mais segregados e desconectados uns dos outros. (Castells, 1999, p. 572).

Será a partir dessa discussão que iniciarei a conclusão deste capítulo no qual, conforme indicamos antes, objetivamos discutir as implicações destes pensamentos de Castells sobre a sociedade em rede, relacionando-a aos conceitos de trabalho e conhecimento, tendo em vista a mediação com a natureza para a formação humana.

#### **1.4 Conclusão: o trabalho e o conhecimento na sociedade da informação e comunicação**

(...) a superação histórica da contradição colocada é a construção progressiva de um novo tipo de socialismo que, aproveitando as condições gerais mais favoráveis que existem hoje para derrotar o capitalismo (...), faça surgir um novo modelo de organização social a partir da tradição e das aspirações específicas de cada povo (Castells, 1980, p.183).

O que estamos testemunhando é o desenvolvimento gradual de um mercado financeiro global, independente, operado por redes de computadores, com um novo conjunto de regras para o investimento de capital e a avaliação de ações e de títulos em geral. À medida que a tecnologia da informação se torna mais poderosa e flexível, e à medida que as regulações nacionais são atropeladas por fluxos de capital e comércio eletrônico, os mercados financeiros vão se tornando integrados, acabando por operar como uma unidade em tempo real por todo globo (Castells, 2003, p. 68).

Para aqueles que gostam de ficção científica, temos na série de filmes Guerra nas Estrelas, de George Lucas, um clássico. Para lembrar, trata-se de duas trilogias, uma lançada na década de 80, outra a partir de 2001, no qual na primeira há um vilão clássico, chamado **Darth Vader** que, na trilogia passada a partir do ano de 2001, é retratado como o jovem **Anakin Skywalker**.

Nesses seis filmes é mostrado como uma criança promissora e desde jovem poderosa, cheia de boa vontade e justiça se torna uma figura repulsiva como **Darth Vader**. É, portanto, a história de um processo de transformação.

Não é por ser fã de cinema que estamos citando essa história de ficção, mas sim para, analogicamente, discutir os dois Castells da epígrafe desta seção. Isso porque o Castells da publicação de 1980 é o mesmo da publicação de 2003. O mesmo Castells que afirma que é necessário pensar uma saída futura para o capitalismo em uma nova organização social é aquele que, vinte e três anos mais tarde, sugere que essa forma de organização seja a sociedade em rede que, até onde sabemos, não está alicerçada naqueles mesmos valores defendidos duas décadas antes.

Mas você pode perguntar: quando nos remetemos a uma história de cinema de bem e mal, vilão e mocinho e a comparamos com a formação teórica de Castells, não estamos sendo maniqueístas? Não estamos sendo minimalistas? Em resposta, podemos afirmar que não!

O que nos interessa no Castells de 1980 e de 2003 é entender que ocorreu de um processo de mudança que o levou da esquerda socialista que defendia, ao ponto no qual se encontra hoje, que certamente serve mais ao neoliberalismo e à reprodução do capital do que ao ideal socialista.

Tendo pontuado essas questões, o que vamos discutir nesta conclusão é um “amarrado” das idéias das seções anteriores sobre trabalho, conhecimento e sociedade da informação e comunicação e da correlação destes conceitos com a formação do homem.

Se a organização social tida como predominante atualmente é a chamada sociedade em rede, e o homem é o conjunto das relações sociais em um dado tempo e espaço, para entender este homem do século XXI é necessário questionar as relações entre os principais agentes formadores do homem, que acredito que sejam o trabalho, o conhecimento e as relações sociais.

Pretendemos nesse momento debater como aquele homem que é formado pelo trabalho, mas não qualquer trabalho, lida com o conhecimento que hoje toma dimensões comerciais, como produto com valor agregado, tomado pelo capitalismo, isso tudo em meio à tão anunciada sociedade da informação e comunicação.

Para tornar a escrita mais compreensível retornaremos alguns pontos trazidos por Castells e tentarei mediar um debate entre este autor e outros teóricos como Mézaros, Frigotto, Tonet e, surpreendentemente, até com o próprio Manuel Castells - não este da *sociedade em rede*, mas sim um autor de quase três décadas atrás. Essas são as informações iniciais antes de abrir o tempo para a metafórica “mesa redonda” aqui proposta.

Para esquentar a discussão é identificar como o Castells contemporâneo vem tratando a questão do trabalho, do conhecimento e da formação humana, citamos o seguinte trecho do seu livro “A galáxia da internet”:

À medida que conhecimento e informação se difundem através do mundo, toda a força de trabalho poderia e deveria se tornar autoprogramável<sup>3</sup>. Mas enquanto as instituições sociais, as prioridades empresariais e os padrões de desigualdade continuarem desiguais, a mão-de-obra genérica é uma quantidade necessária e não uma qualidade específica na contribuição decisiva do trabalho para a produtividade e a inovação na economia eletrônica (Castells, 2003, p. 81).

Vamos então discutir essa passagem de Castells à luz dos próprios conceitos do autor. Primeiramente, o conceito de formação humana inerente ao pensamento do autor, nesta citação, me parece ser algo muito mais voltado à robótica do que a pessoas.

---

<sup>3</sup> Para Castells (2003) profissionais autoprogramáveis significam que: “profissionais desse tipo devem ter alto nível de instrução e iniciativa. Companhias, grandes ou pequenas, dependem da qualidade e da autonomia de seus trabalhadores. A qualidade não é medida simplesmente em anos de educação, mas em tipo de educação. Na economia eletrônica, os profissionais devem ser capazes de se reprogramar em habilidades, conhecimento e pensamento segundo tarefas mutáveis num ambiente empresarial em evolução” (p.77).

Vemos o homem não como um sujeito, mas sim como algo que pode ser reprogramado segundo as necessidades do capital, levando a um movimento permanente de atualização, ou se preferirmos, de *upgrades*.

O homem deixa novamente de se constituir um ser e é reforçada a idéia mão de obra ou força de trabalho. Mas não toda ou qualquer mão-de-obra, e sim a que é constituída por sujeitos de duas categorias: os autoprogramáveis e os genéricos.

Será que é para isso que temos esperado tanto a evolução tecnológica que cada vez mais bate à nossa porta, modificando-se rapidamente? Acreditamos que a resposta de muitos seja não, a revolução que queremos servirá para melhorar a condição de vida da grande população, irá contra os interesses do capital dominante.

Sobre a hegemonia do capital sobre o bem-estar dos homens, Cardoso (2006) diz que,

Especialmente sob o impacto das novas tecnologias aplicadas à produção industrial, o capital reorganiza seu processo de internacionalização e modifica suas relações com o trabalho, sobretudo no setor industrial, fazendo desregulamentar antigos “direitos” trabalhistas e adotando crescentemente o que chama de “flexibilização” dos contratos salariais, que estabelecem na verdade novas formas de precarização do emprego. (p. 41)

Embora concordemos com a autora, é importante fazer um adendo: afinal, as tecnologias não são autônomas em relação ao homem, e se elas estão sendo utilizadas para maximizar uma situação de exploração é porque há muito claramente definido um projeto que as incorpora como elemento de subsunção do homem ao capital.

Por outro lado, não há como negar que as tecnologias digitais levaram o mundo do trabalho a um outro *status* de possibilidades onde o que encontramos normalmente é um processo de exploração facilmente aceita pelos trabalhadores.

Quando Mézaros falava do processo de interiorização, que já citamos neste trabalho, falava exatamente dessa capacidade que o capital tem de conceber uma idéia e os sujeitos a tomarem para si, defendendo-a como única verdade.

Isso nos ilustra o que Castells chamou de “empresa em rede”, que vimos anteriormente, ou seja, uma organização econômica capaz de se manter produtiva 24 horas por dia, expandindo-se pelo mundo todo e, principalmente, extraindo do trabalhador o máximo que ele é capaz de oferecer.

A interiorização tem grande sentido nesse processo de exploração na medida em que, mesmo estando em casa, o homem se sente responsável por aquele trabalho que em outros tempos teria deixado no escritório ou em outros espaços de trabalho.

É permitido aos controladores do capital extrair a qualquer hora aquilo que os trabalhadores podem lhe dar, e, sendo assim, as pessoas tornam-se produtivas a qualquer momento, em qualquer tempo e espaço.

Castells vê esse emprego das tecnologias como algo naturalizado e até necessário como podemos ver a seguir:

(...) uma transformação fundamental das relações de trabalho é comum tanto à mão-de-obra autoprogramável quanto à genérica: a flexibilidade. A forma interconectada dos negócios, o ritmo acelerado da economia global e a capacidade tecnológica para trabalhar on-line para indivíduos e para firmas, levam ao surgimento de um padrão flexível de emprego. (Castells, 2003, p. 81)

Se, como já vimos, uma das características mais marcantes da sociedade em rede é o redimensionamento do espaço e do tempo, esses dois fatores associados ao mundo do trabalho produzem uma outra forma de lidar com o trabalhador.

Segundo Castells (1999):

(...) um aumento impressionante do teletrabalho é a suposição mais normal sobre o impacto da tecnologia da informação nas cidades e representa a última esperança dos planejadores de transportes metropolitanos antes de se renderem à inevitabilidade dos megacongestionamentos. (p. 483)

Ora, o teletrabalho não representa na prática um ganho para o trabalhador, mas sim para o capital, pois agora não somente os espaços convencionais de trabalho, como também seus lares são lugares de produção. O tempo, sendo flexibilizado, prende esses sujeitos que, além de suas jornadas de trabalho habituais, ainda fazem horas-extra no próprio trabalho, em casa e em qualquer lugar onde puderem se conectar.

Desta maneira o trabalho, que teria um caráter formativo, é deformado transformando o homem, tirando a sua liberdade, afastando-o de sua emancipação. Isso tudo não ocorre em função das tecnologias digitais, como já dissemos, mas sim da forma como estas têm sido apropriadas de maneira a gerar benefícios somente aos seus controladores.

Não era exatamente esse o quadro que esperávamos ter em um mundo onde há uma possibilidades imensas de democratização da informação, do conhecimento, dos saberes científicos, entre outros benefícios que acompanham os aperfeiçoamentos tecnológicos.

Na posição aqui adotada, se a sociedade em rede é a alternativa àquilo que o Castells de 1980 enunciava, é melhor pensarmos em outras formas de organização social que nos levem a uma outra qualidade de vida.

Afinal, uma questão importante é: como é possível pensar em uma formação humana emancipada nesse quadro, no qual o capitalismo exerce ao máximo seu poder de exploração?

Somente através da superação do atual panorama sócio-técnico-econômico, poderemos pensar em sujeitos efetivamente emancipados e não há outro caminho para essa emancipação senão a busca do socialismo.

Até onde temos visto, a alternativa da sociedade em rede como aquela que pode minimizar as desigualdades, como enunciado por Castells, não nos parece algo possível, visto que, utilizando-se dos meios possíveis, o capital só se faz reproduzir de uma maneira cada vez mais intensa.

Vemos que o “fosso” tem se tornado cada vez maior entre aqueles que muito têm e aqueles que de quase nada gozam, ao contrário das promessas dos analistas e teóricos neoliberais.

Sem dúvida, para alguns setores da população parece haver uma melhoria na qualidade de vida, afinal, aumentaram as possibilidades e os recursos tecnológicos parecem bastante acessíveis a grande parte da população.

Existe também uma difusão em massa de informações, através da qual praticamente qualquer pessoa pode ser autora, postar opiniões na rede, acessar notícias, se comunicar rapidamente com pessoas em outras partes do globo terrestre, entre outros “benefícios”.

O problema implicado a esta concepção de rede global está no fato de que, quando dizemos “praticamente qualquer pessoa pode fazer”, esse “praticamente” reflete uma parcela enorme da população que permanece excluída e para esses não interessa se a sociedade é em rede ou não, não interessa por onde passam os fluxos de informação global, o que interessa são os impactos mais visíveis, palpáveis sobre o bem-estar e a qualidade de vida.

Para essa margem excluída da sociedade em rede, o que é o trabalho? Como se dá a formação desses homens como sujeitos?

São algumas questões sobre as quais devemos pensar, mas certamente não é o modelo hegemônico atual que dará conta de suas questões, pois, até onde temos visto, ao invés de incluir essas pessoas no “jogo”, a rede se expande, mas não se capilariza, não se infiltra nos rincões de pobreza.

Cabe-nos questionar se na sociedade em rede à maior parte da população estará reservado o papel de mão-de-obra genérica ou de mão-de-obra autoprogramável?

Caso você tenha pensado e respondido que será qualquer uma das duas alternativas preferimos pensar, apoiados no referencial que trouxemos à discussão deste trabalho, que nossas esperanças são a superação da sociedade em rede tal como hoje se apresenta e que não haja mão-de-obra, mas sim sujeitos formados e comprometidos com um trabalho autônomo e emancipado, baseado sim nos avanços tecnológicos, mas não tornando-se reféns deles.

Frigotto sempre observa que o socialismo não visa o quanto pior melhor para que as pessoas pensem na superação do quadro hegemônico do capitalismo.

Os avanços tecnológicos também são alicerces de um projeto emancipatório, contudo aquilo que guia tal projeto não é a submissão dos sujeitos, e sim a sua libertação através das plenas potencialidades oferecidas pelo trabalho humano, que também se concretiza nos avanços tecnológicos.

Tendo elaborado o quadro teórico, finalizado com esse confronto de idéias, esperamos ter dado uma noção de como, ao longo do trabalho, utilizaremos os conceitos aqui abordados.

Esse alinhamento teórico é também importante para que, no entendimento da continuidade dessa pesquisa possamos pensar nas questões relacionadas ao trabalho docente, frequentemente envolvido por mudanças, e que neste momento se vê questionado a mais uma vez se adaptar, devido aos incrementos trazidos pelos avanços tecnológicos que não podem ficar do lado de fora das salas de aula.

Entender a formação humana na sociedade da informação é de extrema importância para que possamos ter uma compreensão de como esse processo afeta o trabalho de professores e professoras, na dita sociedade do conhecimento.

Na continuidade deste trabalho discutiremos mais efetivamente como se situa a educação na sociedade da informação e comunicação, em suas contradições,

mais uma vez levantando a questão da formação humana e de que maneira a educação a distância tem, apoiada por diferentes projetos (hegemônicos, neoliberais, emancipatórios, alienantes etc.), tomado a cena quando falamos de educação na sociedade do conhecimento.

Para finalizar este capítulo, deixamos uma imagem que ilustra bem o quadro de contradições que foi levantado:



**Imagem 2 – Inclusão Digital**

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://s3k7or.files.wordpress.com/2009/03/inclusao-digital2.jpg> Acesso: 05/08/09.

## 2 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E FORMAÇÃO HUMANA EM UMA PERSPECTIVA DEMOCRÁTICA

(...) O outro viés situa-se na visão de 'pura negatividade' da ciência, da técnica e da tecnologia em face da sua subordinação aos processos de exploração e alienação do trabalhador como força cada vez mais diretamente produtiva do metabolismo e da reprodução ampliada do capital. Isso conduz a uma armadilha para aqueles que lutam pela superação do sistema de relações sociais, por encaminhar o embate para um âmbito exclusivamente ideológico e / ou por conduzir à tese de que a travessia para o socialismo se efetiva pela degradação e pela miséria – 'tese do quanto pior melhor' – e não pelo aprofundamento das contradições entre o exponencial avanço das forças produtivas e o caráter cada vez mais opaco e anti-social das relações sociais sob o sistema capital. (Frigotto, 2006, p. 244).

### 2.1 Para além das aparências...

Neste capítulo pretendemos discutir algumas contribuições e contradições da inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na vida do homem e em seguida, mais especificamente, no campo da educação.

Trata-se, portanto, de uma discussão bastante controversa, ainda mais se pensarmos no referencial teórico que está sendo utilizado nesta dissertação: o materialismo-histórico e a abordagem histórico-crítica.

É controversa não porque exista essencialmente uma contradição entre as TIC e a formação humana visando à emancipação, mas sim pelas apropriações que são feitas por teóricos, quando têm alguma oportunidade de expressar as suas ideias a respeito desses temas.

Nesta etapa inicial do capítulo precisamos ter um piso para que nos apoiemos, para discutir as tecnologias e a formação humana com vistas à emancipação.

Um ponto em que precisamos estar de acordo é a superação da relação superficial entre tecnologias da informação e comunicação x exploração do homem x materialismo histórico e teoria histórico-crítica, na qual o resultado alienante cai sempre na equação: partindo do materialismo histórico, o homem é SEMPRE explorado no seu trabalho, principalmente com o advento das tecnologias da informação de comunicação.

Por um lado os marxistas se equivocam quando afirmam essa relação sem fazer uso das suas próprias crenças teóricas, ou, em outras palavras, sem submeter essa análise ao materialismo-histórico, o que os leva a uma conclusão precipitada e sem bases.

No entanto, também falham aqueles que embarcam, como nos diz Frigotto, na epígrafe, na “tese do quanto pior melhor”, pois se o socialismo se apóia e busca o bem-estar do homem, como sua finalidade, é contraditório que esse mesmo socialismo se baseie na desgraça humana para sustentar a sua superação.

Precisamos então pensar essas duas falsas premissas e ir além do aparente.

É certo que a ciência, a técnica e as tecnologias não são *a priori* inimigas do homem. Isso é uma dicotomia baseada em um discurso que minimiza ou o homem ou a ciência, técnica e tecnologia. O que se deve pensar, como afirma Frigotto (2006), é que, o que lhes dá caráter destrutivo, expropriador e alienador ou de emancipação humana é o projeto societário ao qual se vinculam e dentro do qual se desenvolvem (p. 244-245).

O debate não é se o computador substitui ou não o trabalho humano, mas sim, a que projeto esse mesmo computador está ligado. Visa à reprodução do capital, produzindo cada vez mais, em um tempo mais curto, cumprindo um papel alienador do trabalho daquele que o opera? Ou contribui para que esse sujeito questione a sua condição de explorado e colabore na sua emancipação?

Para exemplificar, podemos dizer que não estamos escrevendo essas linhas com o intuito de entregá-las a dirigentes capitalistas, pois não temos a menor pretensão de fazer deste trabalho um meio de reprodução do capital e exploração do homem.

Por outro lado, sem esse objeto chamado “computador”, as condições de escrita seriam outras, talvez usando uma máquina de escrever, quem sabe um caderno e uma caneta, mas enfim, nosso *trabalho* intelectual é mediado por este objeto que, de forma alguma, nos submete a uma exploração.

Assim, ignorar as tecnologias da informação e comunicação como produto de um processo do trabalho humano é negar a própria materialidade da ontocriatividade do homem. Em contrapartida, deixar de fazer uma análise histórico-social das condições como as TIC são incorporadas à vida das pessoas é dar um passo rumo à alienação.

Da mesma forma como pensamos o trabalho, o conhecimento e a sociedade da informação e comunicação, pretendo questionar a incorporação das TIC à vida do homem, sem perder de vista a relação delas com o trabalho e a vida humana.

Partindo desta abordagem inicial, nossa intenção foi deixar alguns pontos de vistas claros, antes do mergulho que vai ser dado ao longo desse capítulo.

O primeiro desses pontos é a ideia de que as tecnologias estão incorporadas em um projeto societário, que em nosso caso, brasileiros viventes no século XXI e também de boa parte do mundo, é o projeto capitalista, mais propriamente neoliberal, também enunciado como a sociedade da globalização.

Uma vez que o projeto societário é esse (capitalista), a menos que causemos uma transição para outro, ou a extensão da Terra não capitalista se estenda, as TIC continuarão inseridas neste modelo sócio-ideológico-econômico.

Portanto, não são as TIC o ponto de exploração, mas sim uma das formas (poderiam ser muitas outras) que o sociometabolismo do capital tem lançado mão para ampliar suas bases de exploração.

Um segundo ponto é a concepção de que as TIC podem e devem ser meios para a emancipação humana, contradizendo aqueles que só a veem como instrumentos alienantes.

Desta maneira, tendo levantado esses pontos, acreditamos que possamos partir para a discussão das relações entre as TIC e a vida do homem.

## **2.2 TIC: alguns pontos sobre as contribuições e contradições à formação humana**

Antes de iniciar a discussão propriamente dita, precisamos esclarecer um ponto. No capítulo anterior questionamos a denominação do nosso tempo / espaço atual como sociedade da informação e comunicação, contudo, dada a relação entre as TIC e essa terminologia, faremos uso da mesma, apesar de mantermos a posição de questioná-la como fenômeno globalizante e universal.

Em suas contribuições e contradições, buscarei analisar como ambas se dão e como interferem na formação humana.

Uma das pistas para entendermos essas contradições e contradições pode ser encontrada em Castells (2006, p.225), quando afirma que

(...) a era da informação é nossa era. É um período histórico caracterizado por uma revolução tecnológica centrada nas tecnologias digitais de informação e comunicação, concomitante, mas não causadora, com a emergência de uma estrutura social em rede, em todos os âmbitos da atividade humana, e com a interdependência global desta atividade. É um processo de transformação multidimensional que é o mesmo tempo incluyente e excluyente em função dos valores e interesses dominantes em cada processo, em cada país e em cada organização social.

A primeira das contradições e talvez a mais marcante, é a insistência em determinar o atual período histórico como um período revolucionário ou um período de revolução tecnológica como podemos ver em Castells (1999), quando, conforme defendemos desde o primeiro capítulo, está mais para um processo de maximização do modo capitalista de produção.

Como vemos em Mészáros, revolução social no sentido marxista implica uma radicalidade. Ora, se a era da informação não se aplica a toda a sociedade, pois como modelo sustentado no modo capitalista ela precisa de um contingente de reserva (mais à frente trabalharei a ideia de exclusão digital) a sua abrangência não pode ser irrestrita.

Mészáros aponta que em Marx, há uma necessidade da revolução ter um sentido verdadeiro e oniabrangente, o que significa que a transformação e o novo modo de controlar a metabolismo social devem penetrar cada segmento da sociedade (Mészáros, 2007, p. 78).

Desta forma, a concepção de revolução tecnológica perde o seu sentido, ainda mais se esta revolução for tomada com o título de “revolução pós-industrial”, termo e ideia também questionados por Mészáros, conforme vemos em seguida, criticando algo não muito diferente do conteúdo transcrito de Castells:

(...) Você deve ter lido livros e artigos nas últimas duas ou três décadas sobre a chamada “sociedade pós-industrial”. Que diabos isso significa? “Pós-industrial”? Enquanto a humanidade sobreviver, ela tem de ser industrial/industrial. Tem de trabalhar para reproduzir-se. Tem de criar as condições sob as quais a vida humana não apenas permanece possível, mas também se faz rica em satisfação humana. E isso só é concebível pela indústria, no sentido mais profundo do termo. Seremos sempre industriais, em oposição à fantasia propagandística autovantajosa segundo a qual a “revolução da informação” tornará todo trabalho industrial completamente supérfluo (Mészáros, 2007, p.80)

Se a flexibilização de quase tudo é um dos traços marcantes da pós-modernidade, é possível então redimensionar o espaço, o tempo, o trabalho, o capital e tudo o que mais tiver que ser flexibilizado para que somente uma coisa seja mantida sem maiores alterações radicais: os ganhos, o lucro e a margem capitalista.

Como Bauman (2008), há quem acredite que essa mesma sociedade da informação e da comunicação, sociedade pós-industrial, pós-moderna e tantos outros pós e novos (neos), seja caracterizada como “liquefeita”, “dispersa”, espalhada e desregulada e que não pressagia o divórcio ou uma quebra final na comunicação, mas vaticina um rompimento entre capital e trabalho (p. 37).

São dois pontos de vistas diferentes, pois em Castells e Bauman vemos a superação de um tempo / espaço para a incorporação de outro. Já em Mészáros, apoiado em Marx, temos uma concepção diferente de revolução. Como autor deste trabalho, juntamo-nos à segunda ideia, reconhecendo contudo, algumas contribuições da “era da informação”.

Vamos tentar levantar essas contribuições, embora não seja possível desatrelá-las de suas contradições, afinal esse é um de seus traços marcantes.

Para dar conta desse inventário de contribuições, levantaremos ideias trazidas por bons autores que discutem as TIC e com isso, suas crenças na capacidade de transformações que essas tecnologias têm.

É importante ressaltar um ponto, antes de iniciar esse trabalho. Embora possam ter em algum momento de suas vidas discutido os referenciais teóricos marxistas, poucos desses autores atuam no campo do materialismo-histórico e essa é uma opção que eles têm todo direito, portanto, não esperem desses autores uma análise marxista da realidade que estudam.

A opção pelo marxismo foi tomada nesta dissertação, como forma de compreender a nossa realidade e é justamente neste cruzamento entre o referencial marxista e outros referenciais, que no caso dos autores que utilizaremos aqui, tende a ser mais pós-moderno, que a dialética se faz plena.

Preocupar-nos-emos mais com uma teoria sobre as TIC bem fundamentada do que sobre em que corrente ela é “encaixada” e “determinada”.

O passo seguinte após trazer essas contribuições é começar a indagá-las, partindo da base teórica explícita no capítulo anterior, discutindo então as

contradições encontradas nos usos contemporâneos das tecnologias da informação e comunicação.

### 2.3 Na caverna, a sombra e a luz<sup>5</sup>

Se nos libertássemos das correntes e nos virássemos para a entrada da caverna, poderíamos constatar nosso erro. Logo depois que a luz deixasse de nos perturbar a visão e ser dolorosa, começaríamos a perceber as pessoas e os objetos reais, que só conhecíamos sob a forma de sombras. Devido ao hábito, ainda nos agarraríamos às sombras por algum tempo, acreditando que elas fossem reais e que suas fontes eram apenas ilusões. Mas se fôssemos tirados da caverna para a luz, chegaríamos à visão correta das coisas e lamentaríamos nossa antiga ignorância (Oliveira, 2005, 104)

Sem fazer qualquer analogia às tecnologias como a luz ou superação da “antiga ignorância”, vemos nesse trecho a maneira emblemática como as TIC têm sido trabalhadas no sentido de contribuir para a vida das pessoas.

Mais adiante no seu trabalho, Oliveira nos alerta que determinados aspectos relativos à EAD podem ter essa ambigüidade, ser luz e ser sombra, dependendo do projeto no qual estejam inseridos, ou, em outras palavras, concorda com o que assinalamos no início deste capítulo: as TIC não são uma entidade à parte da sociedade, elas são sim apropriadas por nós.

Mas esta autora tem um posicionamento, e deixa claro qual é, quando afirma que

Acreditamos que a Educação a Distância, com a possível democratização do acesso ao conhecimento, pode constituir um “mapa”, uma “trilha” que poderá facilitar ao homem a saída da caverna da ignorância e da exclusão dela decorrente (Oliveira, 2005, p. 104).

Manuel Castells (2003) elenca os diversos âmbitos nos quais as tecnologias da informação e comunicação implicam, entre eles:

- os negócios;
- a cultura;
- a sociabilidade humana;
- a política, e;

---

<sup>5</sup> Utilizamos nesta seção o mesmo sub-título utilizado pela autora Eloiza Oliveira (2005), por acreditarmos que ilustra com exatidão o assunto que pretendemos abordar.

- as nossas noções de tempo e espaço;

Entre todos esses aspectos, um em especial nos interessa: relação entre a formação humana e as TIC.

Quando Oliveira tratava da sombra e da luz, e junto a estas dos benefícios das tecnologias quando aplicadas à educação, explicitava um campo no qual as TIC têm tido uma grande inserção seja em ambientes formais, não-formais, como informais.

Isto tem relação direta com o que diz Lévy (1999), ao trabalhar com a ideia de duas reformas necessárias aos sistemas de educação e formação.

A primeira reforma deve acontecer porque a TIC favorecem “ao mesmo tempo aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede” (Lévy, 1999, p. 158).

A segunda reforma, porque

Se as pessoas aprendem com suas atividades sociais e profissionais, se a escola e a universidade perdem progressivamente o monopólio da criação e transmissão do conhecimento, os sistemas públicos de educação podem ao menos tomar para si a nova missão de orientar os percursos individuais no saber e de contribuir para o reconhecimento dos conjuntos de saberes pertencentes às pessoas, aí incluídos os saberes não-acadêmicos (Lévy, 1999, p. 158).

O que vemos então, segundo este autor é a necessidade de reformar a educação institucionalizada em prol de uma formação humana mais ampla, que reconheça saberes acadêmicos e não acadêmicos.

Essas reformas seriam engatilhadas não em função das, mas a partir das contribuições das tecnologias da informação e comunicação, dadas as “novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecidas pelo ciberespaço” (Lévy, 1999, p.172)

Assim, as TIC e mais especificamente a educação (para este trabalho) implicam diretamente a formação humana. Como aponta Sancho (2006), “o âmbito da educação, com suas características específicas, não se diferencia do resto dos sistemas sociais no que se refere à influência das TIC” (p.19).

Em um pensamento próximo ao de Oliveira, Lévy e Castells, Sancho crê que,

Quem considera que a aprendizagem se baseia na troca e na cooperação, no enfrentamento de riscos, na elaboração de hipóteses, no contraste, na argumentação, no reconhecimento do outro e na aceitação da diversidade vê nos

sistemas informáticos, na navegação pela informação e na ampliação da comunicação com pessoas e instituições geograficamente distantes a respostas às limitações do espaço escolar (Sancho, 2006, p.21)

Portanto, são diversas as contribuições que as TIC trazem ao homem, e preferimos focar aquelas relacionadas à formação humana, mais propriamente no campo da educação.

Ao longo desse capítulo, ainda veremos outras contribuições, principalmente através da educação a distância.

É necessário, porém, tratar de uma das contradições que envolvem as TIC: a discussão entre inclusão e exclusão digital; e faremos isso na próxima seção

## **2.4 Inclusão excludente ou exclusão inclusiva?**

Nos trechos dos autores que vimos anteriormente neste trabalho, há um traço em comum, que é a amplitude de possibilidades que as TIC trazem à vida do homem.

Contudo, como já discutimos em parte no capítulo anterior, essa amplitude tem um limite e não é um limite que, atualmente, pode ser desconsiderado.

Se por um lado temos uma possibilidade imensa de democratizar o conhecimento, mudar as noções de autoria, expandir os espaços de publicação que fazemos, pensamos, produzimos etc., por outro lado há um contingente enorme que não dispõe dessas possibilidades.

E nesse sentido, propomos algumas questões para pensarmos:

*Como uma estrutura que tem um potencial absurdo para incluir ainda mantém muitos à margem?*

*Por que estamos em uma sociedade que promete ser em rede e ainda não conseguimos dar conta de abarcar a maioria dos homens nessa mesma rede?*

*Essa rede deve abarcar a todos?*

Para trabalhar essas questões, trazemos as noções de inclusão social e exclusão digital (Warschauer, 2006), além de divisão digital (Castells, 2003).

Para Warschauer (2006), o conceito oposto à exclusão digital é a inclusão social, ou seja, para ele, a superação da exclusão do mundo digital não passa somente pela inclusão à rede e sim por um processo mais profundo, ou, nas palavras do autor,

Ao focalizar a tecnologia com o propósito de inclusão social, espero ajudar a reorientar o debate sobre a exclusão digital, que focaliza defasagens a serem superadas pelo fornecimento de equipamento, para a discussão que focaliza questões de desenvolvimento social, a serem tratadas mediante a integração eficaz das TIC em comunidades, instituições e sociedades (p.25).

Podemos entender, portanto, que não é o acesso simples às TIC o fator determinante para a superação da exclusão digital, mas sim a apropriação que se faz dela. Como afirma Lévy, “por trás das técnicas agem e reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda gama dos jogos dos homens em sociedade” (Lévy, 1999, p. 24)

Isso nos permite um entendimento do quão necessário é discutir a primeira questão levantada? Potencial para incluir significa inclusão ?

Poderíamos afirmar de maneira segura que não, isso porque há um fator intermediário que não pode ser desprezado: os projetos econômico-societários.

O entendimento do que seja “desenvolvimento social”, para usar a expressão de Warschauer, varia muito dependendo do ponto de vista político de quem esteja gestando as políticas públicas.

Para alguns, desenvolvimento a partir da utilização das TIC pode passar longe da inclusão social, para outros, necessariamente passa por ela. Há quem acredite que distribuir equipamentos, baratear o acesso ou dar isenção àqueles que pretendem adquiri-los é sinônimo de desenvolvimento. Outros já não têm a mesma concepção, entendendo essas ações como paternalistas.

Não pretendemos julgar os méritos de uma corrente de pensamento ou de outra, mas chamar a atenção para que tenhamos em mente que diferentes posicionamentos acarretam diversos modos de lidar com o que se intitula “desenvolvimento social”.

Quando questionamos: *“Como uma estrutura que tem um potencial absurdo para incluir ainda mantém muitos à margem?”* há alguns valores implícitos, tais como:

- o reconhecimento dos potenciais das TIC para a inclusão;
- o reconhecimento que embora tenha potencial para incluir, há, ainda, um contingente significativo de excluídos;
- a dúvida se será pelas TIC que superaremos esse quadro de exclusão.

Portanto, não se trata de negar neste trabalho que as TIC podem sim trazer uma contribuição inestimável à inclusão social. Não se trata, no entanto, de também perceber que este projeto não está sendo concretizado, haja visto a margem de excluídos digitais e sociais que temos em nosso mundo.

Trata-se de pôr em dúvida o papel das TIC tanto nos processos de inclusão quanto de exclusão. É justo ressaltar, no entanto, que qualquer afirmativa que só tenha o foco nas TIC é leviana, pois o problema real está no projeto de sociedade pretendido, como já afirmamos anteriormente.

Essa contradição fica evidente em Frigotto:

A forma histórica dominante da ciência, da técnica e da tecnologia que se constituíram como forças produtivas destrutivas, expropriadoras e alienadoras do trabalho, sob o sistema do capital, não é determinante a elas intrínseca, mas depende de como elas são dominantemente decididas, produzidas e apropriadas social e historicamente sob esse sistema (Frigotto, 2006, p. 244)

Daí o fato de que, por mais contribuições que as TIC possam trazer à diminuição das exclusões, uma vez inseridos como estamos em uma sociedade do capital, poucas são as possibilidades vanguardistas de ruptura da mesma, a menos que o próprio sistema seja superado.

Isso deve nos levar ao pessimismo, à falta de perspectivas? Ao “já que não tem remédio remediado está”? Óbvio que não, por um motivo bastante simples: da mesma maneira como as redes potencializam jogos de poder para manutenção do já estabelecido, contribuem também para uma série de ações de certa forma “subversivas”.

Seria a utilização dos meios dados para a ruptura, ou melhor, para a superação de um determinado quadro. Não são poucos os movimentos sociais que fazem usos das redes para propagandear suas ideias e contar como novos membros à sua causa.

Se há potencial para manutenção de poder, há também potencial para a tomada do mesmo e, de certa forma, isso se traduz na seguinte afirmativa:

Do ponto de vista político, o objetivo da utilização das TIC com grupos marginalizados não é a superação da exclusão digital, mas a promoção de um processo de inclusão social. Para a realização disso, é necessário 'focalizar a transformação, e não a tecnologia'. (Warschauer, 2006, 24)

Trabalhando portanto, com um conceito mais amplo de inclusão digital, na qual não há como se chegar sem que se modifiquem também as estruturas sócio-econômicas, podemos nos arriscar a responder a terceira questão posta: *Essa rede **deve** abarcar a todos?*

Quando no capítulo anterior trabalhamos com a ideia de que o trabalho e o conhecimento, quando mediados pelas diversas tecnologias, são aspectos formativos do homem, nossa intenção era dizer: não há como chamar de homem um indivíduo, senão aquele formado pelo trabalho, que aplique seus diversos conhecimentos e utilize as variadas tecnologias.

Vamos considerar que realmente estamos na Sociedade da Informação e Comunicação. Se tomarmos isso como uma verdade e considerando também que a tecnologia informática é o veículo condutor desse tempo histórico, um sujeito que se mantém à margem da utilização dessas tecnologias seria efetivamente um excluído da rede?

Quem determina o pertencimento ou não à rede? Quem rotula um camponês que nunca teve acesso à rede de excluído digital? Quem determina para que lado devem se voltar as Políticas Públicas de acesso?

Temos a tendência de não considerar esse camponês um excluído digital. Acreditamos que um sujeito possa dizer que não quer fazer parte da rede, desde que, como debate com a orientadora desta pesquisa, seja dada a este sujeito a oportunidade de escolher se quer ou não participar.

Quando eu, como o faz o Estado, determino um parâmetro para ser ou não excluído, para estar ou não na faixa de pobreza ou outros tantos níveis hierárquicos, alguns fatores acabam passando sem a devida análise.

Assim, de posse desses parâmetros, os gestores públicos pensam em políticas de acesso na qual, como temos visto, o foco é o acesso e não a forma como se utiliza ou como se está na rede.

Não basta então determinar as políticas de acesso ou decidir quem são os excluídos ou incluídos, mas sim, pensar em possibilidades para superação daquilo que não as permite acessar, ou ainda, considerando as nossas diversas realidades,

reconhecer que, por mais haja uma corrente rumo à Sociedade da Informação e Comunicação, há aqueles que desejam não pertencer a esta rede e estes não podem ser rotulados como excluídos digitais.

Isso nos traz alguns apontamentos, entre eles, que o pertencimento à rede não é simplesmente ter ou não acesso, o que se traduz na concepção de “divisão digital” de Castells (1999), que “diz respeito à desigualdade de acesso à internet” (p.203) ou, em outras palavras, embora o acesso quantitativo seja importante, não menos fundamental o acesso qualitativo, conforme o autor, “a divisão digital não é medida pelo número de conexões com a internet, mas pelas consequências tanto da conexão quanto da falta de conexão” (Castells, 1999, p. 220).

Outro apontamento é que o caminho rumo à inclusão não é simplesmente focar as políticas nos seus aspectos digitais, mas sim no caráter social e econômico. (Warshauer, 2006), pois há questões sociais a serem superadas antes ou no mínimo em paralelo, para que possamos pensar em uma inclusão plena, dentre a qual haverá a inclusão digital.

Há ainda uma terceira rota a se pensar, no que diz respeito às TIC e às possibilidades de transformação a partir das mesmas, que trataremos na seção a seguir.

## **2.5 TIC e EAD: possibilidades de democratização da educação ou exclusão educacional institucionalizada?**

Neste ponto, retornaremos à importância das tecnologias e do conhecimento na formação humana focando a questão nas TIC, afinal, tanto este capítulo, como o anterior nos guiam para em seguida trabalhar uma modalidade de educação cujo principal meio são as tecnologias informáticas, ou seja, a Educação a Distância (EAD).

Dissemos que a educação pode ser uma rota que nos encaminha à superação de diversas formas de exclusão, assim como pode servir também como um mecanismo de reprodução de desigualdades e manutenção do *status quo*.

Vimos também que isso varia de acordo com o projeto societário no qual está inserida.

Com isso, em relação à educação, temos visto diversas movimentações, entre elas aquela que enuncia uma mudança significativa da lógica de dispersão do saber a partir da Educação a Distância (EAD).

Trata-se de uma lógica de “dispersão necessária”, pois concretamente, vemos que no caso do ensino superior e até nos outros níveis, os pólos de excelência em termos de educação mantêm-se nas metrópoles.

Discutiremos o caso do Estado do Rio de Janeiro mais à frente, mas desde já, podemos apontar como um indicador o seguinte dado: das seis universidades públicas do Estado, situam-se na capital as seguintes instituições – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Além disso, na segunda maior cidade do estado está outra instituição, a Universidade Federal Fluminense (UFF). Sendo assim, somente duas universidades não estão nas grandes cidades do estado: a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Isso reforça o que diz Oliveira (2005, p. 45), pois segundo a autora, *a educação a distância se vem apresentando como uma possibilidade concreta de fazer a educação superior ultrapassar os centros urbanos, permitindo que a formação continuada se faça pelo acesso a novas tecnologias.*

Nosso objetivo neste ponto não é discutir o potencial inclusivo da EAD, pois acreditamos que as possibilidades trazidas por ela sejam diversas, mas sim os usos que se pode tirar desta modalidade, seja para democratizar, seja para segregar por meio da educação.

Há, portanto, dois fatores principais que colocam a EAD como uma opção viável para a capilarização da educação.

Primeiramente, porque embora tenha altos custos de implementação, a sua manutenção é menos custosa que os cursos na modalidade presencial. Monta-se a estrutura inicial e os gastos seguintes passam a ser gradativamente menores, ao contrário da educação presencial, cujo valor é constante e proporcionalmente maior que a EAD.

Em segundo lugar, porque dependendo das mídias utilizadas a EAD pode ter uma penetrabilidade bastante significativa, até mesmo em âmbito nacional, mesmo considerando as dimensões continentais do Brasil.

Por outro lado, devido a experiências anteriores, ainda vemos um grande descrédito quanto à EAD, preconceitos motivados pela crença de uma suposta facilidade dos cursos, da existência da venda de diplomas ou mesmo da inferioridade do aspecto didático-pedagógico – uma educação de pior qualidade.

Com a implementação das TIC à EAD, e sucessivas mudanças nos seus aspectos pedagógico-estruturais, presenciamos um crescimento na adoção da Educação a Distância, ao mesmo tempo em que os avanços midiáticos possibilitaram diversas inovações didáticas, atraindo um público cada vez maior.

O impulso da EAD traz em seu bojo uma outra questão, essa intimamente relacionada à exclusão no Ensino Superior: a falta de vagas nos cursos presenciais, que impulsiona instituições a investirem de maneira crescentemente nesta modalidade, principalmente no ensino público.

No Estado do Rio de Janeiro, temos 6 (seis) instituições públicas credenciadas pelo MEC a oferecer cursos de graduação na modalidade a distância, a saber<sup>6</sup>:

- Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ;
- Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF;
- Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ;
- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ;
- Universidade Federal Fluminense – UFF e;
- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Além dessas também está credenciada pelo MEC a Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP), que só pode oferecer cursos de pós-graduação *lato sensu*.

Já no ensino privado, temos 6 (seis) instituições credenciadas a oferecer cursos de graduação a distância, sendo elas:

- Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (EBAPE);
- Instituto A Vez do Mestre (IAVM);
- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio);

---

<sup>6</sup> Dados disponíveis no Sistema de Consulta de Instituições Credenciadas para Educação a Distância (SIEAD). Acesso: <http://siead.mec.gov.br/novosiead/web/site/#app=6999&af4e-selectedIndex=1>

- Universidade Castelo Branco (UCB);
- Universidade Estácio de Sá (UNESA) e;
- Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

Quanto ao oferecimento de cursos de pós-graduação a distância na rede privada, temos além das instituições citadas acima, mais outras 07 (sete):

- Centro Nacional de Educação a Distância – SENAC;
- Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM;
- Escola de Pós-Graduação em Economia e Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas – FGV;
- Faculdade de Economia e Finanças – IBMEC;
- Faculdades Integradas de Jacarepaguá – FIJ;
- Instituto de Pós-Graduação Médica do Rio de Janeiro - IPGMRJ e;
- Universidade Gama Filho - UGF.

Como hipótese para explicar o fenômeno de tal predomínio de oferecimento dos cursos de especialização, no qual não pretendo me aprofundar, poderia apontar a maior regulação e normatização dos cursos de graduação em relação às especializações, o que em termos de EAD significa mais custos. Isto, para as instituições particulares, quer dizer diminuição na margem de lucro.

Por outro lado, os custos para as instituições públicas não são um fator determinante para a adoção ou não de uma Política Pública, embora, se o mesmo investimento, na mesma escala fosse feito em cursos presenciais, os gastos seriam muito maiores.

Com essa hipótese tendemos a crer que um dos fatores mais relevantes para a adoção ou não da EAD é o aspecto financeiro envolvido, em se tratando do ofertante. Mas e do lado que quem “recebe” essa oferta? A EAD possibilita outros horizontes ou não?

Para responder a esta questão, podemos tomar duas direções: a questão da aprendizagem e a questão da “viabilidade”.

A nossa relação com o conhecimento tem sido afetada em função das TIC, pois se considerarmos o potencial que estas têm em termos de rapidez de atualização das informações, abrangência, interação entre os diferentes autores e

atores, entre outros fatores, veremos que comparadas a outras tecnologias, as de informação e comunicação nos possibilitam diferentes aprendizagens.

Os ditos “nativos digitais”, geração formada pelas crianças e jovens da segunda metade da década de 90 e início dos anos 2000, tem uma familiaridade bastante avançada com as tecnologias digitais, pelo menos aqueles que têm acesso mais facilitado a este meio e lidam com bastante versatilidade com as TIC.

Em relação aos nativos digitais, costuma-se dizer que enquanto nossa geração pensa analogicamente, esses jovens têm um pensamento digital, uma rotina de vida multimidiática, desempenham diversas tarefas simultaneamente (escutam músicas no formato de MP3 em seus *players*, veem televisão nos seus celulares, interagem com vídeos-games cada vez mais avançados, entre outras atividades).

E qual é a relação do que foi tratado acima com o problema dos horizontes da Educação a Distância para aqueles que a “recebem”? A área dos estudos da Aprendizagem já nos deu subsídios para entender que as pessoas têm diferentes tempos para suas aprendizagens e que esse processo não se desenvolve em “escala industrial”, portanto, é um caminho bastante individualizado.

Como nos diz Oliveira (2005),

A aprendizagem tem origem na ação do aluno sobre conteúdos específicos e sobre as estruturas previamente construídas que caracterizam seu nível real de desenvolvimento no momento da ação (p. 52)

Na Educação a Distância mediada pelas tecnologias da informação e comunicação temos a oportunidade de trabalhar com sujeitos que se adequam melhor a um estilo de aprendizagem diferente do tradicionalmente utilizado nas escolas, na qual a base, em geral, são as aulas expositivas, com predomínio da ação docente e com poucas brechas para a interação discente-discente, docente-discente.

Não que na EAD tenhamos uma inversão completa desse quadro, significando a salvação para uma Educação melhor, mais democrática e mais significativa, no que diz respeito à aprendizagem, mas há uma promessa de que, sendo alicerçada no conceito de autonomia, possibilite ao educando traçar com mais liberdade a sua relação com o saber.

Em relação ao problema da viabilidade, já vimos algumas vezes neste trabalho que as demandas do mundo contemporâneo, principalmente as questões de trabalho, têm implicações à formação e à dos sujeitos.

Há a problemática da exigência de desenvolvimento constante de competências para o trabalho, o que leva as pessoas a exaustivamente buscarem cursos, sejam lá quais forem para se qualificar.

Em contraposição a essa exigência ferrenha, o mundo do trabalho trata de ocupar mais e mais espaço na vida das pessoas, embora a jornada oficial de trabalho, para a maioria de nós seja a mesma (em geral 40 horas semanais).

Como resultado dessa equação mais exigência por formação profissional x maior carga de trabalho, temos um malabarismo para aqueles que tentam atender aos dois fatores.

Para equilibrar um pouco mais essa equação, a EAD tem uma relevância fundamental, pois permite que tanto dentro dos postos de trabalho, quanto fora deles, os trabalhadores deem andamento à sua formação, sem necessariamente prejudicar a sua produtividade, comprometendo as suas horas de trabalho.

Não estamos questionando neste momento se essa lógica é justa ou não, apenas estamos expondo o problema, sem negar que ele de fato existe.

Temos profissionais cada vez mais exigidos em sua formação e com um tempo que se reduz relativamente com maior intensidade, o que na “sociedade da informação e comunicação” impõe-se como um problema.

Ao prometer uma flexibilidade de tempo e espaço para a formação, a EAD se apresenta como uma possibilidade de superação a este problema, democratizando assim o acesso à formação. Quem pode dizer agora que não tem tempo para estudar? Será que a resposta a isto é tão simples assim?

Assim como em relação à oferta, é preciso deixar um pouco de lado a visão romântica em relação aos demandantes.

Primeiramente porque embora o diferencial do estilo de aprendizagem mais autônomo seja um fator muito importante na EAD, o que ainda determina em grande parte a sua procura é a flexibilidade de tempo e espaço.

Neste sentido, a EAD se apresenta como uma possibilidade de democratização da educação, afinal oportuniza o acesso a sujeitos que teriam dificuldade de fazer cursos presenciais.

A EAD também responde de forma inclusiva àqueles que têm uma demanda por formação dentro do próprio ambiente de trabalho ou em horários mais flexíveis.

Contudo, apoiado em Warshauer (2006), temos que lembrar que acesso, inclusão, ou outros conceitos positivos que têm este mesmo sentido, não podem ser alicerçados simplesmente no binômio ter x não ter.

O fato de ter um curso a distância que se diga mais interativo não significa necessariamente que ele seja interativo, pois há diversos fatores envolvidos no seu *modus operandi*, para que essa interatividade seja garantida ou não.

Isso também se dá em relação à autonomia, afinal, nem todo curso a distância promove a autonomia, do mesmo modo que nem todo curso presencial é tradicional e ambas as premissas enunciadas acima têm outros tantos desdobramentos, como nem tudo que é tradicional é de pior qualidade e assim poderíamos seguir indefinidamente.

Essa mesma lógica de contradições pode ser aplicada ao problema da viabilidade, afinal, por mais que flexibilizar o tempo e os espaços de aprendizagem possa ser um ganho para o trabalhador, não são todos os casos em que isso se dá na sua completude.

Não são todos os sujeitos que têm a possibilidade de fora de seus ambientes de trabalho dar continuidade a seus estudos mesmo que a distância, afinal tal modalidade exige uma infra-estrutura própria, como um computador conectado a rede, acesso com uma banda de conexão que tenha uma boa velocidade e ainda outros equipamentos adicionais, como impressora, *web cam*, entre outros.

Há ainda uma questão que fica como provocação, pois não pretendo me aprofundar nela, pelo menos neste instante, que é: se trata-se de uma formação exigida pelo trabalho, não deveria este momento ser caracterizado como trabalho ou pelo menos subsidiado pelo empregador? Embora em alguns casos a questão seja tratada desta forma, isso não é regra, o que impõe aos sujeitos uma demanda a mais.

Caminhando para a conclusão deste capítulo, pretendemos nas linhas acima interrogar se estamos tratando de uma democratização da educação ou de uma exclusão educacional institucionalizada.

Pensemos em um sujeito que se inscreve em um curso a distância, tendo-o praticamente como única oportunidade de dar continuidade a seus estudos, afinal os cursos superiores mais próximos ficam a vários quilômetros de distância e ao

ingressar na faculdade a distância se depara com uma série de exigências materiais e saberes relacionados às TIC que naquele momento ele não tem condições plenas de enfrentar.

Quais são as alternativas dadas a este sujeito? Não seria o caso de pensarmos nas condições que o fazem não somente ter dificuldade para continuar seus estudos, mas também nas condições estruturais que dificultam seu acesso aos meios materiais que outros têm?

Não basta dizermos que o acesso foi ampliado, é necessário investigar e modificar as condições que o fazem não ser possível para todos.

## 2.6 EAD para democratizar?

A EAD, em um país como o nosso, atende à premente necessidade de democratização do saber, à ideia de educação/formação contínua, à capacitação profissional e, fundamentalmente, à educação para a cidadania, de que tanto necessitamos (Oliveira, 2005, p. 70)

Neste capítulo, tratamos da importância que a EAD vem adquirindo no que diz respeito à formação dos sujeitos, buscando levantar quais são as contradições envolvidas neste processo, bem como, as contribuições trazidas.

O eixo central foi o *link* entre a formação humana, baseada nos conceitos enfocados no capítulo anterior, a saber: trabalho, conhecimento e tecnologias, e a utilização das TIC na chamada Sociedade da Informação e Comunicação.

O questionamento que nos leva à reflexão na conclusão deste capítulo é: a EAD, com utilização das TIC, é um meio para a democratização da Educação na contemporaneidade e emancipação do homem ou não, ou é só mais um mecanismo de exclusão e/ou alienação dos sujeitos?

Como vimos anteriormente, a utilização das TIC está imersa em uma série de contradições, como por exemplo, o acesso que as pessoas têm a elas, a forma como vêm sendo utilizadas/cooptadas e a sua potencialidade para formar cidadãos emancipados ou fazer com que as pessoas se tornem mais alienadas.

Antes de mais nada é necessário que se chegue ao consenso de que não são as TIC ou quaisquer outras tecnologias que fazem algo e sim, as maneiras como

estas são utilizadas, afinal, há sempre um pensamento humano por trás da utilização de qualquer tecnologia.

Com isso afirmamos que, ao contrário do que entoam os críticos mais ferrenhos às TIC, elas por si só não dão conta de sujeitar alguém, mas podem sim servir de mecanismo para tal fim, bem como, podem servir a outros fins bem mais respeitáveis, pois

(...) O que lhes dá caráter destrutivo, expropriador e alienador ou de emancipação humana é o projeto societário ao qual se vinculam e dentro do qual se desenvolvem (Frigotto, 2006, p.244).

É superficial, portanto, qualquer análise sobre as tecnologias que parte do pressuposto que por si só elas alienam, ou seja, em nosso entendimento, esse discurso sim é alienante e não nos permite um aprofundamento nas possibilidades que temos a partir do uso das TIC.

No que se refere ao presente trabalho, interessa-nos as maneiras como as TIC vêm sendo empregadas no campo da educação, destacando-se a Educação a Distância.

Na epígrafe desta seção, Oliveira nos indica algumas pistas desses empregos, destacando: a **educação/formação continuada**, a **capacitação profissional** e por fim a **educação para a cidadania**. Analisemos então esses três eixos.

Essa forma de pensamento se aproxima do que diz Lévy, ao afirmar que

Por meio da formação contínua, da formação alternativa, os dispositivos de aprendizagem nas empresas, a participação na vida associativa, sindical etc., está sendo constituído um continuum entre tempo de formação, por um lado, e tempo de experiência profissional e social, de outro (Lévy, 1999, p. 174).

Não é de se negar que a educação continuada é muito importante, mas atualmente a mesma é revestida de um aspecto de sobrevivência, ou seja, só permanece vivo perante o mercado de trabalho aquele que se atualiza.

É certo que o ritmo das mudanças no mundo do trabalho, em determinados setores da economia, hoje, é muito mais acelerado que em outras épocas.

Para que uma nova tecnologia fosse gerada e apropriada pela sociedade o tempo de “gestação” era bem maior, levando gerações inteiras a nem acompanharem o surgimento de algo novo.

O que vemos hoje é uma obsolescência frenética de determinadas tecnologias e modos de operá-las, o que demanda da parte dos sujeitos uma plasticidade imensa para adquirir novos conhecimentos.

Esse fenômeno de certa forma torna nossos conhecimentos mais rapidamente descartáveis, nos levando a uma busca contínua por uma formação que dê conta de lidar com eles.

É nesse sentido que entra o aspecto cruel da sobrevivência, pois tal como em uma seleção natural, sobrevive à estrutura aqueles cuja capacidade de conhecer coisas novas e mais rapidamente se dá de forma sistemática.

Em função dessa aceleração da busca pelos saberes acompanhamos uma certa fragmentação da formação, com vistas a acompanhar as demandas do mercado.

Quanto mais rápido se responde às necessidades do mercado, maior é a empregabilidade de uma pessoa ou, no caso das instituições, maior é a capacidade delas em formar quadros para a sociedade / cidadania / economia.

Com a potencialidade para capilarizar os saberes em uma velocidade relativamente grande, atingindo um grande contingente, a EAD tornou-se um veículo bastante adequado para que a lógica de mercado de formação pudesse se expandir.

Conforme já dissemos, os custos relativos à implementação de programas de capacitação contínua por meio da EAD são inicialmente maiores, mas ao longo do tempo, tornam-se mais vantajosas do que o modelo presencial, afinal, não é necessária a manutenção de um docente, os trabalhadores não precisam sair de seus postos de trabalho, além de atingir um número bastante superior de pessoas ao mesmo tempo, se comparados aos treinamentos tradicionais.

Além dos custos, os treinamentos a distância têm a “vantagem” de atacar em aspectos pontuais dos trabalhadores, aspectos esses normalmente levantados junto aos seus superiores, o que dá a esses treinamentos um aspecto bastante individualizado, já que cada funcionário tem um certo “pacote” de saberes a serem adquiridos.

Vemos desta maneira, que se empregada com esses fins, a EAD torna-se um poderoso instrumento de formação para o trabalho, mas não aquele trabalho ontocriativo, importante à formação do homem, mas sim, um trabalho fragmentado e pontual, alicerçados nas competências essenciais, para o desempenho de uma determinada função.

Esse modelo impregna as ações atuais voltadas para a formação de trabalhadores e seriam o que podemos chamar de economia do saber, ou, mercantilização do conhecimento.

Ao falar em Sociedade da Informação e Comunicação há quem trate a informação como produto e um produto bastante valioso neste mercado competitivo no qual vivemos, onde informação é sim um diferencial competitivo e, embora se pregue que há uma proliferação contínua de informações, há em contrapartida uma restrição e um entendimento de que informação é um elemento chave para se manter no mercado e levar vantagens em relação aos concorrentes.

Embora esse ponto de vista possa parecer exagerado, em determinados setores é isto que realmente acontece, daí o fato de se dizer que a informação é o produto mais importante nesta primeira década do século XXI.

Esse processo tem um forte impacto ideológico, afinal,

(...) No plano da ideologia e, portanto, sob a nova pedagogia da hegemonia como estratégia do capital para educar o consenso (Neves, 2005), apresenta-se o desenvolvimento científico, técnico e tecnológico associado à produção e, sob mundialização do capital, como motor inexorável da nova economia – livre, flexível, desregulada. Uma sociedade do conhecimento, pós-classista e 'globalizada' (Frigotto, 2006, p.251).

Mas será que esse é o único caminho reservado para as TIC na educação? Ao nosso ver não, pois há outros caminhos.

A apropriação do conceito de educação continuada pelo mercado é tomada, como já afirmamos, como uma questão de sobrevivência, contudo, conforme já vimos, tanto o trabalho como a produção constante de conhecimentos fazem parte da natureza humana.

A formação humana passa pelo trabalho, pelo conhecimento e pelas tecnologias, o que difere a alienação da emancipação são os modos como esses três elementos são utilizados pelo homem e para o homem.

Assim, não é o conceito em si de educação continuada que nos leva à alienação, mas sim o lugar que esta ocupa, ou, em outras palavras, se serve à sujeição do homem ou à sua formação concreta.

Se por um lado vemos as TIC sendo inseridas em um projeto profundo de economia do saber, vemos também que elas servem às possibilidades de educação com vistas à libertação dos sujeitos, como veremos agora.

Ainda na epígrafe, Oliveira (2005) falou em atender “à premente democratização do saber” (p.70), isso porque segundo a sua análise, o saber tem sido mantido me metrópoles, nas quais se concentram tanto as instituições quanto a produção de conhecimento.

Conforme levantamos, no caso específico do Estado do Rio de Janeiro, temos um número incomparável de instituições públicas de educação superior concentradas na capital, e sabemos que há Estados inteiros que não tem um número semelhante aos que existem só na cidade do Rio.

Isso demonstra o quanto a produção científica e as suas instituições permanecem concentradas em determinados nichos e é sob essa alegação, que se legitima a Educação a Distância como possibilidade de democratização da educação.

Vemos também que, dada as dificuldades relacionadas à formação de professores nos cursos presenciais, as Políticas Públicas de formação tem lançado mão mais fortemente da modalidade a distância, em função da penetrabilidade que tem.

Há outro fator relacionado à democratização, que não pode ser esquecido, afinal, devido às exigências do mercado, cada vez mais acelerado e demandando mais do trabalhador, estes poucas horas têm para dar continuidade à sua formação, de tal maneira que concretamente há pessoas que só puderam voltar seus esforços para o ensino superior porque este vem sendo oferecido também à distância.

É necessário, portanto, distinguir entre os projetos apresentados, aqueles que podemos estabelecer como processos democráticos daqueles que são mais um mecanismo para o qual o único interesse é o lucro.

Será que os cursos de graduação e pós-graduação a distância têm se preocupado, concretamente, com a formação do homem ou visam somente a venda da Educação?

Os cursos que vêm sendo oferecidos levam à reflexão crítica da realidade ou produzem uma massa de sujeitos que só reproduzem as práticas alienantes?

Quais são os objetivos dos gestores de Políticas Públicas quando lançam mão da EAD com o objetivo de democratizar a educação?

São algumas questões que devemos fazer para pensarmos a EAD como uma alternativa para a democratização da Educação, sabendo que há diversos projetos

envolvidos, com os mais variados objetivos, alguns alienantes sim, mas outros visando à emancipação do homem.

Há alguns pontos a serem superados até mesmo nos projetos que visem à democratização, como o acesso e pleno uso das tecnologias que sustentam os cursos. Um barateamento dos equipamentos, sem que isto represente utilização de tecnologias ultrapassadas nos países de ponta, além da questão das tarifas de acesso à rede, expandindo assim o uso de bandas mais largas de internet a um valor acessível.

Na primeira questão, por exemplo, não podemos ser ingênuos e colocar todas as instituições e cursos no mesmo patamar. É necessário um olhar mais aprofundado sobre cada caso para que cheguemos a alguma conclusão.

Podemos sim afirmar que tal como em relação às tecnologias, o que define uma instituição para uma posição de emancipação ou de reprodução é o projeto ao qual ela se propõe.

Ao investigar se um curso é ou não alienante, devemos nos inserir em sua realidade, ver quais são as relações que ali se dão e de que forma o embate de ideias se dá. Contudo lembremos que, uma vez inseridos em uma sociedade capitalista o pensamento hegemônico nos leva à reprodução de práticas e discursos que a fortaleçam.

Ser crítico em um ambiente alienante é buscar as possibilidades de superação daquela realidade e acreditamos que o saber científico tem que se encaminhar nesse sentido, não de reprodução, mas de superação da alienação.

Dito isto, no capítulo seguinte, daremos um enfoque a um modelo que acreditamos representar uma possibilidade de democratização da Educação superior, apesar de suas contradições. Trata-se do curso de Pedagogia na modalidade a distância oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, através do Consórcio CEDERJ.

Antes, enunciemos a maneira como acreditamos que as TIC possam representar uma possibilidade de democratização, pois

É preciso que as tecnologias não criem um abismo em nossa sociedade, na qual ainda hoje subsistem quadro-negros desbotados, folhas fotocopiadas em lugar de livros e alunos que ouvem aulas do corredor, porque não há lugar para eles nas classes. É preciso, portanto, que, no futuro, a educação a distância seja pensada como parte das políticas implementadas para reduzir as desigualdades, e não como instrumento para aprofundá-las. Esse é o seu desafio (Litwin, 2001, p.22).

Por que esta é a maneira com a qual compartilhamos o entendimento das TIC? Porque há uma série de variáveis que implicam a prática docente, entre elas a tecnologia disponível.

Sabemos que há espaços nos quais os professores não têm o mínimo e não podem ser as TIC (enunciadas como a tecnologia que pode incluir) as responsáveis por ampliar esse fosso.

Temos que fazer uso das TIC e das demais tecnologias para superar não somente as desigualdades, como para tornar concreto um projeto emancipador.

### **3 O CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA DA UERJ EM FOCO: UM ESTUDO DE CASO**

As concepções, os projetos e as políticas de educação escolar e de educação profissional em disputa hoje, no Brasil, ganham sentido como constituídos e constituintes da especificidade de projeto de sociedade em disputa pelo capital e pela classe trabalhadora (Frigotto, 2006, p. 242)

Na trajetória que temos traçado até o momento, partimos de categorias mais amplas e essenciais para este trabalho de pesquisa como um todo, buscando entender como o Trabalho, o Conhecimento e as Tecnologias agem como elementos constituintes do Homem.

Em seguida, relacionando esses três elementos, focalizamos a importância da TIC para a formação humana no contexto do início do século XXI, em uma sociedade cujo uso dessas tecnologias é bastante amplo, embora sofra com diversos *gaps* na distribuição, acesso e utilização das mesmas.

A tarefa intelectual que pretendemos empreender neste capítulo é focalizar ainda mais a ação de nossas categorias teóricas mais amplas, chegando a um caso específico: o curso de Pedagogia a Distância oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Se vocês acompanharam o caminho que foi percorrido, verão que nos dois capítulos que antecedem este, os conceitos de Trabalho, Conhecimento e Tecnologias estão presentes no que estamos entendendo como formação humana, tendo ficado mais explícitos no primeiro capítulo e embasando as análises feitas no segundo.

Nossa pretensão neste terceiro capítulo é analisar um curso que se propõe a formar educadores, entre os quais alguns atuam em sala de aula ou outras instâncias ligadas à educação, e que tem a sua relação com o conhecimento, ao longo da graduação, mediada pelas TIC com base nesses três elementos.

Antes de tratarmos do curso em si, cremos ser necessário explicar o porquê da sua escolha como nosso caso.

Vimos trabalhando tomando como base este curso de graduação a distância da UERJ desde 2004, inicialmente com uma abordagem de avaliação institucional

em um projeto do Núcleo de Gestão e Avaliação Institucional da Faculdade de Educação (NUGA/EDU/UERJ).

Tratava-se de um projeto de pesquisa que incluía bolsistas de Iniciação Científica, no qual o autor deste trabalho atuou entre os anos de 2004 a 2006. A produção relacionada à pesquisa foi considerável e, à época em que foi iniciada, se propunha a investigar um curso inserido em um contexto tido como pioneiro no Brasil, o Consórcio CEDERJ.

De 2004 até o presente momento tivemos um salto em relação ao curso, pois hoje o modelo do Consórcio CEDERJ é tomado como referência nacional (trataremos disso mais à frente), vários Pedagogos foram formados pelo curso e a pesquisa de Avaliação Institucional do NUGA foi encerrada.

Seguindo essa linha, a orientadora do Projeto de Pesquisa original (Eloiza da Silva Gomes de Oliveira) ingressou no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ), atuando como docente e desenvolvendo outros projetos de investigação.

Neste meio-tempo o curso mudou, possibilitando que sujeitos que não atuassem na Educação pudessem nele ingressar e o autor desta dissertação, já formado em Pedagogia no curso presencial oferecido pela Faculdade de Educação da UERJ, também ingressou no PPFH/UERJ.

Como já havíamos explorado a faceta institucional do curso, sua estrutura e seu *modus operandi* decidimos partir para a investigação das práticas desenvolvidas na sua base, daí o fato desta dissertação focar a na prática docente de egressos do curso.

E o que esta introdução nos diz? Antes de mais nada que estamos em um processo constante de mudanças ou continuidades, que devem ser abordadas se pretendemos estudá-las.

Se pretendemos fazer a análise de um caso, não podemos nos limitar simplesmente a descrevê-lo, mas sim entendê-lo em um tempo e em um determinado espaço e fazer as necessárias relações com o seu contexto sócio-histórico. Vemos isto em Kosik (1978, p. 40), pois o

Princípio metodológico da investigação dialética da realidade social é o ponto de vista da totalidade concreta, que antes de tudo significa que cada fenômeno pode ser compreendido como momento do todo. Um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como momento de um determinado todo; desempenha, portanto, uma função dupla, a única capaz dele fazer efetivamente um

fato histórico: de um lado, definir a si mesmo, e de outro, definir o todo; ser ao mesmo tempo produtor e produto; ser revelador e ao mesmo tempo determinado; ser revelador e ao mesmo tempo decifrar a si mesmo; conquistar o próprio significado autêntico e ao mesmo tempo conferir um sentido a algo mais. (Kosik, 1978, p. 40)

Seguindo esta concepção abordamos o curso de Pedagogia a distância da UERJ, procurando analisá-lo e inserindo-o em um projeto mais amplo, sem deixar de com isso debater as suas especificidades.

Assim, o que teremos a seguir é um trabalho de análise do curso citado em sua historicidade, a partir do referencial crítico que temos utilizado, além da colaboração de autores contemporâneos que tratam dos problemas relativos às TIC e à Educação.

Nossa análise partirá da importância do Consórcio CEDERJ no contexto da Educação a Distância no Brasil, passando por um breve histórico da EAD e as gerações que temos acompanhado se sucederem, para então discutir o Consórcio CEDERJ em si, finalizando com uma abordagem das possibilidades de contribuição do Consórcio à formação humana.

### **3.1 O papel do CEDERJ no contexto atual da EAD**

Para iniciar a nossa análise, cabe contextualizar os motivos que levaram o Consórcio CEDERJ a se tornar uma referência nacional. Nesta seção trabalharemos, portanto, sobre dois eixos:

- Como o Consórcio CEDERJ se tornou uma referência Nacional;
- Por que o Consórcio CEDERJ se tornou uma referência nacional.

E o que nos leva a dizer que o Consórcio CEDERJ é uma referência nacional? O que lhe dá tal título?

Como veremos mais à frente, este consórcio é uma iniciativa pioneira no Brasil, dado o fato de se constituir em uma rede de universidades públicas que oferecem diversos cursos na modalidade a distância.

Segundo Martins (2006, p. 73),

A criação, em 2000, de grandes consórcios nacionais de universidades públicas federais (UniRede, do CEDERJ – consórcio das universidades do Rio de Janeiro – e do Projeto Veredas em Minas Gerais) é um exemplo bem sucedido de colaboração interinstitucional, importante para a EAD no país. Essas iniciativas de oferta consorciada de EAD serviram de inspiração para o estabelecimento da política de fomento à EAD, desenvolvida pelo Ministério da Educação a partir do segundo semestre de 2004 (p. 73).

Quando Martins afirma que essas experiências serviram de inspiração para uma “política de fomento”, temos que ter em mente que esta inspiração é relativa à criação da Universidade Aberta do Brasil, que em suma não se trata de uma instituição de ensino superior, mas sim de uma rede de instituições que oferecem cursos na modalidade a distância, tendo como eixos principais os seguintes pontos<sup>7</sup>:

1. expansão pública da educação superior, considerando os processos de democratização e acesso.
2. aperfeiçoamento dos processos de gestão das instituições de ensino superior, possibilitando sua expansão em consonância com as propostas educacionais dos estados e municípios;
3. a avaliação da educação superior a distância tendo por base os processos de flexibilização e regulação em implementação pelo MEC;
4. as contribuições para a investigação em educação superior a distância no país.
5. o financiamento dos processos de implantação, execução e formação de recursos humanos em educação superior a distância.

Comparemos esses eixos norteadores aos objetivos do Consórcio CEDERJ<sup>8</sup>:

1. contribuir para a interiorização do ensino superior público, gratuito e de qualidade no Estado do Rio de Janeiro;
2. concorrer para facilitar o acesso ao ensino superior daqueles que não podem estudar no horário tradicional;
3. atuar na formação continuada, a distância, de profissionais do Estado, com atenção especial para o processo de atualização de professores da rede estadual de Ensino Médio;
4. aumentar a oferta de vagas em cursos de graduação e pós-graduação no Estado do Rio de Janeiro.

---

<sup>7</sup> Informação disponível em:

[http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=111&Itemid=27](http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=111&Itemid=27)

Acessado em 28/09/2009.

<sup>8</sup> Informação disponível em:

[http://www.cederj.edu.br/fundacaocecierj/exibe\\_artigo.php](http://www.cederj.edu.br/fundacaocecierj/exibe_artigo.php)

Acessado em 28/09/2009.

Percebemos na comparação entre os eixos norteadores da UAB e os objetivos do CEDERJ, que a gênese da questão é a interiorização do ensino superior público e a formação de pessoas (entendendo-se por isso em sua maioria professores) para atuar no campo da educação, formação esta que antes dessas iniciativas eram pouco acessíveis a um grande contingente da população brasileira.

Outro fator que nos permite dizer que o CEDERJ é uma referência nacional no que diz respeito à EAD pública no Brasil, é o fato de que a Secretaria de Educação a Distância (SEED) do MEC tem à sua frente Carlos Eduardo Bielschowsky, desde 2007, que acompanhou e presidiu o Consórcio desde a sua fundação, em 2002, até a sua nomeação para a Secretaria.

Em uma comparação, dada as suas devidas proporções, o esquema de funcionamento da UAB é semelhante ao do Consórcio CEDERJ.

Se no CEDERJ há pólos regionais inseridos em diversos municípios do Estado do Rio de Janeiro, nos quais os cursos são oferecidos, no caso da UAB, as universidades articuladas formam rede de instituições que oferecem os cursos de acordo com as suas estruturas físicas e peculiaridades locais.

Há outros fatores comuns a ambos os modelos, tais como a estrutura de pólos presenciais, de tutoria a distância e presencial, além de outros cargos, como por exemplo o professor conteudista, responsável pelo desenvolvimento do conteúdo do material didático.

É válido ressaltar que tanto no modelo da UAB quanto no do Consórcio CEDERJ, os cursos, embora sejam na modalidade a distância, apresentam arquitetura semi-presencial, pois há um entendimento de que deve haver uma parcela do curso com encontros presenciais e outras atividades desenvolvidas a distância.

Esta questão atende ao Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007<sup>9</sup> que estabelece a obrigatoriedade de atividades presenciais, tais como estágios, avaliações, defesa de trabalho ou práticas em laboratórios.

Desta maneira, sobre as questões postas no início desta seção, podemos dizer que o porquê do Consórcio CEDERJ ter se tornado uma referência nacional está ligado ao fato de tratar-se de uma experiência interinstitucional bem-sucedida, que conta com um apoio tanto acadêmico, quanto operacional bem estruturado e

---

<sup>9</sup> Ver ANEXO A

que, tendo como alicerce o Poder Público, não tem uma necessidade tão grande de agradar o seu público, afinal não há uma relação instituição x cliente, existente na iniciativa privada (pelo menos em parte dela), embora deva atender às expectativas dos seus alunos.

Com isso, pretendemos dizer que dado o financiamento público existente nessas experiências, a limitação é menor do que na iniciativa privada, quando procura e oferta são determinantes, além de qualidade representar necessariamente mais custos, o que diminuiria a margem de lucros.

Quanto ao como se tornou uma referência nacional, na medida em que o modelo do Consórcio CEDERJ foi sendo replicado a outras iniciativas e que a própria Secretaria de Educação a Distância do MEC foi assumida por um dos principais agentes envolvidos na consolidação do consórcio, o professor Carlos Eduardo Bielschowsky percebeu-se que era o modelo a ser seguido no âmbito das políticas públicas de formação em nível superior na modalidade a distância.

Mas devemos reconhecer também que a educação a distância não surgiu no Brasil com o advento da internet, muito menos com a criação do CEDERJ ou a UAB. Há uma história que remonta a épocas anteriores.

Conforme veremos em seguida, falamos de cinco gerações de EAD, com as suas respectivas tecnologias, conhecimentos e por que não dizer, parcelas de trabalho envolvidos?

### 3.2 Uma breve síntese das cinco gerações da EAD

Para trabalhar as cinco gerações da EAD, não somente no Brasil, mas no âmbito mundial, nos apoiaremos em outros autores que trabalham esta questão.

De início, podemos esquematizar as cinco gerações segundo o seguinte quadro:

GERAÇÃO	MODELO
1	Modelo por correspondência baseado na tecnologia impressa
2	Modelo multimídia, baseado nas tecnologias: impressa, áudio e vídeo

3	Modelo multimídia, baseado em tecnologias de telecomunicações que proporcionam oportunidades para a comunicação síncrona
4	Modelo de aprendizagem flexível, baseado na entrega <i>online</i> via internet
5	Modelo inteligente de aprendizagem flexível, que busca maximizar a utilização de recursos da Internet na Web

**Quadro 1: Gerações da EAD. Fonte: adaptado de Taylor (2003)**

Na primeira geração vemos que o enfoque é no ensino por correspondência. Segundo Gomes (2003), o início desta geração seria datado de 1833, considerando a existência de um registro publicitário retratando uma comunicação bidirecional através de correio. Gomes salienta que

Nesta geração tecnológica, devido à dependência dos serviços postais para a comunicação entre professores e alunos, esta é pouco freqüente e caracterizada por um tempo de retorno (resposta) bastante grande (Gomes, 2003, p. 138).

Já na segunda geração, há uma utilização mais intensa de tecnologias de comunicação eletrônica, sejam por telefone, seja por áudio e vídeo.

Gomes comenta que a utilização desses recursos “veio a permitir a existência de contatos mais rápidos e diretos entre professores e alunos” (Gomes, 2003, p. 139). Na continuação do seu trabalho, a autora argumenta que dada a exigência maior do contato com os professores, portanto da ampliação da carga de trabalho, o recurso a tutores tornou-se mais frequente.

Com a utilização do telefone nesta geração, o contato passou a ser mais personalizado e direto, conforme já foi abordado, aumentando a flexibilidade para os estudantes, seja de tempo, seja dos espaços de aprendizagem.

Na terceira geração, vemos a entrada das possibilidades trazidas pelas tecnologias de comunicação digital, que permite uma interatividade mais ampla, seja de pessoa x pessoa, seja pessoa x inteligência artificial.

Na quarta geração, temos um uso mais intensivo do *online*, ou seja, dos recursos disponibilizados na rede da internet. Nesta geração, as possibilidades de interação tomam outras proporções, tendo em vista que as respostas podem ser mais rápidas, simultâneas e a conexão entre mais pessoas em diferentes espaços-tempos também se multiplicam.

Por fim, temos a quinta geração que maximiza a utilização dos recursos das TIC e dada a massificação de recursos tecnológicos como aparelhos celulares, entre outros portáteis conectados à internet, vemos a possibilidade da Educação Móvel (*Mobile Learning*), ou seja, a educação que pode ser acessada por telefones, laptops, que conectados à rede mundial de computadores, permite atualizações e trocas *on time*.

Devemos entender que essa categorização, conforme sugere Gomes (2003), é apenas um fato cronológico e não hierárquico, ou seja, as tecnologias utilizadas na primeira geração não são necessariamente piores que as da quinta geração.

O que deve ser analisado é a aplicabilidade de uma tecnologia em relação a outra e ter em mente que, como nos lembra Gomes, que a utilização de uma dada tecnologia “permite certas opções pedagógicas que outras não permitem e que esse é um fator importante a considerar na seleção de um modelo de educação a distância” (2003, p.153).

É preciso saber que nem todas as tecnologias atendem às mesmas demandas, em outras palavras, é necessário pensar primeiro na proposta do curso para então discutir a tecnologia a ser adotada, pois se o caminho for o inverso, corre-se o risco de utilizar um recurso inadequado à proposta, levando-a à inviabilizá-la.

Optamos por esse quadro esquemático dividido em cinco gerações pois há um certo consenso em relação a esta classificação, embora saibamos que é um ponto de vista e como tal, submetido à subjetividade do autor.

Tendo passado por essa breve síntese nossa tarefa será situar o lugar do Consórcio CEDERJ nela, discutindo o ponto onde se inserem seus cursos, principalmente o curso de Pedagogia a distância oferecido pela UERJ, participante do Consórcio.

### **3.3 O consórcio CEDERJ: uma análise mais aprofundada**

Como vimos anteriormente, o Consórcio CEDERJ pode ser considerado uma referência nacional em termos de educação a distância em nosso país.

Neste momento detalharemos mais o seu funcionamento assim como a concepção de educação que o subsidia.

Em termos práticos, podemos dizer que o Consórcio CEDERJ é formado pelas seis universidades públicas sediadas no Estado do Rio de Janeiro, a saber:

- Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ;
- Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO;
- Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF;
- Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ;
- Universidade Federal Fluminense – UFF;
- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ.

Essas universidades oferecem diversos cursos, embora eles não sejam oferecidos por todas as universidades. Por exemplo, a Licenciatura em Pedagogia só é oferecida pela UERJ e pela UNIRIO. Vejamos então os cursos oferecidos:

- Administração;
- Licenciatura em Ciências Biológicas;
- Licenciatura em Física;
- Licenciatura em História;
- Licenciatura em Matemática;
- Licenciatura em Pedagogia;
- Licenciatura em Química;
- Licenciatura em Turismo;
- Tecnologia em Sistemas de Computação.

Esses nove cursos são oferecidos em pólos regionais, que segundo o projeto do curso,

servem como referência física aos alunos, que contarão com atendimento personalizado. A infra-estrutura e os serviços incluem: salas de estudo, microcomputadores conectados à internet, multimeios, videoconferência, supervisão acadêmica, seminários presenciais e distribuição de material didático, contribuindo para o vínculo do aluno com o CEDERJ. Nos pólos serão realizados, ainda, os exames presenciais (UERJ, 2002,p. 10).

Ao abordarmos o modelo de EAD utilizado pelo CEDERJ, quando o comparávamos com o modelo da UAB, citamos um decreto que aponta a obrigatoriedade de atividades presenciais, inclusive avaliações. Essas atividades presenciais, entre outros espaços, são feitas basicamente nos Pólos Regionais.

Mesmo sendo em EAD, o curso de Pedagogia oferecido a distância pela UERJ, bem como os demais propiciados pelo CEDERJ são semi-presenciais, ou seja, há atividades a distância e outras presenciais.

Uma vez que um dos objetivos do CEDERJ é a interiorização da Educação Pública, de nível Superior no Estado do Rio de Janeiro, é importante que os pólos do consórcio abranjam diversas regiões de nosso Estado.

Neste aspecto, o CEDERJ vem tendo êxito, dada a sua capilaridade pelos municípios do Rio de Janeiro. Conforme veremos em seguida, essas estruturas físicas estão espalhadas pelo território do Estado, vejamos:

<b>PÓLOS</b>	<b>CURSOS</b>
Angra dos Reis	Administração Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Física Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia Lic. em Química Lic. em Turismo Tec.em Sistemas de Computação
Barra do Pirai	Lic. em Pedagogia Tec.em Sistemas de Computação
Belford Roxo	Lic. em Pedagogia Tec.em Sistemas de Computação
Bom Jesus do Itabapoana	Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia
Campo Grande	Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Física Lic. em Matemática
Cantagalo	Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia Lic. em História
Duque de Caxias	Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Física Lic. em História Tec.em Sistemas de Computação
Itaguaí	Lic. em Pedagogia Tec.em Sistemas de Computação

Itaocara	Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia
Itaperuna	Administração Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Física Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia Tec.em Sistemas de Computação
Macaé	Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Física Lic. em Matemática
Magé	Administração Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia
Miguel Pereira	Lic. em Matemática Lic. em História Lic. em Pedagogia
Maracanã	Lic. em Pedagogia
Natividade	Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia
Niterói	Lic. em Pedagogia Tec.em Sistemas de Computação
Nova Friburgo	Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Pedagogia
Nova Iguaçu	Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Física Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia Tec.em Sistemas de Computação
Paracambi	Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Física Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia Lic. em Química
Petrópolis	Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia
Piraí	Administração Lic. em Ciências Biológicas Lic. em História Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia Lic. em Química Tec.em Sistemas de Computação

Quatis	Administração
Resende - FAT/UERJ	Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Pedagogia
Resende - Centro	Administração Lic. em História Lic. em Matemática Lic. em Turismo
Rio Bonito	Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia Tec. em Sistemas de Computação
Rio das Flores	Administração Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia Tec. em Sistemas de Computação
Santa Maria Madalena	Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia
São Fidélis	Administração Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia Lic. em Química Tec. em Sistemas de Computação
São Francisco de Itabapoana	Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia
São Gonçalo	Administração Tec. em Sistemas de Computação Lic. em Turismo Lic. em Química
São Pedro da Aldeia	Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia
Saquarema	Administração Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia Lic. em Turismo Tec. em Sistemas de Computação
Três Rios	Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Física Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia Tec. em Sistemas de Computação
Volta Redonda	Lic. em Ciências Biológicas Lic. em Física Lic. em Matemática Lic. em Pedagogia

**Tabela 2 – Pólos do Consórcio CEDERJ<sup>10</sup>**

Como vemos, são 34 pólos inseridos em diversas regiões do Estado, com o objetivo de tornar o ensino superior acessível à população residente fora da capital do Rio de Janeiro.

Ainda no que diz respeito à estrutura do Consórcio CEDERJ, há uma divisão de responsabilidades, no qual

a competência acadêmica dos cursos está a cargo dos docentes das universidades. São eles que preparam o projeto político e pedagógico dos cursos, o conteúdo do material didático, cuidam da tutoria e da avaliação, cabendo à Fundação CECIERJ a responsabilidade pela produção do material didático, pela gestão operacional da metodologia de EAD e pela montagem e operacionalização dos pólos regionais. Às prefeituras municipais, sede dos pólos regionais, cabem a adaptação física do espaço destinado ao pólo, o suprimento de material de consumo, bem como o pagamento de pessoal administrativo.<sup>11</sup>

Em relação ao sistema de tutoria, há dois atores principais, os tutores presenciais e os tutores a distância. A estes cabem:

No Consórcio CEDERJ segundo o seu projeto, ao tutor “compete o acompanhamento e a orientação acadêmica dos alunos” (UERJ, 2002,p. 16). Além das questões mais acadêmicas, o tutor deve fazer um acompanhamento de ordem pessoal junto ao participante, para que o mesmo não se sinta desestimulado a dar continuidade ao curso.

O tutor no Consórcio CEDERJ não exerce a função de professor e sim de um sujeito que auxiliará o participante ao longo do curso na administração do seu tempo e dos estudos, tentando promover a interação entre alunos e, principalmente, ser um incentivador.

Conforme veremos nas entrevistas realizadas, a linha que divide o que é um professor e o que é um tutor é muito tênue entre os próprios profissionais e entre os alunos do curso.

---

<sup>10</sup> Informação disponível em:  
[http://www.cederj.edu.br/fundacaocecierj/exibe\\_artigo.php](http://www.cederj.edu.br/fundacaocecierj/exibe_artigo.php)  
Acessado em: 29/09/2009.

<sup>11</sup> Informação disponível em:  
[http://www.cederj.edu.br/fundacaocecierj/exibe\\_artigo.php](http://www.cederj.edu.br/fundacaocecierj/exibe_artigo.php)  
Acessado em: 29/09/2009.

Entre as atribuições dos tutores não está a possibilidade de dar aulas, mas em determinados pólos ele exerce essa função.

O tutor que deveria ser um “orientador”, ou o ator no curso que apóia o estudante e tirar suas dúvidas quando necessário acaba também agindo como professor.

Mas se é possível traçar um paralelo entre essas funções no Consórcio, podemos dizer que o Professor é o “elaborador”, enquanto o tutor é o “executor”. Podemos dizer também que o tutor é aquele que lida diretamente com o estudante, enquanto ao professor cabe resolver os problemas que não foram resolvidos na primeira instância, se assim pode-se dizer.

Há também uma questão que ultrapassa a semântica que é na relação entre esses dois entes, distinguir exatamente o que qualifica um como tutor e outro como professor, mas de antemão podemos dizer que trata-se de um problema trabalhista.

No caso do Consórcio CEDERJ, por exemplo, o Professor é aquele que tem vínculo com a própria universidade, enquanto o tutor normalmente é contratado, contrato esse precário que não lhes garante praticamente nenhum direito trabalhista afinal são “bolsistas”.

Esse ao nosso ver é a principal linha de corte, afinal se todos fossem professores haveria uma necessidade ou pressão para que os até então tutores gozassem dos mesmo direitos e vínculos que os professores.

Como já dissemos, há dois tipos de tutoria, um presencial e um a distância. Tanto para uma como para a outra, as universidades consorciadas têm que disponibilizar uma estrutura que lhes dê suporte.

Em síntese, a configuração do sistema de tutoria do CEDERJ é a seguinte:

- As universidades sediarão as salas de coordenação onde os tutores e os professores responsáveis pelas disciplinas do curso (chamados de Coordenadores) realizarão as atividades ligadas aos mesmos cursos. Essas salas serão equipadas com toda a infra-estrutura computacional e de telecomunicações necessária ao acompanhamento dos alunos nos pólos;

- Os pólos terão infra-estrutura computacional e de telecomunicações equivalente às existentes nas universidades para as atividades de coordenação do Pólo e tutoria. Além dessa infra-estrutura, os pólos contarão com laboratórios

computacionais para o atendimento aos alunos e também com equipamentos para a utilização das mídias necessárias ao curso.

À primeira estrutura citada anteriormente correspondem os tutores a distância, que como a própria denominação conota, são profissionais que fazem o atendimento aos participantes por meio dos recursos tecnológicos existentes, tais como e-mail, telefone e do Ambiente Virtual de Aprendizagem do consórcio, chamado de Plataforma CEDERJ.

A relação desses tutores com os alunos é basicamente mediada pelas tecnologias de comunicação, e seguindo a proposta do curso, deveria ser o braço principal de atendimento aos alunos, afinal, a intenção do curso é que os participantes mesmo distantes das estruturas físicas possam dar andamento aos seus estudos.

O que vemos, no entanto, é que a maior carga de atendimentos está sob responsabilidade dos tutores presenciais, que ficam à disposição dos participantes nos pólos regionais e em vez de dar aula, função que não lhes cabe fazer, devem orientar os participantes e auxiliá-los quanto às dúvidas no conteúdo estudado.

Em ambos os casos o que se pretende é o desenvolvimento da autonomia do participante, que, conforme avança no curso tende a se tornar menos dependente das tutorias presenciais e passam a usar a tutoria a distância como apoio às suas atividades.

Para que não haja uma sobrecarga sobre os tutores, o consórcio estima uma proporção de 150 alunos atendidos, no máximo, por cada tutor.

É necessário entender que tanto a organização, como as competências e ações destinadas aos tutores estão no plano das propostas, e como veremos mais adiante, na parte da apresentação de resultados, há casos em que há uma discrepância entre o que é proposto e o que se dá na prática.

Ainda sobre a estrutura do consórcio, o CEDERJ entende que

Na busca da formação integral dos alunos, para que se transformem em produtores de conhecimento, e não meros receptores de informações, surge a necessidade de uma comunicação multidirecional, mediada por tecnologias apropriadas (UERJ, 2002, p. 21).

Essa comunicação multimidiática se dá pelos seguintes meios, segundo a UERJ (2002):

- material didático atraente em linguagem apropriada;
- atividades relevantes e contextualizadas;
- troca de experiências e interação social;
- fontes de informação de qualidade.

O que deve ser avaliado, como já foi abordado na análise das cinco gerações de EAD, é a adequação desses meios às necessidades dos participantes e da proposta pedagógica do curso.

Como podemos perceber este curso ainda está estruturado no modelo da terceira geração de EAD, onde encontramos a utilização das TIC, mas também é necessário o suporte de outras tecnologias de comunicação, como o material didático impresso, por exemplo. Além disso, temos a presença forte do fator presencial, até mesmo por obrigatoriedade Legal.

Sabemos que não há uma hierarquia em relação às gerações de EAD e os cursos do CEDERJ só se situam no patamar da terceira geração porque nela que se encontram os meios que possibilitam aos seus alunos participar efetivamente das rotinas das graduações escolhidas.

No caso do curso de Pedagogia a distância, que é o nosso enfoque, o público atingido é em sua maioria de professores atuantes em sala de aula, que não costumam ter um acesso amplo à web, o que inviabilizaria qualquer tentativa de seguir em um curso no qual a dinâmica principal se desse exclusivamente através da internet.

Para esse público, que não vem de uma cultura *on-line* em sua maioria, há necessidade do presencial, do impresso, da questão física, assim como do contato pessoal, mesmo que por telefone.

A tendência ao longo do curso é que essa relação de dependência com o presencial vá diminuindo até que o *on-line* torne-se predominante, mas mesmo assim, dada as questões estruturais e de vida dos alunos, os modelos prioritariamente *web* ainda são uma realidade distante (discutiremos mais os motivos disso ao apresentarmos nossos resultados).

A questão é que, em um curso na modalidade a distância, o aspecto estrutural e os aspectos político e pedagógico precisam estar bastante alinhados,

haja visto as dificuldades inerentes à modalidade, como o distanciamento físico entre docente e discente, por exemplo.

Tendo analisado a estrutura, nos debruçaremos na concepção, finalidades e objetivos do curso, discutiremos os porquês, o para quem e o como o curso de Pedagogia a distância do CEDERJ se constitui.

Primeiramente, há um contexto do qual o curso decorre e esse contexto é o reconhecimento de dois problemas, segundo a sua proposta pedagógica (UERJ, 2002):

- a necessidade de repensar os cursos de Pedagogias desenvolvidos, suas habilitações e a formação que é oferecida àqueles profissionais de educação que se comprometeram com o curso;

- a superação do desafio colocado pela Lei de Diretrizes e Bases – Lei 9394/96 – que “propõe, em seu artigo 62, que a formação de docentes se dê em ‘nível superior’”, determinação esta que também desafia “as instituições públicas de ensino superior, preocupadas com a formação daqueles docentes que já se encontram em serviço e que deverão, até 2007, possuir habilitação compatível com o exercício de suas funções político-pedagógicas”<sup>12</sup> (UERJ, 2002, p. 62)

Tendo como meta a superação desses dois problemas o consórcio CEDERJ foi pensado com a intenção de interiorizar e democratizar o ensino superior para o estado do Rio de Janeiro.

O modelo do CEDERJ tem como base a sua concepção de formação de professores alicerçada no pressuposto de “uma visão transformadora do mundo” (UERJ, 2002,p. 62) que

Concebe um profissional que, imerso em sua prática, busque confrontá-la com a teoria, e ao cotidiano retorne, revigorado pela reflexão e pela dúvida – movimentos indispensáveis à constituição de um pensamento crítico e criativo, portanto transformador (UERJ, 2002,p.62)

Com base nessa concepção de profissional pretendida pelo consórcio CEDERJ, vemos que, em grande parte, o esperado de um sujeito que curse uma

---

<sup>12</sup> Lembremos que embora no Projeto Político Pedagógico do curso ainda exista a menção ao cumprimento deste ponto da Lei sobre obrigatoriedade da graduação até 2007, a exigência quanto ao período não é mais válida.

graduação através do consórcio é a atitude transformadora e crítica diante do mundo do qual faz parte.

Lembremos que estamos enfocando um curso de formação de professores, logo, o que esperamos desses profissionais é que na condição de formadores possam tanto ter essa atitude crítica e transformadora, bem como suscitem essas mesmas ações naqueles que contribuem para a formação – os discentes.

Toda esta concepção do CEDERJ se baseia em teorias construtivistas, no qual

ao professor é indispensável uma reflexão sobre a própria prática que possibilite o redimensionamento do seu papel social considerando ser ele ator não só de sua história, mas também da história coletiva da escola em que trabalha, devendo, assim, perceber sua função nas relações que se estabelecem no espaço institucional da sala de aula (UERJ, 2002, p.62)

Esse entendimento do seu papel leva o participante do curso a distância a questionar as suas relações cotidianas com as teorias aprendidas, a fim de repensar e transformar a sua própria prática.

Na concepção do curso também está contido o conceito de educação inclusiva, em um sentido mais amplo, que “propõe a erradicação de todas as formas de discriminação sócio-culturais, físico-psicológicas e político-econômicas” (UERJ, 2002, p 63).

O que se espera com essa abordagem de educação inclusiva é que as lacunas sejam superadas, alavancando uma mudança nos paradigmas relacionados a diversos aspectos, com vistas a englobar “especificidades socioeconômicas regionais, étnicas, religiosas e de gênero” (UERJ, 2002, p.63).

No que diz respeito aos seus objetivos (UERJ, 2002, p.63), o curso pretende habilitar o professor para ser:

- um intelectual crítico, capaz de responder às novas exigências educacionais a partir de sua prática reflexiva e de base sólida de conhecimento e saberes historicamente construídos, com qualidade acadêmica e social;

- um educador comprometido com a educação inclusiva e com a diversidade cultural para a construção de uma sociedade justa, igualitária e fundamentalmente ética, ou seja, para uma cidadania ativa;

- um professor para atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, conforme o preconizado pela Lei 9394/96, levando em consideração as suas condições de trabalho, sua formação inicial e a possibilidade de transformação dessa realidade.

Em relação aos pontos específicos de seus objetivos (UERJ, 2002,p.64), o curso de Pedagogia a Distância pretende um professor capaz de:

- refletir sobre a prática, reformulando-a quando for necessário;
- articular os conteúdos das quatro grandes áreas do conhecimento da prática educativa – Fundamentos, Linguagens, Ciências Sociais e Ciências Exatas e da Natureza;
- enriquecer a sua prática pedagógica;
- formular um projeto pedagógico;
- participar ativamente na rede virtual de formação continuada.

Nos objetivos propostos acima temos, segundo nosso entendimento, dois grandes eixos: um eixo mais teórico, do campo da reflexão, da formação do homem na sua complexidade; e outro eixo mais prático, do campo do fazer docente, da transformação e reelaboração dos seus fazeres.

Os dois grandes eixos se complementam e entrecruzam para que haja a formação integral de um sujeito crítico e reflexivo, buscando aquilo que é proposto na concepção do curso.

Esses dois grandes eixos podem ser encontrados nos pressupostos teórico-metodológicos do curso, afinal, de acordo com a proposta pedagógica dessa graduação,

o curso que propomos tem como ambição maior ultrapassar os limites da modernidade, baseando-se em **práticas** tecnológicas que ofereçam condições de construção de conteúdos essenciais para o domínio das ciências básicas que orientam o processo pedagógico (UERJ, 2002,p.64) (grifo nosso)

No trecho seguinte, veremos melhor esse entrecruzamento entre a teoria e a prática, pois

Esse processo se **origina da prática cotidiana**, orientando-se para possibilitar ao profissional da Educação a consolidação da mesma, através de **aprofundamentos**

**teóricos** cuja função será aprimorar a prática e promover o sucesso da aprendizagem significativa dos alunos (UERJ, 2002,p. 64) (grifo nosso)

A intenção é que o professor possa reformular o seu pensamento sobre o significado de seu fazer docente e dos porquês de sua formação, analisando criticamente a si e a formação da qual está participando. Para tanto é necessário desafiá-lo a repensar o que está estabelecido, e a

desenvolver uma concepção metodológica que contemple a criação de situações de aprendizagem verdadeiramente desafiadoras e estimuladores da motivação do aluno, propiciando o seu desenvolvimento cognitivo, oportunidades que produzam a aprendizagem através de formas novas de estruturação mental, que desenvolvam o sujeito autônomo para adquirir ferramentas para a aprendizagem continuada (UERJ, 2002,p.65)

De acordo com a proposta pedagógica do curso, é na concepção construtivista que busca-se dar conta de superar este desafio metodológico. Segundo seu projeto, o curso toma como base dois conceitos fundamentais de Piaget (UERJ, 2002,p. 65):

- **equilíbrio cognitiva**: processo dinâmico de comportamento auto-regulado, que harmoniza dois processos polares, porém complementares em sua essência – a assimilação e a acomodação. Enquanto a primeira permite a organização de novas experiências com nossas próprias estruturas mentais; a segunda permite que as pressões do ambiente, no sentido do novo, sejam elaboradas através da criação de esquemas mentais inéditos;

- **autonomia**: estudada exaustivamente pelo autor no que se refere à moralidade e à cognição. A evolução dos esquemas mentais, como foi destacado acima, permite uma construção progressiva do conhecimento de forma funcionalmente contínua, porém estruturalmente descontínua. Isso permite ao indivíduo a progressiva ampliação das operações mentais, que evoluem em abrangência, grau de generalização, abstração, possibilidades de acesso e utilização dos conceitos construídos.

De Vygotsky, o projeto pedagógico do curso se apropria de três conceitos importantes:

- **interação social:** um dos focos da obra do autor, que enfatiza a dialética entre o indivíduo e a sociedade, o intenso efeito da interação social, da linguagem e da cultura, sobre o processo de aprendizagem. Este processo é fundamental para a interiorização do conhecimento – ou transformação dos conceitos *espontâneos* em *científicos* – através do processo de tornar intrapsíquico o que antes era intersíquico;

- **zona de Desenvolvimento Proximal:** espaço onde atua o processo de aprendizagem, através de atividades realizadas com a ajuda do outro significativo mais capaz naquele aspecto. Segundo Fosnot (1998) é nessa zona que “os conceitos científicos trabalham de forma descendente, enquanto os conceitos espontâneos trabalham de forma ascendente” (p, 35-36). Este entrelaçamento, junto com a conotação ideológica transmitida na relação de ajuda, faz com que o desenvolvimento potencial seja convertido em real;

- **mediação:** abordado por Vygotsky como mediação semiótica e como domínio de si. Ao contrário das ferramentas físicas, que se orientam para uma ação sobre o mundo externo, as ferramentas semióticas – como a linguagem, por exemplo – dirigem-se para o mundo social, para os outros indivíduos. Assim, através das ferramentas semióticas, o homem se apropria ativamente do conhecimento, articulando as duas formas de mediação descritas. Constituem-se, assim, a intersubjetividade e também a subjetividade (UERJ, 2002,p. 66-67).

A metodologia do curso, com base nesses conceitos de Piaget e Vygotsky, lança mão de ferramentas / linguagens relacionadas às TIC e com isso,

A interação do graduando com variados ambientes educacionais, com múltiplas mídias, em vez de meramente substituir a presença do professor, atua sobre a zona de desenvolvimento proximal, alavanca a aprendizagem significativa, permite a ocorrência da verdadeira Educação, em vez de simples processo de ensino ou tecnologia de instrução (UERJ, 2002,p. 67)

Em relação a esta interação pretendida, podemos mais uma vez lembrar da articulação que vimos fazendo desde o início desta investigação, afinal, fica clara a presença dos elementos que enunciámos constituintes da formação humana – o conhecimento, o trabalho e a tecnologia.

A interação através das diversas mídias não dispensa o trabalho docente, mas ao contrário, cria pontes entre o conhecimento teórico e os saberes e fazeres

práticos dos professores. Com base na mediação das TIC os participantes podem refletir sobre a sua prática e então dar outras dimensões ao seu trabalho.

Esses pressupostos teórico-metodológicos têm um grande diálogo com aquilo que temos chamado de elementos constituintes do homem e, uma vez delineadas tanto a concepção quanto as bases teóricas e metodológicas do curso, passemos agora à finalidade que, em última análise, é o perfil do profissional que esta graduação pretende formar.

Além desses conceitos teóricos, e dos elementos que nós elegemos como constituintes do homem, no curso há três grandes eixos norteadores que demarcam as posições teóricas e explicitam o educador pretendido. São eles:

- o **Homem**: entendido em seu caráter social e histórico, agindo em um momento (tempo) e em um espaço, relacionando-se com outros homens e produzindo as várias formas de conhecimento que constituem a cultura;

- a **Sociedade**: refere-se às diferentes formas de relação entre grupos e à estratificação social: definições das relações de poder e dos seus processos de constituição, reprodução e mudança, no decorrer do tempo;

- a **Transformação**: Resultado da interação do homem com a natureza e com os seus semelhantes, modificando a primeira e as próprias condições de vida. Com os outros homens relaciona-se no processo de produção, troca e distribuição dos bens materiais e simbólicos.

Com base nesses eixos norteadores da estrutura curricular, o Projeto Político Pedagógico (UERJ, 2002,p.68) do curso enuncia o perfil do educador que pretende formar, então, vejamos esse perfil:

- primeiramente é um profissional que “se percebe como um ser político, cuja consciência coletiva decorre das relações que se estabelecem entre a formação educativa e o contexto social do qual faz parte”;

- é um profissional articulado, um sujeito capaz de ser “professor, educador e pesquisador”, que analisa e critica os problemas da prática pedagógica e é capaz de fazer intervenções nas propostas educativas, seja em ambientes de educação formal ou não-formal;

- deve ser um pedagogo “bem qualificado”, “capaz de interagir no mercado de trabalho, na sua comunidade, na sociedade como um todo, de forma crítica e participativa, tendo como meta contribuir para o desenvolvimento da cidadania plena”

- “este profissional será habilitado para atuar no ensino, na organização, coordenação e gestão de unidades educacionais e na produção do conhecimento em diferentes áreas de educação formal e não-formal” e ressalta que este profissional terá “a docência como base de sua identidade profissional”;

- concluindo o perfil deste profissional, ele “deverá exercer a cidadania ativa e contribuir para a formação de ‘sujeitos plenos’, ou seja, aqueles que unam à sua prática cotidiana o racional, o emocional, o estético e o ético-político”. Ainda nesse aspecto, deve haver um comprometimento com a “educação inclusiva, considerando todas as diferenças, sejam elas sociais, culturais, étnicas, de gênero, das pessoas com necessidades especiais, entre outras”. O que se pretende é uma formação não fragmentada através da reflexão e da crítica.

Uma vez abordados esses aspectos relativos ao consórcio CEDERJ e, mais particularmente, ao curso de Pedagogia a distância oferecido pela UERJ na modalidade a distância, por meio do consórcio, passamos a abordar algumas possibilidades de contribuição deste projeto e alguns desafios no que tange à formação humana.

### **3.4 CEDERJ e a Formação Humana: possibilidades de contribuições do projeto e os seus desafios**

Neste capítulo buscamos nos aproximar ainda mais de nosso objeto de pesquisa, o Curso de Pedagogia a Distância da UERJ, através da descrição e análise do caso estudado.

Como dissemos, no início do capítulo, estamos fechando o foco ao longo dos textos elaborados até este momento, tendo trabalhado no primeiro capítulo com as categorias essenciais a esta pesquisa, passando pelo segundo capítulo, no qual

enfaticamos a importância das TIC à formação humana e no presente capítulo abordamos uma experiência que visa à formação humana por meio das TIC.

Ao contrário dos capítulos anteriores nos quais apresentávamos um tema e ao final dos mesmos fazíamos uma análise crítica do que foi exposto, neste terceiro capítulo agiremos diferente.

A proposta a seguir é que levantemos alguns pontos que cremos ser possibilidades de contribuições do consórcio CEDERJ e do curso de Pedagogia a Distância para a formação humana.

Ao levantarmos esses pontos, esperamos aprofundá-los nos próximos capítulos, nos quais serão analisadas as entrevistas obtidas na pesquisa junto às pedagogas egressas do curso.

A principal questão levantada será o lugar que o consórcio CEDERJ ocupa no que diz respeito à emancipação do homem.

Nossa primeira hipótese é situa este curso como uma iniciativa que visa à formação humana e à emancipação.

Já na segunda hipótese há o entendimento que o curso a distância da UERJ está mais voltado à reprodução da lógica de mercado.

Essas hipóteses nos permitem debater se o curso objetiva e concretiza uma possibilidade de superação das idéias de reprodução e subsunção ao capital, tendo como horizonte a formação de profissionais que possam vir a questionar esse sistema estabelecido nas suas práticas.

Por fim, há ainda outra hipótese na qual esta graduação não está nem para a reprodução da lógica do capital, nem para a superação dessa lógica através dessa formação, mas sim, de uma alienação a respeito da própria profissão de suas práticas, de tal forma que, embora preconize práticas tidas como sócio-interacionistas, não cumpra com esse objetivo e não consiga formar seus alunos para tais concepções.

Caso o curso corra nesta última direção podem ser questionáveis os motivos que levam seus alunos a continuarem em um curso que não cumpre suas promessas.

Os resultados da pesquisa podem indicar que o curso de Pedagogia a distância oferecido pela UERJ cumpre ou não com a sua proposta de democratização do ensino superior, de formação humana para a autonomia e emancipação e para a reflexão crítica, ou não.

Se alicerçado nesses valores e fazendo-os valer na prática, podemos acreditar e o considerar como uma possibilidade de formação humana para além da lógica do capital, como parte desse processo de superação.

Por outro lado, se apontar para outro caminho pode ser necessário repensarmos o projeto e verificar se os objetivos propostos correspondem às práticas.

O que é importante nas possibilidades de contribuição do curso à formação humana é ir à ponta e indagar as próprias sujeitas como percebem o processo do qual participaram.

Vejam, então, a análise das entrevistas feita a seguir que colaborará para indicar em qual direção caminha o curso.

#### 4 IMPLICAÇÕES DA GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA DA UERJ SOBRE A PRÁTICA DOCENTE - ANÁLISE A PARTIR DOS EGRESSOS DO CURSO

*Qual foi o motivo da escolha do curso de Pedagogia a distância? Primeiro porque aqui, na época em que eu comecei a estudar, a Instituição X<sup>13</sup>, que é particular. O Cederj quando abriu foi uma chance para muita gente como eu que parou a muito tempo e não tinha como voltar. Então fui fazer o vestibular, primeiro eu tentei para matemática, mas não consegui, depois para Pedagogia e passei. Depois por ser um curso diferente, na Instituição X eu já vi, tive umas amigas que se formaram lá e eu acho que não acrescenta muito coisa, não muda nada. E já o daqui te dá uma perspectiva nova, métodos novos, como agir, muda realmente a cabeça. (Resposta de uma entrevistada na Pesquisa)*

O trecho transcrito acima pode ser considerado emblemático para a análise das entrevistas realizadas em nossa pesquisa, que apresentaremos mais adiante. Alguns elementos da fala desse egresso do curso nos chamam a atenção:

- o reconhecimento da necessidade do CEDERJ naquela localidade;
- a premência pelo fortalecimento do Poder Público na expansão e capilarização do ensino superior no Estado do Rio de Janeiro;
- os critérios de escolha para um determinado curso em detrimento de outro;
- o reconhecimento de que uma iniciativa de formação tem que implicar mudanças.

Podemos dizer que são emblemáticos porque representam, em grande parte, algumas das ideias trazidas por nossas participantes.

Nosso objetivo neste capítulo é, ao final da análise das entrevistas que obtivemos, responder ao objetivo principal do nosso trabalho, que é:

*Investigar se o curso de Pedagogia, na modalidade a distância, oferecido pela UERJ, teve implicações à prática docente de sujeitos que se formaram, possibilitando assim um outro entendimento de suas práticas docentes.*

---

<sup>13</sup> Optamos por retirar no nome da instituição por acreditarmos não ser conveniente.

## 4.1 O Campo de pesquisa

Na introdução deste trabalho abordamos em parte como foi constituído o campo para a nossa pesquisa, mas cabe neste momento esmiuçar a composição do grupo de entrevistados.

Dando andamento ao trabalho de síntese, por assim dizer, saímos dos grandes temas, trabalho, conhecimento e tecnologias, explicitados no primeiro capítulo e fomos, progressivamente, nos aproximando mais do ponto específico escolhido: os egressos do curso de Pedagogia a distância da UERJ, ou concluintes deste mesmo curso.

Para objetivar a questão, estamos falando do seguinte campo:

- Total de entrevistados: 15 egressos / concluintes;
- Total de Pólos que participaram da pesquisa: 05 (Maracanã, Paracambi, Petrópolis, Nova Friburgo e São Pedro D'Aldeia); **Cabe esclarecer que foram os primeiros pólos em que o curso foi implementado.**<sup>14</sup>
- Anos de ingresso no curso: 2003.2 a 2004.2. E conclusão entre 2007 a 2009.

Tendo em vista que não estávamos fazendo um trabalho quantitativo, consideramos que este campo serviria aos nossos propósitos. Tomamos esta decisão com base em Triviños (2008), que nos diz que

Uma das diferenças fundamentais que existe entre a pesquisa qualitativa e a tradicional reside na determinação da população e da amostra. A investigação positivista fez da definição da amostra, buscando estabelecer conclusões com validade geral, um processo complexo, difícil e muitas vezes, sofisticado, no qual a estatística se transformou num meio principal (p.132).

Essa liberdade obviamente não se traduz em falta de disciplina ou de critérios, mas sim, que “o pesquisador, orientado pelo enfoque qualitativo, tem ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo” (Triviños, 2008, p. 133).

---

<sup>14</sup> Atualmente o curso de Pedagogia a Distância oferecido pela UERJ conta com mais pólos, contudo esse foram os primeiros pólos da Graduação que ficaram sobre responsabilidade da UERJ.

## 4.2 Metodologia

Ao longo trabalho lançamos mão primordialmente de um referencial teórico de base marxista, por acreditarmos que as suas críticas poderiam ser confrontadas com o referencial teórico que hoje tem sido utilizado na área que refere às TIC, educação a distância, educação *on line* e afins.

Em função disso, optamos também por guiar nossa metodologia por categorias que têm afinidade com este mesmo referencial, cujas bases são: a dialética, a prática social, a matéria e uma teoria orientadora para a revolução do proletariado (Triviños, 2008, p.51).

Desta maneira, podemos dizer que nossa pesquisa tem como base o materialismo histórico, no qual

Não se trata de elaborar uma ideia ou um conceito para depois procurar conformar a eles a realidade. O material de Marx são os indivíduos reais, a ação que eles desenvolvem e as suas condições de vida. (Naves, 2000, p.31)

Optamos por este caminho porque no materialismo histórico encontramos uma série de relações existentes em nosso trabalho e nas entrevistas que obtivemos.

Essas relações, de acordo com Triviños (2008, p.52), são entre:

- o ser social (relações materiais dos homens com a natureza e entre si em forma objetiva, isto é, independentemente da consciência);
- a consciência social (são as idéias políticas, jurídicas, filosóficas, estéticas, religiosas etc);
- meios de produção (tudo o que os homens empregam para originar bens materiais) e;
- forças produtivas (são os meios de produção, os homens, sua experiência de produção, seus hábitos, de trabalho).

Triviños (2008) ainda alerta que “não obstante, sem considerar a importância única do homem, a força de produção depende fundamentalmente dos instrumentos da tecnologia” (p.52).

Esclarecido este ponto nossa pretensão, partindo desses conceitos, foi dialogar a base teórica com que temos trabalhado com a prática dos entrevistados, para que chegássemos à reflexão tanto da teoria quanto da prática.

É válido ressaltar que não é nosso objetivo fazer qualquer tipo de quantificação, embora as entrevistas obtidas apontem para uma séria de similaridades facilmente quantificáveis.

Podemos citar como exemplo o fato de que a grande maioria dos entrevistados relata que o motivo da escolha pelo curso se deu ou por falta de tempo para o estudo em cursos presenciais, ou porque na localidade onde residem não há cursos oferecidos por universidades públicas ou uma oferta diversificada de graduações.

Mais do que quantificar, nos interessou saber os porquês disto e neste sentido a análise de cunho marxista nos auxiliou bastante, afinal era necessário buscar o que estava além do fenômeno ou das aparências e, do mesmo modo, não nos ater aos resultados em si, mas principalmente às suas causas.

Creemos que há um ponto que deve ser brevemente abordado, que são as dificuldades para se fazer pesquisas relacionadas à educação a distância, uma vez que a maior parte das orientações metodológicas voltadas para a ciência humanas e neste caso específico, a área da Educação, são baseados em paradigmas de pesquisa em um campo presencial.

Quando optamos por entrevistar egressos do curso de Pedagogia a distância tínhamos em mente algumas questões que poderiam dificultar o nosso trabalho, mas o principal deles foi a dispersão geográfica do campo.

Mesmo tendo concentrado as entrevistas de acordo com os Pólos do consórcio CEDERJ já existentes, havia situações em que o participante era do pólo Paracambi, mas morava na cidade do Rio de Janeiro ou, mesmo sendo do pólo de Petrópolis e residindo naquela cidade, as distâncias na localidade eram tão grandes que dificultavam o acesso aos entrevistados.

Não que questões como estas não existam quando fazemos uma pesquisa cujo campo é oriundo de cursos presenciais, mas nesta situação particular ainda falta material teórico que dê conta de trabalhar a pesquisa em cursos a distância, mediados ou não por TIC.

De certa maneira vimos com esta experiência que é necessário produzir cada vez mais materiais e estudos que trabalhem a pesquisa em ambientes não presenciais.

Dito isto, consideremos o nosso trabalho como um estudo de caso a respeito do curso de Pedagogia a distância oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, através do Consórcio CEDERJ, no qual o nosso foco foram as implicações que este curso teve na vida e na prática docente de seus egressos.

Em seguida descreveremos de que maneira foram coletados os materiais para a pesquisa, bem como a forma como foram analisados.

### **4.3 Coleta de dados**

Para a coleta de dados utilizamos uma entrevista semi-estruturada, no qual partimos de alguns *questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativa* .(Triviños, 2008, p.146).

A constituição do campo seguiu os dois critérios abaixo descritos:

1 – As entrevista foram realizadas com egressos do curso de Pedagogia a distância da UERJ oriundos dos pólos nos quais já houvesse alunos formados: Maracanã, Paracambi, Nova Friburgo, Petrópolis e São Pedro D’Aldeia.

Há alguns casos de entrevistados que iniciaram os estudos nas turmas originais, nos semestres de 2003.2, 2004.1 e 2004.2, e que ainda no semestre de 2009.1 não haviam concluído o curso por diversos motivos. Eles tiveram suas entrevistas consideradas por já atuarem como docentes, porque ainda estão no tempo previsto para a integralização do curso e porque estão no último período, desenvolvendo seus trabalhos de conclusão de curso.

2 – As entrevistas foram realizadas presencialmente, ou seja, foi marcado um dia no qual nos dirigimos aos Pólos para realizar a pesquisa e ali nos encontrávamos com os estudantes que aceitaram participar.

Nos casos dos Pólos de Paracambi e São Pedro D’Aldeia, devido à dispersão dos estudantes em torno dos municípios vizinhos ou até mesmo distantes, não fomos a campo presencialmente. Para estes lançamos mão entrevistas a distância, com a utilização de e-mails pessoais e *softwares* de mensagens instantâneas (*Messenger*).

No caso dos e-mails, enviávamos o roteiro utilizado nas entrevistas e solicitávamos que os participantes retornassem com o roteiro “respondido”. Já na utilização das mensagens instantâneas, fazíamos bate-papos síncronos, com base no roteiro, e ao final da conversa o registro do que foi discutido corporificava uma entrevista.

Essas entrevistas à distância, no entanto, foram exceção, pois a maioria foi realizada presencialmente.

Nestas, marcávamos um dia e um horário para os participantes comparecerem aos seus Pólos de origem, fazíamos uma escala de entrevistas, um a um eles eram entrevistados e registrávamos as conversas pro meio de gravadores de voz.

No que diz respeito à coleta em si, optamos por entrevistas semi-estruturadas, com um roteiro<sup>15</sup> prévio dividido em sete eixos avaliativos:

- O motivo pela escolha do curso;
- Os conhecimentos a respeito do Projeto Político Pedagógico do curso;
- A aprendizagem mais importante constituída no curso;
- As implicações do curso à vida dos entrevistados;
- As implicações das TIC à prática dos entrevistados;
- A possibilidade de continuidade dos estudos;
- As perspectivas profissionais a partir da conclusão do curso;

---

<sup>15</sup> Ver ANEXO B – Roteiro para Entrevista / Eixos Avaliativos.

Dentro desse roteiro fazíamos uma série de outros questionamentos obedecendo a esses eixos.

Como é possível perceber, esse roteiro se encaminhava para três momentos na vida dos entrevistados: o resgate de questões no passado; o entendimento da prática presente; e, por fim, a prospecção de futuro a partir da conclusão do curso.

Para a consolidação dos materiais obtidos fizemos uso das transcrições integrais tanto das entrevistas gravadas, como daquelas realizadas por e-mail ou mensagens instantâneas e demos um caráter de uniformidade visual às mesmas, conforme vemos no exemplo a seguir:

#### **EIXO AVALIATIVO: Motivo de Escolha do Curso**

**Lázaro: Oi, o que levou você a escolher esse curso?**

Ehhhhh.... Esse curso apareceu assim, pela falta de tempo que agente tem né e agente que trabalha o dia inteiro aí quando aconteceu foi o que, uma amiga minha que tinha comentado que tava começando a ter um curso a distância né, aí eu me interessei comecei a procurar e aí parece que a primeira turma já tinha feito o vestibular né e eu entrei na segunda turma que aí eu fiquei esperando né, fiquei lendo jornais, até que saiu o vestibular para a segunda turma, aí eu me inscrevi...

#### **EIXO AVALIATIVO: Aprendizagem mais importante no Curso**

**Lázaro: e o que você aprendeu de mais importante ao longo do curso? Qual você acha que foi a sua aprendizagem mais importante?**

A parte teórica, que eu não tinha, entendeu. Eu acho que meu grande ganho profissional foi essa, foi esse embasamento teórico, entendeu, porque eu tinha a prática, a prática a gente sabe até para ensinar... claro que ninguém sabe tudo, a prática é no dia a dia, são muito anos de magistério, e tudo, eu tinha a prática, mas eu não tinha a teoria. E a teoria, o que que ela me deu? Ela me deu autoridade. Profissionalmente, ela me deu autoridade, porque hoje eu to pau a pau com todo mundo que sabe muito, entendeu, na minha área, dentro daquilo que eu vivo que é professora, da rede pública, do Rio de Janeiro, entendeu, eu acho que ficou com muita autoridade dentro do município. Hoje, entendeu, é claro que no município tem mestres, muito credenciados, mas a gente não ta muito distante delas, então, por exemplo, você questiona a política educacional com mais, entendeu, embasamento. Você não fala, assim... por que o professor tem muita tendência de discordar de tudo, ele discorda..

E assim trabalhamos com os demais eixos, resultando em um bloco<sup>16</sup> de entrevistas, divididas de acordo com cada um deles.

<sup>16</sup> Ver APÊNDICE – Consolidado das Entrevistas.

Podemos dizer, sobre o material obtido, que as entrevistas foram ricas sob diversos aspectos e mesmo a análise dos dados que nos propomos fazer em seguida não exploram todas as possibilidades que elas nos dão. Para analisar esses resultados tivemos que nos ater bastante aos objetivos da pesquisa, mas sem dúvidas há um campo bastante frutífero pra trabalharmos em outras oportunidades.

#### **4.4 Análise dos dados obtidos**

Para analisarmos os dados obtidos nas entrevistas foi necessária certa disciplina, como dissemos anteriormente, para que não nos deixássemos levar pelos diversos caminhos que nos foram oferecidos.

Para abordar o material, utilizamos o método de “análise do conteúdo”, com base nas transcrições feitas que resultaram em um bloco de entrevistas.

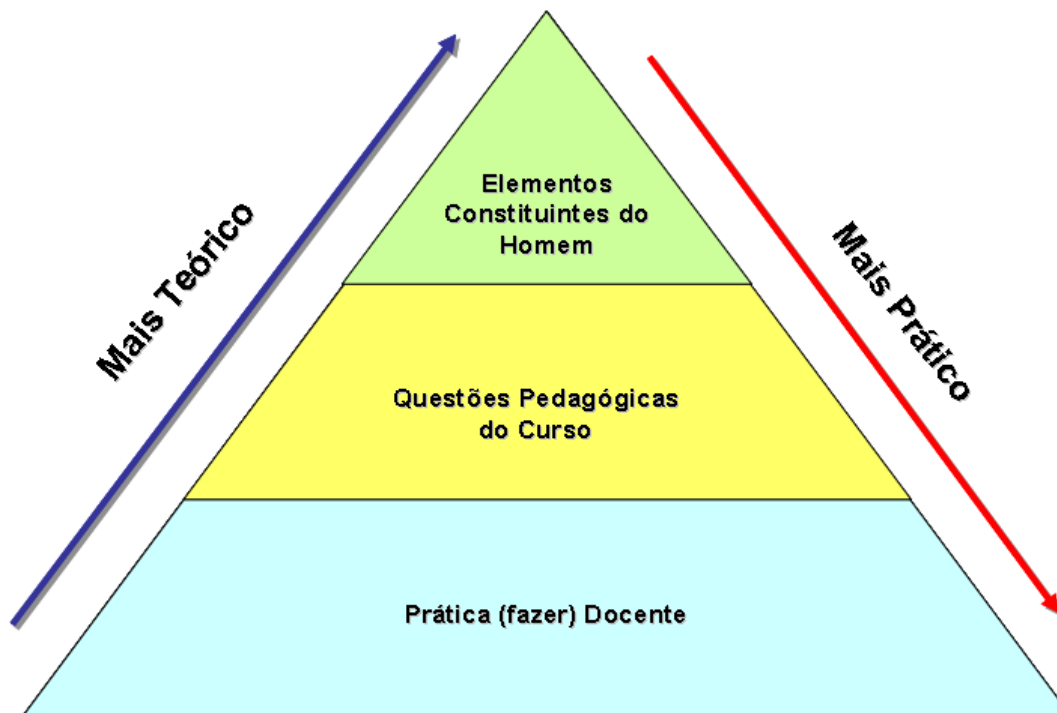
Tomamos esta decisão porque

Nossa intenção é usar o método de análise de conteúdo nas mensagens escritas, porque elas são mais estáveis e constituem um material objetivo ao qual podemos voltar todas as vezes que desejamos. (Triviños, 2008, p.160).

A partir de uma análise preliminar desse consolidado, chegamos a uma estratificação das informações em três Categorias Analíticas:

- 1 – Elementos constituintes do Homem;
- 2 – Questões Pedagógicas do Curso;
- 3 – Prática (fazer) docente.

Podemos representar essas categorias da seguinte maneira:



Neste modelo gráfico de análise as categorias analíticas são representadas por três níveis, conforme afirmamos.

Para deixar mais claro o entendimento, conceituamos os três níveis da seguinte maneira:

a) **Elementos Constituintes do Homem:** nível em que as questões geradas no âmbito teórico, tratam da formação humana em si, atuando no campo da reflexão e constituição dos sujeitos.

Para nossa pesquisa, este nível (categoria) nos interessa na medida em que se relaciona à concepção teórica trabalhada ao longo da investigação, ou seja, de como o homem se forma a partir de três elementos-chave: **trabalho, o conhecimento e a tecnologia.**

b) **Questões pedagógicas do curso:** nível em que os conhecimentos teórico-práticos sobressaem, ampliando o conhecimento do sujeito e em relação ao curso, agindo como um cenário a respeito de seus saberes e dos saberes do próprio curso.

Aqui nos interessa o entrecruzamento entre a teoria e a prática da forma como os Egressos perceberam o que era ensinado no curso, ou seja, a coerência entre o que o curso ensinava e como isso era praticado no âmbito da própria Graduação

c) **Prática (fazer) docente:** nível em que se concentram as práticas, nível cotidiano, da práxis, em que se aliam a prática e os conhecimentos adquiridos no curso, implicando concretamente a prática docente.

Este é o nível (categoria) que, tal como no gráfico, é a base da investigação, pois nos concentramos na prática dos docentes egressos do curso a fim de perceber as continuidades e os processos de mudança que se deram.

Estando na base, é influenciada pelos fatores constituintes do homem, bem como pela reflexão que há no curso e sobre o curso. Nos relatos é também o fator predominante e, em função disso, alicerça os outros níveis (categorias), bem como a própria investigação.

Nesta análise gráfica dos resultados temos alguns pontos importantes. Primeiramente, no topo da pirâmide, encontramos os relatos relacionados às categorias filosóficas que trabalhamos desde o início da pesquisa, ou seja, respostas relacionadas ao **trabalho**, ao **conhecimento** e às **Tecnologias de Informação e Comunicação**.

No meio da pirâmide os entrevistados nos dão relatos acerca das questões pedagógicas do curso ou, em outras palavras, do cotidiano que vivenciaram no curso.

Na base da pirâmide encontramos a prática dos entrevistados ou aquilo que do curso ele levaram para suas vidas profissionais de forma mais palpável.

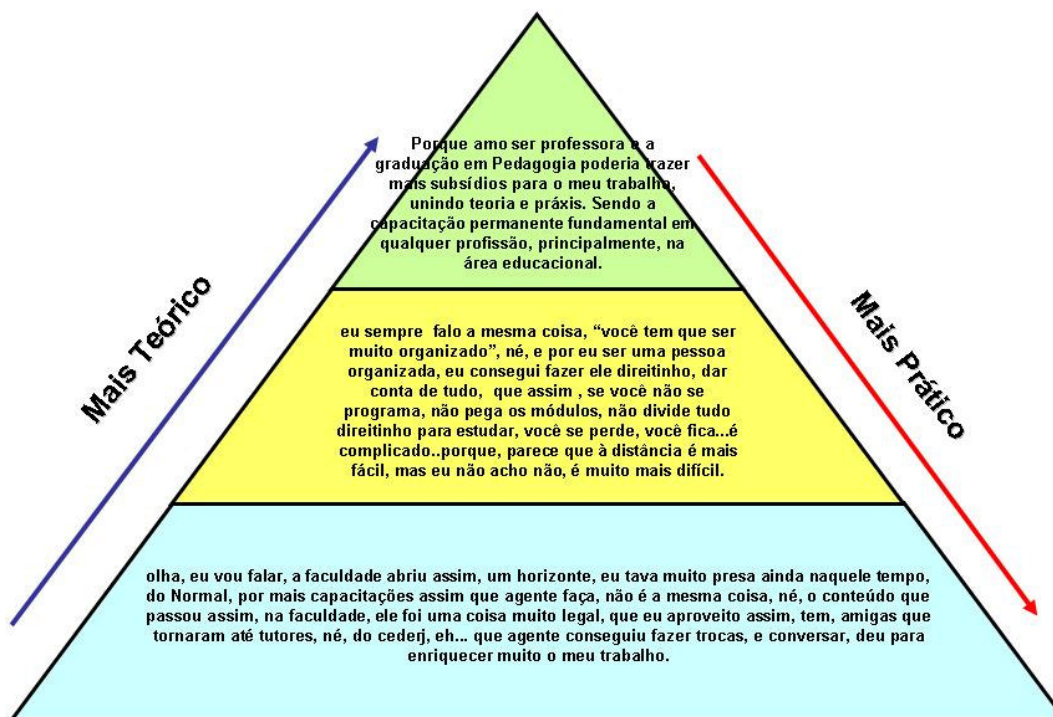
Conforme descrito no modelo há duas setas, uma em direção da base ao topo e outra do topo à base. Essas duas direções significam que dos Elementos Constituintes do Homem até à Prática (fazer) Docente, o encaminhamento das entrevistas é mais prático. Quanto ao sentido inverso, da Prática (fazer) Docente aos Elementos Constituintes do Homem, há um caráter mais teórico.

Por **mais prático** entendemos os relatos relacionados ao fazer docente a prática docente em si, os recursos que os entrevistados utilizam em seu cotidiano e as estratégias utilizadas para dar conta de suas realidades.

Por **mais teórico** entendemos as questões relacionadas à reflexão da prática por meio da teoria, além dos aspectos relacionados às três categorias filosóficas com que temos trabalhado desde o início da pesquisa (trabalho, conhecimento e tecnologia).

Esse modelo com três eixos foi aplicado às entrevistas, como ilustrado abaixo:

#### EIXO AVALIATIVO: MOTIVO DA ESCOLHA



No depoimento da entrevistada que se encontra no topo da pirâmide, ocupando o lugar dos Elementos Constituintes do Homem, percebemos a importância que é dada à relação entre a aquisição de conhecimento a partir do curso e como esses conhecimentos impactam no mundo do trabalho.

Para esta entrevistada a docência exige uma “capacitação permanente”, ou seja, há um elemento essencial à docência que é continuidade dos estudos.

A posição da participante se aproxima à concepção de relação entre o conhecimento e o trabalho, que temos utilizado, concepção esta que não trata a mediação entre esses dois elementos como pressuposto puro e simples para a empregabilidade, mas como uma condição inerente à formação do homem, pois como vemos em Frigotto:

Na sua dimensão mais crucial ele (o trabalho) aparece como atividade que responde à produção dos elementos necessários e imperativos à vida biológica dos seres humanos como seres ou animais evoluídos da natureza. Concomitantemente, porém, responde às necessidades de sua vida cultural, social, estética, simbólica, lúdica e afetiva. Trata-se de necessidades que, por serem históricas, assumem especificidades no tempo e no espaço (Frigotto, 2006, p. 247).

Já no nível intermediário nossa participante destaca a questão da necessidade de ser organizado para dar prosseguimento ao curso. Em sua opinião a organização é um requisito para aqueles que desejam estudar por meio desta modalidade.

Além de destacar esse requisito a entrevistada prega a superação de um estigma creditado aos cursos a distância, a sua suposta facilidade.

Tal como a entrevistada, acreditamos que, por se tratar de duas modalidades de educação diferentes, há saberes comuns e outros que são específicos de cada uma, contudo qualquer comparação entre as duas pode resultar em uma avaliação distorcida.

Como nos diz Oliveira (2005),

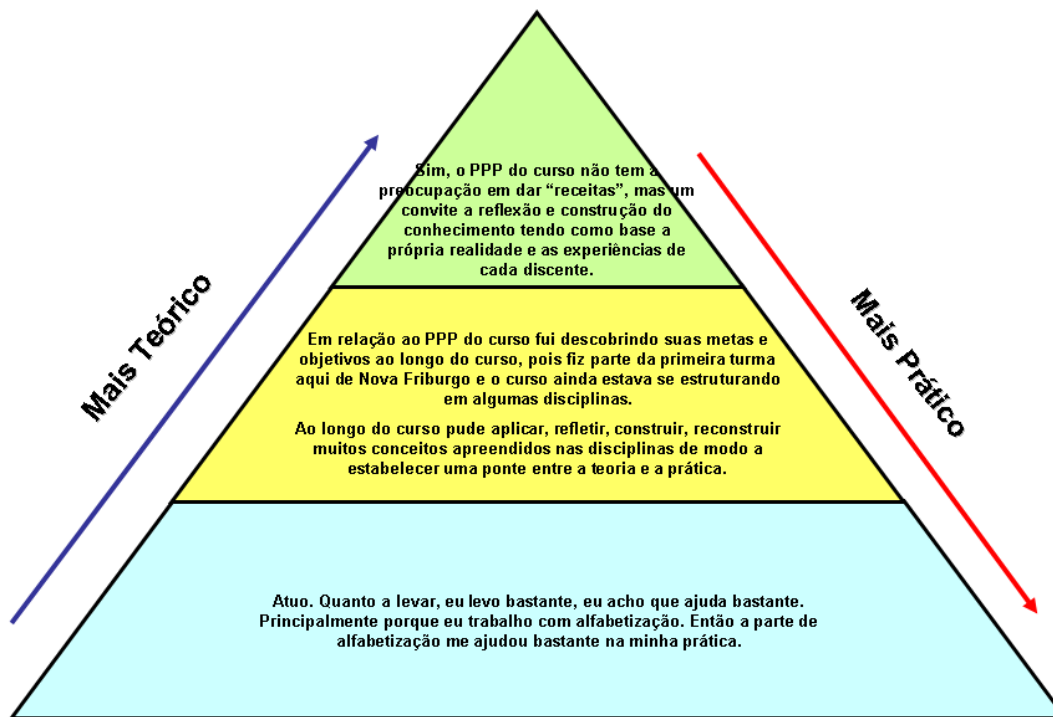
Não se trata de considerar a educação a distância apenas como uma “segunda via”, de cunho compensatória, para quem não pode assistir às aulas, ou apresenta uma defasagem na relação idade/série, ou de utilizar a qualquer custo as tecnologias (p.69).

No campo das práticas a entrevistada destaca também a importância de dar continuidade à sua formação, desta vez de maneira mais sistematizada do que as “capacitações” às quais teve acesso.

Para esta entrevistada os conhecimentos adquiridos no curso e mediados com os colegas deram outro caráter à sua prática cotidiana, portanto vemos a questão da mudança na fala dela durante a entrevista.

Neste eixo “motivo da escolha” vimos que a ênfase nos três níveis foi a relação existente entre a continuidade da formação e a mudança que isto significa na prática docente.

## EIXO AVALIATIVO: CONHECIMENTO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO



No eixo “Projeto Político Pedagógico do Curso”, na parte superior, mais teórica, a entrevistada destaca a relação entre o conhecimento que parte de uma reflexão e a construção das práticas de cada discente do curso.

Nesse sentido, ao superar as “receitas” de saberes prontos, o curso proporciona que os seus alunos não somente sejam “receptores” de conhecimentos, mas que se tornem transformadores de suas realidades a partir das próprias experiências.

No que diz respeito ao patamar intermediário, a entrevistada ilustra como se deu a construção durante o curso e que, na medida em que se desenrolava o seu Projeto Político Pedagógico era estruturado, ou melhor, adequado às diversas realidades.

Na fala desta participante, tanto os saberes práticos quanto os teóricos foram abordados no curso, o que lhe permitiu aplicar os saberes aprendidos e refletir sobre os mesmos no decorrer do curso.

Em relação à prática, vemos nos dizeres da participante que a proposta do curso pode ser levada à sala de aula, ou seja, não é um projeto pedagógico que dá bases apenas teóricas, mas sim subsidia saberes para o “fazer” prático.

#### EIXO AVALIATIVO: APRENDIZAGENS MAIS IMPORTANTES



No eixo “Aprendizagens mais importantes” a primeira entrevistada destaca como o curso causou mudanças tanto pessoais como profissionais, para então, em seguida, modificar a sua forma de trabalhar.

Para esta professora as questões do conhecimento e do trabalho tiveram uma dimensão transformadora do próprio sujeito e, com isto, a sua atividade laboral também foi modificada.

Para a participante seguinte, o nível central representa uma íntima ligação entre a teoria e a prática, ou seja, aquilo que ela aprendeu no curso fazia uma “ponte” para a aplicação dos conhecimentos em sala de aula.

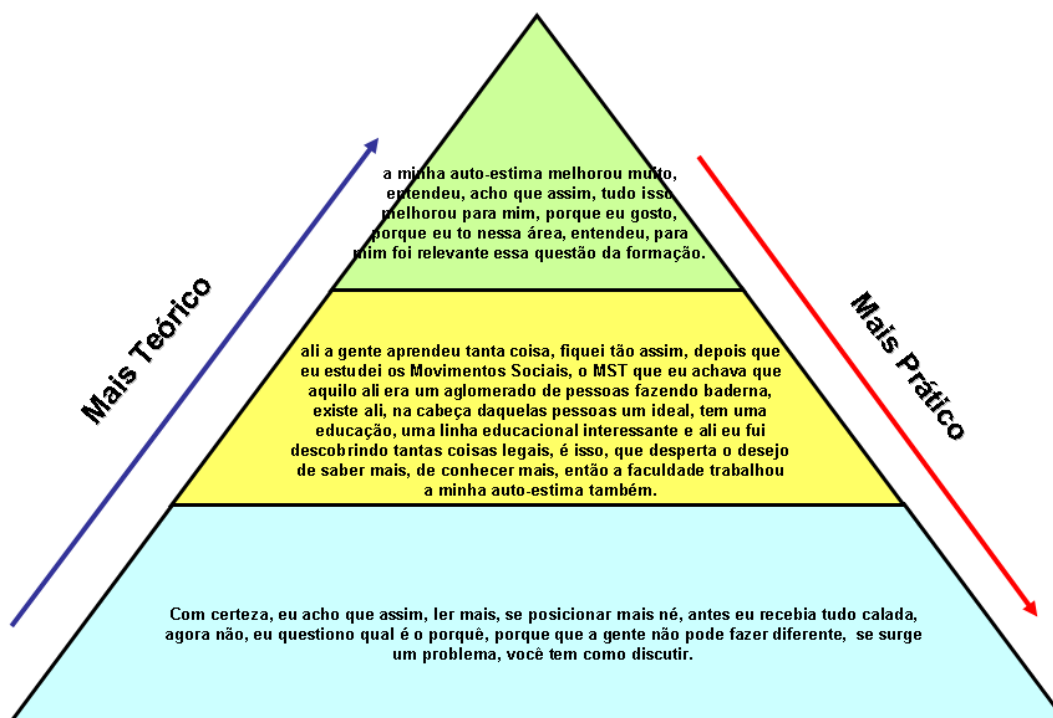
A entrevistada demonstrou outro ponto relevante que é a preocupação do curso, segundo seu entendimento, de fazer esses saberes serem significativos e possíveis tanto no momento em que os entrevistados são docentes, em suas salas de aula, como discentes, quando estudam.

Já no aspecto da prática, a aprendizagem mais importante para a participante foi a relação dos conhecimentos com a vivência do educando. A entrevistada aponta a mudança na sua postura ao considerar de maneira mais crítica o que é ou não importante para o aluno.

Por este depoimento é possível avaliarmos que o curso trabalha a crítica aos conteúdos e possibilita que seus participantes reflitam sobre suas práticas, sobre o que é ou não significativo para si e para seus alunos.

Neste eixo foi interessante notar que a síntese das respostas indica que o curso contribuiu para que os graduandos e egressos refinem o cuidado com aquilo que aprendem e que ensinam, criticando o que é significativo ou não para a sua vivência e para a vivência de seus educandos.

#### EIXO AVALIATIVO: IMPLICAÇÕES DO CURSO



No eixo “Implicações do Curso” encontramos mais uma vez na base do modelo gráfico o aspecto da crítica. Contudo, neste momento ela se manifesta na forma de um posicionamento da entrevistada frente a outras pessoas, contestando o que está estabelecido e mais, embasando os seus questionamentos.

Para esta participante o curso possibilita uma mudança de atitude, da passagem de simples receptora de comandos à transformadora do *status quo*.

No plano intermediário a implicação para a participante foi o aprofundamento em outros saberes que não são tratados como “disciplinas”, mas que no curso são questionados.

Podemos dizer que, em se tratando de um curso de formação de professores, de homens e mulheres que formarão outros sujeitos, essa amplitude de campos estudados e saberes abordados possibilita aos graduandos e egressos um rol maior de embasamento tanto teórico quanto prático.

Isto não somente acrescenta à vida profissional dessas pessoas como também trabalha as questões de foro mais íntimas como a auto-estima, citada pela entrevistada.

A auto-estima é apontada também, pela entrevistada, para conceituar o topo da pirâmide. Para esta participante o conhecimento adquirido implica diretamente a sua satisfação como pessoa.

Vimos que as implicações do curso direcionam-se mais para aspectos pessoais do que técnicos, ou seja, para os entrevistados além dos saberes pedagógicos o curso representou um fortalecimento uma mudança de ordem subjetiva.

## EIXO AVALIATIVO: IMPLICAÇÕES DAS TIC



No eixo das “Implicações das TIC” o tom crítico das entrevistadas permanece. Vejamos, por exemplo, o que nos diz a participante em relação aos “Elementos Constituintes dos Homens”, quando esta questiona “para quê as tecnologias?”. Não que a entrevistada esteja negando a importância que têm as TIC, mas sim reafirmando que a utilização das tecnologias pressupõe outras questões, como o conhecimento.

Temos tratado as tecnologias como mediadoras da relação do homem com a natureza. Ao aplicar seus conhecimentos ele traduz sua força criativa em trabalho. É exatamente este ponto que a entrevistada levanta, ou seja, as TIC não podem ser finalidade, elas são as nossas mediadoras com o mundo material.

A segunda entrevistada também dá ênfase às tecnologias no currículo do curso, que pela sua percepção o meio era mais importante que os fins ou os objetivos.

No entendimento dessa participante há prioridades que estão sendo distorcidas tanto no curso quanto na escola.

Quando cita uma disciplina do curso, e afirma que a ênfase estava voltada de mais para as práticas docentes mediadas por TIC, e sinaliza que a realidade de sua escola não lhe permite esta prática, ela mesma diz que há muito que se mudar antes

que cheguemos ao ponto da vasta utilização das tecnologias no cotidiano escolar e que, enquanto os problemas estruturais não forem resolvidos não serão medidas de outra natureza que modificarão a escola.

Já na prática cotidiana de sala de aula, a terceira participante destaca as possibilidades que as TIC lhe dão. Para essa entrevistada as Tecnologias são um meio de incluir o aluno e dar a este pessoa novas perspectivas.

A análise que fazemos das Implicações das TIC, segundo as entrevistadas, é que é necessário discernir a utilização vazia das tecnologias frente à produção de conhecimentos por meio delas.

Uma vez que conceituamos as TIC como nossas mediadoras em relação ao mundo, temos que refletir que lugar damos a elas e se são a finalidade de nossos esforços ou se devemos tomá-las como o meio para a criação de outros fazeres e saberes.

#### EIXO AVALIATIVO: CONTINUIDADE DOS ESTUDOS



No eixo “Continuidade dos Estudos” vemos que, de maneira geral, o curso aponta para a necessidade da Educação Continuada.

No topo, o conhecimento é representado pela analogia da “semente” que uma vez plantada tende a dar frutos, de acordo com a participante. Notemos que ela não

deixa de lembrar o aspecto financeiro, mas não é isso que a motiva a continuar, mas sim a vontade de “aprender coisas novas”.

No depoimento relacionado às Questões Pedagógicas do curso a entrevistada cita a sua experiência de construção do trabalho final de conclusão do curso que, com o auxílio de seu Orientador, foi pautado em sua vida profissional.

Resgatamos esse depoimento porque o estabelecimento de tal elo entre as experiências do passado e as perspectivas de futuro dá noção da implicação que um tempo tem sobre o outro.

Já na base notamos a dimensão da incompletude do Homem, por meio de uma participante que nota que a sua prática pode ser modificada através da busca por outros saberes.

Ao longo das entrevistas tivemos muitos pontos em comum entre as entrevistadas, mas se houve unanimidade esta se deu sobre este ponto, a continuidade dos estudos.

Aquelas participantes que ainda não estavam cursando uma pós-graduação demonstravam claramente a vontade de se inserir em uma ou, se não de forma sistematizada, como disse a nossa primeira entrevistada, a “semente foi plantada”, o que significa que formal ou informalmente elas permanecem estudando.

Tivemos algumas entrevistas em que o problema da falta de tempo, falta de recursos financeiros ou distância física eram apontados como causa para a graduação só ter sido finalizada há pouco tempo.

Para estas questioneei se não era estranho que formadores tivessem problemas para se formar. Como resposta as entrevistadas indicaram questões como:

*como professora assim, nosso tempo é muito pequeno mesmo, eh...uma coisa que agente deveria ter, né, assim, eh...um tempo dedicado ao estudo mesmo, por mais que agente tenha o centro de estudos, né, que a coordenadora pedagógica tenta, passar algum conteúdo positivo, pra gente estudar e tal, mas não é a mesma coisa, né, você fica limitada, né, eu acho que agente tem essa carência mesmo do tempo, né, pra gente poder se enriquecer, aí...olha, eu vou falar, a faculdade abriu assim, um horizonte, eu tava muito presa ainda naquele tempo, do Normal, por mais capacitações assim que agente faça, não é a mesma coisa, né, o conteúdo que passou assim, na faculdade, ele foi uma coisa muito legal, que eu aproveito assim, tem, amigas que tornaram até tutores, né, do cederj, eh... que agente conseguiu fazer trocas, e conversar, deu para enriquecer muito o meu trabalho.*

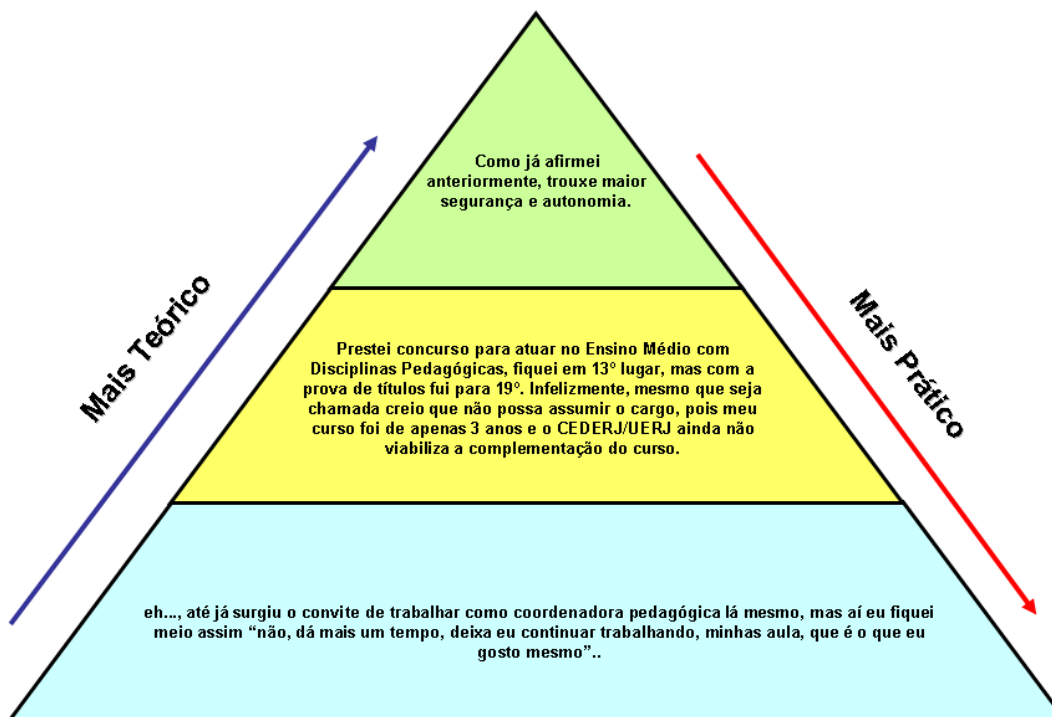
O que podemos ver nesse depoimento? Para esta entrevistada, assim como para as demais, há uma clara necessidade de continuar seus estudos e cursos a

distância como este de Pedagogia da UERJ, que vêm responder a uma lacuna deixada.

Uma vez suprida esta lacuna as participantes não somente reconhecem a importância dos conhecimentos adquiridos, sejam práticos ou teóricos, como também manifestam o desejo de partir para novas experiências.

Não seria interessante que esta motivação fosse levada a um público maior?

#### EIXO AVALIATIVO: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS



Chegamos ao nosso último eixo nesse primeiro “filtro” das entrevistas, ou seja, o eixo “Perspectivas profissionais”.

De que forma os trabalho, conhecimento e tecnologias estão relacionados às perspectivas dos nossos participantes?

No campo mais teórico aparece novamente a figura da autonomia, o que significa que para a entrevistada cuja resposta transcrevemos o curso dará um horizonte mais amplo de tomadas de decisões e segurança nas suas práticas.

Quanto ao nível intermediário temos uma contradição, pois a entrevistada relata o êxito em um concurso para docente, que é provavelmente um reflexo dos saberes adquiridos no curso, mas que pode se transformar em frustração em função de questões burocráticas relacionadas também à estrutura dessa graduação.

Em parte isto se dá porque o Projeto Político Pedagógico foi elaborado para subsidiar um curso que tivesse a carga horária exigida pelo MEC e que tivesse três anos, entendendo que, por se tratar de educação continuada, os alunos já têm o vínculo com a prática docente. Ocorre que algumas entidades públicas não entendem o curso como uma graduação plena em função disto e não aceitam os diplomas, na hora o preenchimento de postos públicos.

E a prática? Para nossa terceira participante o curso representou a possibilidade de uma mudança no patamar de sua profissão, mas para essa docente a prática de sala de aula falou mais alto e mesmo com essa nova perspectiva, preferiu manter-se professora.

Notemos que nessa análise através dos eixos, havia uma ampla intimidade entre os três níveis, ou seja, havia uma dialogicidade entre esses três níveis. Afinal, longe de serem hierárquicos, eles são complementares.

Com isso queremos afirmar que não seria possível a formulação dos conceitos do topo da pirâmide se estes não estivessem ancorados na prática, que é a base.

Já no sentido contrário a base (a prática), precisa ser fundamentada pelas categorias mais teóricas, pois se não fosse não teria sentido, ou melhor, seria uma prática esvaziada de reflexão.

Enquanto isto, o nível intermediário fornece e é alimentado de subsídios tanto em função da prática docente, quanto das categorias teóricas. É neste espaço de convivência que os entrevistados não somente discutem as suas práticas frente aos conhecimentos adquiridos no curso, mas também percorrem o caminho contrário, dando sentido ao curso por meio de suas experiências na docência.

Partindo dessa análise gráfica, e com base nesses três níveis, chegamos a outro procedimento de análise dos resultados, mais refinado, pois esta matriz nos mostrou que as Práticas (fazer) Docentes foram predominantes nos depoimentos, mesmo nos outros dois níveis (Questões Pedagógicas do Curso e Elementos Constituintes do Homem).

Tendo em vista um movimento baseado na dialética, consideramos que esta análise gráfica era necessária para dar organicidade à pesquisa, pois dos depoimentos alicerçados na prática, constituímos categorias teórico-práticas para então buscar a leitura dessa realidade.

Não nos seria possível chegar ao ponto seguinte sem antes organizar as idéias e chegar à percepção da importância que a prática tinha para as entrevistadas da pesquisa.

Dito isto, o passo seguinte à análise das entrevistas por meio do modelo gráfico foi a formulação de tabelas, ainda de acordo com cada um dos sete eixos avaliativos já citados.

Neste momento atribuímos diferentes cores para cada um dos eixos, para facilitar o procedimento analítico, como podemos ver a seguir:

<b>EIXO AVALIATIVO: Motivo de Escolha do Curso</b>
<b>Lázaro: Oi, o que levou você a escolher esse curso?</b>
Ehhhhh.... Esse curso apareceu assim, pela falta de tempo que agente tem né e agente que trabalha o dia inteiro aí quando aconteceu foi o que, uma amiga minha que tinha comentado que tava começando a ter um curso a distância né, aí eu me interessei comecei a procurar e aí parece que a primeira turma já tinha feito o vestibular né e eu entrei na segunda turma que aí eu fiquei esperando né, fiquei lendo jornais, até que saiu o vestibular para a segunda turma, aí eu me inscrevi...

Ao eixo “**Motivo da Escolha do Curso**” foi atribuída a cor **laranja**.

Para o eixo “**Conhecimento do Projeto Político Pedagógico do Curso**”, foi atribuída a cor **verde**:

<b>EIXO AVALIATIVO: Conhecimento do PPP do Curso de Pedagogia</b>
<b>Lázaro: você chegou a conhecer o Projeto Político Pedagógico do curso?</b>
<b>Cheguei, eles entregaram uma apostila, na época, quando agente entra, assim, eles fazem uma aula inaugural e ali eles dão sim, ta tudo guardadinho.</b>

Para o terceiro eixo, “**Aprendizagens mais importantes**”, atribuímos a cor **rosa**:

<b>EIXO AVALIATIVO: Aprendizagem mais importante no Curso</b>
<b>Lázaro: o que você aprendeu de mais importante no curso? Quais você acha que foram suas maiores aprendizagens ao longo do curso?</b>

Caramba! Olha só, eh... Essa parte toda pedagógica, essa forma de lidar, que eu trabalho com educação infantil, né, embora o curso seja para ensino fundamental, isso dá pra trazer até pra educação infantil, isso... Ah! Tem isso, que eu ia falar, eu briguei, várias vezes eu questionei isso lá no curso, por que que era só ensino fundamental? Por que não podia ser também educação infantil, né, porque eu sou professora de educação infantil há muito tempo, aí eu sempre questionei isso, “poxa, até para fazer estágio não podia ser em educação infantil, só podia ser só ensino fundamental, e a tutora de estágio sempre falava “-não, aqui é ensino fundamental, não pode fazer estágio em educação infantil”, eu disse “poxa vida, podia, abrir, né? Para educação infantil, já que é ensino eh... educação básica, né,” ai...eu sempre briguei por isso, lá quando eu podia né, questionar (risos), mas eu levo, levei muita coisa da.. .do que eu estudei lá, pra mim, pra minha, pras turmas de educação infantil.

Quanto ao quarto eixo, “**Implicações do curso à vida pessoal e profissional**”, determinamos que a cor seria o **azul**:

#### **EIXO AVALIATIVO: Impactos à Vida Profissional e Pessoal**

**Lázaro: quais foram as consequências maiores desse curso na sua vida profissional?**

Eh... o curso na área, vou logo na área financeira, (risos) eu tive um aumento, porque com o curso a gente ganha tipo uma gratificação, porque dá entrada no enquadramento por formação, aí vai aumentando seu nível, né, então isso já me ajudou bastante. E... Assim na parte pedagógica, também, claro, mudei muita coisa, eh... consegui perceber várias coisas que eu fazia de errado, “pô, isso não se faz mais”, né, aprendi outras práticas assim que agora uso, utilizo, e coisa e tal, e às vezes coisas que acontecem assim que você para e “puxa, é mesmo!” Você começa a avaliar, e tal, e vê que “pô, eu li isso” e tal, e acontece assim mesmo, coisas assim que ajudam mesmo no dia a dia, né.

No sexto eixo, a cor **grená** representaria as “**Implicações da TIC**”:

#### **EIXO AVALIATIVO: Impactos das TIC à Prática Docente**

**Lázaro: era um curso a distância, que utilizava entre outras coisas tecnologias e você acha que isso impactou? Quais foram os impactos dessas tecnologias no seu cotidiano de sala de aula, no teu cotidiano ao longo do curso, em que você tinha que utilizar essas tecnologias?**

No início foi complicado, no início quando eu assisti à aula inaugural, que falaram muita da tecnologia, que era muito no computador e tal, e tem computador aqui, que minha filha tá lá nele, então quem usava muito e usa é Mariana. Eu nunca dei atenção assim para ele (risos), quando começou a faculdade, aí que eu comecei a me interessar, eu disse “não, vou ter que aprender a mexer, nisso”, né, “vou ter que me virar”, tanto que quando aquela disciplina que é de informática, meu Deus! Ela pegou muita gente, eu consegui, assim, passar, mas por um triz, foi muito difícil, muito difícil mesmo, assim, né, que na época, depois eles foram mudando, a forma de como trabalhar, eh... a forma de como desenvolver essa disciplina, porque aí foi obrigado, a ter que ir lá, que quando eu fiz, era ler os módulo e se virar, entendeu? Então agente que não tem assim uma visão... um contato com o computador, no início você se perde, você fica desesperado...eu ficava, perguntava a um, perguntava a outro, “Mariana, minha filha, me ajude aqui!, Entra aqui, eu não consigo entrar, na plataforma, e não sei o quê”, ela foi... agora que ela tá com quinze anos, mas na época ela era mais nova, né, e ela que me ajudava, e aí eu fui aprendendo a Plataforma, a ver as dúvidas, e olhar os links, né, e tudo, aí depois foi ficando mais fácil, mas no início...

Para o eixo “**Continuidade dos Estudos**”, trabalhamos com a cor **cinza**:

<b>EIXO AVALIATIVO: Perspectivas de Continuidade dos Estudos</b>
<b>Lázaro: e quais são as suas perspectivas de futuro de estudo?</b>
<b>Eu quero fazer mestrado.</b>

Por fim, no sétimo eixo, utilizamos a cor **vermelha**. Os resultados relacionados às “**Perspectivas Profissionais**” foram apresentados da seguinte maneira:

<b>EIXO AVALIATIVO: Perspectivas Profissionais</b>
<b>Lázaro: quais foram as suas mudanças profissionais?</b>
<b>Com o término da Graduação e da Pós-Graduação pude trocar de função na Prefeitura na qual trabalho: mudei de professora de Educação Infantil para Orientadora Pedagógica.</b>

Com as tabelas formuladas e as respostas separadas por cores, partimos então para o último momento de organização dos resultados encontrados.

Neste processo, criamos uma matriz cuja coluna principal demonstrava os objetivos da pesquisa, enunciados na introdução:

- Saber quais são as implicações do curso;
- Saber se o curso é realmente sócio-interacionista como diz o seu Projeto Político Pedagógico;

- Saber se os conhecimentos que constituem o curso são aplicáveis à prática;
- Saber como o curso implicou a prática docente dos entrevistados e;
- Saber quais foram as implicações das TIC.

As outras duas colunas pretendiam responder aos objetivos da pesquisa de acordo com os entrevistados, a partir dos parâmetros “sim” ou “não”.

Para ilustrar essa matriz, vejamos um exemplo:

AS IMPLICAÇÕES DAS TIC	
SIM	NÃO
O que me levou a escolher um curso à distância foi a possibilidade de poder estudar em casa e fazer o meu próprio horário de estudo inicialmente. Depois fui percebendo que o curso tinha uma excelente proposta pedagógica.	
Precisamos abandonar os velhos paradigmas, romper barreiras e lançar nossos olhares para o novo, aprendendo assim a trabalhar com as novas tecnologias, com a evolução do conhecimento e com a possibilidade de construção coletiva e com a troca de informações. Pois o saber é múltiplo e é na prática que conseguimos adquiri-lo e aprimorá-lo.	
Sim, bastante. Muita gente entrou assim igual a mim, sem saber as tecnologias e essas coisas e a gente saiu com uma base, até porque você é obrigado a pesquisar, e se virar, então a gente conseguiu, pelo menos a minha turma, conseguiu desenvolver um pouco mais.	

Nessa matriz, que trata das práticas dos entrevistados, podemos perceber que, em relação às implicações das TIC, os três entrevistados tomados como exemplo acreditam que as TIC tiveram implicações em suas vidas.

Se observarmos as diferentes cores que aparecem na matriz, veremos que estas implicações se dão em diferentes áreas.

Na primeira linha, a implicação se deu no campo do motivo da escolha do curso. Na segunda linha, há relação com a aprendizagem mais importante do entrevistado e por último, na terceira linha, tem relação às implicações que as TIC tiveram concretamente na prática de sala de aula desta entrevistada.

Ao aplicarmos esta matriz nas entrevistas e editá-las de acordo com esses parâmetros, vimos o quanto os eixos das entrevistas se relacionavam mutuamente. Percebemos isto pela multiplicidade de cores relacionadas aos objetivos propostos.

Já sabemos a linha-mestra que guiará a apresentação dos resultados baseados nos objetivos é o critério da relação que as respostas têm com a prática das entrevistadas.

Há um ponto que é importante ressaltar, antes de partirmos para os resultados em si.

Os depoimentos que serão postos a seguir não se tratam de meras ilustrações de uma teoria pré-imposta ou, em outras palavras, seria completamente impossível chegar a estes resultados sem que houvesse essas entrevistas.

Isso parece óbvio? O que estamos afirmando é que, em vez de trabalharmos um bloco de citações de autores referenciados e entre estas citações inserir uma ou outra frase, pretendemos fazer o caminho contrário.

São as práticas desses docentes que abrirão caminho para discutirmos as teorias e, principalmente, para chegarmos à conclusão se os objetivos dessa pesquisa foram ou não alcançados. Como saber se o curso implicou algo à prática dessas docentes se os egressos entrevistados disserem que não? Veremos em seguida se esta pesquisa tem ou não validade.

Outro parâmetro para a análise que faremos será o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso, pois os nossos objetivos foram construídos a partir do que esse documento afirma que deve acontecer no curso. Portanto, cabe-nos confrontar esse enunciado com a prática dos entrevistados, buscando os pontos de convergência e divergência.

#### 4.5 Um curso sócio-interacionista?

É no marco teórico construtivista, e no leque de abordagens que o compõe, que buscamos referenciar esta abordagem metodológica. (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002, p. 66).

No capítulo três desta dissertação, vimos os marcos teóricos que embasam o curso de Pedagogia a Distância da UERJ.

Sabemos que dois dos principais autores que alicerçam o PPP do curso são Piaget e Vygotsky, o que lhe dá um caráter sócio-interacionista, pelo menos em sua proposta. Cabe-nos agora questionar através das entrevistas se esse propósito se efetiva na prática.

Na categorização das respostas utilizamos alguns critérios tais como:

- relação entre a teoria e a prática no curso;
- mediação entre tutores x educandos e educando x educandos;
- abordagem das disciplinas;
- adequação do material didático à proposta pedagógica e ao cotidiano das entrevistadas;
- metodologia utilizada, entre outros.

Ainda baseados no que diz o Projeto Político Pedagógico do curso, esses são alguns parâmetros passíveis de análise, pois neste documento podemos encontrar os enfoques dados a estes aspectos.

Para dar dinâmica à leitura, selecionamos alguns depoimentos<sup>17</sup> relativos ao objetivo da pesquisa que estamos abordando.

Vejam então, através dos resultados, se o curso é realmente sócio-interacionista:

Para que haja uma familiarização com a matriz utilizada, antes dos nossos comentários faremos uma breve explicação.

Nesta matriz, na qual é questionado se o curso é ou não sócio-interacionista, temos duas colunas, uma “sim” e outra “não”. Com as respostas dadas pelas entrevistadas compusemos o enquadramento.

---

<sup>17</sup> Ver APÊNDICE – Matriz de Análise das Entrevistas.

Uma vez que temos sete eixos avaliativos, já apresentados no modelo gráfico exposto anteriormente (p. 07-19) é possível que cada matriz seja composta de sete linhas tanto para a coluna “sim”, quanto para a coluna “não”.

As cores em cada uma das respostas indicam o eixo ao qual elas pertencem (p. 20-22) e caso haja uma lacuna, foi porque entendemos que não havia uma resposta compatível com aquele parâmetro.

Ao analisar este primeiro quadro vemos que as entrevistadas, ao escolherem o curso, optaram por uma modalidade que fosse mais flexível, que lhes desse uma possibilidade maior de conduzir seus próprios afazeres e, ainda assim, dar continuidade aos seus estudos.

É SÓCIO-INTERACIONISTA	
SIM	NÃO
(...) eu fazia o meu tempo, então eu estudava dentro da proposta que eu tinha né, se eu tinha o tempo da noite, eu deixava um pouco da noite para fazer.colocava a criança para dormir e ia estudar, se não, eu ia para a casa da Conceição, eu sempre fazia um esquema, até então ela não tava trabalhando também, ela tinha a facilidade do dia todo, então eu estudava pela manhã, então a flexibilidade do tempo foi o que mais me ajudou.	(...) é, porque às vezes juntava o peso, ficavam duas tutorias no mesmo horário, não tinha aquela periodicidade de ser cada uma em um horário, e a presença não era assim, era Eu, Conceição e a Tutora, e com a Conceição eu já tirava as dúvidas, então não me enriquecia muito, vir à tutoria. Às vezes eu preferia mandar pela plataforma, tirar a dúvida ali se tivesse alguma coisa, e questionar.

Para a entrevistada que respondeu isso o curso cumpre com seu caráter sócio-interacionista, pois respeita os diversos tempos e a diversidade de necessidades dos educandos.

Já na coluna do não, a entrevistada diz que pesa na escolha o fato do curso possuir um horário restrito de tutorias presenciais, o que a leva a ter que optar por determinadas tutorias em detrimento de outras. Esse fator a atrapalhava nos estudos pois, segundo as suas palavras, “não me enriquecia muito vir à tutoria”.

É SÓCIO-INTERACIONISTA	
SIM	NÃO
(...) deu... porque o curso é muito bem fundamentado, ele é bem fundamentado, assim, ele abraça as	Algumas avaliações a gente achava muito a parte de decoreba, alguma coisa muito assim, voltada

<p>disciplinas que temos que lidar no dia a dia da escola, entendeu, e ele é muito bem fundamentado.</p>	<p>para a teoria, mas uma teoria que não era... considerávamos muito importante aquela parte, a tutora também considerava muito aquele item e falavam sobre a árvore em vez de falar sobre a casa, então eram umas coisas que assim, entendeu, que meio louco, para completar com uma palavrinha que você leu no livro em várias páginas, entendeu, eu acho que isso era meio perdido.</p>
--	--

Vemos que, em relação ao motivo da escolha, a flexibilidade é um fator decisivo e que em determinados momentos pesa a favor da proposta sócio-interacionista do curso, mas em outros não.

Quanto ao PPP do curso a participante nos permite concluir que o curso é sócio-interacionista na medida em que é bem fundamentado e faz esse elo entre a teoria ensinada e o cotidiano praticado.

Em compensação, para nossa outra participante o curso não é sócio-interacionista porque em determinados momentos na avaliação era mais valorizada a memorização (decoreba, nas palavras das entrevistadas) do que o pensar crítico. Para esta participação não havia conexão entre o que era abordado no curso e as avaliações, por exemplo.

É SÓCIO-INTERACIONISTA	
SIM	NÃO
<p>Então, eu acho que essa questão do autodidatismo que a gente tem, que o ensino a distância você tem que ter isso, né, então se você leva aquilo a sério, corre atrás, você vai muito longe, entendeu, se você conseguir condições, então assim, eu acho que os professores e até os cursos de pedagogia que não são no molde do nosso, tá, eu não sei se o presencial da UERJ dá, de repente até dá, esse embasamento todo.</p>	

Já nas aprendizagens mais importantes, a entrevistada afirma que o autodidatismo adquirido no curso é sua maior aquisição e que é o modelo metodológico que leva a este autodidatismo.

Este aspecto, ainda segundo esta participante, é alicerçado em uma boa fundamentação do curso.

É SÓCIO-INTERACIONISTA	
SIM	NÃO
<p><b>Sim. O curso trouxe conhecimentos básicos e fundamentais. Dentre eles a certeza de que o domínio puro e simples das ferramentas por si só não garantem a aprendizagem, mas sim o uso pedagógico e crítico dos TIC.</b></p>	<p><b>(...) olha eu achei que não, porque eu gostaria de ter aprendido a parte prática que foi ensinada, mas ficou só na teórica mesmo, pra mim ficou, e eu acho que foi com todo mundo, é difícil na época conseguir alguém que soubesse te ajudar com o Linux, de toda formatação.</b></p>

No que diz respeito à implicação das TIC à prática das entrevistadas, vimos que é correto afirmar o sócio-interacionismo do curso, afinal, ultrapassa a dimensão instrumental das tecnologias e leva a uma prática crítica. Notamos que, para esta participante, a utilização das TIC é baseada em conhecimentos teóricos que contribuem para a prática.

Nossa outra participante tem críticas à forma como a utilização das TIC foi abordada no curso haja vista que, segundo ela, era dada uma ênfase maior à teoria da utilização em relação à prática das tecnologias.

Isso significa que alguns alunos do curso tinham uma carga teórica a respeito das Tecnologias, mas não sabiam utilizá-las como poderiam.

É SÓCIO-INTERACIONISTA	
SIM	NÃO
<p><b>Sempre tive uma atitude reflexiva, construtiva e interativa na prática docente. O curso trouxe a consciência das minhas habilidades, fortalecendo-as, além de incitar-me a superação das minhas dificuldades.</b></p>	

Ao vermos nossa outra participante dizer que o impacto à sua vida pessoal e profissional foi a “consciências de suas habilidades” e a superação de suas

dificuldades, vemos que o curso dá conta de equilibrar e desequilibrar seus alunos, de maneira a permitir que eles superem os obstáculos que lhes são impostos ou pensem em alternativas para esta superação.

Esse ponto é importante, pois afinal há um pressuposto desafiador nas propostas sócio-interacionistas, que contribuam para que os educandos alcancem níveis superiores de pensamento.

É SÓCIO-INTERACIONISTA	
SIM	NÃO
Durante todo o curso fomos incentivadas a prosseguir os estudos pelos tutores e equipe do Pólo, pelo próprio material didático e pela equipe da UERJ.	acho, só há menção de que seria bom q o professor se qualificasse, mas não há estímulos. Penso q o curso deveria dar ênfase ao mestrado e doutorado.

Em relação à possibilidade de continuidade dos estudos, os entrevistados disseram primeiramente que há um incentivo para a mesma, fomentando a educação continuada, o que indica a inclinação do curso ao entendimento de que o homem é um sujeito em permanente formação.

Mas a segunda entrevistada diz que esse incentivo só fica na menção, ou seja, não há iniciativas concretas. Acredita ainda que a ênfase deveria ser na continuidade dos estudos em uma carreira acadêmica, através do mestrado ou doutorado.

É SÓCIO-INTERACIONISTA	
SIM	NÃO
	<b>Como eu disse apenas a parte presencial me decepcionou, a distancia sempre fui bem orientada.</b>

Por fim, no que diz respeito ao caráter sócio-interacionista do curso encontramos as perspectivas profissionais a partir de sua conclusão.

Para nossas entrevistadas o curso falha neste aspecto, pois houve orientações somente por parte dos tutores presenciais, enquanto os tutores a distância não orientavam bem para as possibilidades futuras dos graduandos.

O que percebemos sobre o caráter sócio-interacionista do curso é que, de maneira geral, ele se apresenta sim de acordo com a sua proposta, mas há uma lacuna que segue três direções:

1 - a discrepância entre as práticas de tutoria a distância e presenciais, ora sendo apontadas falhas em um, ora sendo apontadas inconsistências em outras;

2 – Embora o conteúdo do curso seja bem aceito e as entrevistadas digam que é bem fundamentado, a estrutura do mesmo leva às vezes a uma sobrecarga que não deveria existir em cursos a distância, afinal um de seus principais aspectos é a flexibilidade em relação às necessidades dos alunos;

3 – A discrepância entre aquilo que era ensinado, e que estava de acordo com a proposta sócio-interacionista e o que era praticado, que remetia a modelos tradicionais, como provas voltadas para memorização, falta de vínculo com a realidade dos estudantes, entre outros.

Por outro lado, pesa a favor do curso a ênfase reflexiva nos seus conteúdos, que leva os educandos a se apropriarem dessa postura crítica e o bom embasamento teórico trabalhado nas disciplinas, nas tutorias e no material didático.

Estes dois aspectos estão de acordo com o PPP do curso quando este afirma que:

Pensando em um curso para a formação de professores através da educação a distância, seu currículo deverá integrar espaços, passos metodológicos e estratégias educativas que levem os graduados à confrontação entre teoria científica, informação e conhecimentos recebidos, com sua prática profissional e cotidiana. (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002, p. 68).

#### **4.6 O curso é aplicável?**

Como vimos no caráter sócio-interacionista do curso o vínculo dos conhecimentos abordados com a prática cotidiana é um valor essencial.

Para as entrevistadas, quanto mais próximos estão os conteúdos em relação à realidade melhor o curso é percebido.

Em nossos objetivos nos propomos a questionar se os conhecimentos e saberes abordados no curso eram aplicáveis, pois sabíamos quais eram os marcos

teóricos do curso e seus pressupostos metodológicos, mas sabemos que isto não pode ficar apenas na proposta.

Mais do que isso, é necessário que esses saberes sejam ligados à experiência de seus participantes e, neste sentido, buscamos saber se o curso é ou não aplicável.

É importante esclarecer que não estamos falando de um pragmatismo vazio, ou de conhecimentos que têm que ter uma aplicação prática e imediata, beirando o instrumental, mas sim de conhecimentos que, a partir de uma reflexão, são capazes de modificar a prática, possibilitando a confrontação entre ela e a teoria.

Vejamos o que disseram nossas entrevistadas a respeito da aplicabilidade do curso.

É APLICÁVEL	
SIM	NÃO
<p>há possibilidades, mas eu acredito que não sejam em todas as escolas pois nem todas estão abertos a métodos novos, de uma forma igual como a gente vai interagir, como a gente vai entregar conhecimento, que não é a proposta do CEDERJ. Na escola onde eu dava estágio era uma escola muito tradicional, no próprio PPP ela se definia tradicional, e não abriam mão disse de maneira alguma, então para eles o simples fato de você abrir uma roda e dizer “vamos conversar” de mexer qualquer coisa que saia do comum não está certo. Então quando eu chegava para dar uma aula prática era encarada como “lá vem a maluca” os alunos adoravam “a tia chegou”, mas as professoras falavam “ai meu Deus”, mas fazia um resultado muito bom, que elas saiam pelo menos perplexas, porque elas olhavam e falavam “olha o trabalho lindo que resultou” saiam poesias lindas, aprenderam certas matérias em que estavam com dificuldades, então realmente faz efeito, mas você tem que ter apoio, né.</p>	

Em relação ao PPP desta graduação nossa entrevistada não somente concorda que os conhecimentos adquiridos no curso são aplicáveis, como ressalta o impacto disto diante da comunidade escolar.

O que poderia ser entendido como algo positivo pelas demais professoras era visto como depreciativo.

Este entendimento das outras professoras era causado, como explica a nossa entrevistada, pelo embate entre a concepção explicitamente tradicional da escola e o caráter sócio-interacionista do curso, que motivava seus alunos a aplicar “métodos novos”.

Na fala dessa entrevistada é perceptível que há certa “profissão de fé” em relação ao modelo tradicional, afinal, quando as outras professoras veem que os resultados dessa prática são expressivos, passam a considerar a validade deles.

É APLICÁVEL	
SIM	NÃO
Assim, como essa parte toda que tinha aula de ...disciplina de corpo e movimento, de, de ... “que mais gente”, de português também. Tem coisas ali, tem coisas assim, que você pode usar tudo para os menorezinhos, eu aproveitei muita coisa.	

Sobre as aprendizagens mais importantes, vemos que a nossa entrevistada diz aproveitar “muita coisa”, mas não somente nas disciplinas curriculares habituais, como a Língua Portuguesa, citada.

Há outros saberes desenvolvidos no curso que também podem ser aplicados, como a questão do “Corpo e Movimento”, também necessária para a formação de seus educandos.

É APLICÁVEL	
SIM	NÃO
haa... tudo pode ser modificado, adequado, em qualquer área de ensino o Pedagogo tem esse perfil ...de buscar no que aprendeu a transposição de ideias para a melhoria do ensino.	

Quando se trata dos impactos à vida dos participantes tivemos uma série de depoimentos, mas consideramos este bastante simbólico, pois fala não somente da possibilidade de aplicação dos conhecimentos do curso, como também destaca um aspecto importante na constituição do pedagogo: a capacidade de adequar um determinado saber às diversas realidades nas quais se insere.

Cabe ao pedagogo, na visão desta entrevistada, fazer a ponte entre o saber que é aprendido no curso e em outros espaços, e as possibilidades que o ambiente lhe dá de trabalhar aqueles conhecimentos.

<b>É APLICÁVEL</b>	
<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
<p>eu acho que até para aplicar, mas é distante pelo lado material, as escolas públicas a gente não tem uma rede de acesso como tem na secretaria ou é uma salinha pequena, só para os professores usarem, aqui em Petrópolis a gente ta até com um projeto, um Programa do governo, ta para chegar trezentos computadores para as escolas, na parte material. Agora quanto aos professores, eu acredito que não seja tão difícil assim, até porque a internet todo mundo já conhece, já sabe, o professor já não tem aquele bloqueio, já sabe manusear.</p>	<p>Eu não consigo ver uma escola trabalhando com diversidade da forma como a gente trabalha, entendeu, sobrecarrega o professor, o professor é sobrecarregado de atribuições, entendeu, não é que ele não tenha vontade, falta de repente essa formação, mas ele também é muito sobrecarregado, né, porque ele tem que lidar imensas questões dentro do contexto escolar: o aluno que é difícil de se relacionar, a família que é difícil de se relacionar. Quer dizer, tudo isso aí, eu acho muito difícil, e ele é engolido pela burocracia escolar, eu acho que ela... ele é engolido, ele tem calendário, ele tem prazo, ele tem que preencher, entendeu, então eu vejo... não é que ele, que as pessoas, eu acho que assim, não queiram fazer... existe um grupo que é cabeça dura mesmo, falou que é coisa, já bota o pé e diz que não vai fazer, mas não vejo isso como a maioria não, eu vejo isso que eles não tem assim, nem tempo de parar para pensar naquilo ali, entendeu, eles estão cumprindo o que os outros estão mandando eles fazerem.</p>

No entendimento de nossa participante os saberes sobre as TIC são aplicáveis, mas levanta um porém: afinal há dois pontos a serem considerados no que se refere às tecnologias: o acesso (disponibilidade) e a utilização (as práticas).

Para a nossa entrevistada os conhecimentos sobre as TIC não são aplicáveis adequadamente devido à questão material, escassa na sua escola e, de maneira geral, na Rede de escolas públicas. O acesso é dificultado e na maioria das vezes há uma utilização mais administrativa das tecnologias do que pedagógica ou de mediação da aprendizagem.

Quanto à utilização, essa mesma entrevistada ressalta que os participantes do curso são capazes de aplicar esses saberes na prática e que houve uma superação em relação ao bloqueio que muitas vezes é atribuído à motivação do professores por não utilizar as TIC.

Isso vai ao encontro de nossa segunda entrevistada que não acredita ser possível essa aplicabilidade da utilização das TIC devido à sobrecarga a que os professores estão submetidos.

Há uma série de exigências de trabalhos burocráticos / formais que extrapolam o tempo de sala de aula do professor e significam um encargo muito grande nas suas atribuições.

Diante desse quadro, deixa-se de planejar as aulas e pensar em como levar as TIC à prática para “cuidar de papéis”, entre outros encargos que não lhes pertence.

Em síntese, nossas entrevistadas concordam que os conhecimentos abordados no curso são aplicáveis à prática, ou seja, que há a possibilidade de cruzar os saberes que estão em um plano predominantemente teórico<sup>18</sup> (a graduação) e aplicá-los em um plano prático (as salas de aula).

Outro aspecto importante em relação à aplicabilidade do curso são as dificuldades encontradas pelas entrevistadas.

Essas dificuldades vão desde a diferença de concepção de educação dos locais onde trabalham, que se chocam com as concepções aprendidas no curso, à

---

<sup>18</sup> Predominantemente teórico porque no curso de Pedagogia a Distância da UERJ há a prática de Estágio Supervisionado. Este componente curricular é transversal ao longo do curso, portanto, não se trata de uma graduação apenas teórica, mas sim que alia teoria e prática no seu currículo. Vale lembrar que a maioria dos graduados neste curso já eram docentes quando o iniciaram, afinal trata-se de uma formação continuada e não de uma formação inicial para professores.

dificuldade material de suas escolas, que não lhes permitem uma plena introdução dos saberes construídos nas salas de aula.

Para superar essas dificuldades uma entrevistada nos lembra um aspecto importante na formação do Pedagogo: a sua capacidade de adequação ao meio no qual está inserido.

Esta participante nos lembrou que os saberes são aplicáveis na medida das necessidades e que, se necessário for adaptá-los, cabe ao Pedagogo tomar essa iniciativa.

E como exatamente os saberes do curso influenciaram a prática das entrevistadas? Vejamos a seguir.

#### **4.7 O curso influenciou a sua prática?**

A indicação trazida pelas nossas participantes nos levou à conclusão de que os conhecimentos abordados no curso são aplicáveis à prática, embora sejam necessárias adaptações em determinados casos e em outros, devido a uma série de circunstâncias, que essa aplicação seja tolhida.

Cabe-nos então questionar se o fato do curso ser aplicável se reflete necessariamente em uma influência à prática de nossas participantes.

Por mais que pareça que uma coisa leva diretamente à outra e que, nos relatos das entrevistadas, tenhamos visto que elas aplicam sim os saberes do curso, é válido investigar mais de perto como essa influência se dá.

Como vimos no capítulo três, quando tratamos da concepção do curso e de seus objetivos, há um elo explícito na relação entre prática - teoria - prática, como podemos na descrição do papel do profissional esperado:

Um profissional que, imerso em sua prática, busque confrontá-la com a teoria e ao cotidiano retorne, revigorado pela reflexão e pela dúvida – movimentos indispensáveis à constituição de um pensamento crítico e criativo, portanto transformador. (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002, p. 62).

Na elaboração do Projeto do curso, como vimos nesta citação, há um saber que o professor já tem que é a sua prática. Esta obviamente não está vazia de teoria

mas, ao aluno imergir no curso, refina esta prática/teoria e daí parte novamente a campo com uma atitude transformadora.

É nossa tarefa neste momento analisar como os participantes vivenciaram isto na prática e perceber se o curso realmente cumpre com a sua proposta.

INFLUENCIOU A PRÁTICA DOCENTE	
SIM	NÃO
(...) porque eu precisava me atualizar, eu tava distante de lecionar quando eu voltei para a minha escola e eu vi que os métodos que eles usavam lá eu não sabia, eu fazia porque me diziam que eu tenho que fazer, eu não sabia o porquê daquilo, qual o objetivo que eu iria atingir com aquilo, então eu vim aqui para isso, para poder buscar algumas respostas.	

Nossa primeira participante nos esclarece de início o que leva uma professora que já atua e tem experiência de sala de aula a buscar uma formação continuada ao longo de sua caminhada.

Para esta entrevistada a opção por ingressar no curso de Pedagogia a distância da UERJ está relacionada à possibilidade de tomar ciência de outras concepções educacionais, diferentes daquelas que ela conhecia e que estavam sendo utilizadas na escola na qual atuava.

Para esta professora houve a necessidade não somente reproduzir discursos e prática, mas de saber os porquês daqueles fazeres e daí poder modificar a sua prática.

INFLUENCIOU A PRÁTICA DOCENTE	
SIM	NÃO
Acho que mais o lúdico com as atividades com as crianças, coisas mais para serem trabalhadas	

A respeito do Projeto Político Pedagógico a participante afirma que o curso influenciou as suas práticas, tornando-as mais lúdicas e criativas.

Vimos na expectativa do curso em relação aos professores formados, que a criatividade e a transformação são elementos formativos dos docentes e na fala desta participante estes aspectos encontram-se presentes.

INFLUENCIOU A PRÁTICA DOCENTE	
SIM	NÃO
(...) sim... conseguimos aliar teoria e prática, aliás, esse é o tema da minha monografia. Eu aprendi a pesquisar, o que já é um ótimo começo pra qualquer educador que deseje melhorar sua atuação docente.	

A relação entre a teoria e a prática já foi citada algumas vezes ao longo das respostas das entrevistadas e mais uma vez aparece aqui, entre as aprendizagens mais importantes da participante selecionada.

É interessante notarmos que a pesquisa aparece como a ponte entre aquilo que a professora estuda e aquilo que ela pratica ou, em outras palavras, esta docente faz uso da pesquisa para “melhorar sua atuação docente”.

INFLUENCIOU A PRÁTICA DOCENTE	
SIM	NÃO
é o que te falei, eh ...durante o curso você vai lendo e vai estudando e vai percebendo várias coisas assim que você fazia, coisas já ultrapassadas, né, poxa!, coisas que eu fazia e não tinha mais nada a ver, em certos métodos, tinha uma prática assim tradicional, por mais que você tente mudar e aí você não tem mais isso, não tem mesmo material para isso, e aí, até essa parte de ler mais, de procurar outros livros, né, autores, e isso, tudo eu tava muito parada, parada, e você acaba ficando...se acomoda, entendeu, trabalha assim, ta dando certo, então ta bom, e você fica muito parada e aí, quando você é obrigada a começar a ler, e a estudar, né, e aí a procurar autores pra isso, pra aquilo, e é aí mesmo, e aí começa a voltar, naquela, ...aí lembra...estudei isso, como ainda se	

fala desse autor, ou como já mudou, e aí você muda muito.

Mais uma vez vemos a contraposição entre as concepções educacionais tradicionais e aquelas que não são e a percepção da entrevistada de que é necessário saber aquilo que não é o tradicional.

O fator transformação é preponderante, ou seja, não basta reconhecer que as práticas são diferentes, mas sim tomar uma posição em relação a elas e o que temos visto até este momento é que as entrevistadas têm migrado das concepções tradicionais para aquelas que são abordadas no curso.

INFLUENCIOU A PRÁTICA DOCENTE	
SIM	NÃO
<p>(...) é interessante que eu trabalho com educação especial, meus alunos são especiais, que agora com essa questão da inclusão, eles não puderam ser incluídos pois são adultos, tem um aluno que tem 40, quase 50 anos, e outros que têm uma faixa etária de 20 a 30, então eles são especiais, né, aquele grupo especial, e o que eu fiz, não tinha um computador na sala então eu comecei a levar os alunos a teclarem ali, eles têm muita dificuldade de aprender, que é natural da deficiência deles mas ali eles começaram a digitar o nome, a entrar na internet, a buscar atividades dentro da internet para eles, porque a internet é muito rica, atividade de coordenação, de encaixe, que estimule o pensamento deles, porque eles adoram o “dia da informática”, ontem (sexta) foi o dia e eles ficaram super tristes porque lá tá em manutenção, então esse ano os computadores ainda não funcionaram, então é a maior alegria deles.</p>	<p>(...) bem... eu não faço uso das tecnologias que aprendi no curso, em grande parte das minhas aulas, pasme... eu leciono em uma área mais rural do que urbana, não temos recursos audiovisuais que estejam disponíveis como queremos não faço uso de laptops como a galera do Estado.</p>

Chegamos então às experiências das entrevistadas relacionadas às TIC, se as tecnologias afetaram ou não a prática de nossas participantes.

Por um lado, uma das professoras diz que sim e relata um caso no qual a sua aluna pode ser incluída por intermédio do uso de computadores. Nesta situação as tecnologias de informação foram facilitadoras à prática da docente.

Por outro lado, a segunda entrevistada afirma que não houve influência sobre a sua prática porque nem mesmo o acesso à tecnologia ela e a sua escola têm.

Embora possa propiciar experiências interessantes tanto para professores quanto para alunos, em ambos os relatos a dificuldade material está envolvida.

Isso demonstra que, mesmo que as TIC implicam a prática dos docentes e proporcionam experiências diversificadas, o fator acesso é bastante importante.

Outro fator a ser assinalado são as diferentes políticas adotadas no que tange à disseminação das tecnologias por parte do Estado.

Enquanto determinadas localidades contam com programas voltados para a inclusão de professores e alunos, outras não assumem o mínimo compromisso com a questão, seja por que não veem a inclusão como prioridade, seja em função dos custos ou por outros tantos motivos.

Percebemos então que as TIC tendem a influenciar a prática docente desde que os docentes tenham acesso às tecnologias e formação adequadas para não utilizá-las sobre o mesmo paradigma do giz e quadro negro.

<b>INFLUENCIOU A PRÁTICA DOCENTE</b>	
<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
<p><b>Sim, atualmente estou cursando o 3º módulo do Curso de Especialização de Déficit Cognitivo e Surdez pela Universidade Federal de Santa Maria. Além disso, estou terminando o 2º módulo do curso de Pós- Graduação Gestão Educacional da Universidade Castelo Branco.</b></p>	

No último item da influência do curso sobre a prática docente vemos que a entrevistada optou, para dar continuidade aos seus estudos, por dois cursos de especialização.

É interessante notar que ambos os cursos se dão a distância, um em uma instituição pública de outro Estado e a segunda em uma universidade privada do Rio de Janeiro. Avaliamos que a experiência do curso a distância na graduação não

somente foi proveitosa como suscitou a vontade de dar continuidade aos estudos por meio da mesma modalidade.

Quando optamos por questionar a influência do curso na prática docente dessas entrevistadas nossa intenção era buscar as diversas experiências de sala de aula que tiveram como ponto de transformação a realização do curso.

No caso da participante que está cursando duas especializações a distância, por exemplo, vemos que não somente há uma aceitação desta modalidade, como ela pode servir como possibilidade concreta para a continuidade dos estudos de professores.

Este eixo da prática docente teve como destaque a questão da transformação explícita no Projeto do curso e que, nas falas das entrevistadas, aparece com destaque.

São transformações de paradigmas, transformações de práticas, de relação entre educando e educador, transformações pessoais e profissionais.

Devemos ressaltar que, se por um lado as transformações na prática dessas entrevistadas foi um ponto forte, por outro lado houve a percepção de que elas já eram ricas em práticas diferenciadas, mas essas práticas foram melhor alinhadas à teoria e estas mesmas professoras perceberam que em seus fazeres a teoria já estava presente, mas não haviam se dado conta disto.

Em algumas falas das entrevistadas há o outro lado da moeda, que são os desafios estruturais que em determinadas situações impedem ou dificultam a introdução de práticas diferenciadas no cotidiano escolar.

Sejam essas dificuldades estruturais ou institucionais, elas representam a continuidade de um modelo que, uma vez fechado, pouco espaço deixa para a implementação de práticas transformadoras.

É em meio a esse jogo de forças que se encontram não só nossas entrevistadas como outros professores que se posicionam com vistas à construção de um outro fazer docente.

#### 4.8 As TIC implicaram a sua prática?

Como vimos no eixo anterior o curso influenciou de maneira diversificada a prática de nossas entrevistadas.

Vimos que há uma premissa no curso que é a relação estabelecida entre os saberes práticos que o participante tem e utiliza X os conhecimentos que adquire no curso X o retorno para a prática, fazendo uso desses conhecimentos.

Outra premissa do curso é a mediação desta relação prática – teoria – prática a partir da tecnologia, que no caso específico do curso são as Tecnologias da Informação e Comunicação.

Desta forma o curso visa a transformação da prática docente e a formação dos seus participantes, e isto se dá a partir da mediação das TIC.

Neste sentido, vemos mais uma vez presente as categorias trabalho, conhecimento e tecnologia, com vistas à formação do Homem.

No eixo que abordaremos neste momento trataremos das implicações das TIC não no plano pragmático, ou seja, na utilização em si destas na sala de aula, mas naquilo que elas modificaram os sujeitos, alterando as suas vidas.

Baseados nesse critério selecionamos algumas falas para discutirmos as experiências de nossas entrevistadas em relação às implicações das TIC.

AS IMPLICAÇÕES DAS TIC	
SIM	NÃO
O que me levou a escolher um curso à distância foi a possibilidade de poder estudar em casa e fazer o meu próprio horário de estudo inicialmente. Depois fui percebendo que o curso tinha uma excelente proposta pedagógica.	

Nossa primeira entrevistada nos aponta que o aspecto prioritário na escolha pelo curso foi a possibilidade de estudar sem sair de sua residência e adequar o ritmo de estudo às suas **próprias** demandas.

Sabemos que no modelo presencial essa flexibilidade é reduzida drasticamente, afinal há as grades curriculares, grades de horário e outras tantas grades que, de certa forma, aprisionam os graduandos em tempos e espaços rígidos.

Com a utilização das TIC a disseminação capilarizada do conhecimento tornou-se uma possibilidade real que se adequa aos diversos espaços-tempos dos sujeitos, caracterizando-se desta maneira, pelo menos a princípio, como uma iniciativa inclusiva.

Em outro momento deste texto já questionamos as motivações da busca por essa maior flexibilidade de tempo e de espaço e indicamos que, se essa busca por uma maior flexibilidade for causada por problemas de falta de tempo, falta de recursos financeiros ou dificuldades de acesso estamos tratando de uma iniciativa válida mas esvaziada, afinal não existiria se os problemas citados fossem sanados.

Em compensação, se falamos de um curso no qual as pessoas ingressam por opção, porque querem trabalhar de forma diferente o seu tempo, porque preferem estudar a distância e se relacionam melhor com a mediação a partir das TIC, entre outros fatores, é possível reconhecer não somente a validade do curso como a sua necessidade.

As pessoas têm que ter a opção de estudar a distância, mas essa opção não pode representar uma simples via de escape ou “tapa-buracos” em relação a uma série de dificuldades do modelo predominante de educação superior centralizado / concentrado em determinados locais e com tempos muito bem fixados.

AS IMPLICAÇÕES DAS TIC	
SIM	NÃO
<p><b>Precisamos abandonar os velhos paradigmas, romper barreiras e lançar nossos olhares para o novo, aprendendo assim a trabalhar com as novas tecnologias, com a evolução do conhecimento e com a possibilidade de construção coletiva e com a troca de informações. Pois o saber é múltiplo e é na prática que conseguimos adquiri-lo e aprimorá-lo.</b></p>	

Em se tratando das aprendizagens importantes, nossa entrevistada apontou a necessidade de superar determinados paradigmas e lançar mão, quando for possível e adequado, de outros recursos.

Uma participante assinalou anteriormente que uma das atribuições do Pedagogo é fazer a adequação dos conhecimentos necessários às diversas

realidades. Quando a nossa entrevista diz que “o saber é múltiplo e é na prática que conseguimos adquiri-lo e aprimorá-lo”, ela está reforçando esta posição, afinal não se trata de utilizar indiscriminadamente as TIC, mas sim ver de que forma ou até mesmo se elas cabem em um determinado contexto.

Nossa entrevistada levanta então a necessidade de não se omitir ao aprendizado das TIC e, conhecendo as suas possibilidades, utilizá-las ou não em sua prática, de acordo com as necessidades pedagógicas.

AS IMPLICAÇÕES DAS TIC	
SIM	NÃO
<p><b>Sim, bastante. Muita gente entrou assim igual a mim, sem saber as tecnologias e essas coisas e a gente saiu com uma base, até porque você é obrigado a pesquisar, e se virar, então a gente conseguiu, pelo menos a minha turma, conseguiu desenvolver um pouco mais.</b></p>	

Nossa terceira entrevistada destaca que, em relação às TIC, o que mais implicou a sua vida foi o conhecimento a respeito da utilização das tecnologias, pois isto lhe proporcionou desenvolvimento tanto no campo pessoal, quanto profissional.

Esse último aspecto relacionado às implicações das TIC resume os relatos de nossas entrevistadas, afinal elas apontaram que as tecnologias da informação e comunicação não somente as desenvolveram profissionalmente, mas lhes abriram outras perspectivas pessoais.

Para algumas entrevistadas o curso significou um primeiro contato mais constante com as TIC. Para outras, foi a possibilidade de se aprofundarem na utilização dessas tecnologias.

São saberes que ultrapassam os conhecimentos utilizados na sala de aula e modificam suas vidas, afinal as tecnologias não são instrumentos meramente pragmáticos e práticos a uma determinada finalidade.

Como vimos em outros momentos nesta pesquisa, as tecnologias mediam a relação entre o homem e a natureza (trabalho) e entre o homem e o conhecimento. Isso significa que não há como pensar o mundo, da forma como ele se configura hoje, sem a mediação das tecnologias.

O que diferencia o entendimento das tecnologias são os projetos nos quais elas se inserem. Como já falamos para essas professoras as implicações das TIC

significaram principalmente a superação de determinados paradigmas, a flexibilidade para estudar nos espaços-tempos que melhor lhes sejam adequados e o próprio desenvolvimento como sujeitos e profissionais.

#### **4.9 O curso implicou a sua vida?**

Chegamos então ao último eixo analisado a partir das entrevistas com as nossas participantes.

Trabalhamos com sete eixos avaliativos ao longo da pesquisa, de forma que a partir desses eixos nossas entrevistadas nos relatassem de que maneira suas práticas foram implicadas com base no curso de Pedagogia a distância que fizeram na UERJ.

Vimos que diversas foram as áreas afetadas pelo curso, indo da questão mais íntima de um sujeito, a sua auto-estima, aos saberes mais técnicos para o exercício da docência, como a modificação no seu entendimento da didática utilizada.

Outro ponto bastante acentuado até este momento foi a constante relação entre a teoria e a prática, mas não de um ponto de vista no qual a teoria é aquilo que vem para iluminar e corrigir tudo que os professores fazem de tão errado em seu cotidiano.

Ficou evidenciado que, tal qual preconizado no Projeto Político Pedagógico do curso, a teoria é um dos atores que participam do diálogo com a prática, em iguais condições, sem hierarquias, seja a favor de uma, seja a favor de outra.

Na perspectiva do curso o participante parte daquilo que já faz e conhece, confronta estes fazeres e saberes com os conhecimentos abordados no curso, para então retornar à sua prática modificando aquilo que necessário for e dando continuidade ao trabalho que julga estar no caminho certo. Em ambas as situações, seja no caso da manutenção das práticas, seja no caso de modificá-las, o que interessa nesse diálogo entre a prática e a teoria é a atitude transformadora do sujeito que ingressou e finalizou o curso.

Seguindo esse raciocínio veremos de maneira mais ampla quais foram as implicações do curso de Pedagogia à vida de nossas participantes.

Notem que já tivemos eixos classificados de maneira próxima, mas este que abordaremos agora tratará de uma abordagem mais genérica, mais aberta, que inclusive poderá conter traços dos eixos anteriores, afinal estamos falando de um sujeito que é um todo e que, para fins de análise, segmentamos nestes sete eixos.

Sigamos com a análise deste eixo que nos trará apontamentos importantes sobre as implicações que o curso teve.

IMPLICAÇÕES DO CURSO	
SIM	NÃO
<p><b>E então quando surgiu essa oportunidade, eu quis logo, até porque existe uma exigência de que todo professor agora tenha essa formação, então eu vim e foi uma mudança assim de visão profunda, de renovação para minha vida, muito grande, porque, antes disso a minha formação foi bem na época militar, na época da ditadura, então eu tinha aquela visão de educação mesmo bancária, de muita rigidez, e esse curso me deu uma visão nova, um novo horizonte mesmo de enxergar a educação de maneira bem ampla, respeitando a individualidade dos meus alunos, respeitando a cultura, o meio social, então houve essa renovação na minha visão, daquela rigidez mesmo, por conta daquela época, daquele período, e mudei, enxergando a educação por outra visão, me abriu uma janela na minha vida.</b></p>	

Para nossa primeira participante o curso surgiu como a possibilidade de atender a uma demanda trazida por força Legal que a obrigaria a ter uma formação de nível superior em Pedagogia (Lei 9394/96)<sup>19</sup>.

Contudo, além dessa demanda ter sido cumprida, houve um acréscimo, que foi a modificação na pessoa de nossa entrevistada.

Ela, que vinha de uma formação diferente deste oferecida pela UERJ, baseada em outros paradigmas, em outro contexto histórico-social, se deparou com

<sup>19</sup> Ver ANEXO C. Selecionamos desta Lei somente os aspectos referentes à Formação Docente.

novas maneiras de lidar e aplicar os saberes pedagógicos, o que a levou a perceber não somente o seu trabalho, mas também as pessoas de forma diferente.

Essa modificação vai de encontro à proposta do curso que objetiva encaminhar

(...) o professor para uma profissionalização comprometida com a cidadania ativa, na medida em que suas ações cotidianas serão espaço aberto à renovação de estruturas e à modificação de papéis sociais assimilados, ao longo do tempo, pelo tempo/espaço político brasileiro. (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002, p. 63)

IMPLICAÇÕES DO CURSO	
SIM	NÃO
Ao longo do curso pude aplicar, refletir, construir, reconstruir muitos conceitos aprendidos nas disciplinas de modo a estabelecer uma ponte entre a teoria e a prática.	

Quanto ao Projeto Político Pedagógico do curso as implicações, como vimos em outros eixos, trataram da relação entre a teoria e a prática e do estabelecimento de “pontes” entre os saberes aprendidos e os fazeres cotidianos.

Na medida em que diversos de nossos participantes ressaltaram esse ponto, vemos que é possível atrelar a teoria à prática com base naquilo que é abordado no curso.

Em contrapartida, vimos que o fato de ser possível não representa necessariamente que no próprio curso isso aconteça, ou seja, os nossos participantes conseguem fazer a ponte entre aquilo que aprendem e aquilo que fazem, mas apontaram que, como alunas do curso, em certas situações conviveram com a discrepância entre o que é ensinado na graduação e aquilo que efetivamente acontece na mesma.

Em resumo, o curso implica a prática, a vida desses docentes, mas talvez seja necessário que a própria graduação seja implicada e revista a partir daquilo que ela mesma preconiza (através de seus atores – tutores, conteudistas, professores, gestores, entre outros).

IMPLICAÇÕES DO CURSO	
SIM	NÃO
Com certeza a valorização do ser	

humano, com tudo que ele traz da sua vida, da sua família, eu fiz a minha monografia sobre educação de jovens e adultos, então através do meu estágio que eu pude lidar mais, pude estar assim em contato, então eu vejo que o curso realmente mostra para o professor na formação dele como ele deve agir em relação ao seu aluno, a valorização do conteúdo que ele traz, de toda a sua bagagem, né, essa palavra foi muito falada, ou seja, valorizar o ser humano no que ele é, nas suas limitações, no todo seu ser, em toda a sua vida que ele traz.

Em relação à aprendizagem mais importante ao longo do curso, nossa entrevistada relata que o curso implicou a sua percepção quanto às pessoas, a exemplo de nossa primeira entrevistada.

Essas similaridades podem ser encaradas como saberes e práticas que realmente são enfatizadas no curso e que passam a marcar a vida de seus egressos.

As professoras entrevistadas não falam simplesmente de como aprenderam a dar uma “boa aula”, nem como a fazer uma “avaliação exemplar”, elas falam de respeito ao ser humano, de mudanças do seu entendimento sobre os sujeitos e de transformação por meio do saber, tanto de seus educandos, quanto delas mesmas.

IMPLICAÇÕES DO CURSO	
SIM	NÃO
(...) no pessoal, minha auto-estima melhorou. Eu tenho graduação, né, com certeza. Mas assim, melhorou minha auto-estima, financeiramente são R\$ 900,00 de diferença no salário, é considerável, né? Porque para mim foi, porque eu to em final de carreira, então, é um impacto legal no meu salário, foi por isso que eu tô conseguindo pagar as contas, mais ou menos tranquilamente, entendeu, mas tudo bem, para mim foi, mas aquilo que eu te falei, eu acho que eu sou uma pessoa com mais autoridade hoje, entendeu, eu tenho bastante	

autoridade para chegar, no meio dos meus pares e fora da escola, e assim, até dentro da escola.

A quarta entrevistada traz um dado objetivo no que diz respeito à implicação do curso à sua vida, que foi o aumento em seu salário de docente.

Esta entrevistada não representa uma minoria, ou seja, para diversos docentes a graduação significa não somente uma oportunidade de adquirir novos conhecimentos e modificar suas práticas, mas é também uma forma de valorização profissional e melhoria nos salários.

Além deste ponto objetivo a participante ressaltou dois fatores: a melhoria em sua auto-estima e o incremento da autoridade profissional perante outros sujeitos.

Ao que parece, para essa classe profissional que em via de regra não é tão valorizada quanto deveria, não recebe financeiramente o retorno que merece e que em diversas situações é menosprezada, a oportunidade de concluir uma graduação significa a superação de algumas dessas barreiras.

É preciso discutir então porque essa entrevistada precisa de um curso de graduação para melhorar a sua auto-estima e o que representa o acréscimo de R\$ 900,00 ao salário de uma docente, que faça com que o curso seja tão significativo assim. Entraremos nesta discussão na conclusão da nossa pesquisa.

IMPLICAÇÕES DO CURSO	
SIM	NÃO
(...) a primeira coisa que eu fiz ao passar no vestibular foi comprar um computador, porque se não eu ia passar às escondidas, aqui na época o laboratório ainda era bem deficiente, só tinha aquele lá do canto, as máquinas normalmente estavam quebradas, às vezes não tinham quem abrir o laboratório, então quem não tem o computador em casa, com acesso à internet, fica complicado. Eu não tinha muito conhecimento, pois só tinha tido no 2º grau, que eu estudava em uma escola particular e tinha né, tinha aulas de informática e tal. Então depois disso eu parei completamente, então tive que voltar a estudar,	

**conhecer outro mundo novo, não tinha contato com o computador, com a internet muito menos.**

As implicações do curso relacionadas às implicações da TIC, para nossa entrevistada resultou primeiramente no acesso à máquina, o acesso material, digamos.

Desse acesso material resultou um novo conhecimento relacionado à utilização das tecnologias o que, de acordo com a nossa entrevista, a levou a “conhecer um mundo novo”.

Não estamos falando de como aplicar a tecnologia em sala de aula, em preparar atividades com maestria, estamos falando de uma pessoa que afirma ter conhecido outros saberes no momento em que soube que teria que utilizar as TIC.

Para a nossa participante a implicação da tecnologia não representou apenas a possibilidade de ter mais um “instrumento” de trabalho e sim de mais uma mediação para com o mundo, o trabalho e o conhecimento.

IMPLICAÇÕES DO CURSO	
SIM	NÃO
Assim que terminei essa graduação percebi que ela não estava completa para o que eu pretendia atuar, pois não queria parar apenas como Pedagoga para as séries iniciais. Eu queria mais!	(...) tem, até quando a gente se formou havia a promessa de neste ano, abriria tipo uma graduação, bem, uma continuação do curso, não chegaria a ser uma pós, para poder dar uma Licenciatura Plena, porque o nosso curso é para as primeiras séries do ensino fundamental, então teria uma continuação, um complemento de mais ou menos um ano, mais ou menos. Então a gente espera que isso aconteça.

Sobre a continuidade dos estudos a nossa entrevistada mostra uma tendência percebida em outras participantes, que foi o fato do curso suscitar em seus participantes a vontade de dar prosseguimento aos estudos.

Como foi relatado por outra entrevistada, seja não-formal ou formalmente, é consenso das entrevistadas que ora os tutores, ora os orientadores do curso, apontam para a continuidade dos estudos. Essa é uma postura que contradiz o

discurso comum que afirma que os professores “não querem mais nada” com os estudos.

O que devemos questionar são as condições que lhe proporcionam ou não a possibilidade de dar andamento à formação que já têm, diante da sobrecarga de tarefas que são destinadas aos professores.

Nesse eixo houve uma entrevistada que afirmou que o curso não implicou a sua vida em relação à possibilidade de continuidade dos estudos, pois por questões de estrutura da própria graduação, ficou entendido que haveria uma complementação das habilitações e esta não se concretizou.

A participante, assim como outras, relata que se essa complementação ocorresse ela faria, mas já que não houve, ainda está aguardando a mesma.

Houve relatos diferentes, nos quais a falta de outras habilitações trouxe dificuldades práticas como a aprovação em concursos, ou seja, é necessário que essa questão seja debatida e implantada ou, se não for de interesse dos gestores do curso tomar essa decisão, pelo menos deve haver a comunicação para os alunos egressos.

IMPLICAÇÕES DO CURSO	
SIM	NÃO
<p>Não... Eh, mais ou menos, porque eu comecei a atuar na parte de orientação da escola, mas depois eu saí dessa parte e voltei a ser professora, mas de certa forma ajudou. Além de ter conseguido passar em concursos públicos, porque eu trabalhava em escolas particulares. Eu consegui passar em primeiro lugar em um concurso público para Bom Jardim.</p>	<p>(...) não, nenhum. Só houve problema que demorou um pouquinho a nosso reconhecimento do curso, eu tive que esperar, fui enquadrada agora, no final de 2008. (...) Mas a gente achou que demorou muito, entendeu, demorou um pouquinho. Mas eu tive colegas que conseguiram com a Declaração, eu não consegui, ...o meu voltou, dizendo que não valia a declaração de autorização, tem que ser de reconhecimento. Aí quando veio, já tinha sido reconhecimento e não deu problema, aí eu fui lá, peguei na UERJ, eles deram a declaração e fui enquadrada normalmente.</p>

Por fim, temos as perspectivas profissionais de nossas entrevistadas a partir das implicações do curso.

No relato que trouxemos a participante afirma ter passado a atuar em outra função depois de formada, mas preferiu retornar à sua função original de professora.

Além disso, ela foi aprovada em concursos públicos inclusive tendo se classificado em primeiro lugar em um deles.

Outras participantes também relataram a mudança no cargo, mas não houve um só caso no qual o curso serviu apenas com degrau para sair da área da Educação.

Não é raro vermos pessoas que se formam no curso de Pedagogia e, depois de formadas, migram para outras áreas que requerem como critério mínimo a conclusão de um curso de graduação, independente de qual seja.

Pelo menos entre nossas entrevistadas todas desejam permanecer na Educação ou se aposentar na docência e entre aquelas que pretendem mudar de patamar, essa mudança é para outros cargos pedagógicos.

Por outro lado, a segunda entrevistada diz que, apesar do curso ter implicado as suas perspectivas profissionais, problemas burocráticos quase prejudicaram o seu enquadramento.

Esse relato não foi o primeiro que fez uma crítica aos aspectos burocráticos do curso, o que representa um vácuo na comunicação entre instituição x discente. Ou realmente o curso falha na sua burocracia ou algo é dito aos alunos que não corresponde à realidade, mas há algo que precisa ser corrigido para que eventuais danos não sejam causados para os egressos.

Tendo analisado os sete eixos vimos que este último tem como uma de suas características principais o tom de síntese dos demais ou, em outras palavras, o eixo “implicações do curso” nos permite uma análise transversal dos demais eixos, portanto, permite concluir se o curso cumpre ou não o que se propõe.

Com base neste último eixo, e resgatando as discussões dos eixos anteriores, concluiremos este capítulo enfocando o objetivo principal de nossa pesquisa: saber quais são as implicações do curso de pedagogia a distância à prática dos seus egressos.

#### 4.10 Algumas lições aprendidas

Ao longo deste capítulo fizemos a análise das entrevistas realizadas com as pedagogas egressas do curso de Pedagogia a distância, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, oferecido por meio do Consórcio CEDERJ.

Esta análise se deu em dois momentos: no primeiro elaboramos uma Matriz de Análise Gráfica que serviu para organizar as Categorias Analíticas encontradas em nossas entrevistas.

Por meio dessas entrevistas chegamos a três Categorias Analíticas (Elementos Constituintes do Homem; Questões Pedagógicas do Curso e Prática Docente).

Após analisarmos essas três categorias chegamos à conclusão de que o aspecto predominante nas entrevistas foi a importância das práticas (fazer) docente, que foram encontradas não somente na categoria Prática, como também nas outras duas, Elementos Constituintes e Questões Pedagógicas.

Tendo chegado ao fim da análise do Modelo Gráfico e à conclusão de que as práticas foram o aspecto ressaltado nas entrevistas, partimos para um segundo momento da análise das entrevistas.

Neste trabalho com o consolidado das entrevistas, fizemos algumas seções para organizar logicamente as mesmas e, em seguida, elaboramos uma Matriz de Análise com o objetivo de organizá-las respondendo “SIM” ou “NÃO” às questões que eram feitas.

Essa matriz foi constituída com base nos objetivos da pesquisa, cinco no total, de tal forma que tivemos cinco matrizes diferentes que responderam às seguintes perguntas:

- O curso é sócio-interacionista?
- O curso é aplicável?
- O curso influenciou a prática docente?
- As TIC implicaram a prática?
- O curso teve implicações à sua vida?

Após a análise das entrevistas utilizando esta matriz pudemos traçar um mapa do curso sobre o qual temos trabalhado. Como dissemos anteriormente, nosso objetivo era partir do que nossas entrevistadas afirmavam, para então fazer a nossa análise.

Na conclusão deste capítulo sintetizaremos o que as participantes da pesquisa indicaram para então ter um quadro que corresponda de maneira mais próxima à realidade do curso.

Decidimos que este momento se constituiria nas lições aprendidas com as nossas entrevistadas sobre o curso.

Vimos, em parte, algumas dessas lições no último eixo trabalhado, daí termos partido deste momento para chegarmos à conclusão do capítulo.

Um ponto diversas vezes abordado foi a relação entre a teoria e a prática, seja ressaltando a contribuição do curso à realização da ponte entre teoria e prática, seja criticando a forma como esta relação se dá no curso.

Sobre esse aspecto, que perpassou muitas entrevistas, podemos dizer que há duas vias principais, que são:

- *1ª VIA*: O elo entre teoria e prática acontece no que diz respeito à proposta do curso e aos conhecimentos que os alunos dessa graduação levam à sua prática. Isto pode ser visto quando perguntamos se o curso era ou não aplicável.

Não houve uma só entrevistada que dissesse que os conhecimentos não eram aplicáveis, mas aí temos um “porém”, afinal não somente para a relação entre teoria e prática, mas também em outros pontos, foi assinalado que sem uma estrutura material apropriada, o trabalho das nossas participantes é dificultado.

Isso fica claro quando falamos das TIC que demandam uma infra-estrutura própria e para diversas entrevistadas inexistente não somente em suas escolas, como também em parte das instituições escolares.

Isso reflete uma conclusão que podemos aplicar ao curso como um todo: no que diz respeito aos aspectos pedagógicos o curso trouxe implicações à prática de nossas entrevistadas, mas no que se refere a questões estruturais, pouco pode ser modificado.

Nas entrevistadas relataram mudanças na forma como passaram a se relacionar com os seus educandos, com a pesquisa, com os colegas de trabalho e com o próprio conhecimento.

Foram mudanças alavancadas pela confrontação entre os saberes que já traziam de suas vidas e os conhecimentos abordados no curso, que tinham como viés filosófico o sócio-interacionismo.

Essa confrontação permitiu às participantes analisar o que poderia ser aplicado no seu cotidiano e adaptar o que é trabalhado no curso à sua prática.

Em síntese, as entrevistadas perceberam a necessidade de aplicar os conhecimentos do curso às suas salas de aula, cumprindo o objetivo do Projeto Político Pedagógico do curso que preconiza o diálogo entre o fazer dos participantes que vão ao curso e confrontam a sua prática com a teoria, e daí voltam ao cotidiano e aliam a teoria e prática em sua docência.

- 2ª VIA: o contraponto dessa confrontação são as condições que os egressos do curso encontram em suas realidades, para aplicar os conhecimentos adquiridos.

Algumas das participantes relataram que há uma dificuldade em romper paradigmas de um modelo tradicional de ensino e, que ao sair com outros saberes do curso e tentá-los levar à sua prática, os diversos atores da instituição “escola” de certa forma barram a introdução desses saberes.

Como já falamos, o problema das tecnologias de informação também significou uma barreira, afinal algumas das participantes não têm em suas escolas as condições adequadas para trabalhar com as TIC.

Segundo parte de nossas entrevistadas as TIC ainda são uma “ferramenta” administrativas das unidades escolares e não uma possível mediação entre os discentes e o conhecimento, ficando restritas a espaços como a secretaria, por exemplo.

Há situações em que nem mesmo a equipe administrativa da escola tem acesso às tecnologias e a escola se mantém à margem da utilização da informática.

Contudo, de uma forma geral vimos que a análise de nossas entrevistadas, em face dos nossos objetivos, foi mais no sentido do que o curso implicou a sua prática e do que não implicou.

Dada a objetividade necessária à pesquisa não foi possível abordar cada um dos pontos assinalados por nossas entrevistadas, mas ao pegarmos o consolidado das práticas encontradas vimos que, para além dos relatos expostos na matriz, há muitos outros pontos abordados.

Tivemos diversas análises negativas em relação ao curso que não trabalhamos no corpo da matriz, mas não podem passar sem o devido tratamento. Essas análises se referem à parte estrutural do mesmo.

Se por um lado as entrevistadas enfrentaram problemas em suas realidades para aplicar os saberes constituídos ao longo do curso, durante a trajetória da graduação elas enfrentaram diversos problemas. Um desses problemas é a discrepância que há entre o que é ensinado no curso e o que é praticado ao longo do mesmo.

O PPP dessa graduação enfatiza o sócio-interacionismo, como já vimos, mas algumas das entrevistadas apontaram que as avaliações, por exemplo, seguem o mesmo modelo tradicional de memorização que é criticado no Projeto.

Na matriz de análise, no ponto “o curso é sócio-interacionista?”, esse distanciamento ficou bastante claro, seja em função das avaliações, do excesso de teorização ou, principalmente, do modelo de tutoria.

Em diversos relatos vimos que, seja à distância, seja presencial, a tutoria do curso não correspondeu às expectativas das entrevistadas. Por vezes as participantes preferiam lidar com os tutores presenciais, porque eram atendidas melhor por esses e por vezes acontecia o contrário, preferiam lidar com os tutores a distância.

Isso pode ser entendido como uma falta de base comum aos tutores, sejam presenciais, sejam à distância, pois embora saibamos que há as particularidades de cada sujeito, essas diferenças não podem significar uma contradição, ou seja, o que um tutor faz não pode negar aquilo que o outro realiza.

Falamos das avaliações, um ponto posto pelas entrevistadas, que se queixaram de que aprendem a trabalhar os saberes de uma maneira e nas avaliações são cobradas de maneiras completamente diferentes, inclusive na disciplina “Avaliação”, o que demonstra também a necessidade de alinhamento entre o que é dito e o que é feito.

Outro ponto que precisa ser revisto no curso é a sua estrutura burocrática, que foi apontada por alguma das entrevistadas como deficitária. Esse déficit tem a ver, principalmente, com o reconhecimento do curso junto às instâncias competentes, bem como com uma promessa de uma complementação para que os egressos pudessem ter outras habilitações que não somente o Magistério para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Isto atrasou algumas participantes em processos de enquadramento profissional e em certos casos interferiu no resultado de concursos nos quais as alunas foram aprovadas.

Desta forma, podemos sintetizar as lições aprendidas com as nossas entrevistadas da seguinte maneira:

a) Do ponto de vista pedagógico o curso cumpre com o seu PPP, ou seja, dá condições para que os participantes atrelem a teoria à prática e modifiquem / transformem o seu fazer.

b) Em contrapartida, há contradições na estrutura do curso que permitem que ocorram discrepâncias entre aquilo que o curso prega e o que é praticado por seus diversos atores.

c) O diálogo entre a lição “a” e a lição “b” nos leva à conclusão de que um curso forma bem os seus participantes se estes tiverem uma crítica em relação ao que é abordado, pois se seguirem integralmente o que é conteúdo do curso, correm o risco de reproduzirem as mesmas contradições às quais foram sujeitos.

d) Os participantes egressos do curso encontram em suas realidades um terreno que nem sempre é receptivo aos conhecimentos que recebem no curso, o que os levam à adaptação desses saberes de acordo com a realidade na qual estão inseridos.

e) Os saberes e fazeres do curso dão uma base aos participantes que lhes permite repensar as suas práticas e modificá-las. Isso se estende não somente à atuação profissional, como também às suas vidas e daí vemos a importância que o curso tem para a auto-estima dos egressos;

f) A utilização das TIC ainda se reveste de uma série de dificuldades, sejam elas estruturais/materiais, sejam filosóficas e ainda há um grande campo a ser aberto, se for esta a opção das Políticas Públicas de educação.

g) É necessário que haja um maior alinhamento nas práticas de tutoria do curso, entre os tutores presenciais e os tutores a distância, para que em vez de serem concorrentes como são hoje, sejam complementares;

h) Por fim, apesar dos contratempos levantados, a necessidade que há em um curso como este, que possibilita uma série de benefícios aos seus participantes, embora haja ajustes a serem feitos.

É no sentido de alinhar tantos os benefícios quanto os ajustes do curso, que finalizaremos este capítulo e faremos a conclusão de nossa pesquisa.

Vimos, através da análise das entrevistas, que o curso tem implicações à prática docentes de seus egressos, mas caberá agora analisar de que qualidade são essas implicações.

No terceiro capítulo levantamos três hipóteses para que encaminhamento o curso pode tomar. Estas hipóteses são as seguintes:

1ª - considerar que este curso é uma iniciativa que visa à emancipação e à concreta formação humana;

2ª – considerar que o curso de Pedagogia a distância da UERJ está mais voltado para a reprodução da lógica de mercado.

3ª – considerar que esta graduação não está nem para a reprodução da lógica do capital, nem para a superação dessa lógica através da formação humana, mas para a alienação a respeito da própria profissão e de suas práticas. Desta forma,, embora preconize práticas tidas como sócio-interacionistas, não cumpra com esse objetivo e não consiga formar seus alunos fundamentado em tais concepções.

Com base nos nossos referenciais teóricos e nas análises feitas a partir das entrevistas que obtivemos, nos debruçaremos sobre a possibilidade de enquadramento do curso em umas dessas hipóteses.

## CONCLUSÕES

Como o conhecimento não pode jamais, por princípio, abranger todos os fatos – pois nem sempre é possível acrescentar fatos e aspectos ulteriores – a tese da concreticidade ou da totalidade é considerada uma mística. Na realidade, totalidade não significa *todos os fatos*. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido (Kosik, 1978, p.35).

A respeito do que afirmou Kosik buscamos em nosso trabalho nos aproximar da totalidade da realidade das participantes de nossa pesquisa, que são egressas do curso de Pedagogia a Distância da Universidade do Estado do Rio de Janeiro que, neste caso, trata-se também da realidade estudada.

Poderíamos ter abordado o curso sob diversos ângulos, mas optamos por entrar nessa realidade pelo viés da prática de nossas participantes o que gerou uma leitura completamente diferente daquela que faríamos se tomássemos como referência outro “ponto de entrada”.

Nesta conclusão nossa tarefa será de alinhar os conhecimentos teóricos com que trabalhamos nos primeiro e segundo capítulos à realidade do curso que abordamos no terceiro (a instituição) e no quarto (os sujeitos).

Outro ponto que discutiremos nesta conclusão é a opção pela pesquisa que realizamos, seja com as possíveis contribuições, seja com as dificuldades que ela impõe.

Nosso terceiro ponto tem um caráter pessoal, relativo ao autor desta pesquisa. Afinal, em se tratando de um trabalho que aborde a formação humana e a constituição do sujeito, não é de se estranhar que queiramos apresentar o processo pelo qual nós mesmos passamos.

Finalizando, nossa intenção é apontar os possíveis desdobramentos e contribuições que este trabalho pode dar às diversas áreas nas quais se insere, principalmente, nos campos da educação e trabalho, políticas públicas e formação docente.

Passemos então à nossa primeira tarefa que é dialogar nosso referencial teórico com a realidade que obtivemos por meio das entrevistas.

Como vimos, podemos afirmar que o curso trouxe implicações à prática docente das participantes dessa pesquisa e que a maioria dessas implicações se

deu no campo não somente da modificação das práticas como professoras, como também nos aspectos relativos aos sujeitos.

É possível afirmar que após o curso estas docentes se tornaram professoras e pessoas diferentes do que eram quando entraram na graduação.

Com base nisto podemos dizer que este trabalho chegou ao seu objetivo, que era investigar quais foram essas implicações, se é que elas haviam acontecido.

Mas, como o concreto só ganha sentido quando a análise vai *descobrimo* suas determinações, não bastava saber somente que o curso teve implicações à prática dessas professoras, pois a nosso ver se fez necessário qualificar as implicações que se deram.

Concordamos com Karl Marx, que o melhor método, ao se abordar um objeto que se queira pesquisar, seja começar pelo real e pelo concreto, ou o que mais concretamente representa a realidade.

No caso de Marx, ele começou pelo estudo da população, pois como diz Cardoso (1984):

No caso da economia, como aquilo de que ela trata é a produção, pareceria correto começar a pensá-la por quem a faz, que é também em quem ela se apóia: a população. Supõe-se, pois que a população é o concreto. O que Marx pergunta é se esse “concreto”, assim exposto, faz sentido. A resposta é “não”, porque ele só ganha seu sentido quando a análise vai descobrimo suas determinações. Isto por que a realidade social é uma realidade determinada : os fatos sociais são como são por alguma razão. Há relações específicas que os engendram, eles respondem a uma certa causalidade. Neste sentido, são determinados e, assim, sua explicação só pode ser conseguida quando se apreende sua determinação ( Cardoso, 1984, p. 1).

Por conta disto nos deparamos com três hipóteses já enunciadas anteriormente, que comprovaremos ou não neste momento.

A primeira hipótese é de que é possível considerar este curso como uma iniciativa que visa à emancipação e à concreta formação humana.

Analisemos esta hipótese com o material teórico e prático que temos em mãos.

Sobre este ponto, o Projeto Político Pedagógico do curso nos diz que:

A estrutura curricular foi desenvolvida de maneira a permitir que o aluno consiga desde o primeiro período, a partir de sua prática docente, encontre nos fundamentos da Educação subsídios para uma reflexão desta prática e a ela retorne com o espírito investigativo da Pesquisa, objetivando a Construção de um Projeto Pedagógico para a sua escola. (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002, p. 70)

Lembremos que esta estrutura está alicerçada sobre os eixos norteadores, escolhidos para a construção curricular do curso: Homem, Sociedade e Transformação, ou seja, os esforços do curso se voltam para o tratamento dessas três categorias.

A julgar pelo que nossas entrevistadas disseram essa é a hipótese que mais se aproxima à realidade do curso. Vemos isto nas seguintes falas:

*(...) eu mudei muitas coisas, que como eu te falei, né, agente fica meio que presa ainda no passado, né, e aí, por mais que você tenha preocupações leia e coisa e tal, o conteúdo assim da pedagogia ali deu para mudar muita coisa, muita coisa mesmo...*

*(;;;) eu acho que a mudança foi primeiro, mais em mim mesma, na minha forma de trabalhar. Acredito que eles devem ter percebido também, né. Mas eu percebi mais em mim mesmo, na minha forma de trabalhar, de ver, de como atuar com a disciplina escolar.*

*Eu acho que é a mudança do olhar. Eh...eu acho que a minha visão ampliou, eu mudei, eu senti que eu me transformei.*

A maior parte de nossas entrevistadas relatou que mudou suas práticas, que modificou a sua visão de mundo e passou a contestar mais a ordem estabelecida.

*Com certeza, eu acho que assim, ler mais, se posicionar mais né, antes eu recebia tudo calada, agora não, eu questiono qual é o porquê, porque que a gente não pode fazer diferente, se surge um problema, você tem como discutir.*

Vimos que o curso possibilitou que as entrevistadas refletissem sobre as suas práticas e realidades e passassem a discuti-la com um maior rigor científico.

Essas falas e o discurso do Projeto do curso se aproximam da concepção de Severino (2006), quando nos diz que

*Pela própria natureza, a educação tende a atuar como força de conformação social, mas precisa atuar também como força de transformação social. A conformação nasce da necessidade de conservação da Memória cultural da espécie, força centrípeta, apelo da imanência, enquanto a transformação, força centrífuga, apelo da transcendência, busca um avanço, a criação do novo, gerando elementos que respondam pela criação de novo cultura (p.307).*

Para além das continuidades, o curso foi importante para que elas pensassem nas formas de superação de suas práticas e das estruturas reprodutivas consolidadas por grande parte das instituições escolares.

Tivemos um relato no qual observamos que, pela pretensão de buscar algo diferente em termos de educação, uma das participantes teve que mudar a escola onde fazia o seu estágio. Vejamos este relato:

*(...) há possibilidades, mas eu acredito que não sejam em todas as escolas pois nem todas estão abertas a métodos novos, de uma forma igual como a gente vai interagir, como a gente vai entregar conhecimento, que não é a proposta do CEDERJ. Na escola onde eu dava estágio era uma escola muito tradicional, no próprio PPP ela se definia tradicional, e não abriam mão disse de maneira alguma, então para eles o simples fato de você abrir uma roda e dizer “vamos conversar” de mexer qualquer coisa que saia do comum não está certo. Então quando eu chegava para dar uma aula prática era encarada como “lá vem a maluca” os alunos adoravam “a tia chegou”, mas as professoras falavam “ai meu Deus”, mas fazia um resultado muito bom, que elas saíam pelo menos perplexas, porque elas olhavam e falavam “olha o trabalho lindo que resultou” saíam poesias lindas, aprenderam certas matérias em que estavam com dificuldades, então realmente faz efeito, mas você tem que ter apoio né.*

Mudar a realidade não é uma tarefa fácil e algumas das participantes de nossas participantes notaram isso e vivenciaram essa dificuldade. São paradigmas que têm que ser deixados para trás e nem sempre as mudanças são bem vindas, ainda mais quando interferem no *status quo* dos sujeitos e das instituições.

Desta maneira, tendo em vista o que as participantes disseram sobre suas vivências e com base na teoria estudada, podemos dizer que o curso configura-se como uma iniciativa que visa à emancipação e à concreta formação humana.

Isto não significa necessariamente que todos os alunos que ingressam e são egressos do curso tomarão esta posição, afinal estamos falando da realidade sobre a qual estudamos.

Outro contraponto a ser feito é que, como vimos nos relatos de nossas entrevistadas, há barreiras internas no curso e nem sempre o pretendido corresponde ao acontecido. Neste sentido percebemos que, uma vez que as dificuldades se apresentam, partindo do conhecimento que já adquiriram as graduandas e egressas não somente reconhecem o *déficit*, como têm a capacidade de sozinhas contorná-los.

Uma vez que afirmamos que a primeira hipótese é válida, negamos a segunda, pois esta vai no sentido de considerar que o curso a distância da UERJ está mais voltado à reprodução da lógica de mercado.

Esta negativa se deu em função dos relatos que obtivemos, pois embora Severino (2006) reconheça que há a necessidade do caráter de conformação na educação, o caráter de transformação é particularmente trabalhado no curso.

Além disso, trata-se de um curso de formação continuada que tem por objetivo a formação de um *intelectual crítico e reflexivo* e de um *educador comprometido com a educação inclusiva* (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002, p. 63).

Se o curso obtiver êxito no seu objetivo, é contraditório pensar que ele esteja comprometido com a reprodução do capital.

Além disso, dada a formação crítica dos alunos, eles são capazes de elaborar sua própria visão de mundo em uma concepção reflexiva, vejamos isso no relato abaixo:

*(...) bom aí a gente sabe que tem aquela questão de ter que vender os computadores, você sabe disso, né, a gente não pode ser inocente, alguém tem que vender e alguém tem que comprar, né, então vamos comprar computadores e a gente diz que ta todo mundo, entendeu, a gente sabe que existe isso, não há como se negar isso. A secretária nova, ela vem com um bom discurso, de que vai fazer a universidade virtual, tentando, entendeu, porque não existe, não tem um porquê de você ter um computador na mão se na vai fazer uso, entendeu, dele, não tem, mas a gente sabe que ta tendo entraves, ligados a orçamento e tal, a gente fica até, entendeu, então a gente não sabe o que ta se pensando, entendeu, eu não sei. A secretária deu a entender de que ela tem interesse de que esses computadores venham às nossas mãos, que eles sejam usados, de que a gente interaja com eles, de que a gente tenha, entendeu, uma formação continuada, com os computadores, mas a gente não tem internet ainda, não sabe como é que isso vai ser resolvido.*

As entrevistadas apontaram que, embora haja uma cultura de consumo predominante, a sua formação lhe deu bases para questionar essa cultura e levar esses conhecimentos para a sala de aula.

Este relato se enquadra nas ideias de Frigotto quando este afirma que

*Esta realidade, todavia, indica-nos que as organizações políticas e sindicais que se articular com os interesses da classe trabalhadora necessitam entender, cada vez mais, que o conhecimento científico e a informação crítica é algo fundamental para as suas lutas (Frigotto, 2007, p. 101)*

Sabemos, portanto, que o curso não visa à reprodução da lógica de mercado e do capital, mas mesmo que visasse não teria êxito fazendo uso de sua estrutura curricular atual, que tem como norte a transformação.

Cabe-nos, então, analisar a terceira hipótese, na qual o curso nem se volta para a transformação nem para a reprodução, mas sim para a alienação a respeito da própria profissão docente.

Como vemos em Mészáros (2006), nenhuma sociedade pode perdurar sem seu sistema próprio de educação (p. 263), inclusive a sociedade capitalista.

## Esta estrutura educacional tem como objetivo

Além da reprodução, numa escala ampliada, das múltiplas habilidades sem as quais a atividade produtiva não poderia ser levada a cabo, o complexo sistema educacional da sociedade é também responsável pela produção e reprodução da estrutura de valores no interior da qual os indivíduos definem seus próprios objetivos e fins específicos (Mészáros, 2006, p. 63).

Uma vez que estamos inseridos em uma sociedade capitalista é lógico que o sistema educacional seja alicerçado nesses valores.

Vemos uma lógica educacional competitiva, baseada em recompensas, em testes de eficiência e principalmente na formação de um sujeito "polivalente", como já vimos anteriormente.

Qualquer projeto que vise à emancipação humana tem, portanto, que buscar a superação desta lógica.

Quanto à alienação, ela está diretamente relacionada à questão do trabalho, ou seja, da expropriação dos sujeitos em relação à sua força de trabalho e aos seus meios de produção. Em se tratando de professores, os meios de produção desses sujeitos é o conhecimento em si.

Pelo que vimos no curso não é uma condição dele a alienação das entrevistadas, mas sim a crítica do modelo societário no qual estão inseridas.

Em determinados momentos questionamos o motivo pelo qual faziam o curso a distância e parte das entrevistadas disseram que é por diversas faltas, falta de tempo, de recursos financeiros, de possibilidades de deslocamento, entre outras.

Vejamos alguns desses relatos:

*Na verdade, o prof do rio não tem nenhum incentivo, ao contrario tudo é dificultado começando pelo estagio. Lembro q tive q fazer estagio em Itaguai, e fui ao medico alguns dias para poder fazer a carga horária acho um absurdo, se sou concursada e dou aula pq nao ser lá meu estagio?*

*(...) como professora assim, nosso tempo é muito pequeno mesmo, eh...uma coisa que agente deveria ter, né, assim, eh...um tempo dedicado ao estudo mesmo, por mais que agente tenha o centro de estudos, né, que a coordenadora pedagógica tenta, passar algum conteúdo positivo, pra gente estudar e tal, mas não é a mesma coisa, né, você fica limitada, né, eu acho que agente tem essa carência mesmo do tempo, né, pra gente poder se enriquecer, aí...olha, eu vou falar, a faculdade abriu assim, um horizonte, eu tava muito presa ainda naquele tempo, do Normal, por mais capacitações assim que agente faça, não é a mesma coisa, né, o conteúdo que passou assim, na faculdade, ele foi uma coisa muito legal, que eu aproveito assim, tem, amigas que tornaram até tutores, né, do cederj, eh... que agente conseguiu fazer trocas, e conversar, deu para enriquecer muito o meu trabalho.*

*(...) eu vejo que falta isso realmente, porque olha só, inclusive, eu to precisando fazer uma pós-graduação, até por conta do cargo e olha assim, quando eu entrei*

*para ser tutora, o que me encantou na tutoria? A questão de não para de estudar, só que é aquele negócio, a gente acaba assim, eu conheço todo aquele material ali, eu conheço ele, eu tenho um domínio sobre aquele material que está ali, aquele conteúdo daqueles módulos ali, então você acaba não estudando tanto, no início eu até comecei assim, via os livros que estavam na referência bibliográfica, e tal, mas com o desenrolar da tua vida, que é muito enrolada, é muito corrida, você acaba botando os livros de lado, entendeu, os livros tão ali, mas você acaba não lendo, então eu to precisando realmente voltar a estudar para ter, ser obrigada a ler, ser obrigada a fazer trabalho. Então, é assim, um questionamento nosso, eu sei que algumas pessoas no município, existem cursos de pós-graduação para algumas pessoas no município, que é dado a algumas pessoas, mas eu não sei, não tive acesso a eles ainda, entendeu? Eu não tive acesso, eh...olha só, ano passado eu não tava de posse ainda, que o meu curso ainda tava em processo de reconhecimento, e eu vi na UFF uma pós-graduação a distância pelo MEC, pela Escola de Gestores, ela tava aberta pela internet, eu não abri, porque depois a Martha Rego falou para mim que eu teria direito constitucional de fazer, eles teriam que aceitar a minha declaração, mas ali pedia, entendeu, um documento que eu não tinha, eu não fiz. Esse ano eu aguardei e não vi a inscrição, então uma colega minha foi na minha escola fazer um daqueles trabalhos que a gente não deveria fazer, mas a gente faz, que é essa parte de contador, a gente faz tanto trabalho de contador hoje, então ela foi fazer uma declaração pela internet, na minha escola, e eu acabei indo para a UFRJ, porque ela foi convocada para fazer uma pós-graduação. Eu to achando que é essa, entendeu? Então assim, eles selecionaram como? Eles têm critérios, quais critérios que eles usam eu não sei, esses critérios não chegam a mim, entendeu? Eu vi que pela minha colega, deve ser pelo IDEB dela, entendeu, mas não chegou ainda na minha, então assim, o que acontece, a gente, ehh...o critérios que eles usam eu não sei, mas eu sei assim, que eu ouço falar, mas eu não chego perto, mas eu acho que deveria ter sim, e foi cobrado isso na...quando a gente fez a reunião com a atual secretária de educação, a gente cobrou isso dela, o diretor colocou isso, que havia um curso de extensão, nós deixamos na época que tinha um curso de extensão, deixamos nas avaliações que Ra necessário que se aprofundasse, que fosse mais longe um pouquinho, que a gente tem muita dificuldade, entendeu, de continuar essa formação dentro do campo que a gente exerce,*

Com base nesses relatos percebemos que há uma série de fatores alienantes na profissão docente que inclusive impedem os profissionais desta área a dar continuidade à sua formação.

Ainda sobre a questão da qualificação profissional, Gentili trabalha com a hipótese de haver um mercado de emprego regido pela lógica do mercado e também pela lógica do *não-emprego* (Gentili, 2007, p. 249).

Nesse mercado de emprego e não-emprego, não necessariamente quem tem em teoria uma educação de qualidade tem acesso ao emprego, em função da escassez de disponibilidade das vagas de trabalho (Gentili, 2007), ou seja, até mesmo a lógica da empregabilidade tem sérias deficiências e leva a uma competição pelos melhores postos de trabalho.

Em vista disto, temos considerado a ideia de que se a razão para a existência de cursos superiores a distância for unicamente atender à demanda baseada nas faltas (de tempo, dinheiro, instituições etc.) será necessário rever a rota que este projeto está seguindo.

Não queremos cursos que contornem os obstáculos, mas sim uma superação do projeto societário atual e que permitam que não somente que os professores mas outros profissionais possam dar continuidade à sua formação e que esta formação não tenha como finalidade simplesmente a sua empregabilidade.

Embora reconheçamos a validade de cursos como este a distância, oferecido pela UERJ, trata-se de uma questão urgente indagar e principalmente modificar a realidade que não permite que profissionais optem pela modalidade a distância ou presencial conforme as suas necessidades.

Portanto, consideramos que o curso a distância oferecido pela UERJ por meio do consórcio CEDERJ enquadra-se na primeira hipótese levantada:

*1ª - considerar que este curso é uma iniciativa que visa à emancipação e à concreta formação humana;*

Consideramos também que o modelo societário no qual vivemos contribui para validar a terceira hipótese, de que não está nem para a emancipação, nem para a reprodução, mas sim para a alienação.

Desta maneira, para que o projeto do curso não siga este viés é preciso um alinhamento entre o seu projeto político-pedagógico e os atores relacionados ao curso (tutores, professores, gestores, entre outros).

Nos relatos que obtivemos as participantes demonstram não se tratar profissionais alienadas e mais, reconhecem as condições de trabalho que têm e às quais estão submetidos seus educandos, o que contribui para superar o processo de alienação.

Por outro lado vemos que estas entrevistadas estão interessadas com a crítica à sociedade e ao meio no qual trabalham

*(...) a parte teórica, que eu não tinha, entendeu. Eu acho que meu grande ganho profissional foi essa, foi esse embasamento teórico, entendeu, porque eu tinha a prática, a prática a gente sabe até para ensinar...claro que ninguém sabe tudo, a prática é no dia a dia, são muito anos de magistério, e tudo, eu tinha a prática, mas eu não tinha a teoria. E a teoria, o que que ela me deu? Ela me deu autoridade. Profissionalmente, ela me deu autoridade, porque hoje eu to pau a pau com todo mundo que sabe muito, entendeu, na minha área, dentro daquilo que eu vivo, que é professora, da rede pública, do Rio de Janeiro, entendeu, eu acho que ficou com muita autoridade dentro do município. Hoje, entendeu, é claro que no município tem mestres, muito credenciados, mas a gente não ta muito distante delas, então por exemplo, você questiona a política educacional com mais, entendeu, embasamento.*

*Você não fala, assim...por que o professor tem muita tendência de discordar de tudo, ele discorda...*

Portanto, sobre a terceira hipótese podemos dizer que o curso posiciona-se sim de forma a superar a alienação e promover a emancipação humana, indo contra a lógica do capital. Contudo, esta graduação faz parte de um contexto mais amplo no qual acontece o contrário e o objetivo é exatamente o da alienação.

Isto demanda então uma “vigilância” constante para que ao mínimo desvio perca-se a linha tênue do que é ser crítico em uma estrutura sócio-econômica e cultural que prega os valores do mercado, por meio de seu *sociometabolismo*.

Tendo feito essas análises, podemos concluir que o curso teve implicações à prática docente das professoras entrevistadas e que essas práticas visavam à emancipação e formação humana.

Outra conclusão à qual chegamos é que nossas categorias filosóficas são a base que estrutura tanto às implicações à prática docente das entrevistadas, quanto ao viés de emancipação e formação humana que há no curso.

Há um alinhamento entre os conceitos de trabalho, tecnologia e conhecimento e as análises obtidas por meio das entrevistas.

Nesta busca de reapropriação do real, das múltiplas determinações do fenômeno, lembramos novamente Miriam Limoeiro Cardoso:

Para esta concepção, não basta ter realidade para ser concreto. O caráter de concreto está estreitamente vinculado ao de determinação. O que conta de fato são as determinações. Atinge-se o concreto quando se compreende o real pelas determinações que o fazem ser como é. Atingida uma determinação geral, com ela se é capaz de entender as grandes linhas dos fenômenos que ela pode determinar, sejam eles já realizados ou não. (CARDOSO, 1984, p. 6).

Vimos que neste curso mediado por TIC há uma íntima relação entre o conhecimento (sejam práticos, sejam teóricos) e o mundo do trabalho (o exercício da docência) o que nos permite dizer que está comprometido com a formação dos sujeitos que nele ingressam e ao final da graduação atuam nas salas de aula.

O segundo ponto de nossa conclusão é uma breve discussão sobre as contribuições e dificuldades relacionadas a pesquisas como essa que realizamos.

Nos dispusemos a fazer uma pesquisa com coleta de dados feitas em campo, mas como já assinalamos anteriormente o conceito de campo para cursos a distância têm outra dimensão, principalmente pelas questões de dispersão geográfica dos participantes.

Ainda não há uma bibliografia que trate especificamente de pesquisas baseadas na modalidade a distância ou feitas para cursos que tenham estas especificidades, o que nos levou ao esforço de adaptar os saberes já constituídos para atender a outro tipo de demanda.

O campo ainda está sendo desbravado e o que temos visto são análises sobre a modalidade a distância, principalmente relacionadas às tecnologias em si, mas não necessariamente ao *modus operandi* das pesquisas.

Para contribuir de alguma forma, a partir de nossa experiência, alguns aspectos podem ser considerados, como:

- a escolha do campo: o nosso campo já havia sido escolhido desde a concepção do projeto que nos levou a esta pesquisa, ou seja, sabíamos que nosso foco estaria voltado para o curso de pedagogia a distância da UERJ. A decisão seguinte foi como abordá-lo e qual enfoque dar à pesquisa. Por fim, decidimos tratá-lo como um caso no qual nos interessava a prática dos egressos do curso;

- a escolha dos participantes: assim como nas demais pesquisas, tivemos que definir quem participaria da pesquisa, mas era necessário traçar um corte, que no nosso caso foi por período de tempo. Ao contrário do que acreditávamos antes do início da pesquisa, no caso deste curso a diferença entre os pólos não foi um fator determinante na análise das entrevistas. Com isso queremos dizer que as respostas de alunas do pólo Maracanã (situado na capital do estado) não foram tão diferentes daquelas obtidas com alunas de Paracambi e se foram, o fator determinante não foi a localidade a qual estas alunas pertencem;

- nos dedicamos a tratar especificamente da modalidade a distância, ou seja, foi intenção nossa não abordar nosso tema dicotomizando os resultados entre presencial e a distância. Por entendermos que são modalidades distintas e que não cabe a comparação, tentamos não seguir por este caminho. Acreditamos que os trabalhos da área teriam outro nível de contribuição se também saíssem desse viés comparativo;

- na coleta de dados é interessante fazer uso de diversos meios de abordagem dos participantes, inclusive os meios virtuais. Esta pesquisa só foi possível porque em um determinado momento decidimos não somente fazer as entrevistas presencialmente como também virtualmente. Uma vez que os meios estão disponíveis, é válido utilizá-los;

- em algumas entrevistas tivemos participantes claramente emocionadas pelo fato de serem ouvidas, e nesse sentido é interessante que apesar de se tratar de um campo constituído por alunos de um curso a distância, que haja uma aproximação entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa. Vimos o quanto é importante para essas participantes este contato e a possibilidade de contribuir para o campo científico.

Essas são algumas contribuições para a pesquisa sobre cursos a distância que tivemos a pretensão de expor.

Relacionado ao último ponto abordado acima, reservamos um espaço nestas conclusões para um texto de cunho mais pessoal sobre o processo de elaboração deste trabalho.

Conforme exposto no início do capítulo três, embora concretamente ela tenha se desenhado de 2007 até o presente momento, há um história anterior composta em parte pelos mesmos atores: a orientadora da pesquisa, a Prof<sup>a</sup>. Eloiza da Silva Gomes de Oliveira, o curso de Pedagogia a Distância oferecido pela UERJ e eu, como orientando.

À época, em 2004 até 2006, tratava-se de uma pesquisa de iniciação científica que em seguida tornou-se uma dissertação de mestrado, mas o fato é que, entre o ingresso no mestrado e o momento de conclusão desta pesquisa, muitas mudanças ocorreram e algumas dificuldades foram enfrentadas.

O primeiro choque foi a mudança de área afinal viemos da Educação e ingressamos em um curso de Políticas Públicas e Formação Humana cujo referencial teórico, embora não tão distante, não é comum. Além disso, havia a diferença entre uma abordagem em termos de graduação e a que é feita em nível de mestrado.

A adaptação não foi tão fácil até porque a ênfase do curso de graduação em Pedagogia da UERJ (desta vez presencial) não está focada nos mesmos pontos que o PPFH/UERJ valoriza, ou seja, houve uma “boa corrida” para acompanhar o desenvolvimento do curso.

O fato é que o ingresso neste curso, sob estes referenciais teóricos causou, como foi abordado por Piaget, um processo de “desequilíbrio” nas estruturas que tínhamos.

É de se destacar a adoção do referencial teórico Marxista abordado no curso e que passou a fazer parte não somente de nossos posicionamentos teóricos como também no campo da vida pessoal e profissional.

Podemos dizer que houve uma ampliação nos pontos de vista que nos levaram a outros posicionamentos diante da realidade em que vivemos, atuamos, trabalhamos e exercemos outros tantos papéis.

Colaboraram com isso algumas experiências profissionais interessantes, todas relacionadas à área da educação e trabalho.

Uma dessas experiências foi a atuação no Projeto “Motorista-Cidadão” voltado para a educação e cidadania de motoristas de ônibus do Estado do Rio de Janeiro.

Este projeto tem como objetivo a ressignificação da profissão dos motoristas do Estado e da mudança de postura perante do público que atendem.

Trata-se de um programa de educação continuada subsidiado pelo sindicato patronal das empresas de ônibus do Rio de Janeiro e o foco era basicamente a mudança de comportamento dos motoristas e o entendimento de sua importância para a vida social do Estado.

A importância dessa experiência consiste na confrontação que tivemos entre a realidade daqueles sujeitos e os conhecimentos que adquiríamos ao longo do Mestrado. Havia uma série de contradições, víamos que a educação continuada era importante para eles, mas encontrávamos fortemente o controle relacionado à empregabilidade.

Em determinados momentos tratávamos de uma realidade que só era possível na teoria e que se distanciava completamente da vida cotidiana daqueles sujeitos.

A nossa opção foi então por trabalhar os conteúdos que eles tinham no curso, de forma que pudessem questionar a sua realidade e as condições de trabalho.

A experiência foi bastante válida, mas levou a um questionamento: como buscar a superação das condições de alienação no modelo sócio-econômico em que vivemos?

A impressão que nos dá é que, mesmo entre aqueles que defendem a emancipação do homem, as condições são tão adversas que temos que trabalhar em micro-espacos, ou ainda será possível fazer a revolução tal como aquelas dos

Estados que tiveram experiências Socialistas/Comunistas? Queremos realmente isto?

Em uma determinada ocasião debatendo com o Professor Gaudêncio Frigotto, em uma das aulas, questionamos quais são as implicações dos micro-poderes abordados pelo viés Fenomenologista e as Macro-Estruturas da concepção Marxista.

Naquele momento não conseguimos chegar a uma conclusão, mas atualmente ousaríamos dizer que só será possível uma revolução se fizermos uso dos micro-poderes, entendendo que os micro-poderes contam na contemporaneidade com meios de mobilização mais capilarizados, entre eles as TIC.

Se esses micro-poderes podem minar a pesada estrutura do capitalismo, acreditamos que será através dessa “mobilização dispersa” que chegaremos à emancipação.

Outra experiência profissional interessante é a presente, trabalhando em uma unidade de educação e tecnologia do SENAC/Rio de Janeiro.

Entre as atribuições que exercemos está o desenvolvimento de cursos a distância com fins corporativos, ou seja, também de treinamento a funcionários nos locais de trabalho, mas desta vez através da mediação das tecnologias.

Há dois pontos a destacarmos nesta experiência, sendo o primeiro a possibilidade que tivemos de aliar a teoria adquirida no curso de Pedagogia à prática profissional. Antes dessas experiências de docência havia um certo ressentimento em ser Pedagogo e não ter desenvolvido trabalhos na área.

No momento atuamos tanto na área de educação como no campo da educação e tecnologias, além da questão da educação e trabalho. Com isso podemos confrontar os saberes adquiridos na academia àqueles que se dão na prática.

O problema é que esta confrontação nem sempre é confortável e isto se dá porque mais uma vez temos em nossa trajetória profissional uma experiência voltada bem mais para a alienação dos sujeitos do que para a sua emancipação.

De certa forma há certo incômodo, mas por outro vemos que, fazendo uso mais uma vez dos micro-poderes, é possível modificar a concepção alienante do trabalho desenvolvido.

Ambas as experiências interferiram na constituição desta pesquisa e contribuíram para consolidar nossa posição em relação ao referencial teórico marxista.

O próximo passo será dar continuidade a este trabalho, portanto entramos no último ponto desta conclusão, ou seja, os desdobramentos que esta pesquisa pode ter.

Podemos dizer que uma das principais preocupações que tivemos neste trabalho foi o de caracterizá-lo como uma pesquisa relacionada à formação humana, à educação, à educação e trabalho e à profissão docente, ou, em outras palavras, são com estes campos que pretendemos contribuir.

Não gostaríamos que esta pesquisa fosse vista simplesmente como um trabalho relacionado às tecnologias, mas assim como na concepção filosófica que adotamos, como uma pesquisa sobre conhecimento e trabalho que tem como mediação a tecnologia.

Tivemos uma série de dados que não foram trabalhados em função da opção que tomamos por só tratar dos relatos relacionados à prática docente.

Temos duas categorias analíticas que não receberam o devido tratamento e que podem se tornar tema de uma nova pesquisa.

Há outro viés que podemos tomar na continuidade deste trabalho e que já esteve presente nele, mas precisa ser aprofundado, que é o entendimento ou não da docência como profissão e a formação desse profissional.

Vemos que atribuem à docência o status de vocação, de favor, de dom, de algo que qualquer sujeito pode fazer, apesar da formação adequada ou não para isso.

Como questionamos a algumas de nossas entrevistadas, qual é o espaço reservado à formação do formador? Como um sujeito que trabalha formando outros não pode ter tempo ou dinheiro para dar continuidade aos próprios estudos?

Um fator que ilustra bem a necessidade desses questionamentos foi o índice de evasão que encontramos ao entrar em contatos com possíveis participantes desta pesquisa.

Tivemos uma quantidade bastante significativa de negações devido ao fato das pessoas terem abandonado a graduação no meio do caminho.

Ao contrário do que diz o senso comum, não nos parece que professores e professoras não se qualificam porque não têm interesse, mas sim, entre vários

motivos, porque lhes faltam condições para isso, porque levam muito trabalho para casa, porque têm jornadas múltiplas de trabalho entre outros tantos fatores que tornam inviável o ingresso em cursos superiores ou pós-graduações.

Na extensão disso nos parece que não há uma valorização adequada àqueles que conseguem dar continuidade aos estudos.

Portanto, vemos que é necessário discutir ainda mais o status de profissão dos professores e as possibilidades que estes têm para se formar, uma vez que são formadores.

Esperamos desta maneira, ter contribuído com a presente pesquisa para que possamos pensar a prática das participantes entrevistadas e que possamos aprofundar mais as condições que as fazem continuar ou não seus estudos.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

BRASIL.Presidência da República.Casa Civil. *Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2007-2010/2007/Decreto/D6303.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2007/Decreto/D6303.htm) .Acesso em: 15 out. 2009.

BRASIL.Presidência da República.Casa Civil. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm) .Acesso em: 20 out. 2009 .

CARDOSO, Miriam Limoeiro. Sobre as relações sociais capitalistas. In: LIMA, Julio César França (org.). *Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ : EPSJV, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cidade, democracia e socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. *Sociedade em rede: a era da informação. Economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

FOSNOT, Catherine Fwomey. *Construtivismo: teoria, perspectivas e práticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito. In: \_\_\_\_\_. *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. Fundamentos científicos e técnicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje. In: LIMA, Julio César França (Org.). *Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ : EPSJV, 2006.

\_\_\_\_\_. Os delírios da razão: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional. In: GENTILI, Pablo (Org.) *Pedagogia da exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública*. Petrópolis: Vozes, 2007.

GENTILI, Pablo. Adeus à escola pública. A desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das maiorias. In: \_\_\_\_\_. *Pedagogia da exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública*. Petrópolis: Vozes, 2007.

GOMES, Maria João. Gerações de inovação tecnológica no ensino a distância. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga: Universidade do Minho:Centro de Investigação em Educação , v.16, n. 1, p.137-156, 2003.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LITWIN, Edith (Org.). *Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

LUKÁCS, Georg. *Ontologia do ser social*. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Lech, 1979.

MARTINS, Luiz Roberto Rodrigues. Educação superior à distância no Brasil: uma construção consorciada e em rede. *Liinc em Revista*, v.2, n.1, p.86–102, mar. 2006. Disponível em: <http://www.liinc.ufrj.br/revista/index-revista.htm>. Acesso em: 09 set. 2009.

MÉSZAROS, I. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.

NAVES, M.B. *Marx: ciência e revolução*. Campinas: Moderna, 2000.

OLIVEIRA, Eloiza G. de ; VILLARDI, Raquel. *Tecnologia na educação: uma perspectiva sócio-interacionista*. Rio de Janeiro: Dunya, 2005.

SANCHO, Juana Maria. *Tecnologias para transformar a educação*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCHAFF, A. A concepção marxista do indivíduo. In : \_\_\_\_\_. *Moral e sociedade: atas do convênio promovido pelo instituto Gramsci / Galvano Della Volpe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SEVERINO, A. J. Fundamentos ético-políticos da educação no Brasil de hoje. In: LIMA, Julio César França (Org.). *Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ : EPSJV, 2006.

TAYLOR, James C. *Fifth Generation Distance Education*. Internacional Council for Open and Distance (ICDE), 2003. Disponível em <<http://www.icd.org>>. Acesso em 22 set. 2009.

TONET, Ivo. *Educação, cidadania e emancipação humana*. Ijuí : Unijuí, 2005.

TRIVIÑOS, A.N.S..Introdução à pesquisa em ciências sociais: *a pesquisa em educação*. São Paulo: Atlas, 2008.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Curso de Pedagogia : Licenciatura para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Projeto Político – Pedagógico*. Rio de Janeiro, 2002.Mimeo.

WARSCHAUER, M. *Tecnologia e inclusão social : a exclusão digital em debate*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2006.

## APÊNDICE A - Transcrição consolidada das Entrevistas

### **EIXO AVALIATIVO: Motivo de Escolha do Curso**

#### **1- Lázaro: Oi , o que levou você a escolher esse curso?**

Ehhhhh....Esse curso apareceu assim, pela falta de tempo que agente tem né e agente que trabalha o dia inteiro aí quando aconteceu foi o que, uma amiga minha que tinha comentado que tava começando a ter um curso a distância né, aí eu me interessei comecei a procurar e aí parece que a primeira turma já tinha feito o vestibular né e eu entrei na segunda turma que aí eu fiquei esperando né, fiquei lendo jornais, até que saiu o vestibular para a segunda turma, aí eu me inscrevi...

#### **Lázaro: e essa sua amiga, no caso, fez contigo o curso?**

Não, ela não passou, incrível ela que me incentivou assim, foi até a Marilda ela: “-vamos, vamos fazer e tal!”... e eu falei : “não eu to tão cansada, poxa, será que eu vou dar conta né, fazer faculdade agora e coisa e tal” e ela “vamos, vamos sim!..Ela me incentivou muito e ela que descobriu né? E aí nós fizemos e até hoje eu brinco com ela, “tá vendo, eu fiz” e ela desistiu, ela não passou no vestibular ta, e eu passei e eu fiquei e eu sempre falei com ela “a não, pô, é tão legal, faz de novo”, enfim, passado um tempo ela não fez, quer dizer, eu acabei entrando assim prá ajudar né, (risos) e eu que fiz a faculdade.

#### **Lázaro: você comentou sobre a questão do tempo, porque você acha que a questão do tempo foi tão marcante?**

Foi sim, porque assim, eh... trabalho em duas matrículas né, e, eu achava que não ia dar para fazer um presencial, nunca pensei com filha né, já sou divorciada, com família assim, e aí a oportunidade sim, e eu achava que não ia dar no presencial mesmo.

#### **Lázaro: você já havia tentado fazer alguma coisa?**

Eh..Olha, eu fiz dois períodos de Psicologia, assim que eu me formei e tal, depois abandonei, larguei e nunca mais procurei, né, e aí, começou uma cobrança do próprio município, né, teve uma época aqui, que eles tavam cobrando um nível superior pros professores e tal e eu comecei a ficar preocupada e tal depois preciso fazer uma faculdade e tal, mas assim, várias coisas que acontecem na vida da gente né, e vai passando, vai passando, aí quando ela me falou desse curso, eh, era uma novidade, né, na época e... fazer curso a distância, como deve ser fazer e tal.. e ela que me incentivou “-vamos lá, vamos sim, vai dar” e eu “não sei se vou conseguir”

#### **Lázaro: em algum momento, por ser a distância, você pensou em não fazer ?**

não, não, achei que fosse super interessante, e me incentivou isso, né, então vamos lá, aí eu fiz... Olha, prá falar a verdade eu fiz de brincadeira, “não, vamos fazer”. Eu nem estudei pro vestibular, “mas tá, vamos fazer então” e aí foi, aconteceu, né, aí eu passei, aí ela não passou, mas aí eu fui e disse “não, pô lá na UERJ, vou fazer tudo direitinho, vamos ver, se eu consegui, né”

#### **Lázaro: e você, quando fez o curso, ele vem com diploma da UERJ, você acha que isso fez alguma diferença na escolha, ou ter sido da UERJ ou não ter sido da UERJ você se sentia aluna da UERJ ?**

eu sempre me sentia, aluna da UERJ, né, tem essa rivalidade que sempre assim, durante o curso eu assisti a algumas reuniões e.. que tinha esse problema né, eu nunca conseguia ver isso, visualizar isso, mas parece que o pessoal do presencial sempre teve né, essa rejeição contra os alunos do semi-presencial, mas eu me sentia e agente fala com orgulho, “não, eu fui aluna da UERJ”, (risos)

**Lázaro: e pra você a dinâmica do curso era tranquila, como você dinamiza a questão dos trabalhos?**

é, assim,... eu sempre falo isso pras pessoas que me perguntam como é, várias pessoas me perguntam, ainda hoje, “-ah, você fez, como é que é?” e eu sempre falo a mesma coisa, “você tem que ser muito organizado”, né, e por eu ser uma pessoa organizada, eu consegui fazer ele direitinho, dar conta de tudo, que assim, se você não se programa, não pega os módulos, não divide tudo direitinho para estudar, você se perde, você fica...é complicado..porque, parece que à distância é mais fácil, mas eu não acho não, é muito mais difícil.

**Lázaro: e você sentiu alguma dificuldade ao longo do curso?**

não...eu, assim, às vezes ficava puxado de ter muitas matérias, muitas disciplinas né, e aí agente tinha que dividir direitinho pra estudar, e eu perdia muitos sábados e domingos nisso, né, mas, assim, quando eu tinha alguma dificuldade eu procurava a orientação dos tutores e eles sempre estavam ali.

**Lázaro: Você se formou pelo normal ?**

é...eu fiz Instituto de Educação...Normal...

**Lázaro: aí depois, até você fazer esse curso, foi quanto tempo ?**

eh...foi em oitenta e quatro que eu me formei, em oitenta e cinco eu fiz adicional, aí comecei a fazer a faculdade, e parei, olha só, são...vinte.. uns vinte e dois anos né?

**Lázaro: você acha se não tivesse essa cobrança do município você teria feito do mesmo jeito ?**

Ah (risos)...Eu acho que não, (risos), não, apesar que a cobrança foi um período que depois acabou isso, né, e aí, quando surgiu essa oportunidade, já não se falava muito nisso, né, mas aí, quando... eu sei lá, eu me interessei (risos).

**Lázaro: se você pudesse falar a coisa que mais te motivou a fazer o curso, você diria que foi o que?**

eh... eu acho que foi mais a curiosidade, assim de como (pausa) como deve ser esse curso, né, assim, a distância, se era novidade, e... ah, se não der, eu deixo para lá, várias vezes assim eu pensei...minha mãe que ta ali é até testemunha, ah, eu achava “gente, é muita coisa, eu não conseguindo ler, nem estudar, aí levava pra escola, e não conseguia, tava lendo e marcando..”, várias vezes eu pensei em desistir, “vou parar”, e a família sempre “-não, não vai não, você já chegou até aí e tal, não vai, não desiste não!” e aí eu ia, aí estudava, e tal, aí foi indo, aí consegui, não repeti período, só, o que que eu fiz(?)uma besteira que eu fiz, assim, que eu me inscrevi numa disciplina, e depois eu nem cheguei a fazê-la, né, aí deu como reprovada.aí eu fiquei chateada, por não ter feito né, ou tem aquele período que agente pode desistir, né, trancar, mas aí acabei não fazendo, aí eu saí, ta vendo aparece cada coisa, eu fiquei reprovada e nem cheguei...

**Lázaro: agora você reclamou da questão do tempo, da falta de estudo, como professora você que essa questão do tempo para o estudo é importante, os professores têm tempo para estudar, o que você acha disso?**

como professora assim, nosso tempo é muito pequeno mesmo, eh...uma coisa que agente deveria ter, né, assim, eh...um tempo dedicado ao estudo mesmo, por mais que agente tenha o centro de estudos, né, que a coordenadora pedagógica tenta, passar algum conteúdo positivo, pra gente estudar e tal, mas não é a mesma coisa, né, você fica limitada, né, eu acho que agente tem essa carência mesmo do tempo, né, pra gente poder se enriquecer, aí...olha, eu vou falar, a faculdade abriu assim, um horizonte, eu tava muito presa ainda naquele tempo, do Normal, por mais capacitações assim que agente faça, não é a mesma coisa, né, o conteúdo que passou assim, na faculdade, ele foi uma coisa muito legal, que eu aproveitei assim, tem, amigas que tornaram até tutores, né, do cederj, eh... que agente conseguiu fazer trocas, e conversar, deu para enriquecer muito o meu trabalho.

**Lázaro: e as suas colegas que trabalham com você, quando elas não fazem alguma faculdade têm alguma oportunidade de dar continuidade aos estudos delas?**

é muito difícil, assim, as que estão começando, são novas, elas já entram assim, fazendo faculdade, né, eh..., entram com outra cabecinha, mas as com mais idades como eu, é muito difícil.

**1- Lázaro: Olá , primeiramente eu gostaria de saber o que levou você a escolher esse curso de Pedagogia a distância?**

Olha só, eu...tem uma história...em 1979 quando eu entrei para o município do Rio de Janeiro, eu passei para uma faculdade pública, federal, integral. Era nutrição na UNIRIO, mas por causa, eu já dava aula, aqui em Campo Grande, e a Unirio era lá embaixo, então por causa da distância, e porque o curso era integral, eu tive que optar, ou eu iria dar aula, ou eu iria fazer faculdade. Naquele momento, o contexto dar aula falou mais alto, eu fui lá, tranquei a matrícula e nunca mais retornei. E eu fiquei assim meio órfão, porque eu gosto muito de biomédica, de biologia, eu gosto muito de biologia, aí eu fiquei órfão de interesse, então fui trabalhando e minha vida foi passando. Trabalhando em escola pública, dando aula o dia inteiro, foi passando, quando foi em 1985, um pouco antes eu comecei a estudar inglês, um curso de inglês, e eu também gosto de línguas, afinidade, tal, tal, vim para uma faculdade aqui próxima à noite para fazer faculdade de inglês e português, mas eu não suportei. E tem outra coisa também, eu tenho bastante dificuldade de ficar acordada à noite, entendeu, depois de certa hora eu apago. Fiz um ano de faculdade e abandonei também, não fui lá, não tranquei, não fiz nada. Fiquei órfã novamente. Mas assim, dentro do município eu fiz, muito, sempre estudei muito, fiz capacitação, sempre procurei me aprimorar naquilo...em termos profissionais, então sempre fui convidada para cargos, eu fui coordenadora pedagógica, fui adjunta, então chega uma hora em que você percebe que sem faculdade não dá mais, por mais que você estude. Então o que aconteceu, veio aquela luz, sabe, já que essa é minha área de interesse, meu interesse é esse, eu tenho que fazer pedagogia. Agora, como fazer pedagogia à noite com essa história toda? Aí eu li no jornal essa questão do curso a distância, que eu li na hora, eu li assim, não achei que era para mim, que eu vi que era para interiorizar a faculdade, o ensino público, bom, como eu to na cidade, né,

eu vi que tinha vaga no pólo Maracanã, aí fui lá, fiz a inscrição, naquela época a gente tinha que mostrar diploma, que tava na Rede, fiz, eu queria a vaga, então eu fiquei...acho que foi um dos poucos vestibulares que tinha margem para você estudar, né, que agora você faz a inscrição e daqui a pouco você já tá na prova, e eu não, eu fiz a inscrição em dezembro e tinha o mês de janeiro todinho para estudar, aí peguei meus livros, fiz uma revisão, daquelas matérias que eu gostava, química, biologia, história, entendeu, passei, passar para mim...eu sabia que eram 40 vagas, então passei, e assim, comecei a fazer o curso, então eu entrei dentro dessa demanda que eu tinha, profissional de ter um curso, e porque eu realmente não teria condição de fazer de outra forma.

**Lázaro: por que no Maracanã e não em outro pólo mais próximo?**

porque eh... naquele momento eu conseguir ir para o Maracanã seria mais viável para mim. Entendeu, na cidade do Rio de Janeiro. Hoje Paracambi é até mais próximo, do Pólo Maracanã. Eu quando comecei, morava aqui nessa casa, eu fui todos os sábados, como eu já tinha assim, começado duas faculdades, não tinha terminado nenhuma, eu falei assim “não, eu tenho que ter vínculo com essa”. Então assim, na primeira, essa, eu ia a todas as tutorias de sábado, o meu primeiro ano, eu frequentei o pólo assim, eu fui assídua, depois, não, depois a vida enrolou também aí já não tinha ninguém para tomar conta de filho, a vida profissional enrolou mais um pouquinho, aí eu não frequentei mais, só a distância, eu segui o padrão dos colegas que faziam a distância.

**Lázaro: e aí, se não fosse a distância, seria mais complicado para fazer?**

não, mais complicado, eu tinha necessidade de fazer, entendeu, não tinha mais como ficar, mas eh... ia ser muito difícil para eu fazer.

**Lázaro: e aquelas exigências que você falou, de você estava na área e ter que continuar e fazer algum curso, o que levou você então a dentro da tua própria área a fazer esse curso, então?**

porque é Pedagogia, entendeu, é a minha área, entendeu, educação, então, ehh.. para eu tá assim, vai tá na minha mão, entendeu, eu vou ter que estudar, mas não vou ter que correr fora da minha área para buscar conhecimento, porque o conhecimento prático, pedagógico eu tinha.

**Lázaro: e dentro do contexto daquela lei, que você tinha dito, trouxe alguma implicação?**

com certeza, com certeza trouxe, embora depois, sabe, foi relaxado, a exigência, tudo, trouxe. Por que aí o que que aconteceu? Como eu já tinha muitos anos de magistério, e estava fora de turma, eu já tava em um outro processo dentro da educação, entendeu, de liderança mesmo dentro do grupo, de trabalhar como coordenadora, estava como coordenadora de um CIEP, e eu tinha que lidar com professoras, entendeu? Então quando eu escolhi o curso, o curso, quer dizer, o curso vem ampliar, vem abrir a janela, daquele conhecimento acadêmico que eu não tinha, lia alguns livros, tinha algumas referências, mas não tinha domínio né, então veio assim...trouxe luz., trouxe um Q a mais na minha prática.

**1- Lázaro: primeiramente, , eu gostaria de saber qual foi o motivo da escolha do curso, o que levou você a escolher esse curso de Pedagogia da UERJ a distância?**

foi não precisar frequentar a sala de aula diariamente.

**Lázaro: mas por que você tinha algum problema que te impedia de freqüentar a sala de aula?**

impedia não. Eu trabalhava de manhã e de tar, mais sala de aula à noite, não tem condições, ficaria muito cansativo.

**Lázaro: como é que você soube do curso?**

eu soube através de uma amiga, que estava fazendo na época.

**Lázaro: ela estava fazendo aqui mesmo?**

não, ela estava fazendo em outro pólo, mas ela não chegou a concluir, ela desistiu.

**Lázaro: e você acredita que se não fosse essa possibilidade de fazer a distância, você conseguiria?**

não.

**Lázaro: você conseguiu ou tentou ao longo desse período em que dava aula fazer algum curso universitário, ou nunca tinha tentado antes?**

não, cheguei até a tentar vestibular, mas consegui passar, mas não consegui fazer, era no Rio, e particular aqui não tem condições.

**Lázaro: e aí você acabou tendo que fazer o curso a distância? Então foi basicamente por essa questão do tempo?**

foi, tempo e da gratuidade também né, senão teria que pagar uma faculdade particular.

**Lázaro: por que,?**

porque aqui só tem particular e é cara. Agora tem mais duas universidades, mas antes era só a UCP mesmo.

**Lázaro: e por que esse curso de pedagogia?**

é porque eu já era professora mesmo, então eu quis fazer a pedagogia.

**1- Lázaro: bom dia, eu gostaria de saber primeiramente o que levou você a escolher o curso de pedagogia a distância do CEDERJ?**

Ehhh, justamente pela facilidade de ser a distância, porque eu não ia poder cumprir a carga horária de estar freqüente todo dia, porque eu tenho um filho mais velho também, eu tenho um filho de sete anos. Então para conciliar o casamento, o filho e a casa e tudo, o trabalho, eu optei pela distância, não porque é mais fácil, porque eu já tinha feito uma experiência, eu tinha feito a UCP, uns três períodos, mas ehhhh, era muito mais fácil que o a distância, mas eu optei justamente por falta de tempo para comparecer, por causa da carga horário do presencial que eu não ia conseguir fazer.

**Lázaro: no caso, esse curso da UCP que você fez era presencial?**

Bianca:era presencial.

**Lázaro: e você não conseguiu...?**

não, não consegui. Não consegui acompanhar e eu tive que optar justamente porque eu fiquei grávida e optei por parar porque não ia dar para conciliar mesmo, eu vi que não ia dar mesmo.

**Lázaro: e nessa época você já trabalhava?**

já trabalhava, já tinha a escola.

**Lázaro: e aí como você, como o curso acabou te facilitando no que diz respeito ao tempo? O que ele facilitou para você?**

eu fazia o meu tempo, então eu estudava dentro da proposta que eu tinha né, se eu tinha o tempo da noite, eu deixava um pouco da noite para fazer.colocava a criança para dormir e ia estudar, se não, eu ia para a casa da Conceição, eu sempre fazia um esquema, até então ela não tava trabalhando também, ela tinha a facilidade do dia todo, então eu estudava pela manhã,

então a flexibilidade do tempo foi o que mais me ajudou,

**Lázaro: e assim, se fosse para você tentar terminar o curso presencial você...?**

eu não vejo, eu não via nenhuma viabilidade, por causa de ter que cumprir aquela carga horária dentro da sala de aula... “É de sete às dez”? Então é de sete à dez!”. Eu não tinha como,

**Lázaro: e aí você também já trabalhava na época? E na época houve alguma demanda da parte do teu trabalho para que você fizesse esse curso?**

já, já...o dia inteiro, aliás era manhã e tarde. Depois eu passei para a tarde e fiquei trabalhando um bom tempo só à tarde, e isso tudo só para conciliar tudo. Olha, não, e pelo contrário. Eu fui a que puxei todo mundo para vir, né, a princípio todo mundo achava que não ia dar certo isso, que isso não tinha legalidade, e então que a gente não ia conseguir fazer isso, porque a sua obrigação por estudar não existia, ter que fazer seu horário, então o pessoal falava que era mais fácil, então você ia acabar relaxando, e depois quando eu comecei a fazer e tudo, eu vi que não era nada fácil e comecei a ver que o material era muito rico, com muita informação, a gente tinha pouco tempo para absorver aquilo tudo, e não tinha ninguém com quem debater, e tudo mais, por mais que exista as tutorias, ou você podia entrar na Plataforma, a distância, ou aqui, mas aqui era, às vezes só sábados, às vezes era só um dia na semana e você não tinha como vir tirar dúvidas de uma coisa que você nem tinha acabado de ler, então não funcionava muito bem essa parte. Aí depois que eu comecei a fazer, um ano depois, eu consegui que mais duas entrassem, aí elas vieram. Aí no outro ano entrou mais uma.

**Lázaro: então no caso eram professoras da tua escola?**

então terminaram as duas primeiras agora, no final de 2008, e a outra ainda está cursando.

**Lázaro: você falou da questão da tutoria, que às vezes o tempo para ir à tutoria não era o adequado...**

é, porque às vezes juntava o peso, ficavam duas tutorias no mesmo horário, não tinha aquela periodicidade de ser cada uma em um horário, e a presença não era assim, era Eu, Conceição e a Tutora, e com a Conceição eu já tirava as dúvidas, então não me enriquecia muito, vir à tutoria. Às vezes eu preferia mandar pela plataforma, tirar a dúvida ali se tivesse alguma coisa, e questionar.

**Lázaro: e na Plataforma funcionava bem?**

funcionava, aqui, eu que eu tinha mais dificuldade era disso, pois a gente vinha, no início não a sala tava cheia, todo mundo vem à tal da tutoria, mas depois o pessoal vai, vai, vai e quando vê não tem nem a metade da turma, quando tem três ou quatro tem muito.

**Lázaro: e você acha que essa tutoria presencial é essencial para a continuidade nos estudos?**

não, é sim, porque primeiro assim, para ela focar em algum dado que ela ache importante, às vezes não é o que você acha, né, então assim, são idéias diferentes. Mas se você pegar o do tutor, o que ele acha mais interessante, às vezes vai justamente para o lado do professor que elabora a prova né, então eu acho que é válido sim. Muito válido, pelo menos a gente fez uma parceria com os tutores aqui, todas elas conhecem a gente, tanto quanto Conceição, a gente era presente, a gente não faltava à tutorias, entendeu?

**Lázaro: e no caso você com a Conceição, você formavam um grupo, e isso facilitou?**

facilitou, muito, muito, no final então, eu já tava grávida do Diego, né, e isso então eu tinha menos tempo ainda, porque amamentação e tudo, correria, e eu vinha para cá, fazia uma prova de manhã, voltava para casa correndo, e voltava de novo para fazer a segunda prova, anotava as perguntas ou alguma coisa assim, e ia estudando aquela parte assim para poder ter um bom estudo, né, porque durante a semana toda a gente vinha estudando de pouquinho em pouquinho, para poder facilitar. Mas ela ajudou muito, ela é madrinha dele.

O que me levou a escolher um curso à distância foi a possibilidade de poder estudar em casa e fazer o meu próprio horário de estudo inicialmente. Depois fui percebendo que o curso tinha uma excelente proposta pedagógica.

Eu já estava formada há muitos anos e só possuía o antigo curso normal. Sempre gostei de estudar e de me manter informada, por esta razão resolvi retornar aos estudos e me graduar.

O curso de Pedagogia foi escolhido para dar continuidade aos estudos que eu já tinha começado anos atrás e também porque ainda acredito na Educação.

A opção por um curso à distância foi para satisfazer minha condição de mãe, dona de casa e professora. Foi a opção viável que pude escolher no momento e que achei muito correta.

**1 - Lázaro: bem, boa tarde. Eu gostaria de saber o que levou você a escolher esse curso?**

Esse curso? Sinceramente? Eu vim fazer por... para ver como era o vestibular, porque eu não queria fazer pedagogia, para ver como era uma faculdade pública, eu resolvi vim fazer para ver como era o vestibular antes de entrar para uma faculdade particular, porque eu queria fazer Letras. Mas depois que eu entrei para o curso, eu adorei, eu fiquei apaixonada, por Pedagogia. Então para mim esse curso foi muito bom.

**Lázaro: e sendo a distância te causou alguma coisa? Quando você viu no edital que era a distância, isso trouxe alguma diferença para você?**

Não, eu não sabia como era, mas também não tive essa coisa de “ah, porque é a distância”...Não...queria ver como era, como funcionava um curso a distância.

**Lázaro: e aqui no caso, você falou que queria fazer Letras e não fez Letras por quê?**

Porque teria que pagar, porque teria que ser em uma particular, porque aqui em Nova Friburgo não tem. Então eu resolvi fazer um vestibular para ver como era um vestibular antes de eu tentar. Aí eu passei para o vestibular daqui. Então eu fiz pedagogia e acabei até desistindo de fazer Letras.

**Motivos de escolha do curso**

Eu gostaria de um curso superior em uma universidade pública (reconhecida pelo MEC), pois havia feito o Curso Normal Superior pela Universidade Cândido Mendes, mas não podia fazer nenhuma Pós-Graduação ou Especialização em Universidades Públicas.

Formada desde 1980, fiz vários cursos: Estudos Adicionais em Educação Especial, Normal Superior dentre outros. Pedagogia para as séries iniciais do CEDERJ/UERJ era a oportunidade de ser uma professora primária com nível superior em uma Universidade Pública conceituada como a UERJ. O fato de já estar no mercado de trabalho exigia maior competência e atualização.

Porque amo ser professora e a graduação em Pedagogia poderia trazer mais subsídios para o meu trabalho, unindo teoria e práxis. Sendo a capacitação permanente fundamental em qualquer profissão, principalmente, na área educacional.

Em minha cidade (Nova Friburgo) não havia nenhuma Universidade Pública nem com cursos presenciais nem com cursos à distância. A rotina familiar e o orçamento apertado inviabilizaram a continuação dos meus estudos. A oportunidade de freqüentar esta modalidade de ensino era a oportunidade da minha formação continuada.

**1 - Lázaro: bom dia, eu gostaria de saber o que a levou a escolher esse curso de Pedagogia e a distância?**

Eu queria fazer uma faculdade, e aqui só tinham duas particulares e assim, a que eu queria era inacessível financeiramente, e a outra que era possível não me interessava. Eu via as minhas colegas que faziam e eu não achava assim, que valia a pena investir. Aí quando surgiu eu falei “é por esse caminho que eu vou”. Mas aí, quando falou a distância, “nossa, será que é legal?”. Aí eu me lancei né, surgiu uma oportunidade eu vou em busca.

**Lázaro: você já era professora antes?**

Sim.

**E por que escolheu o curso de Pedagogia?**

Pra complementar, para continuar, para estudar mesmo. Para ir em busca mesmo. Eu sempre quis, a questão financeira, eu trabalhava, mas assim, gosto muito de ler, sempre corri muito atrás.

**E por ter sido a distância fez alguma diferença?**

Eu acho que no começo, quando a gente fala a distância, a gente pensa que seria muito fácil, mas quando eu comecei a ver o curso em si, eu falei “caramba, isso é muito interessante, é muito legal, vai valer a pena, vai me transformar”.

**1 - Lázaro: O que levou você a escolher esse curso de Pedagogia da UERJ?**

o que me levou a escolher foi a realização de um sonho, sempre tive vontade de ser professora, não tive oportunidade nem condições financeiras nem tempo, disponível para fazer na rede privada, e foi a oportunidade que me surgiu. Primeiro, a distância porque sou mãe, tenho filhos, trabalhava fora, não tinha disponibilidade de tempo para estudar, o tempo que me sobre à noite, então, e à distância seria a oportunidade, de conseguir, primeiramente eu não conseguiria pagar, a distância foi a oportunidade, além disso, é uma faculdade pública, que é muito mais reconhecido, muito mais valorizado, foi uma oportunidade ímpar na minha vida, de realizar nesses três âmbitos, financeiro, pessoal e profissional.

**1 - Lázaro: O que levou você a escolher esse curso de Pedagogia da UERJ?**

eu escolhi esse curso por uma realização pessoal, aqui em Petrópolis havia apenas uma universidade particular, que é a UCP, e que era para as minhas condições muito cara, muito mais do que eu poderia, então eu não pude fazer graduação, depois que eu me formei (no Normal), depois eu me casei e comecei a trabalhar, na época era aceito o professor só com o ensino médio, não tinha a mesma exigência de ter uma formação superior. E então quando surgiu essa oportunidade, eu quis logo, até porque existe uma exigência de que todo professor agora tenha essa formação, então eu vim e foi uma mudança assim de visão profunda, de renovação para minha vida, muito grande, porque, antes disso a minha formação foi bem na época militar, na época da ditadura, então eu tinha aquela visão de educação mesmo bancária, de muita rigidez, e esse curso me deu uma visão nova, um novo horizonte mesmo de enxergar a educação de maneira bem ampla, respeitando a individualidade dos meus alunos, respeitando a cultura, o meio social, então houve essa renovação na minha visão, daquela rigidez mesmo, por conta daquela época, daquele período, e mudei, enxergando a educação por outra visão, me abriu uma janela na minha vida.

**1 - Lázaro: qual foi o motivo da escolha do curso de Pedagogia a distância?**

primeiro porque aqui, na época em que eu comecei a estudar, a UCP, que é particular. O Cederj quando abriu foi uma chance para muita gente como eu que parou a muito tempo e não tinha como voltar. Então fui fazer o vestibular, primeiro eu tentei para matemática, mas não consegui, depois para Pedagogia e passei. Depois por ser um curso diferente, na UCP eu já vi, tive umas amigas que se formaram lá e eu acho que não acrescenta muito coisa, não muda nada. E já o daqui te dá uma perspectiva nova, métodos novos, como agir, muda realmente a cabeça.

**Lázaro: ter sido a distância fez alguma diferença na hora da escolha?**

sim, dificulta, ao contrário do que as pessoas pensam que é mais fácil, porque faz trabalhinhos, não existe isso, a gente faz provas presenciais mais provas a distância que estão muito mais difíceis que os presenciais, né, porque a cobrança para você tirar um dez é muito difícil, tudo tá valendo, qualquer vírgula, qualquer palavra mal dita você tá perdendo ponto. Então realmente era muito difícil, você e o livro dentro de casa e duas horas para vir aqui, e tirar todas as dúvidas que você teve durante a semana inteira.

**Lázaro: e no momento profissional que você tava, quando você entrou no curso, isso influenciou em alguma coisa na escolha por ele?**

porque eu precisava me atualizar, eu tava distante de lecionar quando eu voltei para a minha escola e eu vi que os métodos que eles usavam lá eu não sabia, eu fazia porque me diziam que eu tenho que fazer, eu não sabia o porquê daquilo, qual o objetivo que eu iria atingir com aquilo, então eu vim aqui para isso, para poder buscar algumas respostas.

**Lázaro: Então, primeiramente, qual foi o motivo da escolha do curso?**

Eu trabalho como professor 2 na prefeitura do Rio e queria me enquadrar nas exigências do MEC

**Lázaro: e por que você escolheu um curso a distância?**

Devido não conseguir chegar no horário nas faculdades presenciais, já q faço dupla regencia.

**Lázaro: você mora em Paracambi, correto?**

Tentei por duas vezes dar continuidade nas presenciais em vão

não moro em Campo grande, porem os encontros eram sábados

**Lázaro: E você não conseguiu fazer nas presenciais por quê?**

dia q estou de folga

devido horario

**Lázaro: Entendi. Nas vezes em que você tentou, eram cursos de Pedagogia?**

letras

**Lázaro: as duas vezes?**

sim

fiz tres periodos

**Lázaro: e pq decidiu fazer o da uerj a distância em pedagogia?**

pq nao havia letras, e na epoca tbm nao havia historia, e o curso q se aproximava era o de pedagogia

**Lázaro: quando você fez o curso já era professora da prefeitura?**

sim

**Lázaro: E além da questão da facilidade do tempo, ser a distância trouxe alguma vantagem?**

de fazer meu horario de estudo

**Lázaro: você disse que havia a questão da dificuldade do tempo, já que trabalhava em horários que atrapalhavam. Como você vê essa questão do professor não ter tempo nem oportunidades para estudar?**

**Lázaro: ou pelo menos, ser algo dificultado?**

Na verdade, o prof do rio não tem nenhum incentivo, ao contrario tudo é dificultado começando pelo estagio. Lembro q tive q fazer estagio em Itaguaí, e fui ao medico alguns dias para poder fazer a carga horária acho um absurdo, se sou concursada e dou aula pq nao ser lá meu estagio?

**Lázaro: para conseguir tempo de fazer o estágio?**

sim, porque faço jornada dupla como regente, um absurdo, uma burocracia imensa.

**Lázaro: mas há uma exigência da Prefeitura pela formação, correto?**

há, mas não te incentivam em nada, ao contrario desmotivam. Na verdade acredito ter ido até o fim devido alguns projetos q tenho

**Lázaro: então primeiro gostaria de saber o que levou você a escolher este curso?**

bem, meu amigo...escolhi Pedagogia porque não encontrei História no CEDERJ em 2005 e também pq eu havia terminado o Normal em 2003...tava fresquinha para as provas do vestibular

**Lázaro: Mas você já era professora?**

Sou, há 5 anos

**Lázaro: E por que em um curso a distância?**

eu trabalho em duas escolas...numa sou secretária...tenho pouco tempo mesmo

**Lázaro: e por que você resolveu fazer uma Faculdade? Você queria fazer história, mas de qualquer maneira, quis dar continuidade aos estudos....**

bom...a graduação estava nos meus planos, mas eu ainda pretendo iniciar outra, que é História, disciplina que amo, só que estou alongando o término desta...por falta de tempo.

**Lázaro: na sua cidade não há nenhum curso de História presencial?**

tem...vários, mas não consigo é tempo e fico muito cansada pra frequentar aulas a noite

**Lázaro: e porque não um desses, pela questão do tempo mesmo?**

sim...eu me envolvo muito em meus trabalhos a ponto de trazer serviço pra casa. Falta tempo...eu preciso ganhar tempo estudando a distancia

**Lázaro: Você já havia ouvido falar de cursos a distância?**

sim...na escola onde estudava e na própria Coordenadoria da minha cidade (Nova Iguaçu), aliás, foi lá que soube do curso

**Lázaro: hum, outras pessoas próximas a você já haviam feito?**

olha....muitas amigas minhas tentaram, mas não passaram no vestibular do CEDERJ, acham difícil e a maioria optou pelo presencial numa faculdade particular

**Lázaro: o vestibular?**

isso, elas me dizem que é difícil, eu ã acho. É tudo questão de leitura, sabe, porque vejo que desde cedo temos dificuldades para interpretar uma simples questão de Português ou Matemática, por exemplo, meus alunos e outros tantos que vejo leem mas ã sabem interpretar o que lêem.

**Lázaro: entendi...então, a formação de pessoas para esses vestibulares não estariam adequados, é isto?**

acredito que agora está se adequando à realidade do aluno, hoje temos os LIEDS nas escolas estaduais, com a acesso à internet onde o aluno pode usar os pcs para estudar e pesquisar, inclusive usando o ORKUT mesmo.

**Lázaro: o fato de ser um curso viabilizado por uma instituição pública pesou na sua escolha ou só o fato de ser a distância?**

claro que pesa, Lázaro...e muito

## **EIXO AVALIATIVO: Conhecimento do PPP do Curso de Pedagogia**

**2- Lázaro: você chegou a conhecer o Projeto Político Pedagógico do curso?**

cheguei, eles entregaram uma apostila, na época, quando agente entra, assim, eles fazem uma aula inaugural e ali eles dão sim, ta tudo guardadinho.

**Lázaro: você chegou a ler, tem alguma avaliação sobre esse projeto?**

foram feitas avaliações, quer dizer, nós fazíamos avaliações, quando terminava o semestre...

**Lázaro: você tem a destacar no Projeto, alguma coisa que você gostou, alguma coisa que você não gostou? As outras pessoas liam e gostavam do Projeto? Como você analisa o Projeto do curso?**

Olha, em relação às outras pessoas eu não sei, por fica difícil assim, no a distância ter esse contato maior com as outras, né, agente tenta até pôr em algumas tutorias, e provas e tal, agente se conhece em grupinhos, né, aí não dá pra saber assim, da maioria, mas assim, do projeto em si, eu não tenho nada a falar, eu gostei de todo o trabalho, todo estudo, e o Projeto Político Pedagógico atendeu todas as expectativas, todas as minhas expectativas.

**Lázaro: você consegue relacionar aquilo que estava escrito com as práticas dos tutores, com os livros? Você acha que aquilo que era prometido no Projeto era aplicado na prática de vocês como estudantes?**

isso... Eu acho que pelo menos o esforço foi feito, né, se você precisasse de alguma ajuda, você podia ligar, mandar por e-mail, podia ir lá, tinham sempre alguém para te dar um suporte, eu que raramente ia, porque falta de tempo e essas coisas, eu tentava eh..., tirar minhas dúvidas lendo mesmo, e maneira que eu tinha essa facilidade, que tinha duas professoras do colégio que eram tutoras, né, aí às vezes eu conversava com elas, e tal, eh...eu tirava até minhas dúvidas por lá mesmo, entendeu?, pela escola, mas assim, se funcionava direitinho que você quer saber, eu acho que sim, pelo menos eu não tive nenhum problema de assim, "ah, pô", entendeu de reclamar, e tal.

**2 - Lázaro: você tinha conhecimento sobre o Projeto Político Pedagógico do curso quando você entrou?**

não, não tinha, era o primeiro curso de pedagogia, e acho também, que o Projeto Político Pedagógico é assim, ele tinha mais a ver comigo do que o próprio Projeto Político Pedagógico de um curso de pedagogia propriamente dito, entendeu, pedagogia das séries iniciais vem mais de encontro ao que eu queria realmente. Que era voltado para a prática pedagógica.

**Lázaro: você acha que a relação entre a teoria e a prática, nesse curso, se deu, mesmo sendo a distância? 0:06:32**

deu...porque o curso é muito bem fundamentado, ele é bem fundamentado, assim, ele abraça as disciplinas que temos que lidar no dia a dia da escola, entendeu, e ele é muito bem fundamentado.

**Lázaro: e é tranquilo de fazer essa transposição da teoria para a prática de vocês?**

é, é sim...quando você se debruça sobre aquilo, é. Eu tinha uma colega que eu trabalhei num CIEP, que eu fui coordenadora dela, só que eu achava ela uma professora assim...sabe, ela era uma professora daquelas que vestem a camisa, que vira aluno com aluno, e eu sempre dizia "Fátima...você tem que fazer esse curso!" Sempre falei, e ela demorou uns dois ou três vestibulares para conseguir fazer, ela tá fazendo, e ela também é apaixonada, porque, ela vê no curso essa facilidade, ela teve um projeto com a turma dela, tudo baseado num projeto de Geografia, não sei qual deles, ela pegou o conteúdo de Geografia e ela levou para a sala de aula. Eu de repente um pouquinho menos, porque, eu não estava em sala de aula, entendeu, mas eu tenho uma prática muito voltada para o dia a dia da sala de aula, eu procuro me interessar, eu gosto, embora não esteja lá fazendo.

**Lázaro: e aquelas práticas de tutoria do curso, você sentiu alguma diferença entre aquilo que é dito nos livros e aquilo que é feito na prática ao longo do curso? Teve algum distanciamento disso?**

Peraê...as práticas de tutoria...eu to como tutora agora, eu também (risos) eu sou um pouco...coisa de falar ne, porque eu to tutora, mas por exemplo, como tutora, eu acho que (...) faz isso. Eu levo muito do que eu vivo também, entendeu, eu acho que o que é mais meu de tutora é exatamente isso, de eu tá com o pé na prática, entendeu, então, eu senti um pouco de dificuldades nas tutorias lá, porque não tinha...dessa relação com a teoria e a prática, eu acho que os tutores não têm essa relação com a prática como a gente tem, entendeu, no geral, assim, tem muita gente que tem.

**Lázaro: e em que sentido essa falta de prática prejudica vocês como alunos?**

do tutor?...Porque às vezes a gente acaba sabendo mais como aluno. Entendeu, a gente corre para ele...entendeu, a gente acaba sabendo mais do que ele, a gente acaba ficando muito crítica, entendeu, em relação ao tutor. Porque você sabe muito, você ta no dia a dia, você sabe... e por mais que o curso, como eu falei, ele é muito bom, ele é muito bem fundamentado, eu gosto muito do curso, eu falo com meus alunos, quando eu dou aquela aula, "Gente, leva a sério, porque o curso, ele tem uma fundamentação lá da academia muito boa, porque você fica antenado com os autores que estão ali, que são os grandes, e dá com todo mundo que ta na educação hoje, que todo mundo lê, que todo mundo sabe, né, porque os professores procuram ter esse fundamento teórico". O curso também, eh... ele te dá, essa questão da vivência da prática, entendeu...

**Lázaro: houve alguma diferença para você pelo fato desses tutores não terem prática ?**

não, para mim houve, entendeu, é exatamente isso, eh..., a gente assim, o tutor tinha ali o lado do acadêmico, entendeu, que é importante, também, que é importante, mas ele não socorria a gente nas questões práticas. Eu senti muito isso aí. E agora até que não, ta mudando...A Maria Emília, ela falou que tão pensando muito no papel do tutor, né, que, porque o próprio CEDERJ tá vendo o tutor, porque antes, o tutor não pode dar aula, entendeu, não pode dar aula, ele não é professor, mas hoje a gente ta vendo que ta tendo um leque maior de atuação, embora a gente não dê aula tradicionalmente, então às vezes o aluno, por mais que ele seja autônomo no estudo dele, ele tem essa dificuldade, né, de que o tutor vai passar alguma coisa para ele, e o tutor ele é assim, entendeu, pelo menos no molde que eu vi, não tinha muito essa volta do tutor.

**Lázaro: você conhecia o Projeto Político Pedagógico do curso? Ao longo do tempo você teve contato com esse projeto, o que você acha dele?**

não. (...) Eu acho que ajuda muito né. Ajuda muito o professor, ele fica preso, na sala de aula, à rotina, já sabe, e o que eu aprendi muito no curso e a procurar as informações, mesmo depois que o curso acabou, porque se há uma coisa incomodando, você pode procurar uma informação, não tem porque viver com aquilo.

**Lázaro: e as práticas de tutoria, como é que você considerava essas práticas?**

olha, eu não participei muito não, foram poucas porque no sábado eu usava muito para estudar, todas as disciplinas, então eu participei de poucas. Eu achei muito boas as que eu participei.

**Lázaro: e no a distância, via internet, como é que você fazia isso?**

ó...eu participei pouco também, eu usei mais o material didático mesmo.

**Lázaro: e ao longo do curso você sentiu alguma dificuldade, ou o curso transcorreu tranquilo para você?**

eu achei que foi tranquilo.

**Lázaro: mesmo você tendo essa questão da dupla jornada, do trabalho?**

é, eu não achei tão difícil não, tem que se empenhar muito, mas eu achei assim, o material é bom, bem explicativo, e não gera muitas dúvidas.

**Lázaro: e quando você tinha alguma dúvida, você recorria..?**

eu vinha aqui, no Pólo, porque eu moro aqui pertinho,

**Lázaro: e assim, você chegou a ter conhecimento do Projeto Político Pedagógico do curso?**

não e a nossa maior dificuldade é ter acesso aos documentos aqui, aqui é muito difícil né, porque a proposta quando a gente começou, que a gente foi a segunda turma do pólo Petrópolis, e quando a gente começou a gente leu muitas informações na internet mesmo, na Plataforma e tal, era um resumo do Projeto Político Pedagógico, agora o Projeto mesmo nunca veio parar aqui, nunca tivemos acesso.

**Lázaro: e em relação àquilo que era dito nos livros, no material didático e aquilo que acontecia nas práticas de tutoria, na Plataforma, havia uma relação entre isso, ou não?**

raramente acontecia alguma divergência, mas assim, a maioria conciliou tudo, sempre foi favorável, acho que não teve muito...

**Lázaro: e as práticas de tutoria do curso também era assim?**

eram, eram... eram sim. Algumas avaliações a gente achava muito a parte de decoreba, alguma coisa muito assim, voltada para a teoria, mas uma teoria que não era...considerávamos muito importante aquela parte, a tutora também considerava muito aquele item e falavam sobre a árvore em vez de falar sobre a casa, então eram umas coisas que assim, entendeu, que meio louco, para completar com uma palavrinha que você leu no livro em várias páginas, entendeu, eu acho que isso era meio perdido. **Lázaro: isso no material didático, no caso?** no material didático e na prova, eram muito assim dessas provinhas de pegadinha. Assim, a gente sentia muita dificuldade. Quando era prova dissertativa, a gente conseguia tirar boas notas muito mais do que essas que eram para...objetivas, mas para completar com uma palavrinha que não tinha, que não chamava a atenção, eram coisas bobíssimas, mas fora isso, o material é muito rico, todo mundo que pede, que é de outra universidade acha que é excelente, né, eu titrei muito para a minha gestão do trabalho, eu consegui tirar muita parte dali para poder me ajudar, o material para poder voltar para a gestão.

**Lázaro: e assim, em relação ao material, existe uma certa crítica de que ele é estático, ou seja, você tem aquele material didático, você estuda por aquele material didático, e aí entra também a questão da decoreba, você tem que decorar esse material. E aí você via que isso acontecia no seu curso?**

não, é, também não são todas as disciplinas, mas algumas ela é mais. As que voltavam mais para a prática não eram tanto, porque a gente conseguia dialogar, fazer uma dissertação maior em uma prova subjetiva, que você conseguia discutir ali situação que você tinha estudado. Então você conseguia mostrar que você tinha estudado, agora, quando era uma prova objetiva, para completar a palavrinha, oh, isso aconteceu muito em EJA, na EJA era direto, o material é rico tem muitas informações e eles pegavam umas coisas que não tinham muito a ver, eh...Português Instrumental, a gente até gostou e tudo, maravilhoso o trabalho, mas também iam em umas partes que não tinham muito a ver com o material, entendeu, assim, em algumas disciplinas a gente tinha tido dificuldades com isso, porque era justamente onde a gente tirava sete, oito, era dali, porque a gente não tinha fixado tanta coisa, a memória agora não era mais a mesma de quando adolescente, quando eu era pequena era mais fácil né, mas agora não é mais a mesma, então, a gente sentia dificuldade sim. Eu acho que esse material, não que ele precise ser revisto.

O que precisa ser revisto é a formulação das provas, porque era o que dificultava, porque o material se você for ler, você não vai conseguir ter dificuldade nenhuma de fazer uma redação, uma coisa que peça sobre o assunto.

**Conhecimento sobre o projeto político pedagógico do curso:**

Em relação ao PPP do curso fui descobrindo suas metas e objetivos ao longo do curso, pois fiz parte da primeira turma aqui de Nova Friburgo e o curso ainda estava se estruturando em algumas disciplinas.

Ao longo do curso pude aplicar, refletir, construir, reconstruir muitos conceitos apreendidos nas disciplinas de modo a estabelecer uma ponte entre a teoria e a prática.

**Lázaro: ao longo do curso você chegou a ter contato com o Projeto Político Pedagógico do curso?**

Sim.

**Lázaro: e o que você achou dessa questão da teoria e da prática, como era feita no curso?**

Eu achei muito bom, porque eles ajudam bastante, porque o “pessoal” pensa que a distância ninguém ajuda em nada e a equipe deu uma assessoria muito boa, tanto presencial quanto a distância.

**Lázaro: e você acha que aquilo que eles ensinam aqui é a mesma coisa que acontece na prática com vocês, ou você acha que tem alguma distância em relação a isso?**

Algumas coisas sim né, algumas coisas têm essa distância.

**Lázaro: mas seriam quais essas distâncias?**

Ai, eu não sei, como é que eu vou explicar?...às vezes eu acho que nas provas...Algumas vezes as questões eram muito fechadas, tinha que ser aquela resposta ali e pronto, há coisas que você tem que considerar, olhar vários aspectos do aluno, essas coisas...Em algumas coisas...

**Lázaro: e aquilo que era dito no curso, dava para levar à sua prática docente? Você atua como professora?**

Atuo. Quanto a levar, eu levo bastante, eu acho que ajuda bastante. Principalmente porque eu trabalho com alfabetização. Então a parte de alfabetização me ajudou bastante na minha prática.

**Lázaro: tem alguma coisa aqui que não dá para utilizar de maneira nenhuma?**

Acho que não. Acho que de tudo um pouco dá para você utilizar para trabalhar. Não à risca né, mas um pouco de tudo.

**Lázaro: o que você acha que mais mudou, ou você levou de diferente para a sua sala de aula?**

Acho que mais o lúdico com as atividades com as crianças, coisas mais para serem trabalhadas.

**Lázaro: e isso no caso da tua prática, o curso tinha bastante disso na teoria e vocês conseguia migrar?**

Sim, também além de você poder fazer consultas, você ter o material para pesquisar o porque daquilo estar acontecendo, o que você pode fazer para melhorar, a partir do que foi lido e do material.

**Conhecimento sobre o Projeto Político Pedagógico**

Quando prestei vestibular e fiz a inscrição não havia lido que a PPP do curso, tinha apenas a convicção de que fazia um curso de excelência.

Percebi que muitas estratégias que utilizava intuitivamente em sala de aula estavam respaldadas em teorias e estudos de autores renomados.

Sim, o PPP do curso não tem a preocupação em dar “receitas”, mas um convite a reflexão e construção do conhecimento tendo como base a própria realidade e as experiências de cada discente. Promovendo momentos de debates, fóruns, observações e relatos e indicando a necessidade da construção ou reconstrução do PPP diante de novos estudos.

Sim. Ficava entusiasmada com os estudos realizados. Sentia-me desafiada na realização das atividades e dividia com colegas no trabalho, promovendo algumas mudanças positivas.

**Você chegou a ter um contato com o Projeto Político Pedagógico do curso?**

Olha, eu não lembro, mas isso pode ser falha minha. Eu lembro de algumas palestras falando sobre o PPP, mas eu não lembro se era do curso.

**E essa questão da teoria e da prática, do que era ensinado para vocês como alunos, havia uma discrepância?**

Tem uma separação muito grande entre o que é proposto no curso e o que eles pregam com a gente.

**E você acha que tem esse espaço por quê?**

Eu acredito que seja pela própria construção. As estruturas são difíceis de quebrar, aos poucos que as coisas vão acontecendo, né, tudo tem um tempo muito grande até ser transformado mesmo.

**A prática da tutoria, como você achava que era?**

Aqui no curso, muito boa, assim, a gente tinha prazer de vir para cá, trocar informações, ler, pesquisar, por exemplo, as meninas, a gente trocava informações, a gente pesquisava, e eu acho que foi muito válido, entendeu, esse tempo de construção, de querer, de buscar mesmo.

**Os tutores faziam essa transposição entre a teoria e a prática?**

Eu acho que os tutores daqui conseguiam, fazer essa ligação.

**Lázaro: em relação ao curso, você teve algum contato com o Projeto Político Pedagógico do curso? Se teve, o que achou do PPP do curso?**

eu não tive contato.

**Lázaro: você via muita diferença entre aquilo que era ensinado/trabalho nos livros didáticos, com aquilo que acontecia na prática de você como aluna? Ou seja, aquilo que era dito nos livros era uma coisa e aquilo que acontecia na prática era outra?**

eu acho que havia. Os livros didáticos falavam de uma educação voltada para o aluno, valorização do aluno, e a gente muitas vezes via que ficava em relação não sei se ao pólo, não sei se ao curso em sim, porque a gente nem tinha muito acesso ao pessoal da UERJ, eu acho que na minha opinião não tinha muito a ver não. Essa questão da valorização do aluno não acontecia na realidade não.

**Lázaro: você já disse que o material didático ele é um bom material, e já falou dessa transposição para a prática ou para a vida de vocês mesmas.**

**A tutoria fazia essa ponte entre aquilo que era dado nos livros para aquilo que você tinha que estudar? Como era essa questão da sua tutoria?**

em relação à tutoria, alguns deixavam a desejar, outros, por exemplo uma tutora de Estágio, que eu acho assim um exemplo, porque ela foi excelente para mim, principalmente para mim que não tinha a prática, não vivia a prática em sala de aula, ela como tutora de estágio para mim foi um exemplo, me incentivou em todos os trabalhos, as idas às escolas, as dúvidas que eu tinha, em relação até ao próprio PPP da escola onde eu ia, porque eu nem sabia que existia isso, e que eu acho importantíssimo uma escola funcionar dentro do seu projeto, que é ele quem indica os caminhos de como uma escola tem que funcionar, entendeu, e passei a valorizar esse documento, peguei o da escola, porque foi necessário para o estágio, e ela foi uma tutora excelente que para mim serve como exemplo, nas minhas avaliações eu sempre a colocava como um X do CEDERJ como referência de professor, exemplo dedicado, eu acho que tem sim, ela foi durante todo o meu estágio a minha referência como professora, que eu gostaria até de ser igual, de tanta dedicação.

**Lázaro: em relação ao curso, você teve algum contato com o Projeto Político Pedagógico do curso? Se teve, o que achou do PPP do curso?**  
não.

**Lázaro: você via muita diferença entre aquilo que era ensinado/trabalho nos livros didáticos, com aquilo que acontecia na prática de você como aluna? Ou seja, aquilo que era dito nos livros era uma coisa e aquilo que acontecia na prática era outra?**

a gente analisando de uma maneira geral acho que havia essa discrepância. Mas existia algumas diferença individuais, né, quando por exemplo, nós tivemos uma tutora de Fundamentos da Educação, que mais me deixou apaixonada por tudo isso, então na prática dela ela trazia muito do que estava ali na teoria. Agora, digamos, em outras, é muito individual essa visão, uns agiam de uma maneira, outros de outra, e a gente sentia essa coisa de as vezes não condizer aquilo que a gente estava aprendendo com a prática.

**Lázaro: você já disse que o material didático ele é um bom material, e já falou dessa transposição para a prática ou para a vida de vocês mesmas. A tutoria fazia essa ponte entre aquilo que era dado nos livros para aquilo que você tinha que estudar? Como era essa questão da sua tutoria?**

havia uma tutora que foi a ponte entre a teoria e a prática, foi excelente mesmo, e outras assim, a questão da renovação foi ela, fazer com que a gente entendesse tudo que estava ali, muito teórico, muito fundamentos, muita teoria e pensadores, e ela via aquilo de maneira muito agradável.

**Lázaro: em algum momento do curso você chegou a ter contato com o Projeto Político Pedagógico dele?**  
não.

**Lázaro: e como era a questão da teoria com a prática do curso?**

a gente tinha o Estágio, só que o estágio da gente é bem diferente né, a gente não fica tanto em sala de aula, vê também a parte da Secretaria, do Projeto Político Pedagógico da escola, mas dentro de sala a gente ficava muitas horas, tinha que cumprir diversas tarefas, o relatório sobre o método de avaliação, então a gente ia lá e fazia sobre o método de avaliação e tantas horas para poder elaborar o relatório né, conseguir fazer uma fundamentação e tal.

**Lázaro: você via muita diferença entre aquilo que era ensinado e aquilo que acontecia na prática do próprio curso?**

eu acho que não tanto pelo próprio curso, eu acho que o curso prega uma coisa e realmente cumpre, pelo menos 90 % ao pé da letra, mas a postura de alguns profissionais ainda é muito tradicional, dos professores...dos tutores. No caso do de Pedagogia eu não digo, são um ou dois, mas como as nossas provas são feitas com tutores de Biologia, Matemática nunca é o tutor do nosso curso, então quando a gente ia fazer prova, a gente sentia que o nosso curso tinha uma postura diferente, como se fosse um preconceito. Eles acreditam que é um curso mais fácil, mas na verdade não é, matemática a gente sabe que é um curso difícil, mas sem a Pedagogia, ninguém faz a sala de aula. Eles pensam que o curso é mais fácil, que os alunos vão colar numa faculdade dessas, uma pessoa que faz uma AD do nível que a gente faz, não precisa colar numa AP pelo que a gente estudou, nas horas de formular um trabalho, trabalho acadêmico que é muito elaborado.

E eles tinham uma postura muito estranha, eu cheguei a mandar um ofício pela internet para o curso, para o pessoal da UERJ, pedindo uma retratação do professor a respeito disso. Eu cheguei com uma colega minha e sentamos no fundo da sala, eu não gosto de sentar ali na frente, que todo mundo entrar e aí a gente perda a concentração, sentei mais para trás, era eu e mais outra colega, nas três últimas carteiras, com a sala lotada, e ele ficou assim “vocês duas, aqui para frente”, “ok, eu vou, tanto faz a cadeira, seja ali na frente”, aí sentei, eu na primeira e ela na segunda, bem na frente dele, ali ele perguntou “vocês vão continuar juntinhas, o que que adiantou?” Ai a gente queria no mínimo uma desculpa, a prova ainda não havia começado, não tinha sido aberta, quer dizer, eles têm uma cabeça ainda que precisa ser trabalhada, não é só a forma como a gente dá aula que muda o professor, é a forma como ele se conduz, né, dentro do ambiente acadêmico todo.

**Lázaro: e a relação dessa teoria que vocês aprenderam com a prática em escolas e salas de aula. Há possibilidades de transpor aquilo que vocês aprendem no curso para a prática?**

há possibilidades, mas eu acredito que não sejam em todas as escolas pois nem todas estão abertos a métodos novos, de uma forma igual como a gente vai interagir, como a gente vai entregar conhecimento, que não é a proposta do CEDERJ. Na escola onde eu dava estágio era uma escola muito tradicional, no próprio PPP ela se definia tradicional, e não abriam mão disse de maneira alguma, então para eles o simples fato de você abrir uma roda e dizer “vamos conversar” de mexer qualquer coisa que saia do comum não está certo. Então quando eu chegava para dar uma aula prática era encarada como “lá vem a maluca” os alunos adoravam “a tia chegou”, mas as professoras falavam “ai meu Deus”, mas fazia um resultado muito bom, que elas saíam pelo menos perplexas, porque elas olhavam e falavam “olha o trabalho lindo que resultou” saíam poesias lindas, aprenderam certas matérias em que estavam com dificuldades, então realmente faz efeito, mas você tem que ter apoio né.

**Lázaro: e esse bloqueio fez com que você diminuísse a sua vontade de fazer diferente?**

não, de maneira alguma, apenas a última aula prática, que eu tive que mudar de escola, quando eu falava “ah...é a estagiária do CEDERJ”, “hoje você não pode entrar, você tem que avisar com antecedência”. “Uma semana é o suficiente? ...”Ah, eu esqueci, eu marquei com você, mas está tendo prova”, sempre uma desculpa, pois o estágio não é constante, ela achava que eu tinha que estar na escola todo dia, manter ...Mas o propósito era atingir alguma tarefas, e sair, a gente não tava em campo o tempo inteiro e ela não conseguia entender isso, aí eu saí e fui para a escola de uma tutora daqui, eu fui terminar essa última aula prática em outra escola.

**Lázaro (00:09:06): você acha que as pessoas encaram a prática das pessoas que saem desse curso como uma prática diferenciada ao ponto de “barrarem”?**

ou ao ponto de barrarem ou então se a gente for realmente convincente para abrir as portas com boa vontade. Já aconteceu e tal de ir para uma entrevista eu explicar o tipo de curso que estava fazendo e a pessoa realmente gostar, isso acontece, pois se a pessoa tiver visão, ela vai compreender, agora se a pessoa realmente bater o pé e não quiser mudar, aí dificulta.

**Lázaro; Entendi. você chegou a ter contato com o projeto político pedagógico do curso?**

não, do curso não, só nos manuais. O q estou dizendo é q não tive muita sorte no PPP. A minha sorte foi a tutora a distancia q me ajudou muito. E a diretora do pólo q também me orientava no q era preciso.

**Lázaro: Você acha que o curso, no tratamento com vocês tem coerência entre o que ensina e o que pratica?**

sinceramente, não, o que esta nos livros é bem diferente da pratica.

**Lázaro: e por que você acha que há essa discrepância?**

a parte da dialogica nao funcina

**Lázaro: o que há nos livros que é diferente da prática?**

a educação dialogica nao funciona

**Lázaro: você acha que é muito unilateral?**

acho

**Lázaro: e por que motivo?**

foi o q disse, não há interação...é o q a pessoa falou e ponto, não há argumentação. Essa foi a minha experiência.

**Lázaro: isso em relação aos tutores? Aos livros?**

aos tutores, nos livros as coisas são bem diferentes, como na pratica também. Mas valeu a experiência. Porque não é problema de ser a distancia ou presencial, a questão é q nos livros sempre tudo é mais simples.

**Lázaro: ah sim... hum, e em relação ao Projeto Político Pedagógico do curso, você teve algum acesso a ele, ao longo da faculdade?**

pouquíssima, diga-se de passagem...é coisa pra inglês ver mesmo

**Lázaro: então você acha que é discrepante o que o curso diz e aquilo que se dá na prática?**

acho

**Lázaro: onde você acredita que está o problema?**

a gente lê muito, aprende pouco e utiliza menos ainda acho que teorizam de mais... E a gente acaba só reproduzindo idéias...é isso.

**Lázaro: no material didático, na estrutura do curso, nos tutores?**

no material e em alguns tutores, que querem que você termine a qualquer custo.

**Lázaro: não há uma reflexão?**

não vejo. Amigo o que vi, de 2007 pra cá, quando meus colegas concluíram o curso foi muita gente passando sem saber porcaria nenhuma absorvendo pouco do que aprendeu

**Lázaro: e é possível levar esses conhecimentos para a prática?**

é...desde que você os vá adequando a realidade do colegiado em que atua

**Lázaro: aí se consegue?**

mas, não condeno o curso... ele é ótimo e tenho visto muita coisa que bons professores utilizam em cursos e palestras, nos cursos de Formação Continuada

**EIXO AVALIATIVO: Aprendizagem mais importante no Curso****3- Lázaro: o que você aprendeu de mais importante no curso? Quais você acha que foram suas maiores aprendizagens ao longo do curso?**

Caramba! Olha só, eh... Essa parte toda pedagógica, essa forma de lidar, que eu trabalho com educação infantil, né, embora o curso seja para ensino fundamental, isso dá pra trazer até pra educação infantil, isso...Ah! Tem isso, que eu ia falar, eu briguei, várias vezes eu questionei isso lá no curso, por que que era só ensino fundamental? Por que não podia ser também educação infantil, né, porque eu sou professora de educação infantil há muito tempo, aí eu sempre questionei isso, "poxa, até para fazer estágio não podia ser em educação infantil, só podia ser só ensino fundamental, e a tutora de estágio sempre falava "-não, aqui é ensino fundamental, não pode fazer estágio em educação infantil", eu disse "poxa vida, podia, abrir, né? Para educação infantil, já que é ensino eh..., educação básica, né," ai...eu sempre briguei por isso, lá quando eu podia né, questionar (risos), mas eu levo, levei muita coisa da.. do que eu estudei lá, pra mim, pra minha, pras turmas de educação infantil.

Assim, como essa parte toda que tinha aula de ...disciplina de corpo e movimento, de, de, .. "que mais gente", de português também. Tem coisas ali , tem coisas assim, que você pode usar tudo para os menorezinhos, eu aproveitei muita coisa.

**Lázaro: e você acha que essas aprendizagens que você teve ao longo do curso você consegue trazê-las pra a sua prática?**

: para a minha prática? Hum hum, com certeza.

**Lázaro: são aprendizagens que você considera úteis ou significativas para aquilo que você faz?**

eh... eu mudei muitas coisas, que como eu te falei, né, agente fica meio que presa ainda no passado, né, e aí, por mais que você tenha preocupações leia e coisa e tal, o conteúdo assim da pedagogia ali deu para mudar muita coisa, muita coisa mesmo...

**Lázaro: alguma coisa nesse curso não era possível de ser aplicado na prática?**

não era...?

**Lázaro: havia alguma coisa que ficasse muito distante daquilo que você tinha na sua sala prática de sala de aula?**

não, não...?

**Lázaro: dentre tudo aquilo que você aprendeu?**

não, tudo era muito próximo da nossa prática, eh...matemática, português, e as outras disciplinas didáticas, que, tudo muito assim, eh...muito voltado mesmo pro professor, entendeu? Eu acho não, sei, porque nunca fiz outra faculdade, se a teoria caminhava muito próximo da prática, não tinha essa coisa, porque muitas vezes agente vê, a teoria uma coisa linda e maravilhosa mas que você ta vendo que isso é impossível de utilizar na prática, né, mas aí...O conteúdo era muito próximo.

**Lázaro: por você ter feito o curso a distância, diferente de alguns colegas ... você acha que isso fez alguma diferença na sua prática, o fato de ter sido a distância?**

aí...aí eu já não sei...

**Lázaro: você acha que se fosse presencial seria a mesma coisa?**

(risos) eu não sei te dizer isso, porque... (pausa) não sei como eu vou avaliar (pausa), eu nunca fiz o presencial, ...eu só sei que o que eu fiz valeu a pena, valeu muito para minha prática.

**Lázaro: e você acha que os seus colegas te veem diferente por ter feito um curso a distância? Ou você acha que isso na tua escola não faz diferença?**

não...eh...assim, as pessoas me perguntam muito, né, na época que eu fazia então, que eu levava os módulos para estudar, e as pessoas ficavam meio que curiosas, “-ah, como é que é? Como é que faz? Mas ao vai? Não tem contato, não vê professor, é diferente. Dá para estudar assim?” Que aí eu falava “olha só, dá para estudar, é muito puxado!” Que as pessoas acham que por ser a distância, é fácil, né, eu falava “não..nada a ver, o conteúdo é muito grande, nos módulos..”, aí mostrava “ta vendo, o módulos, tem que dar conta disto, e tem as datas e você tem que, né, estudar, para aquele dia e você faz a prova, se não fizer e tal, tem todo calendário certinho”. As pessoas ficavam “-nossa! Deve ser complicado, difícil”, né, as pessoas ficavam sempre perguntando (risos)

**Lázaro: e aí você conseguiu motivar alguém a fazer o curso também?**

olha, até consegui, mas eh...algumas até tentaram, mas não conseguiram, de lá da escola (pausa), ah não, to mentindo, a Kátia Regina, uma professora, lá, ela conseguiu, só que ela fez, pra onde gente?, pra Paracambi, ela trabalha comigo lá, só que ela ficou com medo de não passar para a UERJ, aí ela falou “-não, vou fazer para Paracambi!”, eh... ela fez, nós fizemos no mesmo período, fizemos juntinhas, na época agente trocava muito, né, ela era de lá, e eu aqui da UERJ, às vezes tinha alguma coisa na UERJ, “ah, vem aqui, venha assistir aqui, tá tendo uma palestra tal” e aí, nós até trocamos muito, eu e ela.

**Lázaro: você falou uma coisa legal, que é a troca, de chamar a outra aluna, você sentiu falta disso, desse contato com o outro? Você conseguia?**

não, eu não! Eu conseguia muito com a Kátia, porque agente trabalha no mesmo colégio, e enfim, agente andava juntinha, era no mesmo período, e tal, e aí as ADs “vamos, vamos lá ver, tentar fazer juntas e tal”, aí agente tentava fazer eh... agente debatia muito, trocava muito, mas assim, com a minha turma, as alunas da minha turma, eu tive pouco contato, eu tive alguma que eu, eh...assim..trocamos telefone, e às vezes agente se falava por telefone, mas assim de marcar, estudar... Teve grupos lá que conseguiram, por morar, porque na, na...naquela época não se... a turma que se formou ali, não tinha ninguém próximo aqui em Jacarepaguá. Era muito Bangu...pessoas mais afastadas, então eles formavam os grupos próximos, né, e aí eu não, eu não, conseguia, eh, assim, ter contato com elas, com nenhuma delas, assim, com algumas só por telefone, algumas até depois que houve a colação, algumas não, não tenho mais contato com nenhuma agora.

**Lázaro: e isso era um fator dificultador ou você acha que era indiferente?**

não, às vezes eu ia lá, para fazer as provas, enfim, e via os grupos já formados, né, aí ficava meio assim, “poxa, acho que eu que to errada, não consegui me entrosar e tal”, mas eu vi outras meninas assim também, aí se aproximava, agente conversava, e tal, e assim, eu acho que isso é muito complicado, realmente, formar assim um grupo, né, de estudo, eh...meio complicado. Porque assim, pessoas que têm, que moram mais próximo, têm mais facilidade de horário, de tempo, elas conseguiam fazer isso, né, eu via que tinha aquele grupo já formado, que já se conheciam, agora, eu, eu, não consegui isso. Eu trocava muito com a Kátia que não era do pólo, que era de outro pólo, e estudava sozinha mesmo, quando tinha dúvidas, eu ia lá, sozinha, resolvia as minhas coisas, fazia muito assim, sozinha mesmo, entendeu?

**Lázaro: e essa obrigatoriedade de ter que ir ao pólo, essa coisa dos encontros presenciais, como é que você avalia isso, em um curso a distância, que na verdade é semi-presencial?**

é, às vezes ficava meio complicado, quando tinha eh...tutoria, que era durante a semana, eh...às vezes eu queria ir, quando teve que montar a monografia não tinha como, né, eu montava um horário, saía da escola, e ia direto para a UERJ, mas tú sabe, né, a volta que é o problema seríssimo, dia de semana, e era quando a tutoria era quarta-feira. Ai era o dia que eu ficava desesperada, minha volta, (risos), ônibus cheio, sabe? Ai, se eu tivesse que fazer isso todo dia eu ia desistir, aí que ta, o benefício do a distância ta aí, eu que ... Se fosse presencial eu acho que não faria não, não faria mesmo, porque, é muito cansativo, né, ter que ir, na volta então! Você que mora longe, é complicado. Teve só assim, quando as tutorias ficavam assim, os horários, complicados. Sábados e domingos às vezes eu ia, ficava um sábado, um domingo e nas provas tinha que ficar o dia inteiro, por lá mesmo.

**Lázaro: e o que você aprendeu de mais importante ao longo do curso? Qual que você acha que foi a sua aprendizagem mais importante?**

a parte teórica, que eu não tinha, entendeu. Eu acho que meu grande ganho profissional foi essa, foi esse embasamento teórico, entendeu, porque eu tinha a prática, a prática a gente sabe até para ensinar...claro que ninguém sabe tudo, a prática é no dia a dia, são muito anos de magistério, e tudo, eu tinha a prática, mas eu não tinha a teoria. E a teoria, o que que ela me deu? Ela me deu autoridade. Profissionalmente, ela me deu autoridade, porque hoje eu to pau a pau com todo mundo que sabe muito, entendeu, na minha área, dentro daquilo que eu vivo, que é professora, da rede pública, do Rio de Janeiro, entendeu, eu acho que ficou com muita autoridade dentro do município. Hoje, entendeu, é claro que no município tem mestres, muito credenciados, mas a gente não tá muito distante delas, então por exemplo, você questiona a política educacional com mais, entendeu, embasamento. Você não fala, assim...por que o professor tem muita tendência de discordar de tudo, ele discorda...

**Lázaro: e você acha que o curso, ele te dá essa base?**

dá... dá tranquilo, até como exemplo, considerando que o município tem um currículo, que é um bom currículo, o Multieducação, né, quer dizer, o próprio município ele te dá essa possibilidade, então, você acaba...Te dá muita autoridade para você discutir, entendeu...Eu não to em sala de aula, eu to em outras instâncias que de repente o professor de sala de aula não está, né, porque eu to em reunião com secretário, entendeu, então você assim, acaba ali, no grupo, entendeu, então no meu grupo de diretoras eu sou uma diretora que eu tenho credibilidade, entendeu, por que eu tenho credibilidade?

**Lázaro: e você acha que isso foi adquirido com as leituras?**

foi, eu fiz um curso de extensão no ano passado pela UFF, diretores, e assim, percebi assim, que ao longo do curso, eu era a que tinha mais fundamentação teórica era eu.

**Lázaro: você acha falta essa fundamentação teórica, essa formação de maneira geral às professoras, ou não, você acha que hoje em dia as professoras...?**

falta, falta sim, acho que falta nos cursos de pedagogia em geral, é o que eu falo com as minhas alunas lá no curso, que eles tinham que pegar o que há nesse curso, porque assim, curso nenhuma dá nada para ninguém, dá tudo para você, entendeu, nenhuma escola, nenhuma faculdade, nenhuma faculdade dá tudo para você, dá alguma coisa, mas tem que correr atrás. Então, eu acho que essa questão do auto-didatismo que a gente tem, que o ensino a distância você tem que ter isso, né, então se você leva aquilo a sério, corre atrás, você vai muito longe, entendeu, se você conseguir condições, então assim, eu acho que os professores e até os cursos de pedagogia que não são no molde do nosso, tá, eu não sei se o presencial da UERJ dá, de repente até dá, esse embasamento todo...Então eu sinto falta aonde eu to, de exatamente isso, eu acho que as pessoas, assim, os meus colegas em geral eles estão assim, eu acho que o grupo de diretores que eu convivo, são cento e poucos diretores, você não se dá com todos, você tem o seu grupo de ação, porque é por pólos, do meu grupo eu percebo que só tem um diretor hoje que tá mais ou menos pau a pau comigo, só tem um, que é o Alex do CIEP. Você vê que é um cara que tem assim, que tem.. que dizer, em toda reunião...porque eu sou muito tímida, em reunião eu não falo não, mas no grupo assim, discutir, a sós eu falo, então o que acontece, o Alex ele sempre se coloca né, mas a maioria, os outros, eu vejo que falta isso, essa questão

teórica, entendeu, assim, eh...mais trabalhada, né, não sei se porque comigo ta muito recente, atualizada, aí até quando assim, quando eu olho, para a história de vida da gente, por que assim, bom, eu fiz o curso na hora certa, no momento certo, porque foi num momento em que eu tava pegando direção de escola, entendeu, eu vejo assim, eu vejo pessoas comprar, exatamente, com direção de escola, com uma...já desatualizadas, entendeu?

**Lázaro: e na prática de vocês, não há nada que você consigam dar andamento, no dia a dia de vocês, que fomente essa questão da formação no dia a dia ?**

não, não, tem, quer dizer, a gente fez um curso que agora a Claudia falou que vai permanecer, se for bom vai ficar, o último grupo que tava aí, que continua, que tem a Sonia Mercadante, RH, eles faziam muito cursos de capacitação, e um deles foi essa extensão com o pessoal da UFF, que eu achei esse curso, olha, sinceramente...Foi voltado só para Direção, mas foi o pessoal da UFF, entendeu, Jorge Najah, o Renato, que na época era diretor da faculdade da UFRJ, fez com a gente, entendeu, foi só assim, foi só esse pessoal. Então esse curso para mi, foi muito bom, todo grupo que tava comigo também gostou muito.

**Lázaro: agora, como é que você que como professora, trabalha formando pessoas, você, tem um grupo de pessoas ali, que trabalha com gestão, que trabalha com um grupo de pessoas para gerir e não é dada essa possibilidade para você, a menos que corram atrás de se formar, como é que você vê isso?**

eh..eu vejo que falta isso realmente, porque olha só, inclusive, eu to precisando fazer uma pós-graduação, até por conta do cargo e olha assim, quando eu entrei para ser tutora, o que me encantou na tutoria? A questão de não para de estudar, só que é aquele negócio, a gente acaba assim, eu conheço todo aquele material ali, eu conheço ele, eu tenho um domínio sobre aquele material que está ali, aquele conteúdo daqueles módulos ali, então você acaba não estudando tanto, no início eu até comecei assim, via os livros que estavam na referência bibliográfica, e tal, mas com o desenrolar da tua vida, que é muito enrolada, é muito corrida, você acaba botando os livros de lado, entendeu, os livros tão ali, mas você acaba não lendo, então eu to precisando realmente voltar a estudar para ter, ser obrigada a ler, ser obrigada a fazer trabalho. Então, é assim, um questionamento nosso, eu sei que algumas pessoas no município, existem cursos de pós-graduação para algumas pessoas no município, que é dado a algumas pessoas, mas eu não sei, não tive acesso a eles ainda, entendeu? Eu não tive acesso, eh...olha só, ano passado eu não tava de posse ainda, que o meu curso ainda tava em processo de reconhecimento, e eu vi na UFF uma pós-graduação a distância pelo MEC, pela Escola de Gestores, ela tava aberta pela internet, eu não abri, porque depois a Martha Rego falou para mim que eu teria direito constitucional de fazer, eles teriam que aceitar a minha declaração, mas ali pedia, entendeu, um documento que eu não tinha, eu não fiz. Esse ano eu guardei e não vi a inscrição, então uma colega minha foi na minha escola

fazer um daqueles trabalhos que a gente não deveria fazer, mas a gente faz, que é essa parte de contador, a gente faz tanto trabalho de contador hoje, então ela foi fazer uma declaração pela internet, na minha escola, e eu acabei indo para a UFRJ, porque ela foi convocada para fazer uma pós-graduação. Eu to achando que é essa, entendeu? Então assim, eles selecionaram como? Eles têm critérios, quais critérios que eles usam eu não sei, esses critérios não chegam a mim, entendeu? Eu vi que pela minha colega, deve ser pelo IDEB dela, entendeu, mas não chegou ainda na minha, então assim, o que acontece, a gente, ehh...o critérios que eles usam eu não sei, mas eu sei assim, que eu ouço falar, mas eu não chego perto, mas eu acho que deveria ter sim, e foi cobrado isso na...quando a gente fez a reunião com a atual secretária de educação, a gente cobrou isso dela, o diretor colocou isso, que havia um curso de extensão, nós deixamos na época que tinha um curso de extensão, deixamos nas avaliações que Ra necessário que se aprofundasse, que fosse mais longe um pouquinho, que a gente tem muita dificuldade, entendeu, de continuar essa formação dentro do campo que a gente exerce,

**Lázaro: e é uma posição geral de vocês se qualificarem, se capacitarem, ou não são poucas pessoas que buscam isso?**

eu não posso...eh..é que é meio complicado, entendeu, eu particularmente sinto muita necessidade, entendeu, e algumas colegas minhas também sentem, mas não é o universo, eu tenho contato com algumas, eu conheço algumas pessoas, não sei, entendeu, essa menina que foi convidada ela é aberta a esse tipo de coisa, ela é, a ela é, poxa vida, eu to com o PDE e ela dirige um CIEP, horroroso, grande, enorme, com PEJA, com tudo, eu to com PDE, to com isso e ainda vou pegar essa pós-graduação, mas assim, vamos lá, entendeu, tem alguns que vão com muita vontade., agora eu não sei se isso vem ser, não dá muito para você saber, porque olha só, o perfil do diretor tem mudado muito, entendeu, a coisa ta muito seletiva realmente, então uma pessoa hoje que fica, a cobrança hoje é muito grande, entendeu, nessa questão mesma de você ser responsável por índice de desenvolvimento, então hoje você tem que ter um perfil pedagógico muito forte, o que não era tão exigido, estão cobrando muito o pedagógico, porque (...) tem os índices internacionais, prova de rede, entendeu, e o diretor está ficando muito exposto.

**Lázaro: e o que você aprendeu de mais importante durante o curso?**

foi isso que eu falei para você, de eu poder agora, de ter alguma dúvida e ter algum problema eu mesma vou procurar uma informação, não ter que ficar esperando a orientadora da escola ou ficar só reclamando.

**Lázaro: e esse hábito que você adquiriu no curso? Como você adquiriu esse hábito?**

foi ao longo do curso, nas pesquisas também, que a gente fazia, procurar as soluções mesmo dos problemas, do dia a dia da sala de aula.

**Lázaro: você conseguia tirar aquilo que você aprendia aqui no curso com aquilo que você ensinava na sala de aula? Você conseguia fazer esse link?**

não tudo, mas alguma coisa deu para começar a mudar sim.

**Lázaro: e aí você acha que mudança seus alunos sentiram, ?**

eu acho que a mudança foi primeiro, mais em mim mesma, na minha forma de trabalhar. Acredito que eles devem ter percebido também, né. Mas eu percebi mais em mim mesmo, na minha forma de trabalhar, de ver, de como atuar

com a disciplina escolar.

**Lázaro: e de maneira específica, o que você acha que mudou?**

eu mudei a forma mesmo de ver o conteúdo, a forma de trabalhar com os conteúdos, de ver o que é importante para o aluno, o que que é mais importante para o aluno, coisas que a gente sempre ensinou e que não tem importância nenhuma. Eu trabalho com o 1º ano, há muitos anos, classe de alfabetização, e eu sempre trabalhei com conteúdos que hoje eu não trabalho mais e não fazem falta alguma para os alunos. Só servem para chatear mesmo a criança. Isso é uma seleção que a gente aprende a fazer, do que serve para o aluno, do que ajuda o aluno a aprender melhor, mais, como a gente pode trabalhar para que a aprendizagem mude, sem ficar seguindo aquela rotina.

**Lázaro: o curso acabou te ajudando nessa aprendizagem?**

exatamente

**Aprendizagem mais importante:**

Acredito que a lição mais importante que pude abstrair do curso foi a importância que nós educadores da atualidade precisamos dar as novas formas de interação entre professor / aluno / conhecimento.

Precisamos abandonar os velhos paradigmas, romper barreiras e lançar nossos olhares para o novo, aprendendo assim a trabalhar com as novas tecnologias, com a evolução do conhecimento e com a possibilidade de construção coletiva e com a troca de informações. Pois o saber é múltiplo e é na prática que conseguimos adquiri-lo e aprimorá-lo.

**Lázaro: que você acha que aprendeu de mais importante?**

Acho que é ver individualmente cada sujeito. Nem só os alunos, mas o pessoal que trabalha com vocês, o que o “pessoal” pensa, como pensar juntos e ter ideias melhor, construir. Depois que eu comecei a fazer, passei a ter uma visão melhor sobre isso.

**Aprendizagens mais importantes**

Aprender a reconhecer minhas potencialidades e trabalhar na superação de minhas dificuldades.

Sempre adotei uma prática reflexiva, construtiva e interativa, tanto no campo profissional como no pessoal. Entretanto os conhecimentos adquiridos no curso solidificaram uma postura de professor pesquisador, uma prática cada vez mais reflexiva, construtiva e interativa.

Os conhecimentos obtidos no curso atrelam teoria e prática estando adequado a qualquer contexto.

**O que você acha que foi o mais importante do que você tenha aprendido ao longo do curso? Qual foi a tua aprendizagem mais importante?**

Eu acho que é a mudança do olhar. Eh...eu acho que a minha visão ampliou, eu mudei, eu senti que eu me transformei.

**Em quais aspectos que você acha que mudou?**

Eu lia um livro e não guardava o autor, sabe, para mim tanto faz como tanto fez, ah, eu quero saber mais desse autor, eu quero...sabe...eh... não ficar só no “achismo”, “ah, eu acho”, não eu vou buscar, porquê que ele tem a me falar, quem ele é, o que ele fez, entendeu, essas coisas, essas são as diferenças.

**Lázaro: o que você acha que o curso trouxe demais interessante, o que você aprendeu de mais importante ao longo do curso?**

com certeza a valorização do ser humano, com tudo que ele traz da sua vida, da sua família, eu fiz a minha monografia sobre educação de jovens e adultos, então através do meu estágio que eu pude lidar mais, pude estar assim em contato, então eu vejo que o curso realmente mostra para o professor na formação dele como ele deve agir em relação ao seu aluno, a valorização do conteúdo que ele traz, de toda a sua bagagem, né, essa palavra foi muito falada, ou seja, valorizar o ser humano no que ele é, nas suas limitações, no todo seu ser, em toda a sua vida que ele traz.

**Lázaro: o que de mais importante você aprendeu ao longo do curso? Quais foram as coisas mais importantes que você aprendeu?**

olha, a forma de ver o aluno, porque eu acreditava que era só estar ali, passando o conteúdo, mas eu sei agora que a gente pode trocar conhecimentos e se alguma coisa deu errado, a culpa não foi só do aluno, a gente vai ter que ver, pode ter sido minha, como pode ser o método que eu estou utilizando que não está atingindo a ele, que ele tem que reformular, principalmente nas matérias de História e Geografia, porque nós vemos que a forma como nós aprendemos não foi a mesma coisa, era só decorar as regiões, decorar as datas e aqui não é assim, a gente aprende a geografia de uma forma como a gente vai usar, no cotidiano da criança como aquilo vai ter importância para ela, no caminho até a escola, a localização dela, quando ela vai ao mercado com a mãe, entendeu? Coisas simples que fazem a criança gostar da matéria que ela está aprendendo, não apenas aprender por aprender e que depois não quer mais voltar, aqui a gente aprende a dar um significado. Ela assimila e tem mais prazer em estar ali, elas aprendem que “é alguma coisa de que eu faço parte”.

**Lázaro: então, quais foram as aprendizagens mais importantes que você teve no curso?**

alfabetização, educação especial, matemática na educação, acredito que foram as mais importantes devido à sua aplicabilidade em meu cotidiano escolar, nas minhas aulas, seja com educação especial ou com turma regular.

**Lázaro: então, mesmo a distância, o curso consegue ampliar o seu conhecimento prático?**

claro, por meio da leitura e como disse nos encontros pude aprender com colegas de outros municípios, só sinto pelo curso não aproveitar isso.

**Lázaro: esses encontros aconteciam por conta de quem?**

essa troca era feita nos corredores e horários de almoço. Não se aproveitava essa diversidade de realidades.

**Lázaro: era como se fosse uma "hora do recreio" durante as tutorias presenciais?**

sim, mas onde aprendíamos mais.

**Lázaro: mas isso não é incoerente em um curso que preza pela diversidade?**

pois é, mas na verdade, acredito que o aluno deve buscar o conhecimento sempre, seria melhor se fosse com mediação, mas na classe que estamos, devemos sempre buscar, com ou sem mediação.

**Lázaro: exatamente onde você acha que está o X da questão? Você já apontou a mediação, mas onde estaria o problema da mediação, nos tutores, na estrutura do curso, no fato de ser a distância?**

acredito q se aproveitassem essa diversidade o curso seria ainda rico, mas existem as tutorias presenciais e quando fiz minha monografia a distancia a tutora sempre mediava o que eu expressava. O fato de ser a distancia não significa que tenha que ser sem flexibilidade.

**Lázaro: então o problema estava no que a prática do curso trata como mediação?**

pode ser.

**Lázaro: o que você pode dizer que aprendeu de mais importante no curso?**

sim...consequimos aliar teoria e prática, aliás, esse é o tema da minha monografia. Eu aprendi a pesquisar, o que já é um ótimo começo pra qualquer educador que deseje melhorar sua atuação docente

**Lázaro: você acha isso importante na sua prática?**

muito... sem pesquisa ã há ensino de qualidade o estudo requer pesquisa intensamente

**Lázaro: e isto você acha que o curso te deu bases?**

sim...muita base, hoje, consigo pesquisar qualquer tema e isso me ajudou também na minha prática docente. Quando saímos do Curso de Formação Docente seja ele a nível médio ou superior, Lázaro, não temos noção do que vamos ensinar. É aí que a pesquisa se faz necessária

**Lázaro: há algo mais que você tenha aprendido de importante no curso?**

eu aprendi a pesquisar para saber como ensinar. Eu aprendi que no curso à distância é necessário uma premissa básica: organização, mas eu burlo essa regra

**Lázaro: você não se considera organizada?**

não, infelizmente

**Lázaro: e como você leva isto à sua prática?**

eu leio muito, e pesquiso na net, em vários sites, faço cursos de atualização, etc

**Lázaro: e seus alunos têm sido afetados por isso?**

meus alunos amam qdo trago aulas diferentes eles detestam a mesmice dos livros didáticos com conteúdos prontos e "mal" acabados

## **EIXO AVALIATIVO: Impactos à Vida Profissional e Pessoal**

**5- Lázaro: quais foram as consequências maiores desse curso na sua vida profissional?**

eh...o curso na área, vou logo na área financeira, (risos) eu tive um aumento, porque com o curso a gente ganha tipo uma gratificação, porque dá entrada no enquadramento por formação, aí vai aumentando seu nível, né, então isso já me ajudou bastante. E... Assim na parte pedagógica, também, claro, mudei muita coisa, eh...consegui perceber várias coisas que eu fazia de errado, "pô, isso não se faz mais", né, aprendi outras práticas assim que agora uso, utilizo, e coisa e tal, e às vezes coisas que acontecem assim que você para e "puxa, é mesmo!" Você começa a avaliar, e tal, e vê que "pô, eu li isso" e tal, e acontece assim mesmo, coisas assim que ajudam mesmo no dia a dia, né.

**Lázaro: você já falou algumas vezes da sua prática, então você acredita que ao longo desse tempo, de você ter se formado, ter feito o curso, hoje já são dois anos depois, você acha que sua prática foi modificada em função do curso?**

foi...muita coisa...

**Lázaro: e para melhor?**

ah...para melhor...

**Lázaro: e seus alunos notam isso?**

ah...eu não sei...eles são pequenininhos, (risos), mas eu acho que sim, ãh...pô... Se eu to tentando melhorar, ahhh é para melhorar o crescimento deles...Eu acho que ta valendo a pena.

**Lázaro: o fato de ter feito o curso fez você refletir sobre a sua prática de antes do curso, aquilo que você fazia desde o início da sua formação, refletir sobre aquilo que você fazia?**

é o que te falei, eh...durante o curso você vai lendo e vai estudando e vai percebendo várias coisas assim que você fazia, coisas já ultrapassadas, né, poxa!, coisas que eu fazia e não tinha mais nada a ver, em certos métodos, tinha uma prática assim tradicional, por mais que você tente mudar e aí você não tem mais isso, não tem mesmo material para isso, e aí, até essa parte de ler mais, de procurar outros livros, né, autores, e isso, tudo eu tava muito parada, parada, e você acaba ficando...se acomoda, entendeu, trabalha assim, ta dando certo, então ta bom, e você fica muito parada e aí, quando você é obrigada a começar a ler, e a estudar, né, e aí a procurar autores pra isso, pra aquilo, e é aí mesmo, e aí começa a voltar, naquela, ...aí lembra...estudei isso, como ainda se fala desse autor, ou como já mudou, e aí você muda muito.

**Lázaro: e isso movimentava alguma coisa na tua escola, você chegava com outras idéias diferentes e tudo mais, e as pessoas...?**

ah...as pessoas (risos), algumas ficam logo criticando, né, “-ih..lá vem ela, ta fazendo pedagogia...né, cheia de idéias!” .Aí minha Coordenadora Pedagógica era cheia de idéias, assim também interessada, conversava muito, ela me ensinava muita coisa, e aí, dava pra trocar bastante. E aí, nas reuniões, assim, a gente acabava falando, (risos) aí as pessoas ficavam assim e tal, aí dava pra tentar mexer um pouquinho, pelo menos botar pra discutir já ajuda.

**4- E quais foram os impactos do curso na tua vida profissional, tua vida pessoal?...**

não, eh...no pessoal, minha auto-estima melhorou. Eu tenho graduação, né, com certeza. Mas assim, melhorou minha auto-estima, financeiramente são R\$ 900,00 de diferença no salário, é considerável, né? Porque para mim foi, porque eu to em final de carreira, então, é um impacto legal no meu salário, foi por isso que eu to conseguindo pagar as contas, mais ou menos, tranquilamente, entendeu, mas tudo bem, para mim foi, mas aquilo que eu te falei, eu acho que eu sou uma pessoa com mais autoridade hoje, entendeu, eu tenho bastante autoridade para chegar, no meio dos meus pares e fora da escola, e assim, até dentro da escola. Tem uma menina na escola, uma professora que...aqui, eu adoro minhas professoras, gosto mesmo delas, sabe, gosto, assim, e eu sou meio assim, eu gosto tanto delas, o lado pessoal de cada uma, o temperamento, o gênio, eu consigo lidar legal, tens umas que dá vontade da gente bater, mas a gente...porque cada gente, cada pessoa tem sua maneiras de ser, mas a gente, todas são ótimas, pode (...) de qualquer uma... Eu gosto muito delas e respeito todas elas, respeito mesmo, é temperamento, gênio, quero ta de bem com todo mundo, entendeu, então assim, faz a nossa política, e tal, eu não acho que você ser líder é você impor nada para ninguém, entendeu, a pessoa tem que ser feliz, né, então não adianta eu botar uma pessoa para trabalhar nua coisa que ela não vai ser

feliz, não vai produzir. Não sei se sou interesseira, maquiavélica, não sei, mas eu acho que é por aí mesmo, você tem que ser, porque eu faço o que eu gosto, e todo mundo tem que fazer o que gosta também. Eu nunca gostei de imposição, por que eu vou impor a uma pessoa, né? Então assim, eu gosto muito das professoras em geral, mas tem uma lá que eu gosto muito dela assim, gosto de todas, mas assim, ela tem um potencial muito bom, e ela também é muito interessada, e a Viviane é uma pessoa assim, ela já fez pós-graduação, mas ela assim, tem o maior respeito por mim também, eu tenho o respeito dela, entendeu, ela me respeita muito como diretora, porque ela sabe que quando eu to fazendo um negócio eu to falando com propriedade, entendeu, eu acho que o curso me deu isso.

**Lázaro: daquela que já trabalhava, para a durante o curso e para essa que já se formou há dois anos, quais foram os saltos, quais são as diferenças? Houve alguma diferença?...**

houve, houve sim...Assim do ponto de vista profissional? Como eu te falei, a minha auto-estima melhorou muito, entendeu, acho que assim, tudo isso melhorou para mim, porque eu gosto, porque eu to nessa área, entendeu, para mim foi relevante essa questão da formação. Tem gente que não, tem gente que de repente faz para ter o diploma, eu não, eu fui porque eu queria ter mais conhecimento, eu queria ter o curso, entendeu, eu via essa necessidade, então, para mim foi muito importante mesmo, eu acho que hoje, como eu te falei, eu tenho a credibilidade, eu tenho a autoridade, assim, eu to parada, não to estudando, mas eu vejo o caminho, entendeu, eu vejo o caminho, eu vejo possibilidades, né, então assim, eu acho que como pessoa eh, eu acho que emocionalmente você se equilibra mais, você se equilibra mais, com certeza.

**Lázaro: e aquela tua carência dos dois cursos que você não terminou, foi suprida?**

é, passou, foi suprida. Por que? Porque se eu fosse nutricionista, de repente eu não estaria bem, eu acho que não estaria tão bem no mercado de trabalho porque não é uma carreira que te dê muito...e eu optei pelo certo, eu optei por ficar na educação, por ser professora, então eu acho que eu fui feliz nessa escolha, até na questão do português-inglês que eu fiz, a faculdade na época, o pessoa diz que ela melhorou depois, mas era uma faculdade que não tinha muito..entendeu? Então, eu terminei meu curso de inglês pelo CCAA, eu tenho curso de inglês.

**Impactos do curso:**

A partir do curso pude perceber melhor como meus alunos agiam e respondiam as atividades. Pude repensar minha prática pedagógica, ressignificar algumas verdades e mudar muitos pensamentos.

Não vejo diferença nenhuma entre uma pessoa graduada à distância de uma graduada presencial. Pelo contrário, acho que nós estudantes da modalidade à distância precisamos estar muito mais comprometidos e centrados nos estudos, pois geralmente, a maior parte do tempo temos que nos organizar para realizar as atividades sempre sozinhas.

Por esta razão, acredito que não podemos nunca perder nosso objetivo de vista, do foco: que é continuar estudando e adquirindo conhecimento.

**Impactos do curso**

Aprendi a confiar mais em mim e aceitar grandes desafios no campo profissional.

Sempre tive uma atitude reflexiva, construtiva e interativa na prática docente. O curso trouxe a consciência das minhas habilidades, fortalecendo-as, além de incitar-me a superação das minhas dificuldades.

Não, o curso atrela teoria/práxis x reflexão/ação, através da fundamentação teórica e metodológica. Não há uma preocupação em afirmar o que é certo ou errado, mas levar o aluno a uma profunda reflexão.

O fato de sair do nível de intuição para um nível de maior consciência e criticidade instrumentalizou muito mais a minha prática.

Não, de forma alguma. No meu trabalho as pessoas (colegas, gestor e outras profissionais) sempre destacavam a qualidade do curso, tendo em vista os comentários que eu fazia com este grupo, provocando debates e algumas mudanças práticas.

**Na sua vida profissional, quais foram as conseqüências de você ter feito esse curso? Ele impactou concretamente na sua prática docente e no que você acha que mais impactou a sua prática?**

A visão das crianças, de ouvi-las, porque antes a gente só falava, e a questão de você se posicionar e ouvir também o outro lado, não só passar, mas também observar, avaliar, a postura de avaliação continua, estudo continuo, entendeu, o olhar modificou.

**Então o curso dá essa possibilidade de você reavaliar a sua prática?**

Com certeza, eu acho que assim, ler mais, se posicionar mais né, antes eu recebia tudo calada, agora não, eu questiono qual é o porquê, porque que a gente não pode fazer diferente, se surge um problema, você tem como discutir.

**E o olhar das outras pessoas da escola sobre você, por ter feito o curso de pedagogia e a distância?**

Eu acho que mudou, principalmente quando a gente fala que fez o cederj, a pessoas notam a diferença.

**Diferença positiva?**

Positiva, muito positiva.

**Você vê que as pessoas passam a te tratar diferente?**

Não seria bem isso, mas como a postura mudou, e eu acho que das minhas colegas também, eu acho que fica diferente, a gente tem um peso a mais.

**E isso devido ao curso?**

Eu acho que sim.

**Você acha que se fosse presencial seria a mesma coisa?**

Eu acredito que sim, porque eu acho que esse curso aqui tem um peso positivo, mesmo sendo a distância, ele conseguiu modificar as pessoas profundamente, a gente estudou muito. Mesmo sendo a distância ele teve muito valor.

**Lázaro: já foi falado mais ou menos de como o curso impactou na sua vida profissional e na vida pessoal, quais foram os impactos deste curso?**

na minha vida pessoal me fez ter uma nova visão do quanto é possível um ser humano crescer, porque a gente pensa assim, “ah a gente vai ficando mais velho e chega a uma idade que você já não aprende”, nada disso, tem condições mesmo de crescer e buscar cada vez mais e influenciar outras pessoas, como no caso meu marido que voltou a estudar, que ele viu que é capaz e que não pode parar no tempo. Minhas filhas, já é uma nova visão da importância dos estudos na vida delas. Minha mãe “foi, ela conseguiu, agora eu posso!”, foi uma mudança uma clara mudança na postura delas com relação aos estudos e hoje eu tenho orgulho de falar que minha filha ta na prefeitura, fazendo estágio, estuda de manhã e trabalha à tarde no estágio, fez o concurso e passou no concurso, então quer dizer, que eu fiz o vestibular fui capaz de passar, então fiz um concurso, minha mãe conseguiu então eu vou conseguir. Então eu acho que, com certeza, até minha vida pessoal o curso teve uma grande importância.

**Lázaro: já foi falado mais ou menos de como o curso impactou na sua vida profissional e na vida pessoal, quais foram os impactos deste curso?**

eu também, acho que foi a realização de um sonho, porque sempre que eu queria buscava, tanto que na época meu irmão perguntou “por que, mas você com essa idade, para quê que vai fazer faculdade, tão velha?”. Então quando eu cheguei aqui a Presidente da UERJ, eu não sei o que ela era, com seus 70 anos, com uma lucidez, assim que a gente queria ficar escutando aquela senhora o tempo todo, ela ficava viajando pela Europa, Portugal e tal, falou, e aquilo foi dando um ânimo tão grande de incentivo, que a gente também pode, que a gente também deve continuar, independente de idade, vale a pena conhecer mais e nos livros também, né, ali a gente aprendeu tanta coisa, fiquei tão assim, depois que eu estudei os Movimentos Sociais, o MST que eu achava que aquilo ali era um aglomerado de pessoas fazendo baderna, existe ali, na cabeça daquelas pessoas um ideal, tem uma educação, uma linha educacional interessante e ali eu fui descobrindo tantas coisas legais, é isso, que desperta o desejo de saber mais, de conhecer mais, então a faculdade trabalhou a minha auto-estima também.

Eu vi que eu ainda era capaz, eu já tava em fim de carreira, então ainda tenho até um desejo de continuar, faze rum concurso, eu fiz bobagem não fiz o último, porque eu achava que não ia dar tempo, porque eu não tava formada, mas a prefeitura de Petrópolis só aceitava professores graduados, e eu não tinha me formado ainda, tanto que outras colegas fizeram se formaram e estão lá e eu to só no Estado, eu era da prefeitura, saí, mas ainda desejo retornar.

**Lázaro: e quais foram os impactos do curso à tua vida pessoal e profissional?**

bom, na vida pessoal muda a gente por dentro, sem dúvidas, quanto mais a gente estuda, mais a gente muda, agora a forma profissional, eu não voltei a lecionar, eu to trabalhando em outro ramo por falta de oportunidade, queria tentar um concurso por aqui mas está mais difícil, mas eu não sei como vai ser na forma profissional.

**Lázaro: e daquela pessoa que entrou e se formou lá em noventa e sete no Normal para aquela que passou três anos no curso, para essa pessoa que você é hoje, o que você acha que houve de mais diferente durante esse período?**

acho que realmente foi a forma de ver a educação, antes eu tinha uma visão muito simplificada, e hoje em dia a gente vê que a educação não é só conteúdo, vai desde o social da criança à parte pedagógica, à parte psicológica, a gente vê o aluno como uma Ser Humano no seu todo, é um Ser Humano, não é só uma cabecinha para a gente depositar conhecimento, né, antigamente o professor precisava ter somente o conteúdo, conseguir lecionar o conteúdo dele, mas hoje em dia não, a gente sabe que tem que entender aquela criança para conseguir perceber tudo que está acontecendo com ela. Às vezes a criança não aprende porque ela tem uma dislexia, hoje em dia eu sei o que é uma dislexia, naquele tempo não, se eu tivesse um aluno com dislexia, coitado dele e de mim, porque a gente ia bater cabeça e não ia conseguir compreender, não adianta, uma pessoa (...) ela não vai conseguir, o máximo que ela vai dizer é “diretora me socorre porque eu não sei o que fazer com ele”, e hoje em dia não, hoje em dia eu consigo pelo menos discutir e pesquisar o que aconteceu, pesquisar um pouquinho, busca na internet, eu tinha um professor que falava “tudo que você precisar é só você jogar no Google”, é só digitar a palavra chave e pronto, você tem um monte de informações, é ótimo entendeu, a gente aprende e facilita muito a vida da gente, hoje aquela professora insegura, de sala de segundo grau não existe mais.

**Lázaro: Esse curso teve alguma consequencia na sua vida pessoal / profissional?**

claro

**Lázaro: e quais foram estas consequencias?**

sempre tem consequencias, pude ampliar meus conhecimentos pedagogicos e conhecer novos métodos de ensino , alem de conhecer outras realidades educacionais, com intercâmbio com outros municípios e ver q nos livros as turmas são bem diferentes da realidade em q estou inserida.

**Lázaro: e esses novos conhecimentos implicaram a sua prática como professora?**

Bom como eu disse antes pude perceber q a realidade do livro é bem diferente da sala de aula, mas tento sempre fazer a educação dialógica. Acho que por isso ficava tão irritada com alguns tutores.

**Lázaro: Há algo que seja ensinado no curso que você tenha levado para a sua prática? e há algo que não tenha conseguido levar?**

acho q a partir de uma conversa e do conhecimento q o aluno traz posso ampliar o conhecimento deste aluno e os meus também, são ensinamentos que trago desde o "normal" e q ampliei com a leitura dos módulos e que tento sempre aplicar em minhas aulas.

**Lázaro: então, quais você acha que foram os principais impactos do curso na sua vida profissional?**

de cara eu achei que havia muita leitura repetitiva e todas interligadas em algumas disciplinas (Didática. Fundamentos, Prática), mas foi bom, isso me fez aprender mais, e acabei por aprender a ler os tópicos somente, pois o teor eu já conhecia muitas vezes fiz provas sem um estudo prévio, pois já conhecia bem o assunto

**Lázaro: e os conhecimentos do curso modificaram o seu fazer de alguma maneira?**

isso, alio a minha prática docente, pois faço planos de aulas com certa facilidade...mudando a metodologia, claro. Trouxeram-me mais segurança ao ensinar, pois que pesquiso um bom tempo para ter certeza do que vou levar aos alunos e se ensinei errado, eu volto e corrijo os meus erros.

**Lázaro: o curso te ajuda a refletir sobre a sua prática?**

muito, muito mesmo, Lázaro

**Lázaro: então, há no curso essa possibilidade de repensar o seu fazer e modificá-lo se for o caso?**

há...o curso explora esse lado do profissional reflexivo e atuante, vejo nele uma tríade: pesquisa>reflexão>atuação

**Lázaro: mas então, você acha que há algo no curso que não seja viável na prática?**

há...tudo pode ser modificado, adequado, em qualquer área de ensino o Pedagogo tem esse perfil...de buscar no que aprendeu a transposição de ideias para a melhoria do ensino

**Lázaro: você acha que os conhecimentos do curso, seguindo as adequações, são viáveis...**

sim, deixa eu dar um exemplo, você viu muito sobre Freire eu amei tudo o que li sobre ele e me inspiro em suas idéias na leitura de mundo que ele frisa, na atuação do professor quanto a sua visão de mundo na sua participação política e social não só como profissional que leciona.

**Lázaro: você acha que as pessoas do seu trabalho te veem diferente por ter se graduado a distância?**

sim, me acham muito esforçada e inteligente e dizem que sou muito competente não sei onde veem isso, mas até gosto da ideia.

**Lázaro: então te veem diferente de forma positiva?**

isso mesmo o curso me deu essa base, mas olha...sempre li muito tenho facilidade com textos, interpretações, etc. Só odeio as disciplinas que puxam para estatísticas...um saco!! Odeio números.

**Lázaro: e isso é importante para a docência?**

é importante que o educador nunca perca o eixo em suas pesquisas, em seu trabalho pra não se confundi em ideias, sabe.

**Lázaro: pesquisar e prática têm que andar lado a lado...**

concordo com você afinal, você pesquisa no intuito de melhorar sua prática de se manter informado, de se sentir seguro, no que diz, faz e ensina.

**Lázaro: exatamente e posteriormente formar mais pessoas...**

caráter também...somos modelos para os nossos alunos sempre. Por isso mesmo te digo, Lázaro...temos que usar mais o conhecimento que temos para coisas mais práticas e para o mercado de trabalho. Desculpa...visão capitalista, eu sei, mas é que vejo pouco interesse político em se financiar estudo de qualidade por parte dos nossos governantes.

**Lázaro: você acha que no curso é fomentado essa questão de continuar os estudos?**

é... a formação continuada é um tema central nas disciplinas...está explícito em várias delas

**EIXO AVALIATIVO: Impactos das TIC à Prática Docente**

**4- Lázaro: era um curso a distância, que utilizava entre outras coisas tecnologias e você acha que isso impactou? Quais foram os impactos dessas tecnologias no seu cotidiano de sala de aula, no teu cotidiano ao longo do curso, em que você tinha que utilizar essas tecnologias?**

no início foi complicado, no início quando eu assisti à aula inaugural, que falaram muita da tecnologia, que era muito no computador e tal, e tem computador aqui, que minha filha tá lá nele, então quem usava muito e usa é Mariana. Eu nunca dei atenção assim para ele (risos), quando começou a faculdade, aí que eu comecei a me interessar, eu disse “não, vou ter que aprender a mexer, nisso”, né, “vou ter que me virar”, tanto que quando aquela disciplina que é de informática, meu Deus! Ela pegou muita gente, eu consegui, assim, passar mas por um triz, foi muito difícil, muito difícil mesmo, assim, né, que na época, depois eles foram mudando, a forma de como trabalhar, eh...a forma de como desenvolver essa disciplina, porque aí foi obrigado, a ter que ir lá, que quando eu fiz, era ler os módulo e se virar, entendeu? Então agente que não tem assim uma visão...um contato com o computador, no início você se perde, você fica desesperado...eu ficava, perguntava a um, perguntava a outro, “Mariana, minha filha, me ajude aqui!, Entra aqui, eu não consigo entrar, na plataforma, e não sei o quê”, ela foi...agora que ela tá com quinze anos, mas na época ela era mais nova, né, e ela que me ajudava, e aí eu fui aprendendo a Plataforma, a ver as dúvidas, e olhar os links, né, e tudo, aí depois foi ficando mais fácil, mas no início...

**Lázaro: ao longo do curso você conseguiu desenvolver?**

aí eu consegui, eu fui aprendendo, aí foi mudando também a Plataforma, né, ficando mais fácil de mexer, e tal, às vezes mudava e eu não entendia mais nada, “meu Deus, mudou a Plataforma, e agora?” (risos), e aí, “como é que eu vou entender isso?”, eu já sabia mexer, né, aí, mas foi assim, essa parte, foi mais complicada...

**Lázaro: e a Plataforma era de fácil entendimento ou ela era complicada?**

não, assim no início eu achava aquilo um bicho de sete cabeças, (risos), pra eu poder mexer e tudo, pra poder aproveitar ela toda, às vezes não abria, às vezes não baixava, eu sei lá, sabe, eu ficava desesperada, aí, “não, vou lá, vou resolver isso lá”...aí minha filha que falava “-mãe, mas tá aqui o computador, pra que que você vai lá na UERJ, só ver aqui?” Aí eu falava “não vou conseguir, que não sei o quê” (risos)

**Lázaro: então você tinha um problema de horário, mas quando era necessário, pela questão da tecnologia, você achava melhor ir lá?**

eh...”vou arranjar um jeito, ir lá”, mas assim, no início, foi muito complicado, aí eu fui aprendendo, aí fui perdendo o medo do computador (risos) aí eu consegui e depois aí...

**Lázaro: e isso trouxe algum benefício para você, hoje você lida melhor com o computador?**

Ah sim, com certeza, hoje não tenho mais medo dele, eu fiz o cursinho, tive que fazer um cursinho, né, um cursinho de informática, rápido assim, eu disse, “não, vou ter que fazer, vou ter que entender isso!”...Eh...essa dificuldade me levou a ter interesse, pelo computador, pela informática, a procurar entender, a mexer numa coisa que eu deixava pra lá...

**Lázaro: e lá na sua escola, você acha que é tranquilo a utilização das tecnologias, ou tá muito distante ainda o uso que vocês fizeram das tecnologias, dos usos que você fazem nas escolas?**

eh, ta mesmo...eu digo pela minha escola, agora, é com a saída do César Maia, que ele mandou os computadores, lá só tinha, só havia dois computadores, em uma escola que é um CIEP, é enorme, e era uma briga porque a Direção tinha que usar, quer usar, a coordenadora precisava usar e ninguém tinha acesso, e algumas coisas na tutoria e tal, e falava “-pega na escola, faz na escola, tá com dificuldade”, “impossível, eu na escola fazer alguma coisa pelo computador, pra mandar pra vocês, tem que chegar em casa à noite e tentar fazer”, aí eu explicava isso, “ah, mas não é possível, fazer o quê?” Tem, tem assim, têm escolas, que até no município, que têm já sala de informática, e tudo, mas por exemplo, aqui tiro pela minha escola, né, é muito complicado, eu não podia contar com isso, lá, né, agora chegaram, chegaram, no final do ano chegaram seis computadores para a sala de leitura, mais dois, quer dizer, ta equipado, mas não estão funcionando ainda, não sei como é que vai ser, quando começar a funcionar, precisa instalar, precisa resolver lá a parte elétrica, isso e aquilo, estão lá.

**Lázaro: e você se acham preparadas para adequar isso ao cotidiano de sala de aula de vocês? A utilizar essas tecnologias de maneira integrada com a prática de vocês?**

eh, olha só, eu acho que agora, né, estou começando a usar muito essa tecnologia nova, nova não, né, pra gente é nova, porque agora a gente vai ter que começar a mexer, porque chegaram os notebooks, e aí parece que a..., pelo menos pela reunião que teve agora com a Direção para começar o ano, a proposta é fazer todas as capacitações via internet, né, vai ter um, parece que vai ter tipo um programa, não entendo muito bem ainda não, mas parece que, pra gente começar a usar esse notebook que eles deram, né, vai começar a ter eh...vão começar a exigir isso da gente entendeu, de começar a utilizá-lo na escola, na capacitação, pra isso e pra aquilo, agora, eu acho que quem não tem contato, não sabe e não mexe vai ter que começar.

**Lázaro: e você vê isso positivamente?**

eu acho que sim, porque gente! O mundo ta aí né, o...não tem como, tudo é à base de internet, né, de computador, e...as crianças, elas por mais pobres que sejam lá, a área carente e tal, e tudo, elas sempre vão na LAN House, elas sempre tão por dentro das coisas, e os professores parados, né, não dá! Eu já falei “olha, eu tive muito medo, medo desse bicho, agora, não tenho mais, então vamos todo mundo perder esse medo!”

**Lázaro: e você acha que para a aprendizagem das crianças o computador ajuda?**

eu acho que vai incentivar mais. Que é uma novidade e o que aconteceu comigo vai acontecer com elas. É novidade, todo mundo vai querer mexer, não tem em casa, não tem dinheiro para ir à LAN House, pô, vai ter essa possibilidade na escola, não sei ainda como vai funcionar, mas que ta começando essa parte lá, pelo menos ta começando, entendeu? Você vê que já, os computadores já estão lá e nós estamos sendo cobradas, esse trabalho com capacitação, via internet e tudo, vamos ver.

**Lázaro: e você tinha falado da Direção, enfim, do órgão administrativo que às vezes, prende essa atuação...você acha que essa distribuição, com esse acesso melhor aos computadores essa restrição vai ser dispersada ou você acha que não?**

vai...não, o problema é que, dá até para entender, eh...muitas coisas que elas têm que dar conta, né, e tudo também via internet, os programas, tudo via internet, na escola, né, ta em programas e computador. Então elas tinham que dar conta daquilo tudo e não podiam ceder o computador pra gente, né, um monte de coisas, um monte de professores, você chegava lá...”-ah, não da, fulano ta fazendo pesquisa, mexendo agora, imprimindo isso, ta enviando não sei o quê, e nunca tinha esse espaço, né, fica complicado. Agora com o ... esse aumento de computadores vai ficar melhor, até porque ela já falou, que ia deixar seis na sala de leitura que é uma sala maior, toda fechada e tal, e ainda tem o problema de segurança, e aí vamos estipular os horários, que as pessoas vão poder ter acesso.

**Lázaro: vocês têm acesso à internet, você sabe se eles vão ter acesso à internet ?**

não, eu acho que vão ter sim, eu acho que ta esperando mesmo isso, fechar a instalação, né, como vai funcionar e tal, mas vai ter acesso à internet sim.

**Lázaro: e aí você acha que...a internet possibilita pesquisas, você tem noção de como poderia utilizar isso com os seus alunos?**

agora assim,...não sei...de repente eu faço até isso aqui em casa, quando eu to precisando de alguma coisa eu vou e pesquiso isso aqui, que agora eu já sei pesquisar mais ou menos, (risos), minha filha me ajuda e eu vou pesquisando.Eu busco muita coisa, né, até de revista que a gente pode pegar, e tal, assim, Nova Escola e eu tenho uma revista que sou assinante de uma revista de educação infantil, e às vezes tem coisas que vêm..ah...quer dizer, isso vai ajudar também, quando eu for utilizar, porque às vezes a gente fica com tempo pequeno em casa, né, El á, a gente fica com tempo de Centro de Estudos e tal, “vamos lá, vamos ver, vamos pesquisar isso...”, né? Acho que vai sim!

**3 - Lázaro: e assim, o curso de vocês foi a distância, então teve o auxílio das tecnologias de um modelo diferente do presencial, essa questão das tecnologias trouxe um impacto para vocês no cotidiano de sala de aula, ou no teu cotidiano de trabalho? Isso modificou alguma coisa, por ter sido um curso mediado pelas tecnologias, ou não?**

Oh...sala de aula não trouxe não porque a gente não tinha equipamento para trabalhar. Ta, começamos a ter agora, né, que a gente tava sem computador lá, mas a gente não conseguiu fazer nada, porque deram os computadores mas não deram os estabilizadores, e a gente também não tem um regente de sala de leitura, porque o regente de sala de leitura hoje, ele ...eh...a secretaria ta passando essa questão muito forte, tem que ter toda uma prática voltada para o uso das tecnologias, né, mas a gente, eu não tive muito em sala de aula não, tive na minha vida pessoal, porque eu tive que me...por exemplo, ela não, ela gosta de computador (Carla, a outra entrevistada que estava presente neste momento.) eu já não sou tão assim ligada, entendeu, eu sou obrigada a ir lá, ir no grupo, abrir, ler, passar, entendeu.

**Lázaro: e você teve alguma dificuldade, porque você está falando que você não era muito próxima e depois você...**

não, não tive não...para mim foi tranquilo, não sei muito, entendeu, mas assim, dou conta legalzinho do que é necessário, eu dou.

**Lázaro: e agora depois do curso, você acha que a tua relação com as tecnologias ficou mais tranquila , ficou a mesma coisa, como é que está?**

olha, ehh...assim, ficou mais tranqüila entendeu, mas eu não sou, eu particularmente não sou uma pessoa assim muito, entendeu, assim que vive, ela vive dentro do computador (Carla) eu não, eu já abro assim, eu não...já é meu mesmo, entendeu, meus interesses não...então somos assim..eu não tenho dificuldade de até acessar as tecnologias, entendeu, mas não tenho muita,...eu, eu, isso é pessoal, é pessoal, entendeu é muito voltado para mim, muito para a questão pessoal, eu não sou muito atraída pelas tecnologias, por esse uso, por essa mediação.

**Lázaro: e no curso você utilizava mais o que, modelo de tutoria, você ia mais ao pólo, você utilizava a plataforma?**

não...eu utilizava a plataforma pra a recados, para ver do que o pessoal tava reclamando, para ver muito isso, entendeu, onde era que o pessoal, entendeu, o pessoal botava lá as dúvidas maiores estavam lá, entendeu, então eu ia por aí, eu usava o fórum também, porque algumas disciplinas pediam que usasse o fórum, mas normalmente era assim, como eu tenho essa relação assim, arredia com a tecnologia, eu primeiro lia o que todo mundo escrevia, entendeu, dali, eu também fazia uma forma de...botava minha opiniões, que o professor tava lendo, não ia querer que eu repetisse a opinião de ninguém, mas procurava interagir com alguém, pegava o gancho de alguém, entendeu, eu ia muito assim aos pólos, porque eu tenho muita dificuldade de me mostrar, entendeu, mesmo sendo a distância, tinha um pessoal que tinha facilidade, ia lá e jogava a opinião, eu não, eu tinha muita dificuldade, mas eu sempre procurava, entendeu, ler, eu lia tudo, aí, sempre dava um gancho, assim, “nossa colega falou isso”, “eu penso dessa forma”, entendeu, eu me lembro, teve uma de ciências que era a questão da, dos, das tecnologias, aí o pessoal falou muito dessa questão do... eu vi que tava muito forte essa questão do amanhã...”isso vai mudar muito a vida do homem”, não sei o que, aí eu sempre disse, “mas tem um limite” entendeu, porque a questão de vida e morte você nunca vai poder questionar, equacionar isso, isso não tem tecnologia que equacione, né, até a colega colocou aquela questão do “Homem Bicentenário”, né, aí eu até lembrei, “não, o bicentenário fez questão de virar homem para morrer”, então assim, por mais que a tecnologia venha melhorar sua vida, entendeu, ela tem um limite, ela não vai resolver, ela não vai resolver a questão da vida e da morte, entendeu, então as pessoas às vezes se perdem muito nessa questão, achar que vai ser Deus, entendeu, começa a achar que vai ser Deus porque tem essa tecnologia na mão.

**Lázaro: e para sala de aula, você acha, você vê que as pessoas têm esse discurso de “as tecnologias vão mudar tudo”, ou você acha que não?**

eu acho que tem né, acho que as pessoas...porque assim, o que acontece com a sala de aula, olha só, eh..., mas olha só, o que acontece na sala de aula, os professores até porque a gente lida com muita falta de tudo, a gente ta sempre procurando ajuda, eu acho que tudo que ajuda, o professor acha que vai a prática dele, aí há grandes equívocos, entendeu? Aí acha que isso não dá certo, que a teoria não dá certo, que dá maneira que chega, entendeu, então depende muito de como chega, entendeu.

**Lázaro: vocês já receberam o laptop?**

nós temos laptop, mas não temos internet, (nesse momento, Carla diz que não funciona porque quebra, o dela está quebrado)... O meu ta bonzinho, mas o meu eu quase não mexo, porque não tem internet.

**Lázaro: e por que você acha que a prefeitura tá tentando integrar vocês a isso?**

bom aí a gente sabe que tem aquela questão de ter que vender os computadores, você sabe disso, né, a gente não pode ser inocente, alguém tem que vender e alguém tem que comprar, né, então vamos comprar computadores e a gente diz que ta todo mundo, entendeu, a gente sabe que existe isso, não há como se negar isso. A secretária nova, ela vem com um bom discurso, de que vai fazer a universidade virtual, tentando, entendeu, porque não existe, não tem um porquê de você ter um computador na mão se na vai fazer uso, entendeu, dele, não tem, mas a gente sabe que ta tendo entraves, ligados a orçamento e tal, a gente fica até, entendeu, então a gente não sabe o que ta se pensando, entendeu, eu não sei. A secretária deu a entender de que ela tem interesse de que esses computadores venham às nossas mãos, que eles sejam usados, de que a gente interaja com eles, de que a gente tenha, entendeu, uma formação continuada, com os computadores, mas a gente não tem internet ainda, não sabe como é que isso vai ser resolvido.

**Lázaro: e com os alunos de vocês isso é muito escasso ainda? 00:29:24**

não, nós ganhamos agora, o último governo deixou seis computadores novos em quatorze escolas, né, eu acho até que é muito, eu acho até que isso é mais viável do que a questão do laboratório, o laboratório não vai chegar nunca nas nossas mãos, né, porque parece que é um processo caro, administrativamente, e esse projeto que ele fez, né, quer dizer, botou seis computadores ta lá parado, porque a gente não tem ainda, a gente não tem a prática com o computador. (Neste momento, a Carla diz que tem uma visão diferente entre a questão dos seis computadores e o laboratório) A gente não tem a prática ainda, então assim, ta lá, eu tô aguardando, junto da internet também, então eu to aguardando eu conseguir que a sala de leitura seja (...) para eu poder passar alguma coisa para ela, para ver o que a gente vai poder fazer com esses computadores ou não, entendeu, porque no momento a gente não pode fazer nada. Porque o professor de sala de aula em geral não tem esse conhecimento, para lidar com aquilo ali.

**Lázaro: então você fez o curso a distância, ele tinha as tecnologias, você teve que se relacionar de alguma maneira com elas e você levou aquilo de alguma maneira para a sua prática, você falou que modificou. Os professores na docência, será que vai ser possível transferir aquilo que eles querem passar da prática, da teoria para a prática utilizando os computadores?**

eu acho complicado.

**Lázaro: você acha complicado por que?**

ai, eu acho complicado porque, não sei se porque eu to dentro, olha só, porque aí tem tantas questões, assim, primeiro, oh...eu acho que o professor ele é sufocado, ta, ele é sufocado porque a gente ta numa escola plural, entendeu, que ela só é plural filosoficamente, então ela não é plural para assim, que permita ao professor trabalhar essa pluralidade, entendeu, por que o que ele tem para trabalhar? Ele tem a formação dele que é, que não deu conta disso aí, começa por aí, a formação dele não deu conta, né, as condições de trabalho dele não são as mais satisfatórias possíveis, né, porque eu entendo assim, para você lidar com o aluno, com a diversidade que ta dentro da escola hoje, entendeu, você sozinho não dá conta, então, você sabe daquele discurso do governo é sempre a questão nunca tem dinheiro, né, nunca tem dinheiro...Eu não consigo ver uma escola trabalhando com diversidade da forma como a gente trabalha, entendeu, sobrecarrega o professor, o professor é sobrecarregado de atribuições, entendeu, não é que ele não tenha vontade, falta de repente essa formação, mas ele também é muito sobrecarregado, né, porque ele tem que lidar imensas questões dentro do contexto escolar: o aluno que é difícil de se relacionar, a família que é difícil de se relacionar. Quer dizer, tudo isso aí, eu acho muito difícil, e ele é engolido pela burocracia escolar, eu acho que ela...ele é engolido, ele tem calendário, ele tem prazo, ele tem que preencher, entendeu, então eu vejo...não é que ele, que as pessoas, eu acho que assim, não queiram fazer...existe um grupo que é cabeça dura mesmo, falou que é coisa, já bota o pé e diz que não vai fazer, mas não vejo isso como a maioria não, eu vejo isso que eles não tem assim, nem tempo de parar para pensar naquilo ali, entendeu, eles estão cumprindo o que os outros estão mandando eles fazerem. E acaba rolando, você acha que tem tempo Carla? (Carla então diz que é impossível). Não tem tempo, entendeu, e aí, o que você acaba fazendo, você acaba fazendo aquilo que você sabe fazer.

**Lázaro: não tem nenhuma política de formação só para essa questão desse uso, ou não?**

tem, até tem, mas é muito diluído, não atende à demanda da rede, (Carla então pergunta o que eu chamo de usar a tecnologia em sala de aula) Lázaro: de integrar isso ao cotidiano de sala de aula e não somente... (Carla pergunta o que é integrar ao cotidiano: “é botar o meu laptop em cima da mesa?”)

**Lázaro: é dar aula de maneira que aquilo ali não seja algo especial na tua sala de aula, mas que aquilo ali faça parte do teu dia a dia...Vocês utilizam o giz, utilizam o quadro negro, enfim, que aquilo dali gere uma aprendizagem na tua criança...** (Carla diz: “a minha criança teria que ta munida de um computador”) **Lázaro: sim!** Então Carla diz “já pode parar tua pergunta por aí! Não tem continuidade, se eles não tem ferramenta, não tem utilidade eu levar a minha ferramenta para a escola. Quando eu escrevo no quadro, a tecnologia ‘quadro, quadro de giz, quadro branco’ a criança tem a ferramenta, tem o caderno e o lápis, mesmo que eu faça, eu plante bananeira, você tem uma árvore de cabeça para baixo para ensinar que a raiz é plantada para baixo, mas ele tem a ferramenta, ele vai poder copiar aquilo que ele quiser, poder levar para casa e ler quando quiser, para lembrar. Como eu vou usar o meu laptop para o uso coletivo?” **Lázaro: então, a questão continua, para que que você acha que há essa política de integração das tecnologias ao cotidiano de vocês?** Carla diz: “não há integração. Não dessa tecnologia informatizada. Ainda não, da tecnologia do livro didático,

vírgula e reticências, tecnologia do quadro de giz, a tecnologia do som, da tevê, do vídeo K7, perfeito, porque existe ferramenta, para que eles possam administrar, para que a gente possa administrar e eles possam absorver, agora, como é que eu uso a tecnologia informatizada na sala de aula? Cada um teria que ter o seu laptop o seu micro...” mas aí Lázaro, até uma questão que ela falou uma coisa, entendeu, aí você entra em uma questão que era o meu maior nó em relação ao curso, que era a disciplina prática de ensino, que eu tinha muita dificuldade naquela disciplina, foi a única disciplina que eu tive dificuldade, se você olhar meu histórico, você vai ver. Por que? Porque eles tinham muito essa questão da tecnologia, de tecnologia, não tinha muito isso? E assim, a gente que ta no dia a dia a gente sabe que existem questões estruturais, fundamentais, para mudar a escola, que tem que mudar a escola antes da gente chegar a isso aí, entendeu? Então assim, é muito complicado, porque a gente mexe, vai mexer em tudo na sociedade, vai mexer em política, entendeu, em política educacional, vai mexer em biologia, entendeu, porque você sabe que não interessa pro, para ninguém que o povo aprenda, que saiba, que tenha conhecimento, entendeu, então fica muito fora da nossa... porque assim, eu gostaria que todo meu aluno tivesse um laptop, eu gostaria, mas a gente que ta no dia a dia sabe que tem questões imensas para você resolver antes de chegar nisso aí, entendeu, né? Então, Carla pergunta: “ e se todos tivessem o seu laptop? E se tivesse? Quanto custaria isso para reposição? Porque é óbvio que os ídolos dos nossos alunos são os bandidos, eles iam vender os laptops para os bandidos para conseguir algo de presente ou qualquer coisa desse tipo, teria que haver uma reposição. Eles fazem isso com os cadernos. Entendeu? Existem questões sociais, entendeu?” a gente pensa como país do primeiro mundo, quer imitar outros países que estão lá, mas a gente não resolveu questões básicas da educação, da sociedade, entendeu, porque é...vamos falar como professoras da rede pública, porque essa é nossa grande angústia. Eu acho que a Carla, como eu, que sou educadora mesmo, é minha profissão de fé, ser professora, ser educadora, o que me angustia é essa questão da educação ta do jeito que ta intencionalmente, entendeu, a gente sabe que isso é intencional, entendeu, então, assim, do tipo, sabe que assim, quantos anos nossas gerações ficaram sem escola, entendeu? Eu quando entrei na escola em 1979, 78, eu sou de 78, em 79 eu não tinha uma folha de papel para dar um trabalho para um aluno. A minha escola chovia dentro, entendeu? As condições até melhoraram, entendeu, mas a gente sabe que em termos de biologia ainda é muito conveniente que a escola pública faça um trabalho porco, faça um trabalho... é conveniente. Eu tenho uma questão, que é uma questão, tipo assim, é uma questão de vida, que toma conta de mim, quero saber se daqui a três anos quando eu me aposentar definitivamente, se eu vou abandonar essa questão, entendeu, que é essa questão da, de como se coloca a escola pública diante da particular. Porque eu acho a escola particular uma merda, entendeu, que eu vejo a ideologia que vive na escola particular, entendeu, a escola particular não vende pessoas que tão preocupadas em mudar, com raras exceções, porque cabeças pensantes tem em tudo quanto é lugar, entendeu, quer dizer, você tem um Gabriel O pensador dentro de uma classe média alta, né, então você tem pessoas que pensam em qualquer lugar. Um João Moreira Sales, entendeu, dentro do município, dentro do capitalismo, então, mas assim, você vê que a escola particular ela vende o que? Ela

vende, o que que ela vende?... Ela vende o status quo, vende para todo mundo, entendeu? Então assim, me dói ver que as pessoas que tão...os meus pares entendeu, elas não percebem isso, e vê os filhos dentro da escola pública, de escola particular, na escola pública, a Carla conhece, que não deve em nada para filho de ninguém, entendeu, você vê, a esperteza, a clareza, o conhecimento, entendeu? Mas existe uma coisa que é vendida assim. Porque isso é uma questão de vida, porque a gente ta vivendo lá dentro, ta vendo essas questões, então assim, enquanto for conveniente que a escola pública, entendeu, faça essa massa de pessoas, entendeu, porque eu tava sentada naquela praça que você viu, aquela praça é linda, mas você viu o estado dela, porque não interessa fazer praça bonita para pobre, entendeu. Para que as tecnologias se a gente não resolveu questões básicas, entendeu? Que é fazer o nosso aluno entender o valor da escola, que ele vai para a escola e vai mudar a vida dele, entendeu. Então quando eu posso, eu falo: “gente, só a educação vai mudar a vida de vocês” Mudar não na concepção capitalista de que vai, de que bem...Não, é mudar, ser alguém, entendeu, ser essa pessoa que pensa, que age, interage, cobra do poder público, sabe cobrar, quer dizer, hoje seria para mim quase uma missão, mas assim, não é que eu dou conta disso tudo, não dou não, é muito complicado, porque depois de um dia de trabalho eu to chutando o balde, entendeu? São tantas coisas que você tem lidar, tantas demandas emocionais, a gente sai chutando o ... você acaba perdendo o..., mas é um discurso que eu tenho, entendeu. Mas eu procuro, procuro...

**Lázaro: e por ser um curso a distância, de utilizar tecnologias, além da tutoria presencial, ele fez com que vocês de certa maneira lidassem com computador. Isso você acha possível na sua sala de aula?**

eu acho que seria muito interessante. Eu teria que aprender mais, também, mas eu acho que poderia ser muito importante.

**Lázaro: na sua escola, como você lida com essa questão das novas tecnologias?**

olha, por trabalhar com o 1º ano, na escola em que eu trabalho, a escola que eu trabalhei em Xerém até tem, tem uma sala de computadores, mas vai começar a utilizar esse ano, e os primeiros anos não vão ter acesso, só o 4º e 5º ano. Bom...eu não sei ainda como seria trabalhar na prática os computadores com as crianças, eu sei que tem uns links muito importantes, uns endereços muito interessantes, que até o CEDERJ deu para a gente, pra facilitar a aprendizagem, pra trabalhar mesmo, pra praticar.

**Lázaro: aí só esse ano mesmo vocês vão começar a ter acesso à informática lá na sua escola?**

isso.

**Lázaro: isso foi o que, um laboratório, que foi criado, o que aconteceu?**

eh...tem um laboratório. Já tem há três anos, mas por algum motivo não funcionava, molhou, estragou os aparelhos, tiveram que repor, ano passado eu não sei porque não funcionou, (...) e esse ano vai começar.

**Lázaro: isso e aí tem um professor deslocado especificamente para esse laboratório?**

tem, tem um professor da escola mesmo, que foi lá selecionado segundo os conhecimentos dele, por tudo, né, e aí, vai trabalhar com as turmas.

**Lázaro: e no caso, vocês que são os professores regentes vão acompanhar a turma de vocês ou é quem fica durante um período com**

### esses alunos?

não, é o professor que acompanha.

**Lázaro: e aí quem é que faz a proposta do trabalho, são vocês ou ele?**

aí eu não sei. Mas de qualquer maneira minha turma não vai participar.

**Lázaro: e o teu relacionamento com a informática, melhorou com o curso, você já tinha conhecimentos sobre informática, como é esse teu relacionamento com a informática depois do curso?**

olha, eu tinha um pouco, melhorou, melhorou porque eu tive que usar mais, né, mas ainda tenho muita coisa para aprender. A informática mesmo, do conteúdo do curso eu não peguei bem não. **Lázaro: a disciplina de Informática?** Não, eu não peguei bem.

**Lázaro: você não pegou bem por quê? ?**

ahhh, a parte da prática, de trabalhar com Linux. Na época não conseguia ninguém que pudesse orientar, aqui no CEDERJ mesmo foi muito complicado a parte da tutoria

**Lázaro: vocês têm laboratório de informática aqui no próprio pólo?**

temos.

**Lázaro: e aí você acha que na tutoria isso não foi muito bem desenvolvido?**

não, na época não foi.

**Lázaro: e isso prejudicou o curso de vocês?**

olha eu achei que não, porque eu gostaria de ter aprendido a parte prática que foi ensinada, mas ficou só na teórica mesmo, pra mim ficou, e eu acho que foi com todo mundo, é difícil na época conseguir alguém que soubesse te ajudar com o Linux, de toda formatação.

### Impacto das TIC:

Em meu cotidiano procuro estar sempre utilizando as tecnologias da informação e comunicação pois acredito que elas facilitam e nos ajudam muito a nossa vida tanto particular quanto profissional.

Utilizar as TIC no curso à distância, na época foi uma novidade que eu estava descobrindo aos poucos , digo até engatinhando, e com o passar dos semestres fui aprimorando e me desenvolvendo mais e mais.

Na sala de aula sempre gostei de utilizar diferentes recursos audiovisuais com as crianças pequenas pois acredito que as tecnologias sempre foram aliadas do processo ensino-aprendizagem tendo em vista que muitas crianças já tinham conhecimento e eram usuárias de algumas.

A partir do curso podemos inicializar o uso de algumas TIC na sala de aula, mas acredito que o professor precisa se aprofundar mais fazendo cursos de aperfeiçoamento ou de especialização dentro desta área para aprender cada vez mais.

O professor de sala de aula pode e deve utilizar diferentes recursos em seu cotidiano, mas acredito que deve estar sempre se atualizando para saber usá-los conscientemente e de forma correta, e não apenas como forma de passar o tempo. Pois acredito que as TIC se bem utilizadas, serão grandes aliadas à aprendizagem dos alunos.

**Lázaro: esse curso é a distância, então ele tem umas atividades que são feitas com apoio de tecnologias. Como é que você lidava com tecnologias antes e lida agora? O curso te ajudou em alguma coisa?**

Sim, bastante, eu não sabia nada, não mexia em nada. Só depois que eu entrei para o curso. Eu não sabia nada de nada mesmo, sei que agora melhorou bastante.

**Lázaro: e você hoje já se acha preparada para trabalhar com tecnologias na sua sala de aula?**

O básico sim, acho que o básico dá para trabalhar.

**Lázaro: a escola dá espaço para que você faça isso?**

Não, porque a gente tem um professor específico para a informática. Como a gente tem professor específico, a gente pega o que está dando, e esse professor faz um trabalho com as crianças, então fica uma parte mais individualizada.

**Lázaro: vocês professores e os alunos, não têm um acesso direto aos computadores se não por meio desse professor?**

Os alunos têm, os alunos podem.

**Lázaro: mas você professores não? Só passam as atividades e o trabalho de certa maneira eles conduzem?**

É.

**Lázaro: você acha então que o curso serve para esta questão da inclusão, essa questão de trabalhar com os professores o problema das tecnologias da comunicação, das tecnologias?**

Sim, bastante. Muita gente entrou assim igual a mim, sem saber as tecnologias e essas coisas e a gente saiu com uma base, até porque você é obrigado a pesquisar, e se virar, então a gente conseguiu, pelo menos a minha turma, conseguiu desenvolver um pouco mais

### **Impactos das TIC**

O conhecimento de TIC adquirido a longo curso serviu de base para outros cursos.

Atualmente trabalho com professores e utilizo os conhecimentos adquiridos sobre TIC na produção de materiais, tais como: slides, apostilas, relatórios. Utilizando softwares educativos, DVD, CD, entre outros recursos.

As TIC podem ser inseridas no dia a dia da sala de aula através do uso crítico e reflexivo do computador e da internet, permitindo o estudo individual e ou a troca simultânea de conhecimentos com outras pessoas. Promovendo a mediação entre a máquina e o homem, oportunizando a interlocução de vários saberes e de diversas formas, com a utilização de recursos metodológicos variados.

Sim. O curso trouxe conhecimentos básicos e fundamentais. Dentre eles a certeza de que o domínio puro e simples das ferramentas por si só não garantem a aprendizagem, mas sim o uso pedagógico e crítico dos TIC.

Sim, é possível. As múltiplas formas como se apresentam as informações: através de imagens, de sons, textos publicados na mídia eletrônica, com desenhos, estilos, formatos e linguagens diferentes permitem ao aluno, através da interação professor-máquina, separar selecionar, categorizar, analisar diferentes formas e conteúdos das informações recebidas. Relacionando-as ao conhecimento próprio servindo de base para novos conhecimentos.

Sim, tive muitas dificuldades em lidar com a “máquina”, e confesso que ainda tenho. Não tinha computador em casa e morria de medo de estragar a máquina. Não manuseava vídeo nem acertava rádio relógio, detestava celular. Entretanto, atualmente, os estudantes não apresentam dificuldades em

relação às TIC.

**Sendo a distância, ele foi mediado por tecnologias você já tinha contato antes com as TIC?**

Nenhum, sofri muito, eu chorei lágrimas de sangue porque não tinha grana para investir em computador, “levei pau” nos dois semestres e eu ficava desesperada, falava “isso morde?”, e aí houve uma transformação também nisso. Eu comprei o meu computador...

**Então o curso acabou sendo válido nessa questão das tecnologias?**

Foi muito, porque eu levei muito “supapo”. Eu fui para a casa da minha prima, saía de lá quase uma da manhã, para fazer trabalho, e tinha que fazer, fazer tudo assim, é muita coisa.

**Você participava das atividades on line?**

Algumas sim. A maioria depois no final.

**E essa questão das tecnologias, você consegue trabalhar na sua sala de aula, embora seja de Educação Infantil?**

Eh... com as crianças não, mas comigo sim.

**E aí no caso você trabalha como?**

Pesquisa, relatório, tudo que é referente à minha prática, né, não com as crianças, de vez em quando a gente consegue passar à frente para contar uma história, mas aí é raro.

**Você acha que vai ser viável em algum tempo a gente levar as tecnologias às escolas de maneira mais intensa, mas da maneira como vocês trabalharam aqui no curso?**

Eu acho que vai ser viável em algum tempo, algum tempo sim, mas no Brasil parece que tem várias realidades, então eu acredito que só daqui há algum tempo, só com muita vontade.

**Você acha que isso vai colaborar na questão da aprendizagem? Como você vê essa questão da tecnologia mediando a aprendizagem?**

Eu acredito que a tecnologia é uma faca de dois gumes, ela pode servir tanto para o bem quanto para o mal. O ser humano precisa ter uma postura diante da vida, um discernimento para poder usar.

**Você acha que a sua formação deu conta disso?**

Eu acho que sim.

**Então hoje em dia você já se acha capaz de trabalhar as tecnologias com as crianças?**

Eu acho que sim.

**Lázaro: pelo fato de ter sido um curso a distância, e um curso mediado por tecnologias, isso deve ter impactado de alguma maneira a sua vida. Como é que você vê essa questão do impacto das tecnologias na sua vida?**

para mim foi tudo de bom, porque como eu falei anteriormente, no início eu não tinha computador, tinha acesso, porque eu trabalho como servidora pública, não estou na área de educação, mas eu trabalho como servidora pública e eu tinha acesso, então com isso continuo lidando, na época eu lidava muito, mas eu não tinha computador em casa, e aí foi a época em que estavam iniciando as *LAN Houses*, sinceramente, foi o curso que me impulsionou a comprar um computador, que eu sabia que no final ia ter que fazer monografia, eu não ia poder ficar contando com *LAN House* e muito menos computador do trabalho, então foi o curso que me incluiu digitalmente, e tenho certeza que a muitos professores, porque hoje onde a gente vai ter um computador e a gente precisa saber lidar com isso, não só na área de informática, bancos, cartões, tudo isso são sistemas de informática que a gente tem que estar lidando, tem que estar conhecendo, se não a gente fica perdido né. Então foi o curso importante para mim, na época que eu iniciei não tinha computador quem me passava as informações por e-mail, ou “faz isso, faz aquilo” era a Conceição, minha colega que para mim foi muito importante, então foi importantíssimo para minha vida pessoal a questão da informática. Agora em relação a acessar a Plataforma, tivemos muitas dificuldades, muitas reclamações, mandávamos muito e-mails, porque estavam implantando o sistema na UERJ, na própria Plataforma e às vezes não podia acessar porque tinha “isso ou aquilo”, então isso foi meio complicado e conturbado para a gente, até por conta dessa falta de a gente não estar acostumado em utilizar o virtual, a aprendizagem pelo virtual.

**Lázaro: você acha que aquilo que discutido das tecnologias no curso é possível de ser levado à prática de sala de aula? Ou aquilo que acontece no curso em relação às tecnologias sobre a utilização dos computadores é viável de ser levado para a prática?**

com certeza, porque você chegar para uma criança, né, não posso nem falar com relação aos adultos, à EJA, mas se você chegar para uma criança e falar de computador, já atrai pode falar de computador e ensinar através da informática, de alguma forma, eu acho que é viável sim, desde que as escolas tenha suporte.

**Lázaro: você Márcia, tinha dito que é legal desde que haja uma estrutura que possibilite isso. Você acha que há nas escolas ou na formação de professores para que isso seja utilizado em sala de aula? As escolas estão preparadas para isso e os professores também?**

não, mas atualmente eu acho que isso, pelo que eu conheço das escolas, ainda está bem no início, tem escolas que o computador só na secretaria, acesso de professor só para redação de provas, então eu acho que ta bem no início ainda, mas eu acho que é possível e como os livros avançaram nas escolas pode avançar. A preparação de professor com relação a essa possibilidade de trabalhar com a informática e passar conhecimento pelas tecnologias acredito que sim também.

**Lázaro: pelo fato de ter sido um curso a distância, e um curso mediado por tecnologias, isso deve ter impactado de alguma maneira a sua vida. Como é que você vê essa questão do impacto das tecnologias na sua vida?**

eu conhecia o básico do básico de informática, e tive que lidar com essa educação virtual, no início foi muito complicado para mim, porque eu sabia mexer um pouco, mas eu fui aprendendo me virando, vim aqui na tutoria e pedi uma orientação, e aquilo me fez crescer muito no meu trabalho de lidar com essa novidade que é a mídia né.

**Lázaro: você sentia essa dificuldade da questão da virtualidade?**

sim, mas eu tive a ajuda da minha filha, na época eu já tinha computador, então me ajudou bastante, e então eu conseguia acessar, às vezes eu não tinha o material didático, às vezes chegava atrasado e eu conseguia baixar lá pela Plataforma, e acessar e estudar pelo computador, mas foi logo no início e agora não, parece que mudaram alguma coisa, mas parece que agora já modernizou mais, e na minha época foi bem inicial então ainda tinha algumas dificuldades de início.

**Lázaro: você acha que aquilo que discutido das tecnologias no curso é possível de ser levado à prática de sala de aula? Ou aquilo que acontece no curso em relação às tecnologias sobre a utilização dos computadores é viável de ser levado para a prática?**

é interessante que eu trabalho com educação especial, meus alunos são especiais, que agora com essa questão da inclusão, eles não puderam ser incluídos pois são adultos, tem um aluno que tem 40, quase 50 anos, e outros que têm uma faixa etária de 20 a 30, então eles são especiais, né, aquele grupo especial, e o que que eu fiz, não tinha um computador na sala então eu comecei a levar os alunos a teclarem ali, eles têm muita dificuldade de aprender, que é natural da deficiência deles mas ali eles começaram a digitar o nome, a entrar na internet, a buscar atividades dentro da internet para eles, porque a internet é muito rica, atividade de coordenação, de encaixe, que estimule o pensamento deles, porque eles adoram o “dia da informática”, ontem (sexta) foi o dia e eles ficaram super tristes porque lá tá em manutenção, então esse ano os computadores ainda não funcionaram, então é a maior alegria deles. Eu tenho uma aluna que tem 23 anos, e essa menina foi até a 4ª série na escola regular, mas quando chegou 5ª série esbarrou com o preconceito que as crianças não têm, mas chegou na 5ª série e esbarrou com adolescentes, então ela não pode, ele foi excluída mesmo, então ela veio para minha sala, mas ela tem essa capacidade, então eu ensinei ela a abrir o básico do computador, para dali foi desenvolvendo, ela já acessa a internet, tem *Orkut*, ela sabe enviar e-mail, ela tá muito desenvolvida, ela escreve muito, só falta acabar o preconceito da sociedade com as pessoas especiais, que ela precisa dessa oportunidade, porque é uma menina preparadinha, então o computador foi uma revolução na minha Classe Especial. É a melhor parte deles.

**Lázaro: você Márcia, tinha dito que é legal desde que haja uma estrutura que possibilite isso. Voe acha que há nas escolas ou na formação de professores para que isso seja utilizado em sala de aula? As escolas estão preparadas para isso e os professores também?**

lá nós somos privilegiados, no CIEP em que eu trabalho tem dois laboratórios de informática, e tanto nas salas agora, o Estado ta trabalhando no sentido de informatizar tudo e existe muito interesse por parte do Governo e do Estado de facilitar, eu tava vendo uma carterinha, aqueles cartões magnéticos para acompanhar o aluno, então a coisa ta caminhando ainda, então nesses dias na escola eles fizeram o cadastramento dos alunos, os alunos tiraram fotos, ahco que a partir de julho eles vão receber essa carterinha e vai ter muito mais computadores na escola, então lá na escola, tem dois laboraatórios de informática e toda a escola tem computador, nas salas não, mas alguns professores já receberam o Laptop, nós não, do ensino fundamental, mas a maioria já recebeu, mas há uma promessa do Governador de passar isso para os professores do ensino fundamental, e vai ser agora, no priemrio semestre já chega, então existe muito incentivo nesse sentido, mas é tudo muito ainda, ta tudo ainda sendo implantado, mas desde o ano passado, já tem uns dois ou três anos, tem acesso, o professor é livre para isso, basta marcar um horário e aí é uma questão mesmo de vontade de disponibilidade mesmo individual, mas que a escola está preparada para isto, está, abre as portas dos laboratórios, os alunos fazem pesquisa, lá na escola trabalhamos muito com projetos a orientadora sempre monta os projetos, ela sempre trabalha com escritores, no ano passado foi Ruth Costa, ela trabalhou com vários, então as crianças vão para os laboratórios e pesquisam, pesquisam os trabalhos, muitas coisas assim muito interessantes, todo mundo tem esse acesso, só ontem que eu não pude porque a internet não tava funcionando, mas tendo a escola é totalmente aberto para isso.

**Lázaro: o curso era mediado por tecnologias digitais, pelo computador, inclusive você já citou a Plataforma. Como foi o impacto das tecnologias na tua vida?**

a primeira coisa que eu fiz ao passar no vestibular foi comprar um computador, porque se não eu ia passar às escondidas, aqui na época o laboratório aindaq era bem deficiente, só tinha aquele lá do canto, as máquinas normalmente estavam quebradas, às vezes não tinham quem abrir o laboratório, então quem não tem o computador em casa, com acesso à internet, fica complicado. Eu não tinha muito conhecimento, pois só tinha tido no 2º grau, que eu estudava em uma escola particular e tinha né, tinha aulas de informática e tal. Então depois disso eu parei completamente, então tive que voltar a estudar, conhecer outro mundo novo, não tinha contato com o computador, com a internet muito menos.

**Lázaro: isso foi um fator dificultador para você em algum momento ou você lidou bem com essa necessidade (00:13:34)?**

o único momento que dificultava era quando a plataforma travava, chegava nesse início de ano, final de ano, que dá congestionamento, a plataforma vai mudando todo início de ano, isso sempre dava uma travada, mas fora isso.

**Lázaro: e aí você utilizava bem a tutoria a distância?**

eu não gostava muito de acessar, a tutoria a distância, eu achava isso muito difícil, entendeu, por telefone era impossível, você liga e a musiquinha começa, horas a fio, você não consegue falar com o tutor, e pela internet, a resposta, eu botava algumas vezes na internet, pergunta de AD, AP, e tal, mas era muito difícil esperar, pois às vezes vocês está estudando uma matéria e fica com aquilo naquele momento e aí até a responder vir você já está estudando outra matéria, estudando outra solução para aquilo.

**Lázaro: então a tutoria presencial acaba sendo o único caminho?**

era o único meio.

**Lázaro: você conseguia freqüentar?**

eu freqüentava assiduamente pelo menos no sábado eu tava sempre, já na sexta feira era mais difícil, eu vinha de quinze em quinze dias, uma vez por mês, mas era só para tirar dúvidas, as matérias eram poucas.

**Lázaro: e essa questão das tecnologias, dá para aplicar isso na sala de aula tal como era dito aqui no curso ou não, era uma realidade distante ainda?**

eu acho que até para para aplicar, mas é distante pelo lado material, as escolas públicas a gente não tem uma rede de acesso como tem na secretaria ou é uma salinha pequena, só para os professores usarem, aqui em Petrópolis a gente ta até com um projeto, um Programa do governo, ta para chegar trezentos computadores para as escolas, na parte material. Agora quanto aos professores, eu acredito que não seja tão difícil assim, até porque a internet todo mundo já conhece, já sabe, o professor já não tem aquele bloqueio, já sabe manusear.

**Lázaro: e os professores já têm formação?**

pelo menos aqueles que saíram aqui do CEDERJ têm, quem faz aqui no CEDERJ com certeza, ta tranqüilo para poder trabalhar com isso.

**Lázaro: e quais foram os impactos do curso à tua vida pessoal e profissional?**

bom, na vida pessoal muda a gente por dentro, sem dúvidas, quanto mais a gente estuda, mais a gente muda, agora a forma profissional, eu não voltei a lecionar, eu to trabalhando em outro ramo por falta de oportunidade, queria tentar um concurso por aqui mas está mais difícil, mas eu não sei como vai ser na forma profissional.

**Lázaro: falando em meditação, por ser um curso a distância, mediado por tecnologias, você teve alguma dificuldade?**

não, só as de conexão mesmo. A minha conexão que as vezes fica lenta, ou não entra, mas deste jeito com muita paciência devido ter esse problema com minha conexão que é via radio, pois aqui não chegou o *Velox*.

**Lázaro: você já lidava bem com as Tecnologias antes do curso?**

fui aprimorando com o tempo.

**Lázaro: Durante o curso você participava das atividades on line que eram propostas?**

sim

**Lázaro: E como eram essas atividades on line no curso?**

era orientada por alguns tutores a distancia, minha monografia foi toda orientada a distancia.

**Lázaro: Hum, e você acha que é possível participar efetivamente do curso apesar das questões relacionadas ao equipamento, como a conexão, no seu caso?**

**Lázaro: e como foi essa experiência de orientação? Você não podia se encontrar com seu orientador/tutor?**

os tutores presenciais não satisfaziam minhas necessidades, nunca tinham respostas e não analisavam os questionamentos.

**Lázaro: você conseguia ter uma acesso regular ao Pólo?**

durante os dias úteis não, mas eu ia todo sábado inicialmente, porém quando percebi que a distancia eu era melhor assistida passei a fazer mais a

distancia.

**Lázaro: sua prática como aluna, utilizando as TIC foram boas, e como professora, você consegue utilizar as tecnologias na sua sala?**

sim, pois trabalho com educação especial, na minha sala tenho acesso as TIC.

**Lázaro; hum e como você desenvolve o seu trabalho?**

trabalho com DVD e utilizo o DOSVOX com eles, além de utilizarmos a internet.

**Lázaro: hum e você já fazia isso antes de entrar para o curso?**

sim, e aprendi a utilizar de forma mais significativa

**Lázaro: então o curso dá subsídios para que você utilize as tic em sala de aula?**

**Lázaro: e como isso é abordado no curso?**

Sandra Aparecida; nos módulos de informática e em alguns outros módulos mostra q no dia a dia usamos TIC e como há um programa específico pra eles passei a dar ênfase nas minhas aulas, claro q no curso tudo é bem superficial, não há "receita de bolo" vamos adaptando as informações à realidade.

**Lázaro: E a aprendizagem dos alunos é mais facilitada pelas TIC?**

dos meus sim, devido à deficiência visual o computador "fala" para o aluno o que esta na tela.

**Lázaro: e você acha que é possível aplicar a utilização das TIC de maneira geral nas escolas?**

um dia acho que sim.

**Lázaro: por que um dia?**

alguns professores parecem ter "medo" das tecnologias, ou seja ainda são muito tradicionais. Eu já trabalhava antes com radio, dvd e usava periodicamente o computador, mas via e vejo q a maioria não faz uso, essa é a realidade. Muitos gestores também não permitem que se utilizem, não sei se por medo de estragar, ou por desconhecer a importância desse material.

**Lázaro: no seu curso alguns colegas tinham essa ideia sobre as TIC?**

não tinha muito contato com os colegas de curso, como disse tínhamos apenas os intervalos e finais de prova pra trocar informações, mas pelo q conversávamos as escolas eram escassas de materiais, não havia muitos recursos.

**Lázaro: hum, ok. Então você acha que professores e a estrutura da escola não estão prontas para a integração com as TIC?**

por enquanto não, mas muitas coisas estão mudando

**Lázaro: como por exemplo...**

por exemplo essa tecnologia q disse a você que tenho em minha sala veio do MEC.

**Lázaro: , o curso impactou de alguma maneira na forma como você utiliza as tecnologias?**

bem... eu não faço uso das tecnologias que aprendi no curso, em grande parte das minhas aulas, pasme...

**Lázaro: por que não?**

eu leciono em uma área mais rural do que urbana, não temos recursos audiovisuais que estejam disponíveis como queremos não faço uso de laptops como a galera do Estado.

**Lázaro: sim...e na sua escola você não tem acesso às TIC?**

não.

**Lázaro: hum...na sua sala há contato com a informática de alguma maneira, ou equipamentos áudio- visuais?**

o C\* é uma escola com dificuldades até para merenda, existem discrepâncias no município, enquanto as escolas do Estado, ao lado, têm ar refrigerado e sala de informática as do município têm mais a boa disposição do professor e a sua garra

**Lázaro: sua rede é de Paracambi, correto?**

não, Japeri. Paracambi é onde estudo.

**Lázaro: daquilo que você aprendeu no curso, há dificuldades em aplicar na prática?**

como te falei desde o princípio a teoria não bate com a prática a realidade desses municípios pobres é bem diferente.

**Lázaro: mas no caso não bate porque o curso sonha muito alto ou porque as dificuldades das escolas é muito grande?**

hoje vejo que as dificuldades são enormes temos desde barreiras arquitetônicas e dificuldades de se implementar um projeto até o mau uso dos equipamentos muitos professores nem sabem usar uma tv mais moderna, um tocador de CDs, e...por incrível que possa parecer as pessoas resistem ao seu uso poucos sabem o que são as TIC.

**Lázaro: ainda sente que há essa resistência?**

e muita, amigo muitos param no tempo e só lecionam porque não tiveram outra chance de melhorar

**Lázaro: você conhece alguém no seu colégio que tenha feito o curso?**

a localidade tem uma escola de curso normal não existe outra opção a não ser o C.E. Alnte Tamandaré...que forma técnicos que mal conseguem se empregar depois.

**Lázaro: falta formação aos professores ou a questão em relação às TIC é mais ampla?**

falta interesse, iniciativa e grana pra custear ao menos as passagens e estímulo do governo.

**Lázaro: e você, por estar no curso e principalmente, em um curso a distância, é vista diferente?**

sim... ontem mesmo fui intitulada uma mulher antenada e bem informada que saca muita coisa dentro da educação o que dizem, claro

**Lázaro: e isso não leva as outras pessoas a buscarem o mesmo?**

quando eu entrei para o município vi varios professores indo para a faculdade e muitos já terminaram. Mas foram para as Instituições A da vida e B sem querer discriminar, mas formam profissionais nas coxas.

#### **EIXO AVALIATIVO: Perspectivas de Continuidade dos Estudos**

**6 - Lázaro: você falou que se movimentou, enfim, você pretende dar continuidade aos estudos, você deu continuidade aos seus estudos? Como anda a tua vida nesse sentido?**

eh...as pessoas até (risos) você fez que nem minha amiga, eh... ela tem me cobrado, “-e agora , a gente vai fazer logo a pós né?” e não sei o que e eu digo “calma...deixa eu descansar, tem os quinze anos da Mariana, tem que ter dinheiro, tem um monte de coisas, calma, eu vou fazer!”. Não, mas eu pretendo dar continuidade, e pretendo e eu andei pesquisando, eu vou entrar a distância agora para a pós.

**Lázaro: você acha que o curso te motivou a tentar procurar algum estudo futuro, ou não, você acha que e curso e aprendeu o que deveria aprender e está tranquilo para você aquele patamar?**

não, assim, eh...eu to pesquisando para fazer a pós, né, e tenho lido muitos livros e tal, agora, fora de educação assim, não tenho outra perspectiva. Quero continuar no meu trabalho, né...

**Lázaro: durante o curso você era motivada a buscar outros horizontes dentro da educação, ou os tutores incentivaram você a buscar depois da formatura alguma coisa?**

ah sim, sempre falavam, de continuar, né, na monografia então, “-Oh, fez a monografia, agora vá para...né, dá para pegar a sua monografia e agora você ampliar isso...!” “Ei, calma, calma, calma, devagar!” Eles sempre incentivaram sim, a dar continuidade.

**5 - Lázaro: e quais são as suas perspectivas de futuro de estudo?**

eu quero fazer mestrado.

**Lázaro: é fazer mestrado? E o curso em algum momento suscitou essa vontade em você?**

a monografia. Eu amei fazer monografia, adorei, entendeu, eu acho que foi a coisa assim, quando eu comecei, eu achei que eu não ia ter condições de fazer, tanto que eu fui estudar, não conseguia nem fazer uma dissertação direito, não sabia....aí de repente você vai lá, isso aí eu acho que o curso me fez muito bem, foi uma evolução assim tremenda, sabe. Por que? Porque eu tinha, muito assim eu tinha, eu não sentava para escrever, eu não tinha muita coisa de escrever, como o curso a distância, eu não sei se o presencial faz isso com você...mas como a gente tinha que fazer aquelas ADs a distância, tinha que escrever muito, né, era um desafio você escrever, quando eu cheguei no último período que tinha que escrever a monografia, no início eu não conseguia assim, eu não conseguia dar conta da monografia junto com as outras disciplinas, e ser diretora de escola, mas fazer monografia para mim foi uma coisa muito gratificante, entendeu, e o curso deu uma...

**Lázaro: você acha que o curso consegue te dar uma fundamentação teórica-prática...?**

com certeza, o meu orientador que era lá da UERJ, o Ozias, foi meu orientador, me deu assim, sabe, me deu dicas legais, sabe? E como é que foi a minha monografia? Foi minha vida na escola, entendeu, eu peguei tudo que eu tinha nesses trinta anos de carreira, entendeu, fundamentei teoricamente, o Ozias me deu umas dicas, umas coisas de livro, entendeu..

**Lázaro: os tutores, são desse caminho de...fomentam essa vontade?**

as pessoas de monografia foram, o pessoal de monografia foi, o pessoal de PPP que pegou a gente, pelo menos no Maracanã foi duas meninas né, a Regina e a Dani que também, sabe, foi a primeira, tanto que eu só fiz o primeiro capítulo com ela e quando eu entreguei o primeiro capítulo tava intocável, a menina só botou observação, dizendo que gostou que eu tinha, só dei um rascunho, mas eu tinha que formatar direito, mas assim, foi a discussão teórica de toda a minha monografia e assim, eu acho que o professor de PPP fizeram isso sim. Ficou para mim, eu saí, da...entreguei a minha monografia doida para escrever outra... Só que assim, realmente a minha vida profissional não permite, eu tenho uma criança de oito anos, então assim, eh, a escola é muito desgastante, é o dia todo, o dia a dia da escola é desgastante, pro professor e é desgastante para mim, toda hora cobrando, a

Carla ta fazendo uma pós-graduação a distância, eu não daria conta, não daria mesmo, é um passo de português né?

**Continuidade dos estudos:**

Assim que terminei essa graduação percebi que ela não estava completa para o que eu pretendia atuar, pois não queria parar apenas como Pedagoga para as séries iniciais. Eu queria mais!

Por esta razão fui procurar uma Pós Graduação em Gestão Escolar a fim de me especializar no que eu achava que estava faltando: administração escolar, orientação educacional, supervisão escolar, planejamento e inspeção. Neste curso pude estudar um pouco mais sobre estas áreas.

Após terminar esta Pós percebi que tenho vontade de seguir outro caminho que ainda estou decidindo: administração ou recursos humanos.

**Lázaro: você tentou ou deu continuidade aos seus estudos depois que eles terminaram?**

Eu tô fazendo pós-graduação.

**Lázaro: isso foi estimulado pelo curso de Pedagogia ou você mesma buscou?**

Pelo curso, para dar continuidade mesmo.

**Lázaro: isso os tutores estimulam isso?**

Estimulam. Sempre procuram saber se a gente está fazendo alguma coisa, mandando cursos de capacitação por e-mail, vendo se a gente continua.

**Continuidade dos estudos**

Desde a minha formatura procurei dar continuidade aos meus estudos: fiz um curso para aprender o Código Braille, outro sobre conhecimentos básicos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), e outro sobre o Sorobã (a matemática para o cego) etc.

Durante todo o curso fomos incentivadas a prosseguir os estudos pelos tutores e equipe do Pólo, pelo próprio material didático e pela equipe da UERJ.

Sim, atualmente estou cursando o 3º módulo do Curso de Especialização de Déficit Cognitivo e Surdes pela Universidade Federal de Santa Maria. Além disso, estou terminando o 2º módulo do curso de Pós- Graduação Gestão Educacional da Universidade Castelo Branco.

Preciso terminar os cursos que estou fazendo e pretendo continuar estudando.

**Você deu continuidade aos seus estudos depois que você terminou o curso?**

Eu tô lendo muito, fazendo vários cursinhos, mas ainda não fiz pós, mas pretendo fazer.

**E isso é estimulado ao longo do curso, que vocês façam isso?**

Eu acho que deixam uma semente que não dá mais para cortar, deixou plantado na gente a busca, o querer, mesmo que a questão financeira fique pesando de alguma forma, você ta sempre querendo aprender coisas novas. Deixou uma semente bem legal.

**Lázaro: quais são as suas expectativas de continuar os estudos? Você pretende continuar estudando, já está estudando, o que você pretende?**

eu no momento estou aguardando essa migração, porque a grade agora tem umas disciplinas a mais e já vimos uma possibilidade de migração, os alunos da UNIRIO já adotou de alguns alunos migrarem e voltarem para fazer um complemento, uma outra oportunidade se houver fazer uma pós-graduação, um mestrado, então quem sabe? As portas se abrem, como eu falei, se eu quero eu sou capaz de conseguir, então penso realmente em continuar sim, até o último dia todo ser humano tem a oportunidade

**Lázaro: quais são as suas expectativas de continuar os estudos? Você pretende continuar estudando, já está estudando, o que você pretende?**

eu quero continuar, a hora que eu tiver oportunidade, eu to me aposentado agora, mas não vou aposentar o desejo de continuar o nosso conhecimento de ampliar isso, se tiver uma oportunidade de fazer uma pós-graduação, até houve a oportunidade de fazer uma de Educação Especial, mas eu to com uma filha grávida, e com algumas dificuldades assim, mas assim que eu puder to continuando, não paro não. Essa senhora foi muito marcante na minha vida, a gente vê que a mente não pode atrofiar.

**Lázaro: há algo durante o curso que os tutores tenham falado sobre você dar continuidade aos seus estudos?**

tem, até quando a gente se formou havia a promessa de neste ano, abriria tipo uma graduação, bem, uma continuação do curso, não chegaria a ser uma pós, para poder dar uma Licenciatura Plena, porque o nosso curso é para as primeiras séries do ensino fundamental, então teria uma continuação, um complemento de mais ou menos um ano, mais ou menos. Então a gente espera que isso aconteça.

**Lázaro: você já procurou uma pós?**

não, por enquanto não. Eu estou realmente esperando conseguir um trabalho nesta área para poder me dedicar mais.

**Lázaro: você já era professora na época em que entrou, e acabou procurando um curso para dar continuidade aos seus estudos. Você entende que o professor tem oportunidades para dar continuidade aos seus estudos ou você ainda vê que isso é dificultado?**

ah, hoje em dia ta bem mais fácil, quando eu entrei só tinham as particulares, não tinha muito o que fazer, hoje em dia não, a gente tem o CEDERJ, tem faculdades que você pode pegar menos matérias, tem como você conseguir fazer uma faculdade, agora com o CEDERJ aumentou um pouco da chance do pessoal, então eu acho que não é difícil, basta ter boa vontade e desempenho.

**Lázaro: e o CEDERJ consegue contribuir nessa intenção de aumentar a base de formação dos professores, como você entende a contribuição do CEDERJ?**

eu acho que muito boa, você vê, a maioria das cidadezinhas hoje em dia tem um pólo do CEDERJ né, então isso aumenta as chances de qualquer um, são poucas vagas ainda, hoje em dia eu acho que já até ampliou, como eu falei, quando eu entrei eram vinte vagas, hoje já são quarenta, então quer dizer, antigamente sobrava espaço nos pólos, hoje já tem que pegar outros andares no prédio, então realmente ele aumenta muito as chances do professor, porque hoje em dia mesmo que é da rede municipal eles tinham um convênio com a UCP, então a prefeitura pagou a formação/graduação de todos os professores, e mesmo quem tava fora foi a chance da gente poder estudar.

**Lázaro: e se o curso tivesse sido presencial você teria dado continuidade?**

acho que não, eu tive uma filha e no caso, quando eu comecei o curso ela tinha dois anos e meio, então como que eu ia fazer com ela todo dia à noite, né, eu ia fazer o que, meu marido trabalhava à noite, justamente no horário em que eu estaria na faculdade e eu trabalhava de meio-dia às seis (dezoito horas), mas aí ela ia para essa escola ela ficava no maternal e eu dava aula no jardim três, então era bem tranquilo, tinha pólo no sábado e então eu deixava ela com o meu marido ou com a avó, então o curso dava essa possibilidade, eu tava estudando dentro de casa e ela tava ali comigo, né, todo dia à noite eu tirava o meu horário de sete (dezenove horas) às nove (vinte e uma horas) eu ia estudar, mas ela tava comigo, então isso dá uma flexibilidade para a gente conseguir alcançar, porque senão realmente não teria como, três anos direto, e as pessoas carecem dessa oportunidade de conciliar trabalho, casa, família, estudos.

**Lázaro: hum, bem interessante, inclusive, gostaria de saber se no curso há alguma motivação para que vocês busquem dar continuidade aos estudos...**

no curso não. Fala-se de continuidade sim, mas de uma maneira mecanizada

**Lázaro: então você acha que o curso fecha o ciclo em si? Não há um encadeamento para a busca na educação continua?**

**Lázaro: de que forma?**

acho, só há menção de que seria bom q o professor se qualificasse, mas não há estímulos. Penso q o curso deveria dar ênfase ao mestrado e doutorado

**Lázaro: nem da parte da coordenação do curso, nem dos tutores?**

de onde os tutores não estimulam, ao contrario... Mas a diretora é ótima...ela até me mandou orientações pra pós. Mas os tutores geralmente não sabem informar nada. Fica um jogo de empurra tremendo.

**Lázaro: hum, isso de maneira geral?**

estou falando da minha experiência. A minha monografia foi feita com sucesso graças a tutora a distancia pois a presencial, até perder minhas anotações perdeu e disse na minha cara q eu não entreguei

**Lázaro: Você pretende dar continuidade aos seus estudos?**

sim... eu parei este semestre por causa do meu cargo de secretária no CIEP, mas retomo ano que vem pois pretendo ir ao mestrado direto

**Lázaro: e perspectivas de pós, você tem?**

só mestrado e depois vejo quero tentar em Lisboa

**Lázaro: no curso estimulam vocês a dar continuidade aos estudos?**

sempre

**Lázaro: como faziam isso?**

há essa premissa em seus conteúdos, o curso em si privilegia o campo das pesquisas e esse perfil do professor-pesquisador

**Lázaro: você se acha preparada para atuar nesse campo?**

acho que consigo desde que disponha de tempo e organização

**EIXO AVALIATIVO: Perspectivas Profissionais**

**Lázaro: você falou da pós, então, isso é uma perspectiva de futuro, tentar uma pós graduação ?**

vô, eu vou fazer sim, não to te dizendo que vou fazer isso agora, que agora to meio enrolada, e tem muita gente, né, que não tão só no meio, as pessoas mesmo começam, a te cobrar, “- e aí, e a pós, vai parar aí?”. E eu digo “não, calma!”

**Lázaro: as pessoas te veem de forma diferente ?**

eh..., é bem diferenciado sim, as pessoas ficam perguntando...

**Lázaro: o que eu ia perguntar agora você já respondeu...mas você tem, assim, uma perspectiva de atuar em outra área depois de formada ou não, você pretende continuar na mesma, nessa trilha de ser docente...?**

eu poderia, eh..., até já surgiu o convite de trabalhar como coordenadora pedagógica lá mesmo, mas aí eu fiquei meio assim “não, dá mais um tempo, deixa eu continuar trabalhando, minhas aula, que é o que eu gosto mesmo”..Assim de repente, futuramente, pode ser que eu abra mão da minha turminha...”calma, perafá, ainda não me sinto preparada para esta mudança”

**Lázaro: e para fins burocráticos houve alguma diferenciação do curso ser a distância ou não, pra fazer enquadramento...?**

não, nenhum. Só houve problema que demorou um pouquinho a nosso reconhecimento do curso, eu tive que esperar, fui enquadrada agora, no final de 2008. (...) Mas a gente achou que demorou muito, entendeu, demorou um pouquinho. Mas eu tive colegas que conseguiram com a Declaração, eu não consegui, ...o meu voltou, dizendo que não valia a declaração de autorização, tem que ser de reconhecimento. Aí quando veio, já tinha sido reconhecimento e não deu problema, aí eu fui lá, peguei na UERJ, eles deram a declaração e fui enquadrada normalmente.

**Mudanças profissionais:**

Com o término da Graduação e da Pós Graduação pude trocar de função na Prefeitura na qual trabalho: mudei de professora de Educação Infantil para Orientadora Pedagógica.

Finalmente estou realizando um sonho que sempre desejei! Pacientemente subi degrau por degrau para alcançá-lo. Atualmente gostaria de trabalhar na área administrativa com recursos humanos, talvez em Educação ou quem sabe no ramo empresarial.

Mas este é um novo sonho que ainda estou começando a sonhar!

Deixo pra você uma frase que carrego sempre comigo:

“Nunca se desfaça de seus sonhos. Sem eles você poderá até existir, mas terá deixado de viver.”

**Lázaro: do ponto de vista prático, você já era professora, agora fez o curso e já é graduada, esse curso teve alguma mudança prática, como cargo, salário ou alguma coisa nesse sentido?**

Não... Eh, mais ou menos, porque eu comecei a atuar na parte de orientação da escola, mas depois eu saí dessa parte e voltei a ser professora, mas de certa forma ajudou. Além de ter conseguido passar em concursos públicos, porque eu trabalhava em escolas particulares. Eu consegui passar em primeiro lugar em um concurso público para Bom Jardim.

**Mudanças profissionais**

Como já afirmei anteriormente, trouxe maior segurança e autonomia.

Não, até o momento não houve nenhuma mudança de cargo devido à graduação. Montei processo para enquadramento, pois sou funcionária estadual, mas ainda não obtive retorno.

Sim. Prestei concurso para atuar no Ensino Médio com Disciplinas Pedagógicas, fiquei em 13º lugar, mas com a prova de títulos fui para 19º. Infelizmente, mesmo que seja chamada creio que não possa assumir o cargo, pois meu curso foi de apenas 3 anos e o CEDERJ/UERJ ainda não viabiliza a complementação do curso. Estou fazendo a Pós- Graduação Gestão Educacional para futuramente atuar como “inspetor-escolar”.

**E na prática, para a sua profissão, trouxe alguma diferença ter feito o curso, cargo ou algo nesse sentido?**

Ainda não, mas com certeza mudou, vai melhorar.

**Depois de formada você pensa em atuar em outra área?**

Não, eu gosto muito de sala de aula, mas, por exemplo, orientação, supervisão, eu teria outro caminho, né?

**Lázaro: e as perspectivas profissionais a partir do curso?**

eu hoje sou servidora pública, tenho 7 anos que eu sigo na área de saúde, lido com pessoas, eu sou atendente, relações humanas hoje são muito difíceis, principalmente na área de saúde, me dou muito bem, tanto que eu queria ir embora e não me deixaram, porque acha que eu vou fazer falta, graças a Deus, tomaram que eu não faça, porque outras pessoas serão capazes, mas os meu planos hoje eu to estudando que eu não parei de esudar, porque eu pretendo fazer um concurso público logicamente para a área de educação, dizem que no ano que vem vai abrir concurso e vou prestar outro concurso para ser professora da rede pública de Petrópolis.

**Lázaro: e as perspectivas profissionais a partir do curso?**

mesmo aposentada agora eu quero outra matrícula. Eu quero continuar.

**Lázaro: quais são as suas perspectivas profissionais, o que você pretende?**

eu queria muito poder passar para um concurso, daqui, da Rede de Petrópolis, tirar a prova dos 9 né, eu vou conseguir colocar isso em prática né, em uma escola que tenha uma visão legal. Porque mesmo sendo da rede municipal, era para ser um padrão, mas não é, cada escola faz de um jeito, cada bairro tem a sua realidade, então, tem escolas que são mais abertas ao novo, tem escolas que são mais fechadas, como te falei no Estágio, tinha uma Diretora que era mais fechada, apesar de ter todos esses cursos de atualização que a prefeitura sempre dá, mas era uma escola mais fechada, se eu conseguir uma escola mais tranqüila, com certeza eu vou usar.

**Lázaro: e quais seriam esses projetos? Profissionais?**

sim, penso em me qualificar para dar palestras sobre a minha área q é ed. especial

**Lázaro: O curso trouxe na prática alguma mudança profissional?**

como disse, apliquei os conhecimentos de outra forma.

**Lázaro: sim...Mudança de cargo ou algo neste sentido?**

houve proposta no dia seguinte a minha formatura para coordenar um pólo de atendimento, porém devido a problemas pessoais não aceitei.

**Lázaro: e você não foi?**

não compensava e agora fui convidada a ficar na sala de recursos multifuncional

**Lázaro: Você se acha preparada para isso?**

são apenas 2 na CRE onde trabalho, estou entrando em uma pós e farei um curso oferecido pelo MEC. Me convidaram pelo meu trabalho na Educação Especial e pela minha recente formação.

**Lázaro: Hum, então essa experiência de cursos a distância foi válida para você?**

sim, como eu disse apenas a parte presencial me decepcionou, a distancia sempre fui bem orientada.

**Lázaro: Você acha que é uma alternativa no que diz respeito à formação de professores?**

com certeza, penso em se houver possibilidade fazer mestrado da mesma forma, caso contrario tentarei quando meu filho estiver maior, penso em dar continuidade à minha formação.

**Lázaro: Então, você acredita que o curso teve uma influência significativa à sua prática...**

sim, aprendi com o curso a buscar respostas aos meus questionamentos.

**Lázaro: Você tem algum plano após o término do curso? Quais são as suas perspectivas profissionais?**

tenho, quero lecionar na Europa não quero virar uma simples dona de casa, não com a bagagem que tenho. Bem, tenho poucas opções na rede, mesmo porque a politicagem fala mais alto se é que me entende, todavia espero ir além.

**Lázaro: e em tendo poucas oportunidades, qual é seu panorama?**

meu objetivo é dar cursos e estimular os outros a seguir em frente meu foco é ir buscar na Europa um aperfeiçoamento estou pensando nisso e me preparando para investir na minha formação lá

**Lázaro: isso tudo na área de educação?**

sempre na Educação

## APÊNDICE B - Matriz de Análise das Entrevistas

IMPLICAÇÕES DO CURSO	
SIM	NÃO
<p>olha, eu vou falar, a faculdade abriu assim, um horizonte, eu tava muito presa ainda naquele tempo, do Normal, por mais capacitações assim que agente faça, não é a mesma coisa, né, o conteúdo que passou assim, na faculdade, ele foi uma coisa muito legal, que eu aproveito assim, tem, amigas que tornaram até tutores, né, do cederj, eh... que agente conseguiu fazer trocas, e conversar, deu para enriquecer muito o meu trabalho.</p>	<p>eu no momento estou aguardando essa migração, porque a grade agora tem umas disciplinas a mais e já vimos uma possibilidade de migração, os alunos da UNIRIO já adotou de alguns alunos migrarem e voltarem para fazer um complemento, uma outra oportunidade se houver fazer uma pós-graduação, um mestrado, então quem sabe? As portas se abrem, como eu falei, se eu quero eu sou capaz de conseguir, então penso realmente em continuar sim, até o último dia todo ser humano tem a oportunidade</p>
<p>Pra complementar, para continuar, para estudar mesmo. Para ir em busca mesmo. Eu sempre quis, a questão financeira, eu trabalhava, mas assim, gosto muito de ler, sempre corri muito atrás.</p>	<p>tem, até quando a gente se formou havia a promessa de neste ano, abriria tipo uma graduação, bem, uma continuação do curso, não chegaria a ser uma pós, para poder dar uma Licenciatura Plena, porque o nosso curso é para as primeiras séries do ensino fundamental, então teria uma continuação, um complemento de mais ou menos um ano, mais ou menos. Então a gente espera que isso aconteça.</p>
<p>E então quando surgiu essa oportunidade, eu quis logo, até porque existe uma exigência de que todo professor agora tenha essa formação, então eu vim e foi uma mudança assim de visão profunda, de renovação para minha vida, muito grande, porque, antes disso a minha formação foi bem na época militar, na época da ditadura, então eu tinha aquela visão de educação mesmo bancária, de muita rigidez, e esse curso me deu uma visão nova, um novo horizonte mesmo de enxergar a educação de maneira bem ampla, respeitando a</p>	<p>no curso não. Fala-se de continuidade sim, mas de uma maneira mecanizada.</p>

<p>individualidade dos meus alunos, respeitando a cultura, o meio social, então houve essa renovação na minha visão, daquela rigidez mesmo, por conta daquela época, daquele período, e mudei, enxergando a educação por outra visão, me abriu uma janela na minha vida.</p>	
<p>Ao longo do curso pude aplicar, refletir, construir, reconstruir muitos conceitos apreendidos nas disciplinas de modo a estabelecer uma ponte entre a teoria e a prática.</p>	<p>não, nenhum. Só houve problema que demorou um pouquinho a nosso reconhecimento do curso, eu tive que esperar, fui enquadrada agora, no final de 2008. (...) Mas a gente achou que demorou muito, entendeu, demorou um pouquinho. Mas eu tive colegas que conseguiram com a Declaração, eu não consegui, ...o meu voltou, dizendo que não valia a declaração de autorização, tem que ser de reconhecimento. Aí quando veio, já tinha sido reconhecimento e não deu problema, aí eu fui lá, peguei na UERJ, eles deram a declaração e fui enquadrada normalmente.</p>
<p>Sim. Ficava entusiasmada com os estudos realizados. Sentia-me desafiada na realização das atividades e dividia com colegas no trabalho, promovendo algumas mudanças positivas.</p>	<p>Não, até o momento não houve nenhuma mudança de cargo devido à graduação. Montei processo para enquadramento, pois sou funcionária estadual, mas ainda não obtive retorno.</p>
<p>Essa parte toda pedagógica, essa forma de lidar, que eu trabalho com educação infantil, né, embora o curso seja para ensino fundamental, isso dá pra trazer até pra educação infantil, isso...</p>	<p>Prestei concurso para atuar no Ensino Médio com Disciplinas Pedagógicas, fiquei em 13º lugar, mas com a prova de títulos fui para 19º. Infelizmente, mesmo que seja chamada creio que não possa assumir o cargo, pois meu curso foi de apenas 3 anos e o CEDERJ/UERJ ainda não viabiliza a complementação do curso. Estou fazendo a Pós-Graduação Gestão Educacional para futuramente atuar como “inspetor-escolar”.</p>
<p>eu mudei muitas coisas, que como eu te falei, né, agente fica meio que presa ainda no passado, né, e aí, por mais que você tenha preocupações leia e coisa e tal, o conteúdo assim da pedagogia ali deu para mudar muita coisa, muita coisa mesmo...</p>	<p>Ainda não, mas com certeza mudou, vai melhorar.</p>

a parte teórica, que eu não tinha, entendeu. Eu acho que meu grande ganho profissional foi essa, foi esse embasamento teórico, entendeu, porque eu tinha a prática, a prática a gente sabe até para ensinar...claro que ninguém sabe tudo, a prática é no dia a dia, são muito anos de magistério, e tudo, eu tinha a prática, mas eu não tinha a teoria.

Ela me deu autoridade. Profissionalmente, ela me deu autoridade, porque hoje eu to pau a pau com todo mundo que sabe muito, entendeu, na minha área, dentro daquilo que eu vivo, que é professora, da rede pública, do Rio de Janeiro, entendeu, eu acho que ficou com muita autoridade dentro do município. Hoje, entendeu, é claro que no município tem mestres, muito credenciados, mas a gente não tá muito distante delas, então por exemplo, você questiona a política educacional com mais, entendeu, embasamento. Você não fala, assim...por que o professor tem muita tendência de discordar de tudo, ele discorda...

Te dá muita autoridade para você discutir, entendeu...Eu não to em sala de aula, eu to em outras instâncias que de repente o professor de sala de aula não está, né, porque eu to em reunião com secretário, entendeu, então você assim, acaba ali, no grupo, entendeu, então no meu grupo de diretoras eu sou uma diretora que eu tenho credibilidade, entendeu, por que eu tenho credibilidade?

eu poder agora, de ter alguma dúvida e ter algum problema eu mesma vou procurar uma informação, não ter que ficar esperando a orientadora da escola ou ficar só reclamando.

eu acho que a mudança foi primeiro, mais em mim mesma, na minha forma de trabalhar. Acredito que eles devem ter percebido também, né. Mas eu percebi mais em mim mesmo, na

<p>minha forma de trabalhar, de ver, de como atuar com a disciplina escolar.</p>	
<p>Acredito que a lição mais importante que pude abstrair do curso foi a importância que nós educadores da atualidade precisamos dar as novas formas de interação entre professor / aluno / conhecimento.</p>	
<p>Sempre adotei uma prática reflexiva, construtiva e interativa, tanto no campo profissional como no pessoal. Entretanto os conhecimentos adquiridos no curso solidificaram uma postura de professor pesquisador, uma prática cada vez mais reflexiva, construtiva e interativa.</p>	
<p>Aprender a reconhecer minhas potencialidades e trabalhar na superação de minhas dificuldades.</p>	
<p>Eu acho que é a mudança do olhar. Eh...eu acho que a minha visão ampliou, eu mudei, eu senti que eu me transformei.</p>	
<p>Com certeza a valorização do ser humano, com tudo que ele traz da sua vida, da sua família, eu fiz a minha monografia sobre educação de jovens e adultos, então através do meu estágio que eu pude lidar mais, pude estar assim em contato, então eu vejo que o curso realmente mostra para o professor na formação dele como ele deve agir em relação ao seu aluno, a valorização do conteúdo que ele traz, de toda a sua bagagem, né, essa palavra foi muito falada, ou seja, valorizar o ser humano no que ele é, nas suas limitações, no todo seu ser, em toda a sua vida que ele traz.</p>	
<p>Eu aprendi a pesquisar para saber como ensinar. Eu aprendi que no curso à distância é necessário uma premissa básica: organização, mas eu burlo essa regra.</p>	
<p>vou logo na área financeira, (risos) eu tive um aumento, porque com o curso a gente ganha tipo uma gratificação, porque dá entrada no enquadramento por formação, aí vai aumentando seu nível, né, então isso já me ajudou</p>	

bastante.

.no pessoal, minha auto-estima melhorou. Eu tenho graduação, né, com certeza. Mas assim, melhorou minha auto-estima, financeiramente são R\$ 900,00 de diferença no salário, é considerável, né? Porque para mim foi, porque eu to em final de carreira, então, é um impacto legal no meu salário, foi por isso que eu to conseguindo pagar as contas, mais ou menos, tranquilamente, entendeu, mas tudo bem, para mim foi, mas aquilo que eu te falei, eu acho que eu sou uma pessoa com mais autoridade hoje, entendeu, eu tenho bastante autoridade para chegar, no meio dos meus pares e fora da escola, e assim, até dentro da escola.

Como eu te falei, a minha auto-estima melhorou muito, entendeu, acho que assim, tudo isso melhorou para mim, porque eu gosto, porque eu to nessa área, entendeu, para mim foi relevante essa questão da formação. Tem gente que não, tem gente que de repente faz para ter o diploma, eu não, eu fui porque eu queria ter mais conhecimento, eu queria ter o curso, entendeu, eu via essa necessidade, então, para mim foi muito importante mesmo, eu acho que hoje, como eu te falei, eu tenho a credibilidade, eu tenho a autoridade, assim, eu to parada, não to estudando, mas eu vejo o caminho, entendeu, eu vejo o caminho, eu vejo possibilidades, né, então assim, eu acho que como pessoa eh, eu acho que emocionalmente você se equilibra mais, você se equilibra mais, com certeza.

Eu nunca gostei de imposição, por que eu vou impor a uma pessoa, né? Então assim, eu gosto muito das professoras em geral, mas tem uma lá que eu gosto muito dela assim, gosto de todas, mas assim, ela tem um potencial muito bom, e ela também é muito interessada, e a Viviane é uma pessoa assim, ela já fez pós-graduação, mas

ela assim, tem o maior respeito por mim também, eu tenho o respeito dela, entendeu, ela me respeita muito como diretora, porque ela sabe que quando eu to fazendo um negócio eu to falando com propriedade, entendeu, eu acho que o curso me deu isso.

Aprendi a confiar mais em mim e aceitar grandes desafios no campo profissional.

Com certeza, eu acho que assim, ler mais, se posicionar mais né, antes eu recebia tudo calada, agora não, eu questiono qual é o porquê, porque que a gente não pode fazer diferente, se surge um problema, você tem como discutir.

Eu acho que mudou, principalmente quando a gente fala que fez o cederj, a pessoas notam a diferença.

Eu acredito que sim, porque eu acho que esse curso aqui tem um peso positivo, mesmo sendo a distância, ele conseguiu modificar as pessoas profundamente, a gente estudou muito. Mesmo sendo a distância ele teve muito valor.

na minha vida pessoal me fez ter uma nova visão do quanto é possível um ser humano crescer, porque a gente pensa assim, “ah a gente vai ficando mais velho e chega a uma idade que você já não aprende”, nada disso, tem condições mesmo de crescer e buscar cada vez mais e influenciar outras pessoas, como no caso meu marido que voltou a estudar, que ele viu que é capaz e que não pode parar no tempo. Minhas filhas, já é uma nova visão da importância dos estudos na vida delas. Minha mãe “foi, ela conseguiu, agora eu posso!”, foi uma mudança uma clara mudança na postura delas com relação aos estudos e hoje eu tenho orgulho de falar que minha filha ta na prefeitura, fazendo estágio, estuda de manhã e trabalha à tarde no estágio, fez o concurso e passou no concurso, então quer dizer, que eu fiz o vestibular fui capaz de passar, então

fiz um concurso, minha mãe conseguiu então eu vou conseguir. Então eu acho que, com certeza, até minha vida pessoal o curso teve uma grande importância.

eu também, acho que foi a realização de um sonho, porque sempre que eu queria buscava, tanto que na época meu irmão perguntou “por que, mas você com essa idade, para quê que vai fazer faculdade, tão velha?”. Então quando eu cheguei aqui a Presidente da UERJ, eu não sei o que ela era, com seus 70 anos, com uma lucidez, assim que a gente queria ficar escutando aquela senhora o tempo todo, ela ficava viajando pela Europa, Portugal e tal, falou, e aquilo foi dando um ânimo tão grande de incentivo, que a gente também pode, que a gente também deve continuar, independente de idade, vale a pena conhecer mais e nos livros também, né, ali a gente aprendeu tanta coisa, fiquei tão assim, depois que eu estudei os Movimentos Sociais, o MST que eu achava que aquilo ali era um aglomerado de pessoas fazendo baderna, existe ali, na cabeça daquelas pessoas um ideal, tem uma educação, uma linha educacional interessante e ali eu fui descobrindo tantas coisas legais, é isso, que desperta o desejo de saber mais, de conhecer mais, então a faculdade trabalhou a minha auto-estima também.

bom, na vida pessoal muda a gente por dentro, sem dúvidas, quanto mais a gente estuda, mais a gente muda.

Eh...”vou arranjar um jeito, ir lá”, mas assim, no início, foi muito complicado, aí eu fui aprendendo, aí fui perdendo o medo do computador (risos) aí eu consegui e depois aí...

Ah sim, com certeza, hoje não tenho mais medo dele, eu fiz o cursinho, tive que fazer um cursinho, né, um cursinho de informática, rápido assim, eu disse, “não, vou ter que fazer, vou ter que entender isso!”...Eh...essa dificuldade me levou a ter interesse,

<p>pelo computador, pela informática, a procurar entender, a mexer numa coisa que eu deixava pra lá...</p>	
<p>olha, ehh...assim, ficou mais tranqüila entendeu, mas eu não sou, eu particularmente não sou uma pessoa assim muito, entendeu, assim que vive, ela vive dentro do computador (Carla) eu não, eu já abro assim, eu não...já é meu mesmo, entendeu, meus interesses não...então somos assim..eu não tenho dificuldade de até acessar as tecnologias, entendeu, mas não tenho muita,...eu, eu, isso é pessoal, é pessoal, entendeu é muito voltado para mim, muito para a questão pessoal, eu não sou muito atraída pelas tecnologias, por esse uso, por essa mediação.</p>	
<p>olha, eu tinha um pouco, melhorou, melhorou porque eu tive que usar mais, né, mas ainda tenho muita coisa para aprender. A informática mesmo, do conteúdo do curso eu não peguei bem não.</p>	
<p>Sim, bastante, eu não sabia nada, não mexia em nada. Só depois que eu entrei para o curso. Eu não sabia nada de nada mesmo, sei que agora melhorou bastante.</p>	
<p>Sim, tive muitas dificuldades em lidar com a “máquina”, e confesso que ainda tenho. Não tinha computador em casa e morria de medo de estragar a máquina. Não manuseava vídeo nem acertava rádio relógio, detestava celular. Entretanto, atualmente, os estudantes não apresentam dificuldades em relação às TIC.</p>	
<p>sinceramente, foi o curso que me impulsionou a comprar um computador, que eu sabia que no final ia ter que fazer monografia, eu não ia poder ficar contando com LAN House e muito menos computador do trabalho, então foi o curso que me incluiu digitalmente, e tenho certeza que a muitos professores, porque hoje onde a gente vai ter um computador e a gente precisa saber lidar com isso,</p>	

não só na área de informática, bancos, cartões, tudo isso são sistemas de informática que a gente tem que estar lidando, tem que estar conhecendo, se não a gente fica perdido né.

a primeira coisa que eu fiz ao passar no vestibular foi comprar um computador, porque se não eu ia passar às escondidas, aqui na época o laboratório aindaq era bem deficiente, só tinha aquele lá do canto, as máquinas normalmente estavam quebradas, às vezes não tinham quem abrir o laboratório, então quem não tem o computador em casa, com acesso à internet, fica complicado. Eu não tinha muito conhecimento, pois só tinha tido no 2º grau, que eu estudava em uma escola particular e tinha né, tinha aulas de informática e tal. Então depois disso eu parei completamente, então tive que voltar a estudar, conhecer outro mundo novo, não tinha contato com o computador, com a internet muito menos.

fui aprimorando com o tempo.

Assim que terminei essa graduação percebi que ela não estava completa para o que eu pretendia atuar, pois não queria parar apenas como Pedagoga para as séries iniciais. Eu queria mais!

Desde a minha formatura procurei dar continuidade aos meus estudos: fiz um curso para aprender o Código Braille, outro sobre conhecimentos básicos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), e outro sobre o sorobã (a matemática para o cego) etc.

Eu acho que deixam uma semente que não dá mais para cortar, deixou plantado na gente a busca, o querer, mesmo que a questão financeira fique pesando de alguma forma, você ta sempre querendo aprender coisas novas. Deixou uma semente bem legal.

só mestrado e depois vejo quero tentar em Lisboa

**eu poderia, eh..., até já surgiu o convite de trabalhar como coordenadora pedagógica lá mesmo, mas aí eu fiquei**

meio assim “não, dá mais um tempo, deixa eu continuar trabalhando, minhas aulas, que é o que eu gosto mesmo”..Assim de repente, futuramente, pode ser que eu abra mão da minha turminha...”calma, perai, ainda não me sinto preparada para esta mudança”.

Com o término da Graduação e da Pós Graduação pude trocar de função na Prefeitura na qual trabalho: mudei de professora de Educação Infantil para Orientadora Pedagógica.

Finalmente estou realizando um sonho que sempre desejei! Pacientemente subi degrau por degrau para alcançá-lo. Atualmente gostaria de trabalhar na área administrativa com recursos humanos, talvez em Educação ou quem sabe no ramo empresarial.

Não... Eh, mais ou menos, porque eu comecei a atuar na parte de orientação da escola, mas depois eu saí dessa parte e voltei a ser professora, mas de certa forma ajudou. Além de ter conseguido passar em concursos públicos, porque eu trabalhava em escolas particulares. Eu consegui passar em primeiro lugar em um concurso público para Bom Jardim.

Como já afirmei anteriormente, trouxe maior segurança e autonomia.

eu queria muito poder passar para um concurso, daqui, da Rede de Petrópolis, tirar a prova dos 9 né, eu vou conseguir colocar isso em prática né, em uma escola que tenha uma visão legal. Porque mesmo sendo da rede municipal, era para ser um padrão, mas não é, cada escola faz de um jeito, cada bairro tem a sua realidade, então, tem escolas que são mais abertas ao novo, tem escolas que são mais fechadas, como te falei no Estágio, tinha uma Diretora que era mais fechada, apesar de ter todos esses cursos de atualização que a prefeitura sempre dá, mas era uma escola mais fechada, se eu conseguir uma escola mais tranquila, com

certeza eu vou usar.	
sim, penso em me qualificar para dar palestras sobre a minha área q é ed. Especial.	
houve proposta no dia seguinte a minha formatura para coordenar um pólo de atendimento, porém devido a problemas pessoais não aceitei.	
sim, aprendi com o curso a buscar respostas aos meus questionamentos.	
tenho, quero lecionar na Europa não quero virar uma simples dona de casa, não com a bagagem que tenho. Bem, tenho poucas opções na rede, mesmo porque a politicagem fala mais alto se é que me entende, todavia espero ir além. meu objetivo é dar cursos e estimular os outros a seguir em frente meu foco é ir buscar na Europa um aperfeiçoamento estou pensando nisso e me preparando para investir na minha formação lá.	
com certeza, penso em se houver possibilidade fazer mestrado da mesma forma, caso contrario tentarei quando meu filho estiver maior, penso em dar continuidade à minha formação.	
bom, na vida pessoal muda a gente por dentro, sem dúvidas, quanto mais a gente estuda, mais a gente muda, agora a forma profissional, eu não voltei a lecionar, eu to trabalhando em outro ramo por falta de oportunidade, queria tentar um concurso por aqui mas está mais difícil, mas eu não sei como vai ser na forma profissional.	
foi, eu fiz um curso de extensão no ano passado pela UFF, diretores, e assim, percebi assim, que ao longo do curso, eu era a que tinha mais fundamentação teórica era eu.	
eu aprendi a pesquisar para saber como ensinar. Eu aprendi que no curso à distância é necessário uma premissa básica: organização, mas eu burlo essa regra.	
Eu vi que eu ainda era capaz, eu já tava em fim de carreira, então ainda tenho	

até um desejo de continuar, faze rum concurso, eu fiz bobagem não fiz o último, porque eu achava que não ia dar tempo, porque eu não tava formada, mas a prefeitura de Petrópolis só aceitava professores graduados, e eu não tinha me formado ainda, tanto que outras colegas fizeram se formaram e estão lá e eu to só no Estado, eu era da prefeitura, saí, mas ainda desejo retornar.

eu acho que muito boa, você vê, a maioria das cidadezinhas hoje em dia tem um pólo do CEDERJ né, então isso aumenta as chances de qualquer um, são poucas vagas ainda, hoje em dia eu acho que já até ampliou, como eu falei, quando eu entrei eram vinte vagas, hoje já são quarenta, então quer dizer, antigamente sobrava espaço nos pólos, hoje já tem que pegar outros andares no prédio, então realmente ele aumenta muito as chances do professor, porque hoje em dia mesmo que é da rede municipal eles tinham um convênio com a UCP, então a prefeitura pagou a formação/graduação de todos os professores, e mesmo quem tava fora foi a chance da gente poder estudar.

são apenas 2 na CRE onde trabalho, estou entrando em uma pós e farei um curso oferecido pelo MEC. Me convidaram pelo meu trabalho na Educação Especial e pela minha recente formação.

É SÓCIO-INTERACTIONSITA	
SIM	NÃO
<p>não...eu, assim, às vezes ficava puxado de ter muitas matérias, muitas disciplinas né, e aí agente tinha que dividir direitinho pra estudar, e eu perdia muitos sábados e domingos nisso, né, mas, assim, quando eu tinha alguma dificuldade eu procurava a orientação dos tutores e eles sempre estavam ali.</p>	<p>já, já...o dia inteiro, aliás era manhã e tarde. Depois eu passei para a tarde e fiquei trabalhando um bom tempo só à tarde, e isso tudo só para conciliar tudo. Olha, não, e pelo contrário. Eu fui a que puxei todo mundo para vir, né, a princípio todo mundo achava que não ia dar certo isso, que isso não tinha legalidade, e então que a gente não ia conseguir fazer isso, porque a sua obrigação por estudar</p>

	<p>não existia, ter que fazer seu horário, então o pessoal falava que era mais fácil, então você ia acabar relaxando, e depois quando eu comecei a fazer e tudo, eu vi que não era nada fácil e comecei a ver que o material era muito rico, com muita informação, a gente tinha pouco tempo para absorver aquilo tudo, e não tinha ninguém com quem debater, e tudo mais, por mais que exista as tutorias, ou você podia entrar na Plataforma, a distância, ou aqui, mas aqui era, às vezes só sábados, às vezes era só um dia na semana e você não tinha como vir tirar dúvidas de uma coisa que você nem tinha acabado de ler, então não funcionava muito bem essa parte.</p>
<p>eu fazia o meu tempo, então eu estudava dentro da proposta que eu tinha né, se eu tinha o tempo da noite, eu deixava um pouco da noite para fazer.colocava a criança para dormir e ia estudar, se não, eu ia para a casa da Conceição, eu sempre fazia um esquema, até então ela não tava trabalhando também, ela tinha a facilidade do dia todo, então eu estudava pela manhã, então a flexibilidade do tempo foi o que mais me ajudou.</p>	<p>Porque às vezes a gente acaba sabendo mais como aluno. Entendeu, a gente corre para ele...entendeu, a gente acaba sabendo mais do que ele, a gente acaba ficando muito crítica, entendeu, em relação ao tutor. Porque você sabe muito, você ta no dia a dia, você sabe... e por mais que o curso, como eu falei, ele é muito bom, ele é muito bem fundamentado, eu gosto muito do curso, eu falo com meus alunos, quando eu dou aquela aula, “Gente, leva a sério, porque o curso, ele tem uma fundamentação lá da academia muito boa, porque você fica antenado com os autores que estão ali, que são os grandes, e dá com todo mundo que ta na educação hoje, que todo mundo lê, que todo mundo sabe, né, porque os professores procuram ter esse fundamento teórico”. O curso também, eh... ele te dá, essa questão da vivência da prática, entendeu...</p>
<p>não, é sim, porque primeiro assim, para ela focar em algum dado que ela ache importante, às vezes não é o que você acha, né, então assim, são idéias diferentes. Mas se você pegar o do tutor, o que ele acha mais interessante, às vezes vai justamente para o lado do</p>	<p>não, para mim houve, entendeu, é exatamente isso, eh.., a gente assim, o tutor tinha ali o lado do acadêmico, entendeu, que é importante, também, que é importante, mas ele não socorria a gente nas questões práticas. Eu senti muito isso aí. E</p>

<p>professor que elabora a prova né, então eu acho que é válido sim. Muito válido, pelo menos a gente fez uma parceria com os tutores aqui, todas elas conhecem a gente, tanto Bianca quanto Conceição, a gente era presente, a gente não faltava às tutorias, entendeu?</p>	<p>agora até que não, ta mudando...A Maria Emília, ela falou que tão pensando muito no papel do tutor, né, que, porque o próprio CEDERJ tá vendo o tutor, porque antes, o tutor não pode dar aula, entendeu, não pode dar aula, ele não é professor, mas hoje a gente ta vendo que ta tendo um leque maior de atuação, embora a gente não dê aula tradicionalmente, então às vezes o aluno, por mais que ele seja autônomo no estudo dele, ele tem essa dificuldade, né, de que o tutor vai passar alguma coisa para ele, e o tutor ele é assim, entendeu, pelo menos no molde que eu vi, não tinha muito essa volta do tutor.</p>
<p>Eu acho que no começo, quando a gente fala a distância, a gente pensa que seria muito fácil, mas quando eu comecei a ver o curso em si, eu falei “caramba, isso é muito interessante, é muito legal, vai valer a pena, vai me transformar”.</p>	<p>não. (...) Eu acho que ajuda muito né. Ajuda muito o professor, ele fica preso, na sala de aula, à rotina, já sabe, e o que eu aprendi muito no curso e a procurar as informações, mesmo depois que o curso acabou, porque se há uma coisa incomodando, você pode procurar uma informação, não tem porque viver com aquilo.</p>
<p>isso... Eu acho que pelo menos o esforço foi feito, né, se você precisasse de alguma ajuda, você podia ligar, mandar por e-mail, podia ir lá, tinham sempre alguém para te dar um suporte, eu que raramente ia, porque falta de tempo e essas coisas, eu tentava eh..., tirar minhas dúvidas lendo mesmo, e maneira que eu tinha essa facilidade, que tinha duas professoras do colégio que eram tutoras, né, aí às vezes eu conversava com elas, e tal, eh...eu tirava até minhas dúvidas por lá mesmo, entendeu?, pela escola, mas assim, se funcionava direitinho que você quer saber, eu acho que sim, pelo menos eu não tive nenhum problema de assim, “ah, pô”, entendeu de reclamar, e tal.</p>	<p>eram, eram... eram sim. Algumas avaliações a gente achava muito a parte de decoreba, alguma coisa muito assim, voltada para a teoria, mas uma teoria que não era...considerávamos muito importante aquela parte, a tutora também considerava muito aquele item e falavam sobre a árvore em vez de falar sobre a casa, então eram umas coisas que assim, entendeu, que meio louco, para completar com uma palavrinha que você leu no livro em várias páginas, entendeu, eu acho que isso era meio perdido.</p>
<p>deu...porque o curso é muito bem fundamentado, ele é bem fundamentado, assim, ele abraça as</p>	<p>No material didático e na prova, eram muito assim dessas provinhas de pegadinha. Assim, a gente sentia</p>

<p>disciplinas que temos que lidar no dia a dia da escola, entendeu, e ele é muito bem fundamentado.</p>	<p>muita dificuldade. Quando era prova dissertativa, a gente conseguia tirar boas notas muito mais do que essas que eram para...objetivas, mas para completar com uma palavrinha que não tinha, que não chamava a atenção, eram coisas bobíssimas, mas fora isso, o material é muito rico, todo mundo que pede, que é de outra universidade acha que é excelente, né, eu titrei muito para a minha gestão do trabalho, eu consegui tirar muita parte dali para poder me ajudar, o material para poder voltar para a gestão.</p>
<p>Peraê...as práticas de tutoria...eu to como tutora agora, eu também (risos) eu sou um pouco...coisa de falar ne, porque eu to tutora, mas por exemplo, como tutora, eu acho que (...) faz isso. Eu levo muito do que eu vivo também, entendeu, eu acho que o que é mais meu de tutora é exatamente isso, de eu ta com o pé na prática, entendeu, então, eu senti um pouco de dificuldades nas tutorias lá, porque não tinha...dessa relação com a teoria e a prática, eu acho que os tutores não têm essa relação com a prática como a gente tem, entendeu, no geral, assim, tem muita gente que tem.</p>	<p>quando era uma prova objetiva, para completar a palavrinha, oh, isso aconteceu muito em EJA, na EJA era direto, o material é rico tem muitas informações e eles pegavam umas coisas que não tinham muito a ver, eh...Português Instrumental, a gente até gostou e tudo, maravilhoso o trabalho, mas também iam em umas partes que não tinham muito a ver com o material, entendeu, assim, em algumas disciplinas a gente tinha tido dificuldades com isso, porque era justamente onde a gente tirava sete, oito, era dali, porque a gente não tinha fixado tanta coisa, a memória agora não era mais a mesma de quando adolescente, quando eu era pequena era mais fácil né, mas agora não é mais a mesma, então, a gente sentia dificuldade sim.</p>
<p>é, eu não achei tão difícil não, tem que se empenhar muito, mas eu achei assim, o material é bom, bem explicativo, e não gera muitas dúvidas.</p>	<p>O que precisa ser revisto é a formulação das provas, porque era o que dificultava, porque o material se você for ler, você não vai conseguir ter dificuldade nenhuma de fazer uma redação, uma coisa que peça sobre o assunto.</p>
<p>raramente acontecia alguma divergência, mas assim, a maioria conciliou tudo, sempre foi favorável, acho que não teve muito...</p>	<p>Ai, eu não sei, como é que eu vou explicar?...às vezes eu acho que nas provas...Algumas vezes as questões eram muito fechadas, tinha que ser aquela resposta ali e pronto, há coisas que você tem que considerar, olhar vários aspectos do aluno,</p>

<p>As que voltavam mais para a prática não eram tanto, porque a gente conseguia dialogar, fazer uma dissertação maior em uma prova subjetiva, que você conseguia discutir ali situação que você tinha estudado. Então você conseguia mostrar que você tinha estudado.</p>	<p>essas coisa...Em algumas coisas... eu acho que havia. Os livros didáticos falavam de uma educação voltada para o aluno, valorização do aluno, e a gente muitas vezes via que ficava em relação não sei se ao pólo, não sei se ao curso em sim, porque a gente nem tinha muito acesso ao pessoal da UERJ, eu acho que na minha opinião não tinha muito a ver não. Essa questão da valorização do aluno não acontecia na realidade não.</p>
<p>Eu achei muito bom, porque eles ajudam bastante, porque o “pessoal” pensa que a distância ninguém ajuda em nada e a equipe deu uma assessoria muito boa, tanto presencial quanto a distância.</p>	<p>eu acho que não tanto pelo próprio curso, eu acho que o curso prega uma coisa e realmente cumpre, pelo menos 90 % ao pé da letra, mas a postura de alguns profissionais ainda é muito tradicional, dos professores...dos tutores. No caso do de Pedagogia eu não digo, são um ou dois, mas como as nossas provas são feitas com tutores de Biologia, Matemática nunca é o tutor do nosso curso, então quando a gente ia fazer prova, a gente sentia que o nosso curso tinha uma postura diferente, como se fosse um preconceito. Eles acreditam que é um curso mais fácil, mas na verdade não é, matemática a gente sabe que é um curso difícil, mas sem a Pedagogia, ninguém faz a sala de aula. Eles pensam que o curso é mais fácil, que os alunos vão colar numa faculdade dessas, uma pessoa que faz uma AD do nível que a gente faz, não precisa colar numa AP pelo que a gente estudou, nas horas de formular um trabalho, trabalho acadêmico que é muito elaborado.</p>
<p>Sim, o PPP do curso não tem a preocupação em dar “receitas”, mas um convite a reflexão e construção do conhecimento tendo como base a própria realidade e as experiências de cada discente. Promovendo momentos de debates, fóruns, observações e relatos e indicando a necessidade da construção ou reconstrução do PPP</p>	<p>sinceramente, não, o que esta nos livros é bem diferente da pratica. A parte da dialogica nao funciona. foi o q disse, não há interação...é o q a pessoa falou e ponto, não há argumentação. Essa foi a minha experiência.</p>

diante de novos estudos.	
<p>Aqui no curso, muito boa, assim, a gente tinha prazer de vir para cá, trocar informações, ler, pesquisar, por exemplo, as meninas, a gente trocava informações, a gente pesquisava, e eu acho que foi muito válido, entendeu, esse tempo de construção, de querer, de buscar mesmo.</p>	<p>aos tutores, nos livros as coisas são bem diferentes, como na pratica também. Mas valeu a experiência. Porque não é problema de ser a distancia ou presencial, a questão é q nos livros sempre tudo é mais simples.</p>
<p>em relação à tutoria, alguns deixavam a desejar, outros, por exemplo uma tutora de Estágio, que eu acho assim um exemplo, porque ela foi excelente para mim, principalmente para mim que não tinha a prática, não vivia a prática em sala de aula, ela como tutora de estágio para mim foi um exemplo, me incentivou em todos os trabalhos, as idas às escolas, as dúvidas que eu tinha, em relação até ao próprio PPP da escola onde eu ia, porque eu nem sabia que existia isso, e que eu acho importantíssimo uma escola funcionar dentro do seu projeto, que é ele quem indica os caminhos de como uma escola tem que funcionar, entendeu, e passei a valorizar esse documento, peguei o da escola, porque foi necessário para o estágio, e ela foi uma tutora excelente que para mim serve como exemplo, nas minhas avaliações eu sempre a colocava como um X do CEDERJ como referência de professor, exemplo dedicado, eu acho que tem sim, ela foi durante todo o meu estágio a minha referência como professora, que eu gostaria até de ser igual, de tanta dedicação.</p>	<p>no material e em alguns tutores, que querem que você termine a qualquer custo.</p>
<p>havia uma tutora que foi a ponte entre a teoria e a prática, foi excelente mesmo, e outras assim, a questão da renovação foi ela, fazer com que a gente entendesse tudo que estava ali, muito teórico, muito fundamentos, muita teoria e pensadores, e ela via aquilo de maneira muito agradável.</p>	<p>não vejo. Amigo o que vi, de 2007 pra cá, quando meus colegas concluíram o curso foi muita gente passando sem saber porcaria nenhuma absorvendo pouco do que aprendeu.</p>
<p>não, tudo era muito próximo da nossa prática, eh...matemática, português, e as outras disciplinas didáticas, que, tudo muito assim, eh...muito voltado</p>	<p>ahhh, a parte da prática, de trabalhar com Linux. Na época não conseguia ninguém que pudesse orientar, aqui no CEDERJ mesmo foi muito</p>

<p>mesmo pro professor, entendeu? Eu acho não, sei, porque nunca fiz outra faculdade, se a teoria caminhava muito próximo da prática, não tinha essa coisa, porque muitas vezes agente vê, a teoria uma coisa linda e maravilhosa mas que você tá vendo que isso é impossível de utilizar na prática, né, mas aí...O conteúdo era muito próximo.</p>	<p>complicado a parte da tutoria.</p>
<p>Então, eu acho que essa questão do auto-didatismo que a gente tem, que o ensino a distância você tem que ter isso, né, então se você leva aquilo a sério, corre atrás, você vai muito longe, entendeu, se você conseguir condições, então assim, eu acho que os professores e até os cursos de pedagogia que não são no molde do nosso, tá, eu não sei se o presencial da UERJ dá, de repente até dá, esse embasamento todo.</p>	<p>olha eu achei que não, porque eu gostaria de ter aprendido a parte prática que foi ensinada, mas ficou só na teórica mesmo, pra mim ficou, e eu acho que foi com todo mundo, é difícil na época conseguir alguém que soubesse te ajudar com o Linux, de toda formatação.</p>
<p>Sempre tive uma atitude reflexiva, construtiva e interativa na prática docente. O curso trouxe a consciência das minhas habilidades, fortalecendo-as, além de incitar-me a superação das minhas dificuldades.</p>	<p>eu não gostava muito de acessar, a tutoria a distância, eu achava isso muito difícil, entendeu, por telefone era impossível, você liga e a musiquinha começa, horas a fio, você não consegue falar com o tutor, e pela internet, a resposta, eu botava algumas vezes na internet, pergunta de AD, AP, e tal, mas era muito difícil esperar, pois às vezes vocês está estudando uma matéria e fica com aquilo naquele momento e aí até a responder vir você já está estudando outra matéria, estudando outra solução para aquilo.</p>
<p>Não, o curso atrela teoria/práxis x reflexão/ação, através da fundamentação teórica e metodológica. Não há uma preocupação em afirmar o que é certo ou errado, mas levar o aluno a uma profunda reflexão.</p>	<p>os tutores presenciais não satisfaziam minhas necessidades, nunca tinham respostas e não analisavam os questionamentos.</p>
<p>de cara eu achei que havia muita leitura repetitiva e todas interligadas em algumas disciplinas (Didática. Fundamentos, Prática), mas foi bom, isso me fez aprender mais, e acabei por aprender a ler os tópicos somente, pois o teor eu já conhecia muitas vezes fiz provas sem um estudo prévio, pois</p>	<p>acho, só há menção de que seria bom q o professor se qualificasse, mas não há estímulos. Penso q o curso deveria dar ênfase ao mestrado e doutorado.</p>

<p><b>já conhecia bem o assunto</b></p> <p>há...o curso explora esse lado do profissional reflexivo e atuante, vejo nele uma tríade: pesquisa&gt;reflexão&gt;atuação</p>	<p>de onde os tutores nao estimulam, ao contrario... Mas a diretora é ótima...ela até me mandou orientações pra pós. Mas os tutores geralmente não sabem informar nada. Fica um jogo de empurra tremendo.</p>
<p><b>Sim. O curso trouxe conhecimentos básicos e fundamentais. Dentre eles a certeza de que o domínio puro e simples das ferramentas por si só não garantem a aprendizagem, mas sim o uso pedagógico e crítico dos TIC.</b></p>	<p>estou falando da minha experiência. A minha monografia foi feita com sucesso graças a tutora a distancia pois a presencial, até perder minhas anotações perdeu e disse na minha cara q eu não entreguei.</p>
<p>era orientada por alguns tutores a distancia, minha monografia foi toda orientada a distancia.</p>	<p><b>Tem uma separação muito grande entre o que é proposto no curso e o que eles pregam com a gente.</b></p>
<p>com certeza, o meu orientador que era lá da UERJ, o Ozias, foi meu orientador, me deu assim, sabe, me deu dicas legais, sabe? E como é que foi a minha monografia? Foi minha vida na escola, entendeu, eu peguei tudo que eu tinha nesses trinta anos de carreira, entendeu, fundamentei teoricamente, o Ozias me deu umas dicas, umas coisas de livro, entendeu..</p>	<p><b>é, porque às vezes juntava o peso, ficavam duas tutorias no mesmo horário, não tinha aquela periodicidade de ser cada uma em um horário, e a presença não era assim, era Eu, Conceição e a Tutora, e com a Conceição eu já tirava as dúvidas, então não me enriquecia muito, vir à tutoria. Às vezes eu preferia mandar pela plataforma, tirar a dúvida ali se tivesse alguma coisa, e questionar.</b></p>
<p>Estimulam. Sempre procuram saber se a gente está fazendo alguma coisa, mandando cursos de capacitação por e-mail, vendo se a gente continua.</p>	<p><b>Como eu disse apenas a parte presencial me decepcionou, a distancia sempre fui bem orientada.</b></p>
<p>Durante todo o curso fomos incentivadas a prosseguir os estudos pelos tutores e equipe do Pólo, pelo próprio material didático e pela equipe da UERJ.</p>	
<p>há essa premissa em seus conteúdos, o curso em si privilegia o campo das pesquisas e esse perfil do professor-pesquisador.</p>	
<p><b>olha, eu não participei muito não, foram poucas porque no sábado eu usava muito para estudar, todas as disciplinas, então eu participei de poucas. Eu achei muito boas as que eu participei.</b></p>	
<p><b>acredito q se aproveitasse essa diversidade o curso seria ainda rico,</b></p>	

mas existem as tutorias presenciais e quando fiz minha monografia a distancia a tutora sempre mediava o que eu expressava. O fato de ser a distancia não significa que tenha que ser sem flexibilidade.

É APLICÁVEL	
SIM	NÃO
<p>é, é sim...quando você se debruça sobre aquilo, é. Eu tinha uma colega que eu trabalhei num CIEP, que eu fui coordenadora dela, só que eu achava ela uma professora assim...sabe, ela era uma professora daquelas que vestem a camisa, que vira aluno com aluno, e eu sempre dizia “Fátima...você tem que fazer esse curso!” Sempre falei, e ela demorou uns dois ou três vestibulares para conseguir fazer, ela tá fazendo, e ela também é apaixonada, porque, ela vê no curso essa facilidade, ela teve um projeto com a turma dela, tudo baseado num projeto de Geografia, não sei qual deles, ela pegou o conteúdo de Geografia e ela levou para a sala de aula. Eu de repente um pouquinho menos, porque, eu não estava em sala de aula, entendeu, mas eu tenho uma prática muito voltada para o dia a dia da sala de aula, eu procuro me interessar, eu gosto, embora não esteja lá fazendo.</p>	<p>não, nós ganhamos agora, o último governo deixou seis computadores novos em quatorze escolas, né, eu acho até que é muito, eu acho até que isso é mais viável do que a questão do laboratório, o laboratório não vai chegar nunca nas nossas mãos, né, porque parece que é um processo caro, administrativamente, e esse projeto que ele fez, né, quer dizer, botou seis computadores tá lá parado, porque a gente não tem ainda, a gente não tem a prática com o computador. A gente não tem a prática ainda, então assim, tá lá, eu tô aguardando, junto da internet também, então eu to aguardando eu conseguir que a sala de leitura seja (...) para eu poder passar alguma coisa para ela, para ver o que a gente vai poder fazer com esses computadores ou não, entendeu, porque no momento a gente não pode fazer nada. Porque o professor de sala de aula em geral não tem esse conhecimento, para lidar com aquilo ali.</p>
<p>Atuo. Quanto a levar, eu levo bastante, eu acho que ajuda bastante. Principalmente porque eu trabalho com alfabetização. Então a parte de alfabetização me ajudou bastante na minha prática.</p>	<p>ai, eu acho complicado porque, não sei se porque eu to dentro, olha só, porque aí tem tantas questões, assim, primeiro, oh...eu acho que o professor ele é sufocado, tá, ele é sufocado porque a gente tá numa escola plural, entendeu, que ela só é plural filosoficamente, então ela não é plural para assim, que permita ao professor trabalhar essa pluralidade, entendeu, por que o que ele tem para trabalhar? Ele tem a formação dele que é, que não deu conta disso aí, começa por aí, a formação dele não</p>

	<p>deu conta, né, as condições de trabalho dele não são as mais satisfatórias possíveis, né, porque eu entendo assim, para você lidar com o aluno, com a diversidade que ta dentro da escola hoje, entendeu, você sozinho não dá conta, então, você sabe daquele discurso do governo é sempre a questão nunca tem dinheiro, né, nunca tem dinheiro...</p>
<p>Acho que de tudo um pouco dá para você utilizar para trabalhar. Não à risca né, mas um pouco de tudo.</p>	<p>Eu não consigo ver uma escola trabalhando com diversidade da forma como a gente trabalha, entendeu, sobrecarrega o professor, o professor é sobrecarregado de atribuições, entendeu, não é que ele não tenha vontade, falta de repente essa formação, mas ele também é muito sobrecarregado, né, porque ele tem que lidar imensas questões dentro do contexto escolar: o aluno que é difícil de se relacionar, a família que é difícil de se relacionar. Quer dizer, tudo isso aí, eu acho muito difícil, e ele é engolido pela burocracia escolar, eu acho que ela...ele é engolido, ele tem calendário, ele tem prazo, ele tem que preencher, entendeu, então eu vejo...não é que ele, que as pessoas, eu acho que assim, não queiram fazer...existe um grupo que é cabeça dura mesmo, falou que é coisa, já bota o pé e diz que não vai fazer, mas não vejo isso como a maioria não, eu vejo isso que eles não tem assim, nem tempo de parar para pensar naquilo ali, entendeu, eles estão cumprindo o que os outros estão mandando eles fazerem.</p>
<p>Sim, também além de você poder fazer consultas, você ter o material para pesquisar o porque daquilo estar acontecendo, o que você pode fazer para melhorar, a partir do que foi lido e do material.</p>	<p>não, mas atualmente eu acho que isso, pelo que eu conheço das escolas, ainda está bem no início, tem escolas que o computador só na secretaria, acesso de professor só para redação de provas, então eu acho que ta bem no início ainda, mas eu acho que é possível e como os livros avançaram nas escolas pode</p>

	avançar. A preparação de professor com relação a essa possibilidade de trabalhar com a informática e passar conhecimento pelas tecnologias acredito que sim também.
Percebi que muitas estratégias que utilizava intuitivamente em sala de aula estavam respaldadas em teorias e estudos de autores renomados.	por enquanto não, mas muitas coisas estão mudando .
há possibilidades, mas eu acredito que não sejam em todas as escolas pois nem todas estão abertas a métodos novos, de uma forma igual como a gente vai interagir, como a gente vai entregar conhecimento, que não é a proposta do CEDERJ. Na escola onde eu dava estágio era uma escola muito tradicional, no próprio PPP ela se definia tradicional, e não abriam mão disse de maneira alguma, então para eles o simples fato de você abrir uma roda e dizer “vamos conversar” de mexer qualquer coisa que saia do comum não está certo. Então quando eu chegava para dar uma aula prática era encarada como “lá vem a maluca” os alunos adoravam “a tia chegou”, mas as professoras falavam “ai meu Deus”, mas fazia um resultado muito bom, que elas saiam pelo menos perplexas, porque elas olhavam e falavam “olha o trabalho lindo que resultou” saiam poesias lindas, aprenderam certas matérias em que estavam com dificuldades, então realmente faz efeito, mas você tem que ter apoio né.	como te falei desde o princípio a teoria não bate com a prática a realidade desses municípios pobres é bem diferente. hoje vejo que as dificuldades são enormes temos desde barreiras arquitetônicas e dificuldades de se implementar um projeto até o mau uso dos equipamentos muitos professores nem sabem usar uma tv mais moderna, um tocador de CDs, e...por incrível que possa parecer as pessoas resistem ao seu uso poucos sabem o que são as TIC.
é...desde que você os vá adequando a realidade do colegiado em que atua.	Eu acho que vai ser viável em algum tempo, algum tempo sim, mas no Brasil parece que tem várias realidades, então eu acredito que só daqui há algum tempo, só com muita vontade.
Assim, como essa parte toda que tinha aula de ...disciplina de corpo e movimento, de, de, .. “que mais gente”, de português também. Tem coisas ali , tem coisas assim, que você pode usar tudo para os menorezinhos, eu aproveitei muita coisa.	o CELITA é uma escola com dificuldades até para merenda, existem discrepâncias no município, enquanto as escolas do Estado, ao lado, têm ar refrigerado e sala de informática as do município têm mais a boa disposição do professor e a

	sua garra
<p>há...tudo pode ser modificado, adequado, em qualquer área de ensino o Pedagogo tem esse perfil...de buscar no que aprendeu a transposição de ideias para a melhoria do ensino.</p>	
<p>eh, ta mesmo...eu digo pela minha escola, agora, é com a saída do César Maia, que ele mandou os computadores, lá só tinha, só havia dois computadores, em uma escola que é um CIEP, é enorme, e era uma briga porque a Direção tinha que usar, quer usar, a coordenadora precisava usar e ninguém tinha acesso, e algumas coisas na tutoria e tal, e falava “-pega na escola, faz na escola, tá com dificuldade”, “impossível, eu na escola fazer alguma coisa pelo computador, pra mandar pra vocês, tem que chegar em casa à noite e tentar fazer”, aí eu explicava isso, “ah, mas não é possível, fazer o quê?”</p>	
<p>Tem, tem assim, têm escolas, que até no município, que têm já sala de informática, e tudo, mas por exemplo, aqui tiro pela minha escola, né, é muito complicado, eu não podia contar com isso, lá, né, agora chegaram, chegaram, no final do ano chegaram seis computadores para a sala de leitura, mais dois, quer dizer, ta equipado, mas não estão funcionando ainda, não sei como é que vai ser, quando começar a funcionar, precisa instalar, precisa resolver lá a parte elétrica, isso e aquilo, estão lá.</p>	
<p>As TIC podem ser inseridas no dia a dia da sala de aula através do uso crítico e reflexivo do computador e da internet, permitindo o estudo individual e ou a troca simultânea de conhecimentos com outras pessoas. Promovendo a mediação entre a máquina e o homem, oportunizando a interlocução de vários saberes e de diversas formas, com a utilização de recursos metodológicos variados.</p>	
<p>Sim, é possível. As múltiplas formas como se apresentam as informações:</p>	

através de imagens, de sons, textos publicados na mídia eletrônica, com desenhos, estilos, formatos e linguagens diferentes permitem ao aluno, através da interação professor-máquina, separar selecionar, categorizar, analisar diferentes formas e conteúdos das informações recebidas. Relacionando-as ao conhecimento próprio servindo de base para novos conhecimentos.

com certeza, porque você chegar para uma criança, né, não posso nem falar com relação aos adultos, à EJA, mas se você chegar para uma criança e falar de computador, já atrai pode falar de computador e ensinar através da informática, de alguma forma, eu acho que é viável sim, desde que as escolas tenha suporte.

lá nós somos privilegiados, no CIEP em que eu trabalho tem dois laboratórios de informática, e tanto nas salas agora, o Estado ta trabalhando no sentido de informatizar tudo e existe muito interesse por parte do Governo e do Estado de facilitar, eu tava vendo uma carterinha, aqueles cartões magnéticos para acompanhar o aluno, então a coisa ta caminhando ainda, então nesses dias na escola eles fizeram o cadastramento dos alunos, os alunos tiraram fotos, ahco que a partir de julho eles vão receber essa carterinha e vai ter muito mais computadores na escola, então lá na escola, tem dois laboratórios de informática e toda a escola tem computador, nas salas não, mas alguns professores já receberam o Laptop, nós não, do ensino fundamental, mas a maioria já recebeu.

eu acho que até para para aplicar, mas é distante pelo lado material, as escolas públicas a gente não tem uma rede de acesso como tem na secretaria ou é uma salinha pequena, só para os professores usarem, aqui em Petrópolis a gente ta até com um projeto, um Programa do governo, ta

<p>para chegar trezentos computadores para as escolas, na parte material. Agora quanto aos professores, eu acredito que não seja tão difícil assim, até porque a internet todo mundo já conhece, já sabe, o professor já não tem aquele bloqueio, já sabe manusear.</p>	
<p>um dia acho que sim. Alguns professores parecem ter "medo" das tecnologias, ou seja ainda são muito tradicionais. Eu já trabalhava antes com radio, dvd e usava periodicamente o computador, mas via e vejo q a maioria não faz uso, essa é a realidade. Muitos gestores também não permitem que se utilizem, não sei se por medo de estragar, ou por desconhecer a importância desse material.</p>	
<p>não tudo, mas alguma coisa deu para começar a mudar sim.</p>	
<p>Os conhecimentos obtidos no curso atrelam teoria e prática estando adequado a qualquer contexto.</p>	
<p>alfabetização, educação especial, matemática na educação, acredito que foram as mais importantes devido à sua aplicabilidade em meu cotidiano escolar, nas minhas aulas, seja com educação especial ou com turma regular.</p>	
<p>O básico sim, acho que o básico dá para trabalhar.</p>	
<p>um dia acho que sim.</p>	
<p>Algumas coisas sim né, algumas coisas têm essa distância.</p>	
<p>Bom como eu disse antes pude perceber q a realidade do livro é bem diferente da sala de aula, mas tento sempre fazer a educação dialógica. Acho que por isso ficava tão irritada com alguns tutores.</p>	
<p>O professor de sala de aula pode e deve utilizar diferentes recursos em seu cotidiano, mas acredito que deve estar sempre se atualizando para saber usá-los conscientemente e de forma correta, e não apenas como forma de passar o tempo. Pois acredito que as TIC se bem utilizadas, serão grandes</p>	

aliadas à aprendizagem dos alunos.	
como disse, apliquei os conhecimentos de outra forma.	

INFLUENCIOU A PRÁTICA DOCENTE	
SIM	NÃO
<p>eh... eu mudei muitas coisas, que como eu te falei, né, agente fica meio que presa ainda no passado, né, e aí, por mais que você tenha preocupações leia e coisa e tal, o conteúdo assim da pedagogia ali deu para mudar muita coisa, muita coisa mesmo...</p>	<p>Oh...sala de aula não trouxe não porque a gente não tinha equipamento para trabalhar. Ta, começamos a ter agora, né, que a gente tava sem computador lá, mas a gente não conseguiu fazer nada, porque deram os computadores mas não deram os estabilizadores, e a gente também não tem um regente de sala de leitura, porque o regente de sala de leitura hoje, ele ...eh...a secretaria ta passando essa questão muito forte, tem que ter toda uma prática voltada para o uso das tecnologias, né, mas a gente, eu não tive muito em sala de aula não, tive na minha vida pessoal. Eu já não sou tão assim ligada, entendeu, eu sou obrigada a ir lá, ir no grupo, abrir, ler, passar, entendeu.</p>
<p>eu mudei a forma mesmo de ver o conteúdo, a forma de trabalhar com os conteúdos, de ver o que é importante para o aluno, o que que é mais importante para o aluno, coisas que a gente sempre ensinou e que não tem importância nenhuma. Eu trabalho com o 1º ano, há muitos anos, classe de alfabetização, e eu sempre trabalhei com conteúdos que hoje eu não trabalho mais e não fazem falta alguma para os alunos. Só servem para chatear mesmo a criança. Isso é uma seleção que a gente aprende a fazer, do que serve para o aluno, do que ajuda o aluno a aprender melhor, mais, como a gente pode trabalhar para que a aprendizagem mude, sem ficar seguindo aquela rotina.</p>	<p>tem, até tem, mas é muito diluído, não atende à demanda da rede, mas aí aí você entra em uma questão que era o meu maior nó em relação ao curso, que era a disciplina prática de ensino, que eu tinha muita dificuldade naquela disciplina, foi a única disciplina que eu tive dificuldade, se você olhar meu histórico, você vai ver. Por que? Porque eles tinham muito essa questão da tecnologia, de tecnologia, não tinha muito isso? E assim, a gente que ta no dia a dia a gente sabe que existem questões estruturais, fundamentais, para mudar a escola, que tem que mudar a escola antes da gente chegar a isso aí, entendeu?</p>
<p>Acho que é ver individualmente cada sujeito. Nem só os alunos, mas o pessoal que trabalha com vocês, o que o “pessoal” pensa, como pensar juntos e ter ideias melhor, construir. Depois</p>	<p>Então assim, é muito complicado, porque a gente mexe, vai mexer em tudo na sociedade, vai mexer em política, entendeu, em política educacional, vai mexer em biologia,</p>

<p>que eu comecei a fazer, passei a ter uma visão melhor sobre isso.</p>	<p>entendeu, porque você sabe que não interessa pro, para ninguém que o povo aprenda, que saiba, que tenha conhecimento, entendeu, então fica muito fora da nossa... porque assim, eu gostaria que todo meu aluno tivesse um laptop, eu gostaria, mas a gente que ta no dia a dia sabe que tem questões imensas para você resolver antes de chegar nisso aí, entendeu, né? A gente pensa como país do primeiro mundo, quer imitar outros países que estão lá, mas a gente não resolveu questões básicas da educação, da sociedade, entendeu, porque é...vamos falar como professoras da rede pública, porque essa é nossa grande angústia.</p>
<p>Eu lia um livro e não guardava o autor, sabe, para mim tanto faz como tanto fez, ah, eu quero saber mais desse autor, eu quero...sabe...eh... não ficar só no "achismo", "ah, eu acho", não eu vou buscar, porquê que ele tem a me falar, quem ele é, o que ele fez, entendeu, essas coisas, essas são as diferenças.</p>	<p>Atualmente trabalho com professores e utilizo os conhecimentos adquiridos sobre TIC na produção de materiais, tais como: slides, apostilas, relatórios. Utilizando softwares educativos, DVD, CD, entre outros recursos.</p>
<p>sim...conseguimos aliar teoria e prática, aliás, esse é o tema da minha monografia. Eu aprendi a pesquisar, o que já é um ótimo começo pra qualquer educador que deseje melhorar sua atuação docente.</p>	<p>Pesquisa, relatório, tudo que é referente à minha prática, né, não com as crianças, de vez em quando a gente consegue passar à frente para contar uma história, mas aí é raro.</p>
<p>eu leio muito, e pesquiso na net, em vários sites, faço cursos de atualização, etc. meus alunos amam qdo trago aulas diferentes eles detestam a mesmice dos livros didáticos com conteúdos prontos e "mal" acabados</p>	<p>bem... eu não faço uso das tecnologias que aprendi no curso, em grande parte das minhas aulas, pasmee... eu leciono em uma área mais rural do que urbana, não temos recursos audiovisuais que estejam disponíveis como queremos não faço uso de laptops como a galera do Estado.</p>
<p>é o que te falei, eh...durante o curso você vai lendo e vai estudando e vai percebendo várias coisas assim que você fazia, coisas já ultrapassadas, né, poxa!, coisas que eu fazia e não tinha mais nada a ver, em certos métodos, tinha uma prática assim tradicional,</p>	<p>eu acho que tem né, acho que as pessoas...porque assim, o que acontece com a sala de aula, olha só, eh..., mas olha só, o que acontece na sala de aula, os professores até porque a gente lida com muita falta de tudo, a gente ta sempre</p>

<p>por mais que você tente mudar e aí você não tem mais isso, não tem mesmo material para isso, e aí, até essa parte de ler mais, de procurar outros livros, né, autores, e isso, tudo eu tava muito parada, parada, e você acaba ficando...se acomoda, entendeu, trabalha assim, ta dando certo, então ta bom, e você fica muito parada e aí, quando você é obrigada a começar a ler, e a estudar, né, e aí a procurar autores pra isso, pra aquilo, e é aí mesmo, e aí começa a voltar, naquela, ...aí lembra...estudei isso, como ainda se fala desse autor, ou como já mudou, e aí você muda muito.</p>	<p>procurando ajuda, eu acho que tudo que ajuda, o professor acha que vai a prática dele, aí há grandes equívocos, entendeu? Aí acha que isso não dá certo, que a teoria não dá certo, que dá maneira que chega, entendeu, então depende muito de como chega, entendeu.</p>
<p>ah...as pessoas (risos), algumas ficam logo criticando, né, “-ih..lá vem ela, ta fazendo pedagogia...né, cheia de idéias!” .Aí minha Coordenadora Pedagógica era cheia de idéias, assim também interessada, conversava muito, ela me ensinava muita coisa, e aí, dava pra trocar bastante. E aí, nas reuniões, assim, a gente acabava falando, (risos) aí as pessoas ficavam assim e tal, aí dava pra tentar mexer um pouquinho, pelo menos botar pra discutir já ajuda.</p>	
<p>A visão das crianças, de ouvi-las, porque antes a gente só falava, e a questão de você se posicionar e ouvir também o outro lado, não só passar, mas também observar, avaliar, a postura de avaliação continua, estudo continuo, entendeu, o olhar modificou.</p>	
<p>acho que realmente foi a forma de ver a educação, antes eu tinha uma visão muito simplificada, e hoje em dia a gente vê que a educação não é só conteúdo, vai desde o social da criança à parte pedagógica, à parte psicológica, a gente vê o aluno como uma Ser Humano no seu todo, é um Ser Humano, não é só uma cabecinha para a gente depositar conhecimento, né, antigamente o professor precisava ter somente o conteúdo, conseguir lecionar o conteúdo dele, mas hoje em dia não, a gente sabe que tem que</p>	

<p>entender aquela criança para conseguir perceber tudo que está acontecendo com ela.</p>	
<p>Às vezes a criança não aprende porque ela tem uma dislexia, hoje em dia eu sei o que é uma dislexia, naquele tempo não, se eu tivesse um aluno com dislexia, coitado dele e de mim, porque a gente ia bater cabeça e não ia conseguir compreender, não adianta, uma pessoa (...) ela não vai conseguir, o máximo que ela vai dizer é “diretora me socorre porque eu não sei o que fazer com ele”, e hoje em dia não, hoje em dia eu consigo pelo menos discutir e pesquisar o que aconteceu, pesquisar um pouquinho, busca na internet, eu tinha um professor que falava “tudo que você precisar é só você jogar no Google”, é só digitar a palavra chave e pronto, você tem um monte de informações, é ótimo entendeu, a gente aprende e facilita muito a vida da gente, hoje aquela professora insegura, de sala de segundo grau não existe mais.</p>	
<p>acho q a partir de uma conversa e do conhecimento q o aluno traz posso ampliar o conhecimento deste aluno e os meus também, são ensinamentos que trago desde o "normal" e q ampliei com a leitura dos módulos e que tento sempre aplicar em minhas aulas.</p>	
<p>isso, alio a minha prática docente, pois faço planos de aulas com certa facilidade...mudando a metodologia, claro. Trouxeram-me mais segurança ao ensinar, pois que pesquiso um bom tempo para ter certeza do que vou levar aos alunos e se ensinei errado, eu volto e corrijo os meus erros.</p>	
<p>eh, olha só, eu acho que agora, né, estou começando a usar muito essa tecnologia nova, nova não, né, pra gente é nova, porque agora a gente vai ter que começar a mexer, porque chegaram os notebooks, e aí parece que a....., pelo menos pela reunião que teve agora com a Direção para começar o ano, a proposta é fazer</p>	

todas as capacitações via internet, né, vai ter um, parece que vai ter tipo um programa, não entendo muito bem ainda não, mas parece que, pra gente começar a usar esse notebook que eles deram, né, vai começar a ter eh...vão começar a exigir isso da gente entendeu, de começar a utilizá-lo na escola, na capacitação, pra isso e pra aquilo, agora, eu acho que quem não tem contato, não sabe e não mexe vai ter que começar.

agora assim,...não sei...de repente eu faço até isso aqui em casa, quando eu to precisando de alguma coisa eu vou e pesquiso isso aqui, que agora eu já sei pesquisar mais ou menos, (risos), minha filha me ajuda e eu vou pesquisando. Eu busco muita coisa, né, até de revista que a gente pode pegar, e tal, assim, Nova Escola e eu tenho uma revista que sou assinante de uma revista de educação infantil, e às vezes tem coisas que vêm..ah...quer dizer, isso vai ajudar também, quando eu for utilizar, porque às vezes a gente fica com tempo pequeno em casa, né, El á, a gente fica com tempo de Centro de Estudos e tal, “vamos lá, vamos ver, vamos pesquisar isso...”, né? Acho que vai sim!

olha, por trabalhar com o 1º ano, na escola em que eu trabalho, a escola que eu trabalhei em Xerém até tem, tem uma sala de computadores, mas vai começar a utilizar esse ano, e os primeiros anos não vão ter acesso, só o 4º e 5º ano. Bom...eu não sei ainda como seria trabalhar na prática os computadores com as crianças, eu sei que tem uns links muito importantes, uns endereços muito interessantes, que até o CEDERJ deu para a gente, pra facilitar a aprendizagem, pra trabalhar mesmo, pra praticar.

é interessante que eu trabalho com educação especial, meus alunos são especiais, que agora com essa questão da inclusão, eles não puderam ser incluídos pois são adultos, tem um

aluno que tem 40, quase 50 anos, e outros que têm uma faixa etária de 20 a 30, então eles são especiais, né, aquele grupo especial, e o que que eu fiz, não tinha um computador na sala então eu comecei a levar os alunos a teclarem ali, eles têm muita dificuldade de aprender, que é natural da deficiência deles mas ali eles começaram a digitar o nome, a entrar na internet, a buscar atividades dentro da internet para eles, porque a internet é muito rica, atividade de coordenação, de encaixe, que estimule o pensamento deles, porque eles adoram o “dia da informática”, ontem (sexta) foi o dia e eles ficaram super tristes porque lá tá em manutenção, então esse ano os computadores ainda não funcionaram, então é a maior alegria deles.

Eu tenho uma aluna que tem 23 anos, e essa menina foi até a 4ª série na escola regular, mas quando chegou 5ª série esbarrou com o preconceito que as crianças não têm, mas chegou na 5ª série e esbarrou com adolescentes, então ela não pode, ele foi excluída mesmo, então ela veio para minha sala, mas ela tem essa capacidade, então eu ensinei ela a abrir o básico do computador, para dali foi desenvolvendo, ela já acessa a internet, tem Orkut, ela sabe enviar e-mail, ela tá muito desenvolvida, ela escreve muito, só falta acabar o preconceito da sociedade com as pessoas especiais, que ela precisa dessa oportunidade, porque é uma menina preparadinha, então o computador foi uma revolução na minha Classe Especial. É a melhor parte deles.

sim, pois trabalho com educação especial, na minha sala tenho acesso as TIC. Trabalho com DV e utilizo o DOSVOX com eles, além de utilizarmos a internet.

nos módulos de informática e em alguns outros módulos mostra q no dia a dia usamos TIC e como há um

<p>programa específico pra eles passei a dar ênfase nas minhas aulas, claro q no curso tudo é bem superficial, não há "receita de bolo" vamos adaptando as informações à realidade.</p>	
<p>Sim, atualmente estou cursando o 3º módulo do Curso de Especialização de Déficit Cognitivo e Surdes pela Universidade Federal de Santa Maria. Além disso, estou terminando o 2º módulo do curso de Pós- Graduação Gestão Educacional da Universidade Castelo Branco.</p>	
<p>foi ao longo do curso, nas pesquisas também, que a gente fazia, procurar as soluções mesmo dos problemas, do dia a dia da sala de aula.</p>	
<p>foi isso que eu falei para você, de eu poder agora, de ter alguma dúvida e ter algum problema eu mesma vou procurar uma informação, não ter que ficar esperando a orientadora da escola ou ficar só reclamando.</p>	
<p>sim...muita base, hoje, consigo pesquisar qualquer tema e isso me ajudou também na minha prática docente. Quando saímos do Curso de Formação Docente seja ele a nível médio ou superior, Lazaro, não temos noção do que vamos ensinar. É aí que a pesquisa se faz necessária.</p>	
<p>A partir do curso pude perceber melhor como meus alunos agiam e respondiam as atividades. Pude repensar minha prática pedagógica, ressignificar algumas verdades e mudar muitos pensamentos.</p>	
<p>sempre tem consequencias, pude ampliar meus conhecimentos pedagogicos e conhecer novos métodos de ensino , alem de conhecer outras realidades educacionais, com intercâmbio com outros municípios e ver q nos livros as turmas são bem diferentes da realidade em q estou inserida.</p>	
<p>Na sala de aula sempre gostei de utilizar diferentes recursos audiovisuais com as crianças pequenas pois acredito que as</p>	

<p>tecnologias sempre foram aliadas do processo ensino-aprendizagem tendo em vista que muitas crianças já tinham conhecimento e eram usuárias de algumas.</p>	
<p>com certeza, com certeza trouxe, embora depois, sabe, foi relaxado, a exigência, tudo, trouxe. Por que aí o que que aconteceu? Como eu já tinha muitos anos de magistério, e estava fora de turma, eu já tava em um outro processo dentro da educação, entendeu, de liderança mesmo dentro do grupo, de trabalhar como coordenadora, estava como coordenadora de um CIEP, e eu tinha que lidar com professoras, entendeu? Então quando eu escolhi o curso, o curso, quer dizer, o curso vem ampliar, vem abrir a janela, daquele conhecimento acadêmico que eu não tinha, lia alguns livros, tinha algumas referências, mas não tinha domínio né, então veio assim...trouxe luz., trouxe um Q a mais na minha prática.</p>	
<p>porque eu precisava me atualizar, eu tava distante de lecionar quando eu voltei para a minha escola e eu vi que os métodos que eles usavam lá eu não sabia, eu fazia porque me diziam que eu tenho que fazer, eu não sabia o porquê daquilo, qual o objetivo que eu iria atingir com aquilo, então eu vim aqui para isso, para poder buscar algumas respostas.</p>	
<p>Acho que mais o lúdico com as atividades com as crianças, coisas mais para serem trabalhadas.</p>	
<p>O fato de sair do nível de intuição para um nível de maior consciência e criticidade instrumentalizou muito mais a minha prática.</p>	

AS IMPLICAÇÕES DAS TIC	
SIM	NÃO
<p>O que me levou a escolher um curso à distância foi a possibilidade de poder estudar em casa e fazer o meu próprio horário de estudo inicialmente. Depois fui percebendo que o curso tinha uma</p>	

### excelente proposta pedagógica.

Precisamos abandonar os velhos paradigmas, romper barreiras e lançar nossos olhares para o novo, aprendendo assim a trabalhar com as novas tecnologias, com a evolução do conhecimento e com a possibilidade de construção coletiva e com a troca de informações. Pois o saber é múltiplo e é na prática que conseguimos adquiri-lo e aprimorá-lo.

no início foi complicado, no início quando eu assisti à aula inaugural, que falaram muita da tecnologia, que era muito no computador e tal, e tem computador aqui, que minha filha tá lá nele, então quem usava muito e usa é Mariana. Eu nunca dei atenção assim para ele (risos), quando começou a faculdade, aí que eu comecei a me interessar, eu disse “não, vou ter que aprender a mexer, nisso”, né, “vou ter que me virar”, tanto que quando aquela disciplina que é de informática, meu Deus! Ela pegou muita gente, eu consegui, assim, passar mas por um triz, foi muito difícil, muito difícil mesmo, assim, né, que na época, depois eles foram mudando, a forma de como trabalhar, eh...a forma de como desenvolver essa disciplina, porque aí foi obrigado, a ter que ir lá, que quando eu fiz, era ler os módulo e se virar, entendeu? Então agente que não tem assim uma visão...um contato com o computador, no início você se perde, você fica desesperado...eu ficava, perguntava a um, perguntava a outro, “Mariana, minha filha, me ajude aqui!, Entra aqui, eu não consigo entrar, na plataforma, e não sei o quê”, ela foi...agora que ela tá com quinze anos, mas na época ela era mais nova, né, e ela que me ajudava, e aí eu fui aprendendo a Plataforma, a ver as dúvidas, e olhar os links, né, e tudo, aí depois foi ficando mais fácil, mas no início...

eu acho que sim, porque gente! O mundo tá aí né, o...não tem como, tudo

é à base de internet, né, de computador, e...as crianças, elas por mais pobres que sejam lá, a área carente e tal, e tudo, elas sempre vão na LAN House, elas sempre vão por dentro das coisas, e os professores parados, né, não dá! Eu já falei “olha, eu tive muito medo, medo desse bicho, agora, não tenho mais, então vamos todo mundo perder esse medo!” .

eu acho que vai incentivar mais. Que é uma novidade e o que aconteceu comigo vai acontecer com elas. É novidade, todo mundo vai querer mexer, não tem em casa, não tem dinheiro para ir à LAN House, pô, vai ter essa possibilidade na escola, não sei ainda como vai funcionar, mas que ta começando essa parte lá, pelo menos ta começando, entendeu? Você vê que já, os computadores já estão lá e nós estamos sendo cobradas, esse trabalho com capacitação, via internet e tudo, vamos ver.

Para mim foi tranquilo, não sei muito, entendeu, mas assim, dou conta legalzinho do que é necessário, eu dou.

bom aí a gente sabe que tem aquela questão de ter que vender os computadores, você sabe disso, né, a gente não pode ser inocente, alguém tem que vender e alguém tem que comprar, né, então vamos comprar computadores e a gente diz que ta todo mundo, entendeu, a gente sabe que existe isso, não há como se negar isso. A secretária nova, ela vem com um bom discurso, de que vai fazer a universidade virtual, tentando, entendeu, porque não existe, não tem um porquê de você ter um computador na mão se na vai fazer uso, entendeu, dele, não tem, mas a gente sabe que ta tendo entraves, ligados a orçamento e tal, a gente fica até, entendeu, então a gente não sabe o que ta se pensando, entendeu, eu não sei. A secretária deu a entender de que ela tem interesse de que esses computadores venham às

<p>nossas mãos, que eles sejam usados, de que a gente interaja com eles, de que a gente tenha, entendeu, uma formação continuada, com os computadores, mas a gente não tem internet ainda, não sabe como é que isso vai ser resolvido.</p>	
<p>Em meu cotidiano procuro estar sempre utilizando as tecnologias da informação e comunicação pois acredito que elas facilitam e nos ajudam muito a nossa vida tanto particular quanto profissional.</p>	
<p>A partir do curso podemos inicializar o uso de algumas TIC na sala de aula, mas acredito que o professor precisa se aprofundar mais fazendo cursos de aperfeiçoamento ou de especialização dentro desta área para aprender cada vez mais.</p>	
<p>Sim, bastante. Muita gente entrou assim igual a mim, sem saber as tecnologias e essas coisas e a gente saiu com uma base, até porque você é obrigado a pesquisar, e se virar, então a gente conseguiu, pelo menos a minha turma, conseguiu desenvolver um pouco mais.</p>	
<p>O conhecimento de TIC adquirido a longo curso serviu de base para outros cursos.</p>	
<p>Sofri muito, eu chorei lágrimas de sangue porque não tinha grana para investir em computador, “leve pau” nos dois semestres e eu ficava desesperada, falava “isso morde?”, e aí houve uma transformação também nisso. Eu comprei o meu computador...</p>	
<p>Eu acredito que a tecnologia é uma faca de dois gumes, ela pode servir tanto para o bem quanto para o mal. O ser humano precisa ter uma postura diante da vida, um discernimento para poder usar.</p>	
<p>eu conhecia o básico do básico de informática, e tive que lidar com essa educação virtual, no início foi muito complicado para mim, porque eu sabia mexer um pouco, mas eu fui aprendendo me virando, vim aqui na</p>	

tutoria e pedi uma orientação, e aquilo me fez crescer muito no meu trabalho de lidar com essa novidade que é a mídia né.

sim, e aprendi a utilizar de forma mais significativa.

sim... ontem mesmo fui intitulada uma mulher atendida e bem informada que saca muita coisa dentro da educação o que dizem, claro.

Utilizar as TIC no curso à distância, na época foi uma novidade que eu estava descobrindo aos poucos , digo até engatinhando, e com o passar dos semestres fui aprimorando e me desenvolvendo mais e mais.

vai...não, o problema é que, dá até para entender, eh...muitas coisas que elas têm que dar conta, né, e tudo também via internet, os programas, tudo via internet, na escola, né, ta em programas e computador. Então elas tinham que dar conta daquilo tudo e não podiam ceder o computador pra gente, né, um monte de coisas, um monte de professores, você chegava lá..."-ah, não da, fulano ta fazendo pesquisa, mexendo agora, imprimindo isso, ta enviando não sei o quê, e nunca tinha esse espaço, né, fica complicado. Agora com o ... esse aumento de computadores vai ficar melhor, até porque ela já falou, que ia deixar seis na sala de leitura que é uma sala maior, toda fechada e tal, e ainda tem o problema de segurança, e aí vamos estipular os horários, que as pessoas vão poder ter acesso.

**ANEXO A - Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007**

**Presidência da República  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**DECRETO Nº 6.303, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2007.**

Altera dispositivos dos Decretos nºs 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e seqüenciais no sistema federal de ensino.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto nos arts. 9º, incisos VI, VIII e IX, e 46 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, na Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999, e na Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004,

**DECRETA:**

Art. 1º Os arts. 10, 12, 14, 15 e 25 do Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, passam a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 10 .....

**§ 1º** O ato de credenciamento referido no caput considerará como abrangência para atuação da instituição de ensino superior na modalidade de educação a distância, para fim de realização das atividades presenciais obrigatórias, a sede da instituição acrescida dos endereços dos pólos de apoio presencial, mediante avaliação in loco, aplicando-se os instrumentos de avaliação pertinentes e as disposições da Lei nº 10.870, de 19 de maio de 2004.

**§ 2º** As atividades presenciais obrigatórias, compreendendo avaliação, estágios, defesa de trabalhos ou prática em laboratório, conforme o art. 1º, § 1º, serão realizados na sede da instituição ou nos pólos de apoio presencial, devidamente credenciados.

§ 3º A instituição poderá requerer a ampliação da abrangência de atuação, por meio do aumento do número de pólos de apoio presencial, na forma de aditamento ao ato de credenciamento.

§ 4º O pedido de aditamento será instruído com documentos que comprovem a existência de estrutura física e recursos humanos necessários e adequados ao funcionamento dos pólos, observados os referenciais de qualidade, comprovados em avaliação in loco.

§ 5º No caso do pedido de aditamento visando ao funcionamento de pólo de apoio presencial no exterior, o valor da taxa será complementado pela instituição com a diferença do custo de viagem e diárias dos avaliadores no exterior, conforme cálculo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP.

§ 6º O pedido de ampliação da abrangência de atuação, nos termos deste artigo, somente poderá ser efetuado após o reconhecimento do primeiro curso a distância da instituição, exceto na hipótese de credenciamento para educação a distância limitado à oferta de pós-graduação lato sensu.

§ 7º As instituições de educação superior integrantes dos sistemas estaduais que pretenderem oferecer cursos superiores a distância devem ser previamente credenciadas pelo sistema federal, informando os pólos de apoio presencial que integrarão sua estrutura, com a demonstração de suficiência da estrutura física, tecnológica e de recursos humanos.” (NR)

“Art. 12. ....

.....

X - .....

.....

**c)** pólo de apoio presencial é a unidade operacional, no País ou no exterior, para o desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância;

.....

**§ 1º** O pedido de credenciamento da instituição para educação a distância deve vir acompanhado de pedido de autorização de pelo menos um curso na modalidade.

§ 2º O credenciamento para educação a distância que tenha por base curso de pós-graduação lato sensu ficará limitado a esse nível.

§ 3º A instituição credenciada exclusivamente para a oferta de pós-graduação lato sensu a distância poderá requerer a ampliação da abrangência acadêmica, na forma de aditamento ao ato de credenciamento.” (NR)

“Art. 14. O credenciamento de instituição para a oferta dos cursos ou programas a distância terá prazo de validade condicionado ao ciclo avaliativo, observado o Decreto nº 5.773, de 2006, e normas expedidas pelo Ministério da Educação.

§ 1º A instituição credenciada deverá iniciar o curso autorizado no prazo de até doze meses, a partir da data da publicação do respectivo ato, ficando vedada a transferência de cursos para outra instituição.

.....

§ 3o Os pedidos de credenciamento e recredenciamento para educação a distância observarão a disciplina processual aplicável aos processos regulatórios da educação superior, nos termos do Decreto nº 5.773, de 2006, e normas expedidas pelo Ministério da Educação.

.....” (NR)

“Art. 15. Os pedidos de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores a distância de instituições integrantes do sistema federal devem tramitar perante os órgãos próprios do Ministério da Educação.

§ 1º Os pedidos de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores a distância oferecidos por instituições integrantes dos sistemas estaduais devem tramitar perante os órgãos estaduais competentes, a quem caberá a respectiva supervisão.

§ 2º Os cursos das instituições integrantes dos sistemas estaduais cujas atividades presenciais obrigatórias forem realizados em pólos de apoio presencial fora do Estado sujeitam-se a autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento pelas autoridades competentes do sistema federal.

§ 3º A oferta de curso reconhecido na modalidade presencial, ainda que análogo ao curso a distância proposto, não dispensa a instituição do requerimento específico de autorização, quando for o caso, e reconhecimento para cada um dos cursos, perante as autoridades competente.” (NR)

“Art. 25. ....

.....

§ 2o Caberá à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES editar as normas complementares a este Decreto, no âmbito da pós-graduação stricto sensu.” (NR)

Art. 2º Os arts. 5º, 10, 17, 19, 25, 34, 35, 36, 59, 60, 61 e 68 do Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006, passam a vigorar com a seguintes redação:

“Art. 5º .....

.....  
 § 4º .....

I - instruir e exarar parecer nos processos de credenciamento e recredenciamento de instituições específico para oferta de educação superior a distância, promovendo as diligências necessárias;

II - instruir e decidir os processos de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores a distância, promovendo as diligências necessárias;

.....  
V - exercer a supervisão dos cursos de graduação e seqüenciais a distância, no que se refere a sua área de atuação.” (NR)

“Art. 10. ....

.....  
§ 7º Os atos autorizativos são válidos até o ciclo avaliativo seguinte.

.....  
§ 10. Os pedidos de ato autorizativo serão decididos tendo por base o relatório de avaliação e o conjunto de elementos de instrução apresentados pelas entidades interessadas no processo ou solicitados pela Secretaria em sua atividade instrutória.” (NR)

“Art. 17. ....

.....  
§ 4º A Secretaria competente emitirá parecer, ao final da instrução, tendo como referencial básico o relatório de avaliação do INEP e considerando o conjunto de elementos que compõem o processo.” (NR)

“Art. 19. O processo será restituído ao Ministro de Estado da Educação para homologação do parecer do CNE.

.....” (NR)

“Art. 25. ....

§ 1o O novo mantenedor deve apresentar os documentos referidos no art. 15, inciso I, além do instrumento jurídico que dá base à transferência de manutença.

.....

§ 5o No exercício da atividade instrutória, poderá a Secretaria solicitar a apresentação de documentos que informem sobre as condições econômicas da entidade que cede a manutenção, tais como certidões de regularidade fiscal e outros, visando obter informações circunstanciadas sobre as condições de autofinanciamento da instituição, nos termos do art. 7º, inciso III, da Lei nº 9.394, de 1996, no intuito de preservar a atividade educacional e o interesse dos estudantes.” (NR)

“Art. 34. ....

Parágrafo único. O reconhecimento de curso na sede não se estende às unidades fora de sede, para registro do diploma ou qualquer outro fim.” (NR)

“Art. 35. A instituição deverá protocolar pedido de reconhecimento de curso, no período entre metade do prazo previsto para a integralização de sua carga horária e setenta e cinco por cento desse prazo.

.....” (NR)

“Art. 36. ....

§ 1o O prazo para manifestação prevista no caput é de sessenta dias, prorrogável por igual período.

§ 2º Nos processos de reconhecimento dos cursos de licenciatura e normal superior, o Conselho Técnico Científico da Educação Básica, da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, poderá se manifestar, aplicando-se, no que couber, as disposições procedimentais que regem a manifestação dos conselhos de regulamentação profissional.” (NR)

“Art. 59. ....

§ 3o A avaliação, como referencial básico para a regulação de instituições e cursos, resultará na atribuição de conceitos, conforme uma escala de cinco níveis.” (NR)

“Art. 60. ....

Parágrafo único. Caberá, a critério da instituição, recurso administrativo para revisão de conceito, previamente à celebração de protocolo de compromisso, conforme normas expedidas pelo Ministério da Educação.” (NR)

“Art. 61. ....

§ 1o A celebração de protocolo de compromisso suspende o fluxo do processo regulatório, até a realização da avaliação que ateste o cumprimento das exigências contidas no protocolo.

.....” (NR)

“Art. 68. ....”

§ 1º Nos casos de caducidade do ato autorizativo e de decisão final desfavorável em processo de credenciamento de instituição de educação superior, inclusive de campus fora de sede, e de autorização de curso superior, os interessados só poderão apresentar nova solicitação relativa ao mesmo pedido após decorridos dois anos contados do ato que encerrar o processo.

§ 2º Considera-se início de funcionamento do curso, para efeito do prazo referido no caput, a oferta efetiva de aulas.” (NR)

Art. 3º A Subseção III da Seção II do Capítulo II e o art. 24 do Decreto no 5.773, de 2006, passam a vigorar com a seguinte redação:

“Subseção III

Do Credenciamento de Campus Fora de Sede

Art. 24. As universidades poderão pedir credenciamento de campus fora de sede em Município diverso da abrangência geográfica do ato de credenciamento em vigor, desde que no mesmo Estado.

§ 1º O campus fora de sede integrará o conjunto da universidade e não gozará de prerrogativas de autonomia.

§ 2º O pedido de credenciamento de campus fora de sede processar-se-á como aditamento ao ato de credenciamento, aplicando-se, no que couber, as disposições processuais que regem o pedido de credenciamento.

§ 3º É vedada a oferta de curso em unidade fora da sede sem o prévio credenciamento do campus fora de sede e autorização específica do curso, na forma deste Decreto.” (NR)

Art. 4º A Subseção IV da Seção III do Capítulo II e os arts. 42 e 44 do Decreto nº 5.773, de 2006, passam a vigorar com a seguinte redação:

“Subseção IV

Da Autorização, Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento de Cursos Superiores de Tecnologia

Art. 42. A autorização, o reconhecimento e a renovação de reconhecimento de cursos superiores de tecnologia terão por base o catálogo de denominações de cursos publicado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica.” (NR)

“Art. 44. O Secretário, nos processos de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores de tecnologia, poderá, em cumprimento das normas gerais da educação nacional:

.....  
Parágrafo único. Aplicam-se à autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores de tecnologia as disposições previstas nas Subseções II e III.” (NR)

Art. 5º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º Revogam-se o [art. 34 do Decreto no 5.622, de 19 de dezembro de 2005](#), e os [§§ 1o e 2o do art. 59 do Decreto no 5.773, de 9 de maio de 2006](#).

Brasília, 12 de dezembro de 2007; 186º da Independência e 119º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

*Fernando Haddad*

Este texto não substitui o publicado no DOU de 13.12.2007

## **ANEXO B - Roteiro para Entrevista / Eixos Avaliativos**

### **1 - Motivos da escolha do curso;**

- O que o levou a escolher o curso?
- Por que dar continuidade aos estudos, quando já estava no mercado de trabalho?
- Por que fazer um curso de Pedagogia?
- Por que fazer um curso a distância?

### **2 - Conhecimentos sobre o Projeto Político Pedagógico do curso;**

- Você já havia lido o PPP do curso?
- Algo havia lhe chamado a atenção em relação ao PPP?
- Há algum diferencial no PPP deste curso?
- Na prática discente, ao longo do curso, havia relação com o PPP?

### **3 - Aprendizagens mais importantes;**

- O que de mais importante você aprendeu no curso?
- Os conhecimentos adquiridos no curso se solidificaram na sua prática docente?
- É possível levar os conhecimentos obtidos no curso na sua prática docente?

### **4 - Implicações do curso;**

- Quais foram as conseqüências do curso na sua vida profissional?
- O curso modificou algo em sua prática?
- Há algo no curso que não é possível aplicar na prática de sala de aula?
- Você pode a partir dessa experiência refletir melhor sobre a sua prática?
- O fato de ter se graduado a distância a diferencia de alguma maneira dos demais colegas de profissão?

### **5 - Impactos das TIC;**

- Você utiliza no seu cotidiano os conhecimentos sobre TIC adquiridos ao longo do curso?
- Ter feito um curso a distância, com bases em TIC mudou a forma como você as utiliza em sala de aula?
- Como as TIC podem ser inseridas no dia a dia da sala de aula?
- Você acredita que a partir do curso você está mais preparada para inserir as TIC na sua prática docente?
- É possível basear o ensino e a aprendizagem no apoio das TIC?
- Você teve alguma dificuldade em relação às TIC e vê que seus estudantes também têm dificuldades semelhantes?
- Na medida em que as TIC forem sendo inseridas na sala de aula, você acredita que seus estudantes aprenderão com “mais e melhor”?

#### **6 - Continuidade dos estudos;**

- Desde que você se formou, houve a procura por outros cursos relacionados à sua área?
- Houve algum encaminhamento por parte de algum docente, para que, após o término da graduação, você buscasse dar continuidade aos seus estudos?
- O curso despertou alguma vontade de buscar uma pós-graduação, seja especialização, seja mestrado, ou doutorado?
- Quais são as suas perspectivas de dar continuidade aos estudos?

#### **7 - Mudanças profissionais.**

- O curso lhe trouxe alguma mudança profissional?
- Houve alguma mudança de cargo devido à graduação?
- Você pensou em atuar em outras áreas profissionais a partir da sua formatura?

**ANEXO C - LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.**

**Presidência da República**  
**Casa Civil**  
**Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.**

Vide Adin 3324-7, de 2005

Vide Decreto nº 3.860, de 2001

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Vide Lei nº 12.061, de 2009

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

## TÍTULO VI

## Dos Profissionais da Educação

~~Art. 61. A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos: (Regulamento)~~

~~I – a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço;~~

~~II – aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.~~

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são: (Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009)

I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio; (Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009)

II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas; (Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009)

III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim. (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: [\(Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009\)](#)

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; [\(Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009\)](#)

II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; [\(Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009\)](#)

III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. [\(Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009\)](#)

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. [\(Regulamento\)](#)

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério. [\(Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009\).](#)

§ 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância. [\(Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009\).](#)

§ 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância. [\(Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009\).](#)

Art. 63. Os institutos superiores de educação manterão: [\(Regulamento\)](#)

I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental;

II - programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica;

III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis.

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Art. 65. A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas.

Art. 66. A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado.

Parágrafo único. O notório saber, reconhecido por universidade com curso de doutorado em área afim, poderá suprir a exigência de título acadêmico.

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;

II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;

III - piso salarial profissional;

IV - progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho;

V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;

VI - condições adequadas de trabalho.

§ 1º A experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino. [\(Renumerado pela Lei nº 11.301, de 2006\)](#)

§ 2º Para os efeitos do disposto no § 5º do art. 40 e no § 8º do art. 201 da Constituição Federal, são consideradas funções de magistério as exercidas por professores e especialistas em educação no desempenho de atividades educativas, quando exercidas em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico. [\(Incluído pela Lei nº 11.301, de 2006\)](#)

Brasília, 20 de dezembro de 1996; 175º da Independência e 108º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

*Paulo Renato Souza*

**Este texto não substitui o publicado no DOU de 23.12.1996**